

JAVIER MORO

autor dos best-sellers *Paixão Índia* e *O sári vermelho*

AS MONTANHAS DE BUDA

A odisseia de duas jovens monjas tibetanas
apaixonadas pela liberdade



 Planeta

JAVIER MORO

AS MONTANHAS DE BUDA

Tradução

Éric R. R. Heneault e
Francisco José M. Couto

 Planeta

Copyright © Javier Moro, 1997

Título original: LAS MONTAÑAS DE BUDA

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3º andar – conj. 32B

Edifício New York

05001-100 – São Paulo – SP

www.editoraplaneta.com.br

vendas@editoraplaneta.com.br

Conversão para eBook: Freitas Bastos

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

K43b

Moro, Javier-

As montanhas de Buda / Javier Moro ; tradução Éric R. R. Heneault e Francisco José M. Couto.
– São Paulo : Editora Planeta do Brasil, 2010.

Tradução de: LAS MONTAÑAS DE BUDA

ISBN 978-85-7665-937-2

1. Bstan-`dzin-rgya-mtsho, Dalai-Lama XIV, 1935- 2. Tibete - História - Século 20 I. Título.

10-02674

CDD: 951

“Aprender a viver é aprender a se desapegar.”

Soyal Rimpoché
O livro tibetano da vida e da morte

Agradecimentos

Tive a ajuda e a colaboração de várias pessoas durante minhas pesquisas para a redação deste livro. Quero expressar minha profunda gratidão a Sua Santidade o dalai-lama que, apesar de sua agenda sobrecarregada, arranhou tempo para me receber e responder com paciência às minhas perguntas; quero também agradecer a Kinsom e a Yandol, que não se opuseram a me comunicar, com admirável simplicidade, os detalhes de sua detenção e de seu calvário; e às crianças do Tibetan Children's Village, que me contaram sua fuga. Obrigado a todos, e perdão pelas lágrimas que minhas perguntas provocaram.

Este livro não teria sido possível sem o apoio, o incentivo e a energia que Dominique Lapierre me transmitiu. Quero agradecer também ao meu editor, Mario Lacruz, por sua confiança.

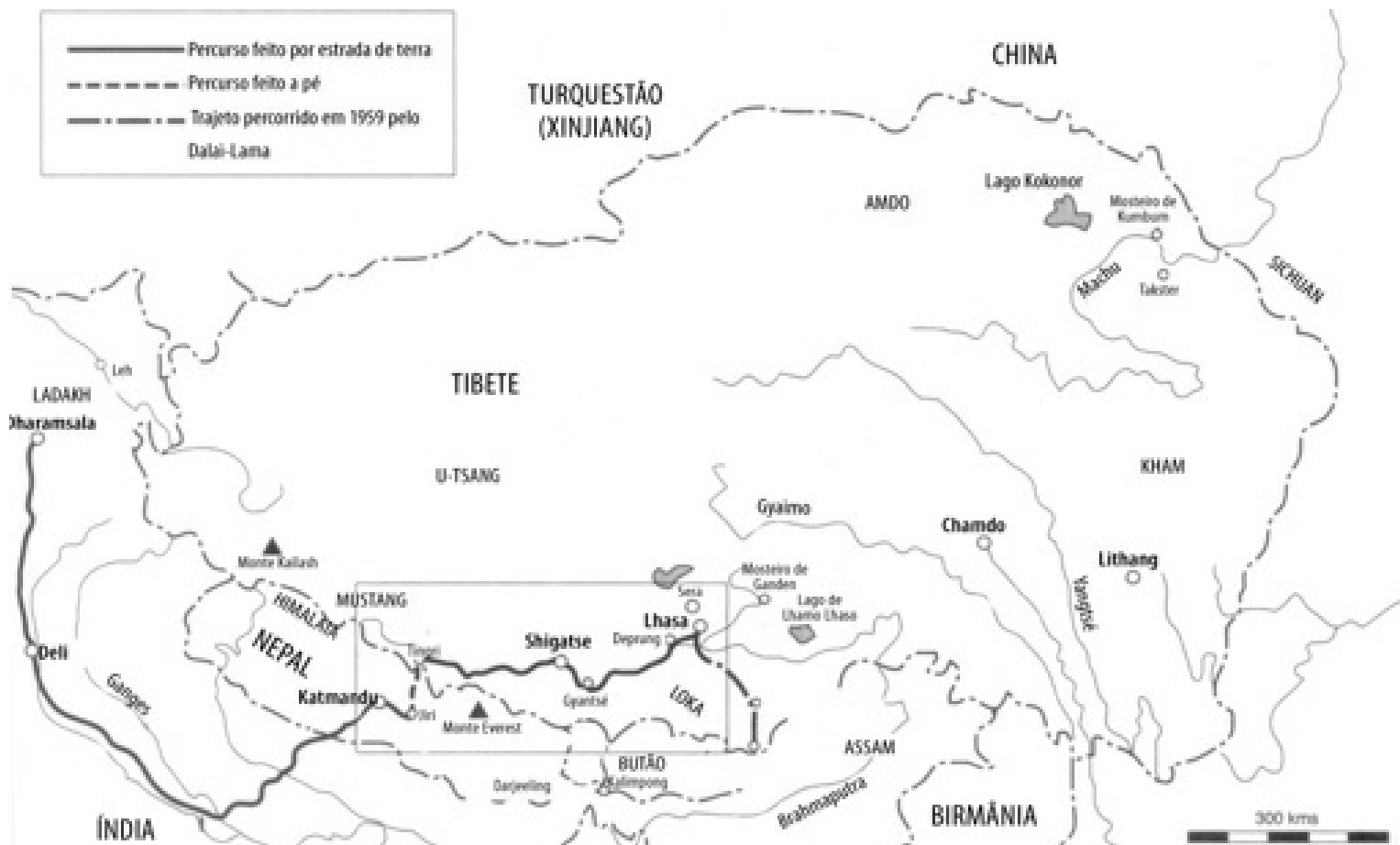
Minha afetuosa gratidão vai também para Michelle Parfait, minha companheira de algumas viagens à Índia, ao Nepal e ao Tibete. A lembrança dessas viagens e a extraordinária hospitalidade de Vicki e Ang Kami Sherpa, em Katmandu, a quem agradecemos, permanecerão em nossa memória. O lama Osel, seu irmão Kunkyen e seu pai Paco Hita nos receberam com carinho e simpatia no Mosteiro de Sera, no sul da Índia. Obrigado também a todos os tibetanos que, no Tibete, confiaram em mim e responderam às minhas perguntas.

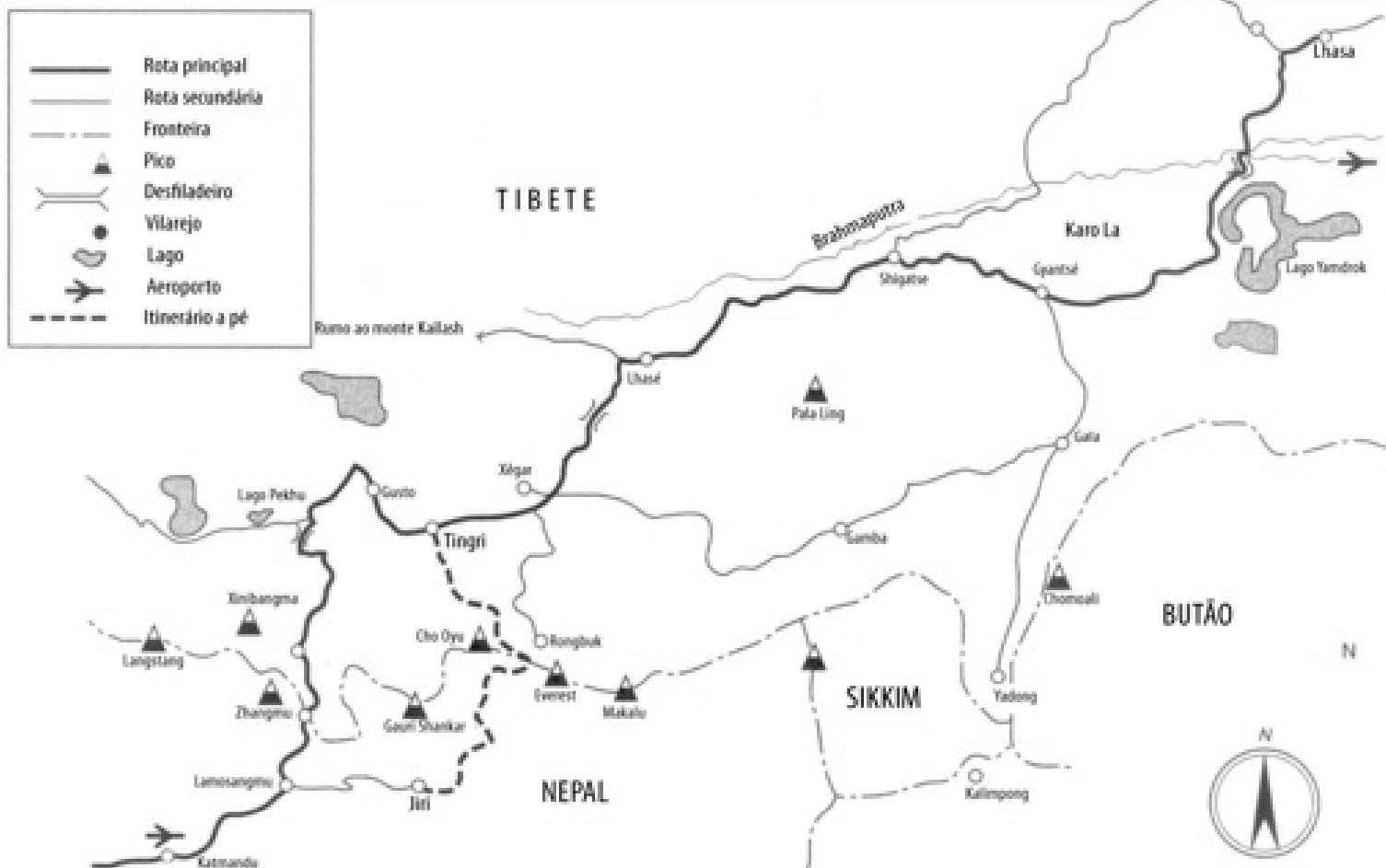
Quero expressar meu profundo reconhecimento a Sua Excelência M. Atuk, embaixador da Índia na Espanha, graças ao qual pude entrevistar o dalai-lama. Obrigado também a Kelsang Gyaltzen, secretário político de Sua Santidade, por sua paciência e eficiência; a Tsering Tashi, encarregado das relações com a imprensa; a Rinchen Khando Choegyal, cunhada do dalai-lama, ministra da Educação do governo no exílio, responsável por mais de vinte e sete mil alunos distribuídos por toda a Índia, que não hesitou em empregar seu tempo para me ajudar em minha pesquisa documental. Obrigado, do fundo do coração, a Philippa Russel, responsável pela ONG encarregada das monjas refugiadas, por sua amabilidade e por ter facilitado a organização das entrevistas. E, claro, meus agradecimentos ao intérprete Lhamo Choeden.

Quero agradecer ainda a todo o pessoal do Departamento de Informação do governo de Sua Santidade, que me deixou consultar os arquivos.

Igualmente por sua ajuda em Dharamsala, quero agradecer a Stéphanie Faber, ao reverendo Pema Dorjee e a Yonden Chodon, que me ajudaram a encontrar as pessoas que eu procurava. Obrigado a Laura Allen por sua hospitalidade em Nova Delhi.

Quero expressar também minha gratidão a José Juan Ortiz por sua colaboração; a Gloria Rognoni; a Jordi Risam, que me contou com paixão seu amor pelas montanhas e pelo Nepal; a Alán Cantos por seus conselhos, que me ajudaram a descobrir histórias que não conhecia e as tornaram mais claras com suas correções. Obrigado a Maria Torres e a François Camus, pelas longas entrevistas em Bubión; a Kia Abitbol, por sua coragem e seu entusiasmo com a leitura deste livro; e a Joan Carol, por suas preciosas indicações. A redação final não estaria completa sem a generosa colaboração de Eugenio Suárez, que aceitou dedicar longas horas à correção do manuscrito.





I

VIDA LONGA AO DALAI-LAMA

I

Sobre o telhado do mundo, neste país que parece alcançar as nuvens, nesta imensa extensão de neve e de picos rochosos que é o Tibete, nunca notícia alguma se espalhou tão rapidamente e provocou tamanho entusiasmo. Nos mais esquecidos vilarejos, nos acampamentos, nos lugarejos mais distantes, camponeses, soldados, monges e comerciantes vão de casa em casa para acordar os moradores, abraçar pais e amigos e cochichar a notícia. Em Lhasa, a capital antes fabulosa e proibida, a notícia se espalha nos templos, mosteiros e quartéis, introduzindo-se pelas ruelas, precipitando-se nas avenidas com suas fileiras de prédios modernos, insinuando-se nas casas, nos botecos em que os chineses se embebedam até o amanhecer, nos vetustos hospitais, nas discotecas, no único hotel de luxo e nas grutas dos eremitas nos arredores... Quando a Rádio Índia difunde a notícia em tibetano, ninguém fica indiferente: um clarão de esperança ilumina muitos rostos, outros mostram desaprovação e até desdém. São seis horas desta manhã de 5 de outubro de 1989.

A jovem Kinsom está dormindo em sua cama de madeira, coberta apenas com um fino cobertor, apesar do frio, enquanto o eco surdo do gongo ainda repercute no prédio. Em seu sono, ela sente um forte cheiro, acre e doce ao mesmo tempo, e uma mão que a toca de leve:

- acorde, acorde... Vamos queimar incenso e fazer oferendas de tsampa...
- O que está acontecendo?
- O prêmio Nobel foi concedido ao dalai-lama. Logo o Tibete ficará livre! – responde-lhe sua amiga, espargindo a fumaça dos bastões de incenso ao redor do leito.

Kinsom ignora o que é o prêmio Nobel, mas o fervor de sua companheira é suficiente para convencê-la de sua importância.

- Ani Choki diz que não estamos mais sós no mundo, que numerosos países vão fazer de tudo para que Sua Santidade volte a Lhasa...

Ani Choki, a lama que dirige o mosteiro, miudinha, de rosto enrugado como uma maçã velha, olhos negros e penetrantes, é um poço de sabedoria. Foi quem decidiu reconstruir este mosteiro sobre os vestígios do antigo, devastado pelos chineses durante a Revolução Cultural. Foi quem escolheu as noviças, organizou os trabalhos de reconstrução, as preces e meditações. Hoje, mais de duzentas jovens moram, estudam, rezam e trabalham nesta comunidade que fica a um dia a pé

de Lhasa, no topo de uma colina, acima do turbilhão do mundo.

A jovem Kinsom levanta-se, alonga-se e arruma sua túnica púrpura; por uma das aberturas da janela, contempla as nogueiras e os damasqueiros do vale. No fundo, o halo amarelo do sol nascente acentua o relevo azulado dos cumes do norte.

Firme, alta e magra, Kinsom é cheia de saúde. Com as maçãs do rosto vermelhas devido ao frio, ela tem nariz achatado, olhos negros e risonhos e a cabeça raspada como todas as que já fizeram votos. Seu sorriso tímido deixa entrever dentes brancos e regulares. Filha de pastores, herdou o temperamento nômade dos povos da estepe. Não tem medo do trabalho físico; de fato, está entre aquelas que mais participam do esforço de reconstrução, pedra por pedra, do mosteiro. Às vezes, queixa-se de não ter tempo suficiente para estudar os textos budistas. Aos 20 anos, acaba de aprender os rudimentos da leitura e da escritura, mas sua sede por conhecimento é tão grande que não perde oportunidade alguma de pedir ajuda àqueles que podem instruí-la. Entretanto, neste dia, ela não está estudando. É dia de comemoração.

Em vez dos murmúrios das preces da manhã, um barulho inabitual toma conta do prédio. Apesar das recomendações de prudência, é impossível reprimir a onda de alegria suscitada pela atribuição do prêmio Nobel à mais alta autoridade espiritual do Tibete. Kinsom retira de baixo de sua cama uma fotografia do dalai-lama e a prende na parede. Então, sem tempo de se servir nem ao menos de uma xícara de chá, junta-se às suas camaradas no pátio para participar da celebração espontânea. Sua voz se mistura àquelas que gritam *slogans* pela independência do Tibete, ela joga no ar punhados de tsampa, a farinha de cevada que constitui a base da alimentação tibetana, e queima galhos de zimbro que enchem o pátio com uma fumaça azulada e um forte aroma.

“Vida longa ao dalai-lama! Viva o Tibete livre!” – repetem em coro as mais audaciosas, olhando de canto para três policiais chineses que se contentam em observar as mulheres, já que não podem prender todas.

Estes representantes da ordem, agasalhados com jaquetas azuis, fazem parte do contingente estabelecido perto do mosteiro. Têm como missão vigiar o templo, identificar as internas e assegurar que as religiosas não se reúnam diariamente, mas somente nos dias autorizados, além de organizar as odiosas sessões de “reeducação”. Nunca antes esta comunidade os enfrentou desta maneira.

Mais tarde, enquanto as religiosas rezam na sala do altar, ao pé da estátua dourada de um Buda sereno e distante, o rangido das rodas de veículos que param diante da porta do mosteiro as assusta. Elas sabem o que as espera. Uns doze soldados chineses, vestidos de farda verde, armados com metralhadoras e cassetetes, berrando em megafones, irrompem na sala, seguidos pelos três policiais. Imediatamente, bloqueiam a saída e xingam as mulheres, dando-lhes golpes de cassetete e coronhadas. Nenhum grito escapa dos lábios das religiosas aterrorizadas, mas

acostumadas a ver sua intimidade violada pelas autoridades chinesas. Kinsom tem a presença de espírito de esconder a fotografia do dalai-lama nas dobras de sua túnica. Ao ver a silhueta do policial que berra se destacar no batente da porta, ela pensa no trabalho que teve para restaurar essa porta e ao mesmo tempo se surpreende por ter tido um pensamento tão insignificante.

O oficial que comanda os soldados insulta o dalai-lama, esse mentiroso, esse laçao a serviço dos imperialistas.

“Era sempre a mesma ladainha”, dirá Kinsom mais tarde. “Durante as sessões de reeducação, não paravam de insultá-lo. Mas nós nos lembrávamos da veneração que nossos pais tinham pelo dalai-lama e sabíamos que tudo aquilo era mentira. Nunca conseguiram nos intimidar.”

No final de sua fala, o oficial acusa formalmente duas das mais antigas religiosas, entre as quais Ani Choki, a fundadora do mosteiro, de incitar a rebelião. Então batem nelas e as arrastam pelas escadas depois de algemá-las. As mulheres choram, uma suplica para que não sejam levadas embora. Kinsom deixa escapar um grito. Ela é muito apegada a Ani Choki, que a recebeu no mosteiro quando ainda era uma jovem pastora e chegava de seu vilarejo. A velha monja então se tornou sua mestra e, mais tarde, sua amiga.

Todos os tibetanos estão sendo vigiados, principalmente os monges e as monjas, porque, apesar da sangrenta repressão, eles sempre lideram a luta pela independência. Desde o começo da ocupação, estão associados a todas as iniciativas e reivindicações contra os chineses. Estes últimos, conscientes da influência espiritual e política dos religiosos tibetanos, redobram a violência contra eles, chamando os mais ativos de “contrarrevolucionários”. Embora a liberdade de culto seja oficialmente aceita, o acesso aos raros mosteiros e templos que sobreviveram à Revolução Cultural torna-se cada vez mais difícil. Como nesta manhã de outubro, os policiais aparecem de repente a qualquer alerta. Além do mais, os comissários políticos organizam as famosas sessões de reeducação, que exasperam Kinsom e suas companheiras. Dia após dia, semana após semana, as jovens tibetanas são obrigadas a passar tardes inteiras vendo vídeos de propaganda sobre as ações da “pátria mãe” no país das neves. Quatro dias depois da intervenção, os policiais voltam ao mosteiro com as fotografias de catorze religiosas. Por sorte, Kinsom não está entre elas. Essas catorze religiosas serão expulsas. Vão conhecer o castigo reservado às rebeldes. Daqui para a frente, e enquanto viverem, serão proibidas de manifestar sua crença. Ficarão em prisão domiciliar sob a autoridade do comissário chinês de seus respectivos vilarejos. Não poderão frequentar os vizinhos nem participar das tarefas comunitárias. Não terão direito aos cartões de racionamento, nem a ganhar a vida. Então se tornarão um fardo para a família e acabarão sozinhas e isoladas.

As demais religiosas devem enfrentar três sessões cotidianas de “autocrítica”, acompanhadas de golpes, de intimidação pelas armas e de ameaças de fechamento do mosteiro. “Disseram que

teremos tantas interdições ‘que nem os pássaros poderão cantar’. Controlavam cada um de nossos movimentos dentro do mosteiro e, depois de cada sessão de reeducação, perquiriam nossas celas”, lembrar-se-á Kinsom.

2

A atribuição do prêmio Nobel da Paz ao dalai-lama, chefe exilado do governo tibetano, autoridade religiosa e política suprema, confere um reconhecimento internacional aos resistentes, que, nos anos anteriores, se opuseram heroicamente ao exército chinês. O movimento de resistência cresceu, dois anos antes, logo após a intervenção do dalai-lama, em setembro de 1987, no Congresso dos Estados Unidos. No seu discurso aos mais poderosos representantes da nação, o líder dos tibetanos expôs uma proposta de paz baseada no diálogo com as autoridades chinesas. Pede então que o Tibete se torne uma zona desmilitarizada e que os cemitérios de resíduos nucleares sejam proibidos lá; defende que a China abandone sua política de colonização; por fim, solicita que Pequim liberte as dezenas de milhares de tibetanos encarcerados, religiosos e políticos. Em contrapartida, o dalai-lama oferece renunciar às reivindicações independentistas de seu país em prol de um acordo que garanta maior autonomia do povo tibetano na nação chinesa. É mais do que uma concessão: trata-se de uma mudança radical de postura. O sucesso da proposta do dalai-lama em Washington enfurece as autoridades chinesas, que logo acusam o Congresso americano de se ingerir na política interna chinesa. Alguns dias depois, em resposta à proposta de paz, o governo chinês organiza um grande processo público na capital do Tibete. Diante de uma multidão de vinte mil pessoas, oito resistentes são condenados à prisão perpétua e dois outros à pena capital.

Três dias depois dessa paródia de processo, próximo ao Templo de Jokhang, verdadeiro centro espiritual do Tibete que permanentemente atrai muitos peregrinos, vinte seis monges se põem a correr, erguendo a bandeira azul, vermelha, branca e amarela do Tibete livre e gritando: “Abaixo os chineses! Viva o Tibete livre!”. Surpresos no primeiro momento, logo os chineses prendem esses audaciosos homens de fé. Nada semelhante acontecera desde as revoltas que se seguiram à invasão chinesa em 1950.

No dia 1o de outubro de 1987, enquanto a China comemora o trigésimo oitavo aniversário da República Popular, quarenta monges saem do Templo de Jokhang com bandeiras do Tibete livre. Imediatamente presos, os manifestantes são levados até a delegacia, um prédio de três andares que domina a praça. Então acontece o inesperado. Os peregrinos, que recitavam mantras em volta do templo, os mendigos, com o rosto coberto de pústulas e vestindo fedorentos farrapos, agrupam-se diante da porta da delegacia. Logo a multidão bloqueia a entrada do edifício. Em questão de minutos, milhares de tibetanos invadem a praça, e uma chuva de pedras cai em cima

do prédio. Uns cem policiais armados com rifles AK-47 aparecem, sem ousar, no entanto, atirar contra essa furiosa multidão – milhares de homens, mulheres e crianças que gritam de ódio contra eles, contra a China. Um ódio alimentado por três décadas de ocupação, destruição, saques, tentativas de extermínio da religião e da cultura tibetanas.

Símbolo dessa cultura tibetana foi o gesto de um garoto de cerca de 12 anos que, naquele dia, pega no chão um rifle abandonado por um policial em fuga. Em vez de atirar contra os homens de farda, o rapaz segura a arma pelo cano, martelando-a no chão até espatifá-la. Séculos de filosofia budista, essencialmente baseada na paz, cravaram na mente dos tibetanos a ideia de que as armas não devem ser utilizadas contra o inimigo, mas destruídas.

A polícia, que ergueu uma barricada com uma dúzia de veículos militares diante do edifício, não consegue impedir os manifestantes de neles pôr fogo. Logo as chamas alcançam os muros da delegacia. Alguns policiais atiram na multidão. Enquanto o sangue dos vários feridos se derrama no asfalto, o heroísmo de um monge de 49 anos eletriza as forças da multidão. Ignorando as chamas, o venerável Jampa Tenzin precipita-se delegacia adentro para libertar seus companheiros. Sai de lá com o corpo todo queimado. A multidão o carrega triunfalmente pelas ruas de Lhasa. Mais tarde, sua fotografia, com o punho erguido em sinal de vitória, expondo os farrapos de pele dos braços queimados, dará a volta ao mundo.

Finalmente, durante a tarde, o telhado da delegacia desaba em uma nuvem de fumaça, sob os aplausos da multidão. O prédio se consome durante a noite toda, enquanto caminhonetes sem placa patrulham os bairros tibetanos, parando diante de determinadas casas para levar os aterrorizados moradores rumo a um destino desconhecido.

3

Um mês depois, Pequim tenta se aproveitar da celebração anual da maior festa religiosa do Tibete, Monlam Chenmo, a Grande Prece, para restaurar sua imagem, mostrando para o mundo inteiro um Tibete em paz. As autoridades contam com o sucesso dessa festa para que todos se esqueçam dos recentes eventos. Em meados de fevereiro de 1988, milhares de peregrinos, assim como um reforço de seis mil policiais, invadem Lhasa. Nenhum veículo pode circular sem salvo-conduto.

“Nos mosteiros”, contará Kinsom mais tarde, “os policiais chineses organizavam muitas reuniões para ‘nos educar’ sobre a história do Tibete, os sentimentos patrióticos e os perigos do separatismo. Assim como muitos monges dos grandes mosteiros, eu me recusava a participar da celebração orquestrada pelas autoridades chinesas. Não havia motivo para nos regozijarmos, enquanto tantos compatriotas estavam encarcerados”.

Finalmente, os chineses arrastam à força até lá monges dos quatro cantos do Tibete. As

autoridades felicitam-se de antemão pelo sucesso da celebração, quando, na véspera da grande reunião final, enquanto centenas de monges se preparam para celebrar e dar as “boas-vindas ao Buda do futuro”, um grupo de lamas se separa da multidão. Aproximam-se do palanque das autoridades para pedir a libertação de seus camaradas encarcerados. Os representantes chineses, mais assustados do que indignados, deixam seu lugar apressadamente, sob os gritos e cantos dos monges que clamam, com o punho erguido: “Viva o Tibete livre! Viva o Tibete livre!”. Alguns entre os mais jovens sobem no palanque e agarram os microfones: “Queremos a independência do Tibete! Vida longa ao dalai-lama!”. Os monges, filmados pelas câmeras da força pública, estão perfeitamente conscientes de que não têm a mínima chance de escapar à ira dos ocupantes.

Milhares de tibetanos que se juntaram a essa manifestação espontânea também estão cientes disso. Todavia, parece que nada pode conter esse levantamento. Mas, rapidamente, dois mil policiais bem armados cercam a praça e jogam bombas de gás lacrimogêneo. Prendem centenas de religiosos. Ao som de rajadas de metralhadoras, os tibetanos enfrentam a polícia durante horas. No meio da multidão, um monge muito jovem lança uma pedra contra as forças policiais, antes de cair atingido por uma bala entre os olhos. Três testemunhas veem o policial à paisana mirar e atirar no garoto. Jovens e velhos, com a ajuda de mulheres, erguem barricadas para enfrentar os policiais. No dia seguinte, quando as forças de segurança entram no Templo de Jokhang para prender todos os monges, algumas escadas são levantadas contra as paredes para que eles possam fugir.¹ Lhasa vive dezesseis horas de confrontos sangrentos. Dois dias depois, o berro da sirene dos carros da polícia ainda ecoa por toda a cidade. Perdeu-se a conta das detenções noturnas. Centenas de tibetanos são conduzidos às prisões de Lhasa para serem interrogados e torturados. Entretanto, apesar do terror que tomou conta da capital, quinze monjas de extraordinária coragem continuam a luta. Usando várias camadas de roupas para amortecer as pancadas que, com certeza, vão levar, manifestam-se em frente ao Jokhang. Antes de serem detidas, ainda conseguem gritar em coro: “Vida longa ao dalai-lama! Viva o Tibete livre!”.

As manifestações nunca cessam, apesar da repressão, do medo e da extrema vigilância das forças de segurança chinesas. A solidariedade e o temor de um iminente extermínio levam os tibetanos a mostrar ao mundo todo que estão prestes a morrer para defender seu país.

“Por mais brutal e violenta que seja, a repressão não poderá calar a voz da justiça e da liberdade”, declara o dalai-lama em seu refúgio, do outro lado das montanhas, na cidade indiana de Dharamsala.

Diante da evolução dos acontecimentos, os chineses decretam a lei marcial. O Tibete está de novo submetido ao isolamento. Atrás do muro de silêncio imposto por Pequim, as raras notícias que escapam mencionam manifestações, detenções e torturas. É nessa atmosfera de opressão e

desespero que se espalha a notícia da atribuição do prêmio Nobel da Paz ao dalai-lama, o que provoca uma onda de alegria, uma incontável explosão do desejo de abalar o jugo dos opressores, ainda que dure apenas o tempo de ver queimar um incenso. Este prêmio Nobel é também um apelo a todos aqueles que, cansados por não acharem uma solução pacífica, pensavam em recorrer às armas. Em um mundo assolado por muitos conflitos, um novo e poderoso sopro vem para reanimar a chama da não violência.

O prêmio Nobel por fim é um sério golpe dado contra o governo de Pequim, uma humilhação para toda a nação chinesa, porque nunca um cidadão da República Popular recebeu tamanha distinção, em nenhuma área que fosse. Como então ela pode admitir que o mundo inteiro homenageie um desses “bárbaros”? Entre quatro paredes, os dirigentes chineses admitem que, mesmo depois de trinta anos de comunismo, o prestígio do dalai-lama permanece intacto. Sua ausência até tem fortalecido a aura que tem aos olhos do povo. Os insultos e as calúnias mal arranham sua imagem. O monge Tenzin Gyatso, décimo quarto dalai-lama, a encarnação do Buda da Compaixão Infinita, Mestre do Lótus Branco, Oceano de Sabedoria, viva no seu país ou esteja exilado, é o soberano do alto país das neves, o Deus Rei de todos os tibetanos.

4

A jovem Kinsom sonha em encontrá-lo um dia. Ela admira aqueles que correm o risco de enfrentar os desfiladeiros, as intempéries, o desconforto de uma longa viagem pelo Himalaia, enganando a vigilância dos guardas na fronteira, com a única finalidade de poder se aproximar dele e sentir sua radiosa presença. Depois de tê-lo visto, quantos exilados idosos e doentes deixaram esta vida em paz consigo mesmos! Quantas vezes Kinsom ouviu dizer que muitos de seus compatriotas haviam sobrevivido graças à incansável proteção desse monge que os levara a se superarem, a darem o melhor de si, independente do preço a pagar. Ela também quer sua bênção e se agarra com toda a força de sua juventude a esse sonho, mesmo que seja impossível de se concretizar. “Talvez um dia...”, pensa, enquanto caminha com três companheiras até o centro de Lhasa, nesta manhã de janeiro de 1990. Elas passam pelos dedos as cento e oito contas do rosário e recitam em uníssono o mantra Om Mani Padme Hum, ou Joia Preciosa do Lótus. Gravada nas pedras à beira das estradas, nas rochas das mais altas montanhas, escrita nas bandeiras multicoloridas que ondulam ao vento, recitada na entrada das casas ou dos mosteiros, tanto por incansáveis peregrinos quanto por criancinhas, essa ladainha milenar, século após século, vida após vida, sempre acompanhou o Tibete. Ela simboliza o corpo, a palavra e o espírito puro de um Buda, pureza que define o estado espiritual daqueles que alcançam o conhecimento superior, a iluminação, daqueles que aboliram todo sofrimento, toda frustração, e descobriram uma paz e alegria imortais.

Absorta em seus pensamentos, Kinsom por pouco não é atropelada por um ciclista, mas acaba sendo avisada por suas companheiras. Os raios do sol aparecem acima das montanhas iluminando a cidade, que se estende sobre a planície, a três mil e setecentos metros de altitude. Os telhados dourados e a imponente fachada do Palácio de Potala, antiga residência do dalai-lama e sede do governo, são a primeira vista que Lhasa proporciona aos peregrinos. Sua monumental estrutura domina a cidade, lembrando a época em que o teto do mundo era o crisol de uma civilização única. Fora esse majestoso símbolo, poucas coisas sobraram do antigo esplendor de Lhasa. As casas tradicionais desapareceram uma depois da outra, os antigos bairros deram lugar a prédios de concreto construídos por operários chineses. Retilíneas avenidas ladeadas por biroskas, bares e prostíbulos, para satisfazer o grande número de militares e policiais alojados nos arredores, constituem a cidade nova. Mas, mesmo assim, Lhasa não se parece com as outras cidades chinesas. O centro manteve seu ambiente medieval, com monges sorrindo, camponeses sujos, malabaristas e acrobatas. Seu charme, suas espetaculares vistas das montanhas, o ar puro, o brilho do sol e até o caos e a sujeira a tornam hospitaleira. O esporádico latido dos cachorros e os gritos das crianças acentuam esta sensação de quietude. Lhasa também é uma Babel na qual se cruzam todos os dialetos, uma grande feira em que se mesclam milhares de cheiros vindos das carriolas transbordando legumes e frutas, carrinhos de mão carregados de manteiga de garrafa, sacos de chá e vendedores ambulantes que oferecem aos transeuntes pedaços de iaque secados ao sol.

Antes de ir às compras, Kinsom quer passar pela Praça Barkhor, em frente ao Templo de Jokhang. Ela gosta desse lugar sagrado, para onde monges e peregrinos alegres convergem. Ponto de encontro dos peregrinos do Himalaia, Lhasa é uma cidade cosmopolita, que se enriquece com essa diversidade. O espetáculo desses homens que se prostram e giram no sentido horário em volta de Jokhang, ou se deitam nos degraus das escadarias, nas ruas, à beira dos rios, nas colinas dos arredores, por todo lugar, sempre bem-humorados, representa para muitos tibetanos a secreta confirmação de que, apesar da violação dos chineses, o espírito da cidade permanece intacto.

Ao atravessar a praça banhada de sol, Kinsom e suas companheiras passam diante de três policiais chineses que vigiam a bandeira vermelha. Ao chegar à penumbra dos altares, envoltos por leves nuvens de incenso, elas se juntam às preces dos peregrinos; os mais crentes tocam uma flauta esculpida em um fêmur humano, outros carregam jarras cuja parte superior é feita de um crânio. As jovens tibetanas rezam, prostram-se, espalham pelo chão pequenas cédulas de um jiao² e sementes de cevada. Antes de deixar o recinto do templo, derramam com muito cuidado um pouquinho de manteiga de iaque sobre as lamparinas.

Elas estão percorrendo as ruas dos arredores no meio dos vendedores ambulantes, que

oferecem fitas para rezar e ossos de iaque incrustados com pedras preciosas, quando ouvem a melodia de uma bem conhecida canção tradicional. Guiadas por essas vozes, logo se encontram diante de um pequeno grupo de tibetanos, em volta de um coro de camponeses e peregrinos que acompanham o canto de um velho homem:

... nunca esquecerei o rosto de meus pais.

Ó joia de sabedoria!

Meu país não foi vendido, foi roubado...

Kinsom e suas companheiras se juntam ao coro. As demais canções, improvisadas na hora, ridicularizam os chineses. Risos e brincadeiras dão a esse agrupamento popular um ar de festa. Impaciente, a mais jovem quer ir embora, mas Kinsom quer ficar mais alguns instantes. Ela faz questão de aproveitar um desses raros momentos de alegria compartilhada e de liberdade. O bom humor lendário dos tibetanos, sempre prestes a irromper, pode fazer desaparecer, como em um encantamento, as preocupações diárias e o peso do jugo do opressor. Só importa o instante presente, que é necessário prezar como um objeto único, uma joia insubstituível. É nele que reside a força deste povo enraizado em uma religião que vê a destruição como a necessária condição do renascimento, que faz da compaixão sua regra de ouro, da impermanência dos seres e das coisas sua principal crença.

A polícia não demora a chegar. Os passantes fogem em todas as direções, alguns gritam palavras de ordem, outros jogam pedras ou paralelepípedos. Todos querem lavar a alma por suas humilhações. Imóvel, o velho tibetano continua a cantarolar a canção, alheio à agitação que o circunda. Sua pele é morena e curtida, seus olhos, semelhantes a duas fendas negras, se confundem com as rugas de seu rosto, o cabelo cinzento e desgrenhado desce até os ombros. Um policial manda-o calar a boca, mas o homem continua, imperturbável, com olhar desafiador. O policial levanta o cassetete e, apesar das vaias da multidão que de longe o observa, dá-lhe vários golpes no rosto e no corpo. O velho homem cambaleia, mas não cai. O sangue jorra no canto dos seus lábios, do nariz e das orelhas. Sua voz não é mais do que um murmúrio. Ele sorri. Alguns gritam: “Deixem o velho em paz!”, outros xingam os chineses, mas o velho não se cala, e os esbirros se encarniçam contra ele. O velho homem, curvado, luta para não desmoronar sob os golpes. Kinsom não aguenta mais. Pega sua echarpe, fazendo-a girar como uma bandeira. “Abaixo os chineses! Viva o Tibete livre!”, grita várias vezes. Suas companheiras não tentam fazê-la calar; ao contrário, juntam seus gritos aos dela. A atenção dos policiais então se desloca para as monjas, que fogem correndo. Algumas pessoas abrem as portas das casas para que elas possam se esconder. Uma vendedora de legumes esconde a mais jovem debaixo de sua banca. Kinsom se precipita pela rua adjacente, mas a polícia está atrás dela. De repente, sente um golpe terrível, sua cabeça explode... ela desaba no chão.

Kinsom abre os olhos. Está deitada na parte traseira de um caminhão militar que, buzinando, vai em direção à saída de Lhasa. Seu rosto e pescoço estão cobertos de sangue seco, ela se sente tonta, a cabeça dói, mas essa dor não é nada se comparada àquela que sente nos braços. Ao tentar se mexer, percebe que suas mãos estão algemadas nas costas. Cada sobressalto lhe corta os pulsos e dilacera os ombros. Ela entrevê o cano das espingardas dos soldados, a parte alta dos prédios, os lampiões de rua, o cume das árvores e, sobretudo, o céu, tão amplo, azul, límpido, que ela gostaria de se dissolver nele. O caminhão segue a estrada durante uns vinte minutos. Quando Kinsom vê a torre de vigia, entra em pânico. Esse lugar amedronta os tibetanos. A mais ínfima recordação da Prisão de Gutsa remete aos milhares de compatriotas que desaparecem em suas entranhas sem deixar nenhum rastro e provoca choro e crise de nervos naqueles que tiveram a sorte de sair vivos desse inferno. Esse complexo de prédios cinzentos e retangulares é o mais visível símbolo da crueldade com a qual o poder chinês trata o país das neves.

A pontapés, os guardas a empurram para a sala de vistoria, onde mulheres de farda a revistam minuciosamente, desapossando-a de seu único bem – o dinheiro das compras –, mediante a assinatura de um recibo, e inscrevem seu nome no registro de entradas. Então a entregam aos guardas, que a trancam em uma sala para interrogatório, um grande cômodo abarrotado com bancos, cadeiras e mesas metálicas. Kinsom sente calafrios diante dos chicotes, dos cabos elétricos e dos ganchos pendurados no teto. Lembra-se da relação de atrocidades que os chineses infligem aos prisioneiros. Essas histórias se transmitem de geração em geração, como uma obrigação de memória coletiva. Ela as ouviu dos seus pais no vilarejo e de suas companheiras no mosteiro.

Um oficial chinês, vestido com um uniforme verde apertado, registra de novo seu estado civil. Três gonyi-pa o obedecem. A expressão Gonyi-pa significa literalmente “duas cabeças”, e serve para designar os tibetanos que colaboram com os chineses. Kinsom sabe que esses homens são cruéis, prontos a fazer de tudo para obter favores de seus chefes.

– Quem estava com você? – pergunta-lhe um dos “duas cabeças”.

Kinsom fica muda. Está atônita demais para responder e, ao mesmo tempo, recusa-se a fazê-lo.

– Você os conhece?

– Não.

Eles então a arrastam até uma cadeira de ferro e amarram suas mãos segundo uma técnica aprimorada por anos de repressão. O método consiste em cruzar a corda em volta do busto e amarrar os braços erguidos atrás da cabeça. Depois de passar as cordas debaixo de suas axilas,

um dos torturadores a puxa bruscamente para baixo. Kinsom se contorce e emite um som rouco; eles desencaixaram seus ombros. Este suplício, conhecido por “aeroplano”, é tão doloroso que vários prisioneiros perdem o controle do esfíncter.

– Quem organizou esta manifestação?

Kinsom berra de dor. Quando os guardas percebem que ela está prestes a desmaiar, soltam ligeiramente a pressão da corda. Golpeiam-na no rosto, no corpo e nas pernas, pontuando cada golpe com a mesma pergunta. A resposta de Kinsom não muda: esse agrupamento de pessoas foi improvisado. Mas este não é o tipo de declaração que seus carrascos esperam. Um deles pega o instrumento de tortura predileto dos carcereiros chineses: uma espécie de cassetete elétrico, parecido com aqueles que servem para marcar o gado. Ele o encosta na cadeira. Kinsom treme, curva-se, e desmaia. Quando volta a si, o guarda recomeça. Outra descarga, e ela desmaia de novo.

– Quem estava com você? Quem deu a ordem da manifestação?

Os chineses não podem conceber que as monjas tenham tomado a iniciativa de protestar. Elas devem obrigatoriamente pertencer a um complô cuja finalidade é abalar “o prestígio da pátria mãe”. Eles querem nomes, nomes... Kinsom não abre a boca. Então, abrem-na à força e enfiam o cassetete elétrico em sua garganta. Parece-lhe que os ossos de seu rosto estão explodindo, sua boca está em chamas, seus olhos saem das órbitas. Quando retiram o cassetete, ela sente entre os lábios pedaços de dentes quebrados, que cospe em um vômito de sangue. Mas não fala. Por fim, com o corpo ensanguentado, a língua tão inchada que mal cabe na boca, coberta de hematomas, Kinsom ouve a voz do oficial que encerra a sessão. Os policiais a desamarram, colocam algemas em seus pulsos, ferros nos tornozelos, e a levam. Por ter ficado calada, ela é isolada em uma cela disciplinar, sem direito a passeios nem contato com as outras detentas.

A cela é estreita. Três metros e meio por dois, uma laje de concreto à guisa de cama, em um canto uma abertura com grades que faz as vezes de janela, e outra, de alçapão, para entregar a comida. No chão, um balde cheio de excrementos até a metade, lembrança do prisioneiro que a precedeu. Mais tarde, Kinsom será incapaz de lembrar quanto tempo ficou imóvel, olhando a esmo, tentando recuperar o fôlego. O frio deveria encorajá-la a se mexer, mas seu corpo está entorpecido, as articulações doem tanto que o menor movimento provocado por sua respiração é insuportável. Um dia, de manhã, ela sai de seu torpor ao receber a comida pelo alçapão da cela. Levanta-se com dificuldade e, arrastando os pés atravancados, pega com as mãos trementes uma xícara de chá preto e um prato de mingau cinzento. Sua boca está tão machucada que, apesar da sede e da fome, não consegue engolir nada. Lava o rosto e o pescoço com o chá e esquentas as mãos com a xícara. Na gélida solidão de sua cela, ouvindo ordens e gritos distantes de prisioneiros, ela se lembra de sua infância... Com que vontade seu irmão bebia o leite ainda quente quando ela ordenhava as dzomos, simpáticas fêmeas de bovinos oriundos de um

cruzamento de vaca com iaque! Com que alegria ela acolhia os monges mendigos que chegavam ao acampamento, mortos de frio, e que pediam comida! Andavam quase despidos, assim como o grande iogue Milarepa, o mais renomado asceta do budismo, que, dizia-se, era capaz de meditar dias a fio na neve e nas geleiras do Himalaia vestido apenas com um casaco de algodão. Rezavam dia e noite pela prosperidade da família que os acolhia, e também pela libertação do Tibete e pela saúde do dalai-lama. Rezavam diante do altar que sempre existira na casa dos seus pais, apesar dos riscos de denúncia, até nos piores anos da Revolução Cultural. Para Kinsom, que cresceu em um ambiente em que a religião é indissociável do dia a dia, esses santos homens também são verdadeiros heróis. Não somente porque renunciaram ao mundo e seguiram um caminho difícil, mas também porque desafiaram a interdição de culto imposta pelos comunistas durante as três primeiras décadas de dominação do Tibete. Quando os ocupantes afrouxaram sua vigilância, um monge passou a poder ir à casa de seus pais para celebrar festas e fazer oferendas. Curandeiro, sempre prestes a aliviar os sofrimentos desta população meio nômade, foi ele que, pela primeira vez, narrou para Kinsom a edificante história do príncipe Siddharta. Com 29 anos, casado e pai de família, esse príncipe deixara seu palácio para ir até a cidade. Lá, encontrara um idoso destrozado pela idade, depois um homem doente de peste, e, por fim, um cadáver que estava sendo levado à fogueira. Esses três encontros, três etapas decisivas e comuns a todos – a idade, a doença e a morte –, levaram o príncipe a abandonar o palácio, sua família e as obrigações reais que o esperavam, para se dedicar à busca de uma luz que permitisse que os seres se libertassem de seus sofrimentos. O príncipe Siddharta percorreu parte da Índia, questionou os sábios e viveu seis anos como asceta na montanha. Todavia, em vão. Foi dentro de si que encontrou a resposta, enquanto meditava no pé de uma figueira. Teve a revelação do mistério da morte, do renascimento e do desaparecimento do sofrimento no mundo. Alcançara a iluminação, que, mais do que uma ideia mística, é a compreensão da última realidade de todas as coisas. Tornara-se Buda.

A iluminação é o ideal para todos os tibetanos, assim como para Kinsom. Ela que não sabia ler nem escrever, porque não havia escola em um raio de quinhentos quilômetros ao redor. Viajar, aprender, conhecer, alcançar a perfeição... Aos poucos, na solidão das montanhas, ela meditava os ensinamentos do monge e construía seu sonho de futuro. “O despertar”, disse-lhe o monge amigo, “não pode ser ensinado. Mas o caminho que leva à verdade sim. É por isso que o ensinamento tem um lugar tão importante na vida dos budistas”. Foi assim que Kinsom, cansada de passar os dias na montanha apenas em companhia dos animais, informou à sua família seu desejo de abraçar a vida religiosa.

Seu pai, homem idoso, com a pele marcada pelo vento, forte sob uma aparência frágil, não escondeu sua reprovação. E se limitou a dizer: “Precisamos de você aqui”. Mas, Kinsom nunca tivera vontade de se casar e ter filhos. Conversara sobre isso com suas amigas, filhas de

pastores ou de camponeses, que, assim como ela, questionavam o futuro do seu país invadido. Ter filhos... Para quê? Para mal conseguir alimentá-los? Para que vivam como párias no próprio país, sem ter o direito de se instruir na própria língua? Na solidão das florestas, Kinsom descobrira ter outras aspirações. Queria aproveitar sua estada na terra para melhorar seu carma. Segundo essa lei, primordial para os budistas, o destino do indivíduo é modelado pela soma dos atos bons e maus que exerceu nesta vida e nas precedentes. Como fios invisíveis que tecessem o destino, as boas ações são propícias à realização espiritual, enquanto as más são obstáculos. Kinsom sabia que o destino não dá nada que não tenha sido previamente semeado, e, por esse motivo, sentia necessidade de fazer algo especial, transcendente, que a levasse adiante no caminho da iluminação. Desenvolveria um bom carma ajudando os outros. Como? Isso ainda não estava muito claro, mas ela podia sentir que, ao seguir o caminho do darma, a doutrina de Buda, acabaria encontrando a luz.

Desde sua infância, sua mãe lhe repetia que somente o conhecimento religioso a guiaria até na morte. Sem a ajuda de sua mãe, Kinsom teria tido muita dificuldade para se opor ao pai e seguir sua vocação. A mãe encarregara-se de convencer o marido a deixar a filha escolher seu próprio destino. Como a maioria das camponesas do país das neves, a mãe de Kinsom ao mesmo tempo é doce e decidida. Resignou-se sem hesitação a perder sua filha por uma razão superior. Kinsom lembra--se dela no dia da despedida, os cabelos negros presos em uma trança, o sorriso descobrindo uma boca em que faltam dois dentes, os olhos risonhos; ainda pode vê-la de pé no alto do caminho, acenando-lhe, ao lado das bandeiras de prece estalando ao vento e produzindo um estranho ruído, como um eco distante dos trovões que antecedem uma violenta tempestade.

Na escuridão de sua masmorra, Kinsom tenta imaginar a vida de seus pais neste exato momento. Estarão com os animais nas montanhas cobertas por coníferas que perfumam o ar? Estarão procurando bagas no meio da floresta? Terão sido informados de sua detenção?

6

A porta da cela se abre com um ruído de chaves e fechaduras. Eles estão ali, prestes a levá-la de novo. Quanto tempo se passou? Kinsom é incapaz de dizer. Sabe apenas que se sente melhor fisicamente, ainda que a fome e o frio a castiguem. Tem se recusado a tomar a sopa infame que lhe passam pela janelinha ao meio-dia e à noite.

Eles a conduzem à mesma sala, onde a espera a mesma “equipe”. O oficial passa a lhe explicar, em um tom amável, que precisa dos nomes de religiosos rebeldes de seu mosteiro. Kinsom lhe diz então que foi por iniciativa própria que se juntou ao grupo que cantava na rua, e que não vai dar nome nenhum porque agia sozinha. O oficial lembra-lhe de que foi acusada de anticomunismo e, ainda mais grave, de praticar atividades separatistas que podem levá-la a uma

longa pena de prisão, ou, ainda, à pena capital. Kinsom abaixa os olhos. O oficial percebe que suas palavras não produziram efeito nenhum e faz sinal para um dos torturadores. Este se aproxima da mulher e ordena que se dispa. Ela não se mexe e recebe vários socos em troca. Dizem-lhe mais uma vez que aqui ela não tem o direito de vestir o hábito, que só merece usar farrapos, e que é proibido raspar a cabeça e exercer práticas religiosas. Eles arrancam sua túnica. Ela fica totalmente nua. Tocam-lhe os seios, as coxas e o púbis proferindo obscenidades, até que o oficial os controla. Este profissional do sofrimento não permite que seus subalternos cometam certos excessos, pelo menos, não na sua presença. Param então de tocá-la, obrigando-a a se debruçar para que possam bater na sua cabeça até que ela perca o equilíbrio. Jogada em um canto da sala, humilhada, ela quer morrer, pela primeira vez de sua vida, seu único desejo é precipitar-se pela janela. Lembra-se do último conselho de seu pai quando, resignado com o fato de sua filha abandonar o lar da família para seguir seu próprio caminho, pediu-lhe expressamente que não entrasse para um desses mosteiros de Lhasa, bastiões da resistência, considerados perigosos, mas que fosse para um lugar solitário, no alto de uma montanha, mais compatível com a prática religiosa. Ela seguiu o conselho. Entretanto, seu pai ignorava que a desordem e a violência do mundo também moram nas mais afastadas montanhas. Não há como escapar, gostaria de dizer a seu pai, não há salvação no país das neves, somente a morte e a destruição. “Olhe, meu pai, a que ponto cheguei.”

O oficial volta a falar, sempre com tom de voz meloso. Oferece-lhe sua proteção, insinuando que ela poderá voltar ao mosteiro se colaborar. Oferece-lhe até dinheiro, embora saiba por experiência que as religiosas costumam ser refratárias a esse tipo de pressão. “Antes de denunciar minhas irmãs, prefiro que me despedacem e joguem meu corpo aos urubus”, pensa Kinsom. Cansado de esperar, o oficial sai da sala, com a pasta debaixo do braço. Kinsom treme. Ela sabe que o pior está por vir.

Kinsom se lembra:

“Foi horrível. Os gonyi-pa me acoossaram com inimaginável crueldade. Obrigaram-me a me deitar sobre a mesa, e, enquanto um abria minhas pernas, o outro enfiava o cassetete elétrico em minha vagina. Manuseavam o aparelho como se fosse um brinquedo, divertiam-se. Seus risos e zombarias ritmavam as descargas elétricas. E eu tinha a impressão de ser rasgada por dentro. Desmaiei. Acordei quando despejaram um balde de água gelada no meu rosto. ‘Você não é mais religiosa’, disse um deles. ‘Você não é mais do que lixo.’ Ele tinha razão, de certa forma. Eu era um farrapo, um monte de carne ensanguentada... Ao estuprar-me com aquele aparelho, quebraram meus votos de castidade e de pureza, e meu corpo não era mais do que um amontoado de ossos, uma ferida em carne viva... Eu era um animal indo ao matadouro. Levaram-me de volta à cela e, durante os nove dias que se seguiram, deixaram-me sair apenas para me torturar. Infligiram-me as piores atrocidades, suspenderam-me nua pelos pés por uma noite inteira, jogando baldes de urina no meu rosto, obrigando-me a comer um momo, o

tradicional bolo tibetano, impregnado de excrementos. Não eram mais seres humanos, nem animais, eram máquinas.”

Várias vezes Kinsom foi tentada a dar nomes para acabar com aquele pesadelo. Mas todas as vezes encontrou a força necessária para se segurar. Ao denunciar seus camaradas, ela perderia a dignidade, o amor-próprio e a consciência de ser humano. Seu silêncio é seu último refúgio.

“Podiam estuprar meu corpo todos os dias”, dirá Kinsom, “mas, enquanto eu não falasse, não podiam estuprar minha alma. Lembrei-me dos ensinamentos que recebera e entendi que era isso o que importava. Quanto mais puro fosse meu espírito, maiores eram as chances de uma boa reencarnação. Eu poderia então seguir o caminho do darma até a perfeição, além do nirvana, até a iluminação”.

Quando levada de volta à sua cela, uma das guardas, uma chinesa de meia-idade, rosto anguloso, com duas tranças de estudante, entrega-lhe uma roupa de tecido grosseiro e lhe devolve os sapatos. Mas o frio é tão mordaz e sua fraqueza física tão grande que Kinsom treme, seu corpo é sacudido por espasmos, e ela sente a pele ferida queimar em vários lugares. A guarda, em um inesperado ato de comiseração, lhe dá uma echarpe e uma camiseta.

Durante os trinta dias que irá passar na cela de isolamento, os únicos reconfortos de Kinsom serão um pedaço de céu que ela entrevê por meio da abertura que lhe permite discernir o dia da noite e o passeio noturno destinado a esvaziar o balde de urina nas latrinas.

Uma vez, ela encontra coragem para falar com uma das guardas.

– Você não tem vergonha de tratar as pessoas dessa maneira? – diz--lhe em voz baixa.

A mulher a olha fixamente e por um instante Kinsom acredita que vai pagar caro por ter transgredido a lei do silêncio. Mas o que mais poderiam lhe fazer? A mulher de farda se limita a levá-la até a cela e fechar a porta. À noite, ao receber a comida pelo alçapão, descobrirá dois momos na sua tigela em vez de um. E volta a ter coragem, o sentimento de que o espírito ainda está lá, vivo, até na dura alma dos chineses.

Seu estado físico se deteriora. As feridas não cicatrizam mais por serem sempre reabertas por novas torturas. Acima de tudo, ela teme ter se tornado incontinente. O calor que sente de repente entre as pernas a irrita. Esse incontrolável escoamento de urina é o resultado das múltiplas descargas elétricas aplicada na vagina; Kinsom sabe que algumas prisioneiras nunca voltam a controlar o esfíncter. Nessa situação, sem mesmo ser autorizada a assistir a seu próprio julgamento, sem nenhuma perspectiva de futuro a não ser os maus-tratos, ela sente que sua vontade de viver está enfraquecendo. Afunda em um tipo de estupor. As palavras do oficial que a ameaçou da pena capital ecoam em seus ouvidos. Ela olha fixamente as lâmpadas de sua cela, acreditando que será executada. Imagina os outros prisioneiros que esperam a morte, trancados em idênticas celas escuras. À noite, seus sonhos não são mais do que um emaranhado de lembranças, imagens de sua infância quando brincava com pipas, e cenas de sua vida de detenção. Ao acordar, apenas a perspectiva da morte lhe devolve a esperança. Ela pensa em se

enforçar com suas roupas, mas acaba descartando esse pensamento. Mesmo que uma religiosa tenha se jogado de uma ponte durante a transferência para outra penitenciária, o suicídio permanece algo excepcional. Assim como muitos tibetanos, Kinsom tem mais medo dessa ideia do que do sofrimento, seja qual for. De acordo com os ensinamentos, um suicida não pode reencarnar em forma humana e, portanto, não pode continuar sua evolução espiritual... por pelo menos quinhentas vidas! Para Kinsom, matar-se equivale a recusar a realidade do mundo. Não lhe foi ensinado que o sofrimento domina a existência de todos os seres vivos e que seu apogeu é a morte? Até na natureza o drama está por todo lugar: o pássaro morre na boca de um predador, as plantas disputam os raios de sol... qualquer paisagem idílica esconde um combate feroz e sem piedade, um império de dor cujo começo e fim são impossíveis de ser concebidos. No discurso de Buda não existe um Deus redentor, um poder sobre-humano nem a promessa de uma ajuda sobrenatural. Kinsom não pode se agarrar a essa ideia na desesperadora solidão de sua cela. De qualquer modo... O que os deuses poderiam ter feito? Misericordiosos protetores, eles não curaram o mundo da dor, nem se libertaram dela. Apenas o homem pode lutar contra o sofrimento e vencê-lo por seus próprios meios. Sua religião não se ergueu sobre uma verdade absoluta ou um dogma; ela ensina a salvação. Kinsom deve seguir o exemplo de Buda, que procurou em si o caminho para suprimir o sofrimento indissolivelmente vinculado a toda existência individual. Ele o descobriu na perseverante e sistemática prática da meditação. Pela força do espírito, cada um pode alcançar sua mais íntima essência, transcender as mutações e a morte, e assim seguir a natureza do universo. O que cristãos e judeus chamam de Deus, os indianos Xiva, Brama e Vixnu, os místicos sufis a Essência Oculta, os budistas chamam “natureza de Buda”. Assim como nas outras religiões, o budismo é a certeza de que existe uma Verdade fundamental e que a vida é a oportunidade sagrada para evoluir e se aproximar dela.

Kinsom, que não meditava desde sua chegada a Gutsa, obriga-se a recitar mantras, esquecer as humilhações, o frio, a fome, a dor e a obsedante morte. Na quietude da noite, às vezes consegue subtrair-se ao turbilhão de seus pensamentos e entrar em contato com seu ser profundo, a joia no fundo da lama. Procura o silêncio interno, porque sabe que “o fundo é visível somente quando o lago está calmo”. Pensa que seu corpo ferido é como uma roupa que cobre seu espírito e que, se ela o abandonar, renascerá em outro nível. O budismo não ensina que todas as coisas são efêmeras? Não ensina o desapego em relação aos outros e a si mesmo? Que a pessoa não se deve levar a sério, e que a última verdade não se encontra na dor e na ignorância, mas na alegria e na sabedoria? A felicidade não é o maior bem do homem? Ver além do próprio sofrimento exige uma força mental intata. É necessário ter uma grande coragem para ficar insensível à própria dor.

O pedaço de céu que percebe da cela se torna tão necessário quanto a comida. À noite, ela estica o pescoço em direção ao buraco que serve de janela, agarrando-se à luz das estrelas. Nesses momentos de contemplação, o céu e a terra, o tempo e a eternidade estão unidos. O mistério torna-se uma força que ilumina o espírito e aquece o corpo. Durante o dia, ao olhar esse canto de céu azul-turquesa em que às vezes aparece uma lua pálida, ela tem a impressão de respirar e tocar o absoluto. Essa abertura é seu único vínculo com a beleza do mundo, além das lamúrias dos prisioneiros, dos gritos dos guardas, além das paredes úmidas e sujas da cela. Ela está ciente de que, sem essa abertura resguardada pelas grades, seria enterrada viva.

E os outros?, pergunta-se. Quantos têm o mesmo privilégio? Quantos são enviados para campos de trabalho ou para as prisões do Tibete a coronhadas, a golpes de cassetete ou pontapés? Quantos entre seus semelhantes morreram sem ter falado, como ela, ou, pior ainda, depois de falar...? Quanto tempo vai durar esta noite constelada de torturas?

Ela se pergunta com frequência o que terá acontecido com a venerável Ani Choki que os policiais levaram embora no dia da celebração do prêmio Nobel da Paz. Será que está apodrecendo em uma cela de Gutsa, a alguns metros dela? Foi enviada a um campo de reeducação? Ainda está viva? Ela não ousa se perguntar o que mais a angustia: será que teve o mesmo destino que ela?

Kinsom a conheceu pouco tempo após ter deixado seus pais, logo depois de sua chegada ao mosteiro, que então não era mais do que uma ruína. Ani Choki e oito religiosas de idade avançada viviam nesse mosteiro desde sempre e, quando os chineses o destruíram, agarraram-se àquele lugar com toda sua força e fé. Durante as obras, elas dormiam em barracas. Eram mulheres extraordinárias, Kinsom não poderia ter sonhado encontrar melhores amigas. Apesar da idade, decidiram reconstruir o mosteiro. Todo dia iam buscar ajuda e traziam materiais e alimentos. Em primeiro lugar, construíram uma cozinha, depois ergueram um mastro em que penduraram bandeiras de preces. Cultivavam cevada e criavam ovelhas para sobreviver. Recebiam até oferendas daqueles que se aventuravam a frequentar de novo o mosteiro. Eram mulheres instruídas que conheciam os textos de cor. Como os livros sagrados haviam sido queimados pelos guardas vermelhos, as religiosas os resgatavam dos cantos mais secretos de sua memória, reescrevendo-os pacientemente.

Ani Choki acolhera Kinsom imediatamente, feliz por ter uma jovem mulher robusta para ajudar na obra de reconstrução. Dissera-lhe que a tarefa seria árdua, mas que em troca a ensinaria a ler e escrever, e, quando tivesse tempo, lhe explicaria a filosofia budista. O que Kinsom ainda poderia desejar? Ela, uma filha das montanhas, pobre e ignorante, perdida na imensidão de seu país? Na mesma noite, acomodou-se em uma das grutas com trinta noviças, todas elas filhas de nômades e felizes por viver na maior escassez, como os eremitas das lendas budistas.

Todo dia essas mulheres precisavam de pelo menos duas horas para levar, pela íngreme trilha, madeira, bambu e outros materiais necessários à reconstrução do mosteiro, que carregavam nas costas. No inverno, depois das noites de tempestade de neve, Kinsom e suas camaradas precisavam desembaraçar as entradas com as mãos. Quando chovia, a gruta ficava inundada, e elas abandonavam o refúgio para pedir abrigo. “Era como uma vida de nômade com a minha família”, lembra-se Kinsom. Elas meditavam e também recitavam mantras ao ar livre, com temperatura entre dez e quinze graus abaixo de zero. Kinsom nunca esquecerá a puja, a oferenda com a qual foi celebrado seu ingresso na vida religiosa. Naquele dia, as mulheres cantaram melódicas salmodias, e Kinsom achou que nunca ouvira algo tão lindo. No meio dessa ampla planície, esmagada pela repressão chinesa, varrida pelos ventos gelados, essas vozes, que acompanhavam pequenas nuvens de vapor que lhes saía da boca, cantavam a grandeza do espírito humano, e as montanhas, ao ecoá-las, pareciam compartilhar essa celebração. Como se a longa lista de exações – destruições e massacres –, como se o longo cortejo de sombras que assombravam a recente história do Tibete tivessem sido apagados. Naquele momento, alguma coisa escapava do sofrimento dos homens e da demência da história, algo que se podia ler nos lábios mudos da estátua do Buda, na vida infinita em volta da qual as monjas estavam reunidas.

Uma vez familiarizada com os rudimentos do alfabeto, Kinsom pronunciara os votos. Para essa cerimônia, dois lamas vieram de um mosteiro próximo. Sentados no chão, recitaram mantras ao som de trompetes e címbalos. Na véspera, Kinsom havia raspado a cabeça em sinal de humildade, símbolo de sua passagem do mundo terrestre ao mundo espiritual. Diante dos lamas, comprometia-se a seguir os preceitos de pureza, castidade e renúncia. De hoje em diante, ela cultivaria a serenidade e a amabilidade, renunciaria à ira e à cobiça, seria imparcial, trataria todos os seres humanos com compaixão, não se entregaria à euforia nem ao desespero, praticaria a disciplina mental, lutaria toda as horas do dia e todos os dias de sua vida para seguir o caminho da iluminação. Quando a música parara, Kinsom levantara a cabeça raspada e, por meio dos olhos semicerrados para se proteger do sol, olhara os lamas, que, para esta ocasião, vestiam túnicas amarelas por cima das costumeiras púrpuras. Ela sorria para eles e recitara sua profissão de fé budista, a fórmula dos três refúgios: refugio-me em Buda, a sabedoria; no darma, a doutrina; no sangha, a comunidade dos fiéis.

Na prisão, essas lembranças adquiram uma insuspeita força. É nelas que Kinsom encontra a energia para viver. É o exemplo de Ani Choki e das outras monjas idosas que a ajuda a dar um sentido a seu sofrimento. Espelhando-se nas grandes figuras femininas do budismo tibetano, elas também eram mulheres independentes, inteligentes e fortes, que, sem nunca trair a fé nem sucumbir às privações físicas e mentais, suportavam as piores provas. Essas mulheres não se preocuparam com as convenções sociais nem com a opinião de suas famílias, e levaram uma vida nômade com a única finalidade de se realizar espiritualmente. Lutaram por seus direitos,

pelas tradições, pelo país e sua religião. Indiferentes ao desprezo e à zombaria, conquistaram a igualdade. Desafiando a repressão, obtiveram o respeito e a veneração de seus compatriotas.

Os miraculosos poderes emprestados às idosas religiosas eram objeto de conversas diárias entre as noviças. Várias afirmavam ter sido curadas depois de tocar a roupa ou um objeto das veneráveis. Circulava o rumor de que elas seriam capazes de ler no passado o presente e o futuro. Que podiam, assim como os grandes iogues do passado, sobreviver bebendo apenas água, porque sabiam extrair as essências vitais das plantas e até das pedras. Dizia-se também que podiam prolongar sua vida e decidir a hora de sua morte. As noviças atribuíam às oito idosas monjas os mesmos poderes que às grandes religiosas do passado, aquelas às quais se creditavam extraordinárias proezas físicas: atravessar as paredes graças à sua capacidade meditativa ou deixar impressões dos pés nas pedras. Mas uma das mais clássicas práticas dos iogues é o exercício do calor interno, também conhecido como calor psíquico. O grande místico Milarepa tornara-se mestre nessa arte. As idosas religiosas por sua vez contavam de bom grado uma das cerimônias rituais celebradas nesse mosteiro antes da invasão chinesa. Ao amanhecer do décimo quinto dia do décimo segundo mês do calendário tibetano, as monjas saíam para correr em volta do mosteiro, vestidas com saias curtas e embrulhadas em finos tecidos de linho branco. Ao chegar a um dos quatro cantos do edifício, elas tiravam a túnica e a mergulhavam na água gelada e, em seguida, as vestiam de novo. No terraço do mosteiro, ao som da música ritual, lamas e discípulos observavam a cerimônia. Vindos da região inteira para presenciar esse exercício de calor interno, os budistas assim fortaleciam sua fé e devoção.

Kinsom também sonhara em participar dessas práticas espirituais esotéricas, mas Ani Choki a dissuadira, explicando-lhe que o fato de desenvolver poderes ocultos ia ser um obstáculo à última realização: a iluminação. Contou-lhe também que Buda mandara devolver as roupas de um monge que havia feito um milagre em público, alegando que o único milagre digno desse nome era a transformação do coração humano. Outra vez em que um discípulo fizera um exercício de levitação, Buda o julgara sem interesse. Ele até chorara pelo destino de um iogue que desperdiçou vinte anos de sua vida tentando caminhar sobre a água, enquanto um barqueiro poderia tê-lo levado até a outra margem mediante algum trocado.

“Hoje os tempos mudaram”, continuara Ani Choki, “e, para a maioria das religiosas, nem essas práticas nem os estudos filosóficos são prioritários. Agora, o mais importante é manter a atividade diária, usar o hábito, e fazer procissões nos lugares sagrados, seguir os ritos e recitar as preces”.

O único objetivo era lutar contra a opressão. Havia melhor maneira de alcançar a iluminação do que sacrificar a vida pelos outros? Erguer a bandeira tibetana e gritar palavras de ordem eram os novos rituais. E as monjas sabiam que podiam contar com o apoio da maioria da população. Elas representavam a vontade dos religiosos tibetanos de adequar a tradição à

necessidade de liberdade religiosa e política. E ao longe pairava a imagem do dalai-lama, poderoso símbolo da liberdade religiosa e da independência.

8

A luz de uma lanterna de bolso tira Kinsom de seus sonhos. “Chegou a hora”, diz, resignada, para si mesma. Com a costumeira brutalidade, os guardas a levam para fora da cela; sua fraqueza é tamanha que tanto a carregam quanto a arrastam. A jovem religiosa, que espera o momento em que atirarão uma bala em sua nuca, está convencida de que essa troca de cela só serve para aproximá-la do necrotério e, assim, reduzir o custo do transporte do corpo. Ela conhece o senso prático dos chineses e a obsessão que têm pelo dinheiro. Sabe que depois de sua execução mandarão a fatura a seus pais, como sempre fazem. O preço das balas será mencionado como macabro detalhe em uma grosseira folha de papel com o carimbo da prisão. O preço da comida e do aluguel da cela também será indicado. Ela sabe que seus restos mortais não serão devolvidos à sua família caso não possa pagar.

Mas, naquele dia, Kinsom está enganada. Levam-na para uma sala diante do oficial que dirigiu os interrogatórios.

– Você refletiu sobre nossas perguntas? – questiona o homem.

Kinsom anui com a cabeça:

– Sim, e não tenho nada a acrescentar. Agi sozinha depois de ter ido rezar no Templo de Jokhang. Eu não conhecia nem o homem que cantava nem os outros. Não houve nenhuma conspiração.

– Por que se manifestou?

– Porque vocês, chineses, querem nos destruir.

Enquanto falava, ela o olhava nos olhos, acrescentando assim o insulto à insolência. Essa franqueza junto com seu comportamento altivo são pretextos suficientes para que volte a ser torturada. Kinsom espera pela bofetada cuja violência a jogará no chão, o pontapé que lhe quebrará as costelas, a descarga elétrica que a paralisará, a bala que a libertará do sofrimento deste mundo. Mas nada disso acontece. O oficial tira uma folha de papel de sua pasta.

– Por suas atividades contrarrevolucionárias e separatistas, o Tribunal do Povo...

Kinsom se debruça ligeiramente em direção à mesa e presta atenção; o oficial continua:

– ... a condena a três anos de reclusão.

Antes que o oficial tenha acabado sua frase, os guardas agarram Kinsom pelos braços e a arrastam de novo pelos intermináveis corredores da Prisão de Gutsa. Se no começo a jovem mulher se sentiu aliviada por não ser espancada de novo, se a certeza de viver lhe deu certa euforia, agora a perspectiva de passar três anos neste inferno a deixa profundamente

desamparada. Como irá suportar esses três anos se nem consegue mais ficar de pé depois de um mês? Três anos vendo essas paredes, sentindo este cheiro de sangue, de umidade e desinfetante; três anos comendo essa horrível sopa, ouvindo ordens gritadas, recebendo pancadas... Três anos. Melhor dizer uma eternidade para essa mulher de vinte anos. O ato que cometeu contra os filhos da República Popular da China foi tão terrível? Trinta segundos, talvez um minuto, gritando “Viva o Tibete livre!” de maneira pacífica justificam então três anos de castigo tão cruel? Se os monges que se manifestam são condenados a dois anos de encarceramento, por que as religiosas são condenadas a três? Elas conquistaram a igualdade aos olhos de seus compatriotas, mas não aos dos chineses.

Assim que Kinsom entende o significado dessa condenação, todas as defesas psíquicas que construía na solidão da cela desmoronam. Ela acha que os trinta e seis meses que vai passar em Gutsa são piores do que a morte. Então, apesar da promessa que fizera a si mesma, chora diante dos chineses. Soluços tão violentos que logo viram convulsões. Ela desaba. Os guardas a arrastam até o Pavilhão no 3, jogando-a como um saco em uma cela coletiva, onde ela fica chorando sobre o chão sujo de urina e sangue, obrigada a viver, querendo esquecer, desejando a morte.

“Eu nunca vira alguém chorar tanto. Kinsom não parava de chorar, embora a consolássemos e abraçássemos. Ainda me pergunto como pôde chorar tanto”, conta Yandol, uma das novas companheiras de cela.

Naquela época, Yandol era uma adolescente de cerca de 15 anos, de rosto redondo, olhar doce e olhos cor de mel que brilhavam de malícia. Era miúda, graciosa, feminina.

A cabeça raspada de Yandol mostra que ela é religiosa.

“Venho do Mosteiro de Shugsep”, disse, ao abraçá-la.

Kinsom esboça um sorriso, mas é incapaz de falar, e as lágrimas lhe correm sobre as bochechas cavadas, a boca deformada pelo sofrimento, o olhar turvo; ela mal distingue as silhuetas das outras prisioneiras.

“O pior já passou”, diz-lhe Yandol, “tenha confiança, sairemos daqui... todas nós sairemos daqui”.

Aos poucos as convulsões param, sua respiração fica mais regular, as lágrimas secam, e Kinsom adormece nos braços de Yandol.

“Em que estado ela se encontrava! Tinha feridas na boca, seu corpo estava coberto de hematomas e cascas de feridas, os braços e as pernas estavam assustadoramente magros, cobertos de bolhas e frieiras. Tinha vários dentes quebrados, ferimentos na cabeça...”, lembra-se Yandol.

As demais mulheres a estendem sobre uma maca suja, um verdadeiro luxo se comparado à laje de concreto da cela de isolamento. Yandol a massageia com suas mãos hábeis e delicadas em um calmo e regular movimento de onda, das costelas em direção às costas e das costas para

os ombros. Uma das mulheres murmura uma velha cantiga, de tempos imemoriais, em que o Tibete ainda não era budista, mas protegido por uma infinidade de deuses; ela cantarola com voz muito baixa para não atirar a desconfiança dos guardas. Yandol massageia as mãos e os braços de Kinsom. Seus dedos deslizam sobre o pescoço da amiga para que o sangue circule de novo. Ela massageia sucessivamente as pernas, os calcanhares, a sola dos pés, a cabeça, a nuca, o rosto, o nariz, as costas de Kinsom, e seus dedos ágeis parecem lhe insuflar a vida. Então, Yandol pega os braços da prisioneira e a conduz em alguns movimentos de ioga. É um tipo de exercício ritual que traz ao corpo ferido um bem-estar que não pertence a este mundo. Rapidamente, a cela feia e fedorenta se transforma em um cômodo habitável, luminoso e caloroso. Kinsom fecha os olhos, abandonando-se a seus sonhos e deixando sua mente vagar pelos planaltos. Vê nitidamente os rostos afetuosos de seus pais e irmãos; parece-lhe até que consegue sentir o cheiro da manteiga de garrafa de iaque, das peles de carneiro, da bosta de iaque que queima na cozinha; vê tapetes de ervas cheirosas, idílicas planícies banhadas de céus resplandecentes, vales abençoados pelo sol. Pela primeira vez desde que fora presa, Kinsom dorme profundamente.

Diferente de sua nova amiga, Yandol é filha de abastados comerciantes de Tolung, um vilarejo próximo de Lhasa. Foi à escola e estudou chinês, mas não a cultura e a religião tibetanas. Insistiu para entrar no mosteiro, e seus pais, muito crentes, apoiaram-na. Assim como a maior parte dos tibetanos, sempre acreditaram que era bom se dedicar ao conhecimento religioso, que era o que havia de mais importante durante a estada na terra. No mosteiro, as religiosas logo notaram a facilidade com que assimilava os complexos ensinamentos do budismo. Ela quis dedicar sua vida à meditação e ao estudo dos antigos textos. Aprendeu também a história recente de seu país, os detalhes sobre a feroz repressão chinesa. Começou então a sonhar em lutar contra o invasor. No outono de 1991, decidiu ir sozinha até a capital para fazer um ato de protesto. Uma manifestação solitária: a expressão da força de sua fé seria seu primeiro passo na luta. Assim, na Praça Barkhor, junto ao Templo de Jokhang, em 1o de outubro, dia da festa nacional chinesa, esta bela e tímida jovem ergueu o punho e gritou: “Vida longa ao dalai-lama!” Seu heroísmo lhe custou dois anos de prisão.

Em Gutsa, obrigaram-na a ficar de pé um dia inteiro e bateram-lhe para obter à força o nome do “organizador” da manifestação. Ela respondeu rindo. Ameaçaram-na então com um cassetete elétrico, que finalmente não conseguiram lhe aplicar.

Yandol conta:

“De fato, o oficial encarregado do interrogatório parecia ser melhor que os outros. Com voz baixa, aconselhou-me a falar o menos possível e a manter a versão inicial. Foi o que fiz. Eles se limitaram a me esbofetear com tanta força que meus ouvidos zumbem até hoje.”

Todos os companheiros e companheiras de cela sofreram um tratamento igual ao de Kinsom.

Yandol constatou isso vendo o número de cicatrizes e o estado geral no qual voltavam à cela. Eram mortos--vivos. No começo, acreditou que sua idade a preservara de sofrer as piores torturas, mas depois percebeu que simplesmente tivera a sorte de se deparar com um oficial compreensivo. Nas prisões tibetanas, a idade nunca poupou ninguém da tortura. Nas paredes de cada cela estão fixadas correntes que servem para amarrar os prisioneiros. Uma fica mais perto do chão: é destinada às crianças. Em um canto de sua cela havia uma menina de 13 anos acorrentada. Como não aguentava mais a tortura, tentou se suicidar engolindo sete pregos.

Uma vez por mês, durante dez minutos, único momento tolerável da vida em Gutsa, as famílias dos prisioneiros são autorizadas a visitá-los. Assim, Kinsom pôde ver sua família, não mais em sonhos, mas em carne e osso. A primeira vez, teve que se conter para esconder sua emoção. Seus pais também lutaram para disfarçar o dilaceramento que o estado de sua filha provocava neles. Kinsom ignorava que seus pais haviam feito inutilmente a mesma viagem de cinco dias no mês anterior. Não somente os funcionários os proibiram de se aproximar de Kinsom, como os criticaram violentamente pelo desvio político da sua filha. Em relação a tudo que diz respeito à vida da prisão, o regulamento depende do humor versátil dos guardas, e é muito frequente que famílias que viajaram durante dias atravessando o país não obtenham o direito de visita de alguns minutos. Isso sem dizer que os policiais podem confiscar os alimentos destinados aos detentos ou expulsar as famílias da prisão a golpes de cassetete.

O delegado aconselhou vivamente os pais de Kinsom a aproveitarem essa visita para convencer a filha a mudar de postura. Entretanto, falaram com ela sobre seus irmãos, o gado, a vida cotidiana nas montanhas, a neve, as avalanches e a detenção de outras filhas de camponeses que entraram no mosteiro. Kinsom fica com o coração partido ao pensar que suas amigas de infância sofrem a mesma selvageria. Não pode desabar diante de seus pais e, ao contrário, tenta tranquilizá--los. Diz que está sendo tratada corretamente, que vai trabalhar nos campos, e que eles não precisam se preocupar. Sua mãe não se deixa enganar, mal consegue reconhecer o rosto pálido e magro de sua filha, antes cheia de saúde. Bochechas cavadas, gengivas inchadas, dentes quebrados – ela prefere não saber com quê. Assim como suas companheiras, Kinsom sofre com dores intestinais provocadas pela má alimentação. Seus pais trouxeram os dez quilos de alimentos autorizados pelo regulamento. Agora, na sua frente está uma porção de bolos, tigmos, momos, delícias da cozinha tibetana. Para Kinsom, esses bolos representam, por si sós, todos os prazeres da vida. Logo, rápido demais, chega o momento da separação. Mãos que se apertam, um “logo voltaremos”, barulho de fechaduras e um último olhar, enquanto a filha prisioneira é levada embora. De novo, a família segue intermináveis corredores, e, uma vez fora, a mãe deixa correr uma lágrima que gela ao cair. Eles sabem que do outro lado das grades os corpos se quebram e as almas se perdem. Kinsom terá que brigar com os guardas para que não roubem os alimentos, para poder compartilhar com seus

companheiros de desavença um pouco da felicidade trazida por seus pais, contida inteiramente nos pacotes de comida que ela segura no colo.

Como nas antigas prisões, Kinsom, Yandol e as outras prisioneiras devem aprender a suportar a humilhação e a vergonha. Os guardas não as deixam esvaziar diariamente o balde higiênico coletivo da cela. Elas precisam se acostumar com a sujeira, o fedor, e a dissimular suas crenças religiosas. Para os guardas, tudo serve de pretexto para castigá-las arbitrariamente. Nas noites em que bebem demais, eles martirizam as prisioneiras. Alguns, amantes de filmes de caratê, usam-nas como bonecos de treinamento. Outros inspiram-se em filmes bem diferentes e utilizam os cassetetes para deflorar “essas fêmeas recalcitrantes”.

Gutsa é mais uma argola da corrente que estrangula o Tibete, um engenho indispensável à política de aniquilamento da sociedade e da cultura tibetanas. A China, que deu ao mundo a porcelana, os fósforos, os relógios mecânicos, as notas de dinheiro, a pólvora, o ritual do chá, a roda dos perfumes e o primeiro mapa do céu..., a civilização que fez da harmonia uma arte de viver, também aplica seu refinamento – é o yin e o yang, o claro e o escuro – à tortura. Em 1990, a organização humanitária Asia Watch descreveu o Tibete como um imenso laboratório de tortura das forças armadas chinesas. Quarenta anos de colonização levaram à beira do abismo o país mais alto do mundo e uma civilização de dois mil anos. Atrás dos majestosos picos que o isolam das outras nações indiferentes, o país das neves sofre um martírio comparável às perseguições e expurgos de Stálin, ao genocídio judeu de Hitler, ao extermínio do Khmer Vermelho de Pol Pot no Camboja. O holocausto do Tibete é o resultado de uma luta desigual entre a força bruta daqueles que detêm o poder político e o protesto pacífico de um povo profundamente religioso. A determinação desse povo de se libertar por meios não violentos transforma seu combate em um ato único no mundo.

¹ *Tibet, Survival in Question*, Pierre-Antoine Donnet. Londres, Zed Books.

² Moeda chinesa que vale um décimo do yuan. (N. T.)

II

A SOLIDÃO DO MONARCA

I

Uma profecia havia anunciado essa tragédia. Em 1933, o décimo terceiro dalai-lama, trancado em seus aposentos do Palácio de Potala, sentindo seu fim próximo, escreve seu testamento político: “É possível que um dia, aqui, no coração do Tibete, a religião e a administração secular sejam atacadas por dentro e por fora. Se não velarmos nosso país, os Dalai-Damas e os Danchen-Damas,³ o pai e o filho, os depositários da fé e as gloriosas reencarnações desaparecerão e seus nomes serão esquecidos. Os monges e seus mosteiros serão destruídos. Os funcionários religiosos e laicos serão reduzidos à servidão pelo inimigo e errarão como vagabundos. Todos os seres vivos serão prisioneiros da miséria e do terror, e a noite cairá lentamente sobre o sofrimento do mundo”.

Na tarde do décimo terceiro dia do décimo mês do ano do Pássaro e da Água, isto é, no dia 17 de dezembro de 1933, a última reencarnação do dalai-lama chegava ao fim. Aqueles que o conheceram destacavam sua abertura de espírito, sua inteligência, sua fidelidade na amizade. A história, por sua vez, se lembraria da dimensão, da política visionária e, sobretudo, da habilidade em proteger o país dos desejos anexionistas da China, ao declarar o Tibete um Estado soberano e independente. Ciente da evolução do mundo, ele decidira que o país não podia seguir levando uma vida com certeza sossegada, mas em um isolamento que datava de tempos imemoráveis. Suas reformas mostraram vontade de modernizar o Tibete. Sob seus auspícios, as punições degradantes foram abolidas; pela primeira vez, foram emitidas cédulas de banco, criou-se um pequeno exército, uma linha telefônica foi instalada entre Lhasa e Gyantsé, uma central hidroelétrica foi construída na capital, um oficial do Sikkim organizou o primeiro corpo de polícia, e por fim o novo passaporte tibetano foi reconhecido internacionalmente. Apesar dessas reformas, o Tibete ainda permaneceu por alguns anos à margem da evolução mundial, sem contato com os outros povos, exceto durante breves confrontos com os soldados de Mao Tsé-tung, desertores das tropas nacionalistas.

Mas, neste décimo terceiro dia do décimo mês do ano do Pássaro e da Água, na penumbra dos santuários, a principal preocupação é a busca minuciosa da décima quarta reencarnação do Buda da Compaixão Infinita; aquela que, de morte em renascimento, há quatrocentos anos, vida após vida, volta para velar seu povo.

Neste dia de 13 de dezembro, os monges de Lhasa observaram nuvens que em forma de elefante ou dragão pairam acima da parte nordeste da cidade. Alguns minutos depois, um estranho fato aconteceu na capela-ardente em que descansavam os restos mortais do Grande Décimo Terceiro: um tipo de enorme cogumelo apareceu em uma viga na parte nordeste da sala. Segundo o costume, o corpo do defunto fora colocado em uma sepultura no Palácio de Norbulingka, sentado em posição de lótus e orientado para o sul, direção tradicionalmente favorável. Entretanto, um dia pela manhã, os monges encontraram o rosto do Grande Décimo Terceiro virado para o nordeste...

Um regente, designado pela Assembleia Nacional, governava então até que o Trono do Leão, símbolo do poder supremo espiritual e temporal, fosse devolvido a seu legítimo ocupante. Conforme suas atribuições e respeitoso da tradição, o regente dera as instruções necessárias para que a busca da reencarnação do Grande Décimo Terceiro pudesse começar. Em todo o país, cerimônias e preces foram organizadas para assegurar sua rápida volta. O regente em pessoa, acompanhado por alguns grandes lamas, iniciara uma viagem até o lago Lhamo Latso, situado cento e cinquenta quilômetros a sudeste de Lhasa. Esse lago, segundo a crença popular, favorecia as visões.

Depois de alguns dias de meditação, o regente teve uma visão muito clara em que se destacavam três letras do alfabeto tibetano – A, K e M. No dia seguinte, sonhou com um mosteiro com telhados de ouro e jade, um vilarejo no fundo de um vale perdido e uma modesta granja de telhas turquesas, com um cachorro branco que corria no campo. O lago havia falado.

Consultados mais uma vez, os oráculos convenceram o regente a mandar, com a máxima discrição, uma missão rumo ao nordeste do país, comandada pelo velho Ke-Tsang Rimpoché, alto dignitário do Mosteiro de Sera. Quando, três meses depois, este entreviu ao lon-ge o Mosteiro de Kumbum, com os telhados de ouro e jade, soube que o lago sagrado os guiara até o lugar certo. Se a letra A se referia à região de Amdo, a letra K devia designar Kumbum. Acabara de formular esse pensamento quando um majestoso arco-íris se estendeu sobre o mosteiro em sinal de boas-vindas.

Durante os debates sobre a interpretação das predições, o caminho a seguir logo se desenhou: levava até o vilarejo de Taktser, perto da fronteira chinesa. Por isso é que os monges de Kumbum guiavam os emissários em direção a esse vilarejo disfarçados de comerciantes, para não despertar suspeitas quanto ao verdadeiro motivo da expedição. Os viajantes subiram altas colinas verdes em que se cultivavam a cevada e o centeio, tendo, como pano de fundo uma montanha de neve eterna que os moradores da região consideravam sagrada. Atravessaram florestas de zimbros e choupos, pomares de pessegueiros, ameixeiras, nogueiras. Águas cristalinas jorravam em cascata, os pássaros e animais silvestres – gamos, macacos, leopardos, ursos ou raposas – circulavam livremente, sem medo do homem. Nesse esplendor natural

destacava-se a silhueta do Mosteiro de Karma Rolpai. Os telhados dourados, os emblemas da Roda da Religião cercados por cervos de cobre impregnavam o lugar de uma atmosfera de santidade, reforçada pelas bandeiras de prece que flutuavam acima de cada casa do vilarejo.

Logo que entraram na aldeia, os notáveis reconheceram a casa com telhado de telhas turquesa. Orientada para a montanha sagrada, era feita de pedra e barro em volta de um pátio onde se erguia uma bandeira de prece. Suas calhas, feitas com galhos de zimbro esvaziados, a distinguiam das outras casas. Ao descobrir essa construção, os monges sentiram que se aproximavam do novo dalai-lama. Pediram hospitalidade para a noite. Para esconder a verdadeira finalidade da visita, Ke-Tsang Rimpoché, o responsável pela expedição, disfarçou-se de criado.

O pai da família era um homem robusto, baixo, que vestia uma túnica presa por um cinto e calçava altas botas de couro. Era apaixonado por cavalos, e o último que adquirira o deixava muito feliz. Na região, dizia-se a seu respeito que tinha o dom de curá-los. A mãe, que dera à luz dezesseis filhos, dos quais sete haviam sobrevivido, tinha uma bondade proverbial. Servira-lhes imediatamente tsampa e chá salgado misturado com manteiga de iaque, a bebida nacional do Tibete, e convidara a comitiva a restaurar suas energias na cozinha enquanto visitantes e hospedeiros conversassem. Era o momento propício para o lama, disfarçado de criado, explorar o lugar. Característica da região, a casa possuía uma cozinha em que se recebia, um altar onde a família se reunia ao amanhecer para as oferendas, o quarto dos pais, o dos convidados, um celeiro bem abastecido e um estábulo para o gado. Cheirava a ervas frescas e ao suor dos animais. A mobília era feita de armários de madeira pintados como o chão. Tremendo secretamente de emoção, o grande lama encontrava os detalhes da visão do regente, entre os quais o cachorro branco com manchas escuras na barriga. Estava voltando à cozinha, satisfeito com sua vistoria, quando encontrou um menino de cerca de dois anos. Ke-Tsang sentou-se. Logo a criança subiu no seu colo, procurando agarrar o rosário que o monge usava em volta do pescoço. Esse rosário de cento oito contas de madeira escura pertencera ao “Grande Décimo Terceiro”.

– Eu o darei a você se me disser quem eu sou – disse-lhe o lama.

A resposta não demorou:

– Você é um lama do Mosteiro de Sera.

Quem era essa criança que adivinhava tão bem? A mão do velho monge tremia ao passar o rosário em volta do pescoço da criança. O lama decidiu regressar a Lhasa o mais rápido possível para relatar ao governo o resultado de sua busca. Na hora de partir, no batente da porta, o menino suplicou que o deixasse acompanhá-lo até a capital. Não fora tarefa fácil convencê-lo a esperar, e somente a promessa de uma próxima visita conseguiu acalmar sua impaciência.

Alguns meses depois, dessa vez oficialmente, os emissários voltaram ao vilarejo. Os pais reconheceram imediatamente o humilde criado do último inverno no velho monge Ke-Tsang Rimpoché, apesar de sua touca de ouro e sua túnica cor de vinho. Ao ver o impressionante cortejo, entenderam que talvez seu filho fosse uma reencarnação, porque, de acordo com sua crença, depois da morte, o espírito abandona o corpo como uma roupa gasta para pegar um novo, e todos sabem que os mais eruditos lamas escolhem o momento da própria morte e o lugar em que renascem. Nos anos que se seguem à morte de um tulku, um mestre reencarnado, é comum que os discípulos procurem a nova reencarnação. Não fora já o primogênito dessa família reconhecido como sendo a reencarnação do abade de Kumbum? Por que outra criança não poderia ser reconhecida como uma alta reencarnação? A mãe lembrou-se então de que, na véspera do parto, tivera um sonho estranho: dois dragões azuis a saudavam solenemente. Por sua vez, os vizinhos, honrados com as grandes reencarnações que aconteciam em seu modesto vilarejo, lembraram-se também de que, ao voltar de uma peregrinação, o Grande Décimo Terceiro passara a noite no mosteiro mais próximo e deixara lá suas botas gastas, sinal de que, cedo ou tarde, ele voltaria. Mas, nem os vizinhos nem os pais imaginaram que o caçula brincalhão dessa família de camponeses pudesse ser o décimo quarto dalai-lama em pessoa, e os dignitários tomaram o cuidado de não dizer nada.

2

Desta vez, a nova delegação vinha para submeter a provas o filho da modesta família de Taktser. Intimado a escolher entre dois rosários pretos idênticos, o menino pegou aquele que pertencera ao Grande Décimo Terceiro e o pôs em volta do pescoço, sem ao menos dar uma olhada no outro. Durante os exames relativos à memória anterior, mostrou-se capaz de reconhecer algumas relíquias no meio de outros objetos mais belos, mas falsos. Entre duas bengalas, a criança hesitou. Calados, disfarçando a emoção, os monges esperavam pacientemente. O menino escolheu primeiramente a bengala errada, aquela com botão de ferro. Mas, depois de tê-la observado longamente, deixou-a de lado e pegou a outra firmemente para não deixá-la escapar. Os dignitários ficaram aliviados, e o velho Ke-Tsang Rimpoché explicou a hesitação da criança: a primeira bengala pertencera ao décimo terceiro dalai-lama antes que ele a oferecesse a um venerável lama. A criança acabara de trazer essa recordação. Com o coração apertado, o velho monge olhou para o damaru, tambor ritual enfeitado com pequenas bolas. A criança pegou o mais simples, o verdadeiro, e começou a tocar nele como se estivesse acompanhando uma meditação. À sua volta, os homens não ousavam proferir uma só palavra. Finalmente, um exame físico evidenciou os atributos da encarnação do Buda da Compaixão Infinita: orelhas com grandes lobos, olhos oblíquos, sobrancelhas curvadas nas pontas, pernas com a pele rajada

como a dos tigres e, na palma da mão, uma marca em forma de concha. As últimas dúvidas resolvidas, um dos monges chorou de alegria: “Estávamos tão emocionados que não conseguíamos respirar, ficar sentados nem falar”.

Mas, para a família de humildes camponeses, seria necessário esperar vários meses antes de receber a confirmação oficial de que seu filho era a mais alta reencarnação.

A província de Amdo, à qual pertencia o vilarejo de Taktser, estava sob tutela chinesa, embora fizesse parte do Tibete, e o governador manifestara a intenção de participar da eleição dos altos dignitários. Para proteger a criança das ambições chinesas, os lamas pediram a seus pais que, tão logo quanto possível, o levassem ao Mosteiro de Kumbum. Mais tarde, o dalai-lama se lembraria de que, após uma longa cavalgada, chegara ao amanhecer ao imenso mosteiro e que, sendo um pequeno camponês de 3 anos apenas, fora posto sobre um trono como um grande mestre. Depois que seus pais partiram, ele ficara sozinho e chorara com a impressão de ter sido abandonado. Assim começou a árdua aprendizagem da solidão e da disciplina. Mais tarde, ele diria que a primeira separação de seus pais fora o período mais triste de sua vida.

Após tomar conhecimento dos resultados da missão religiosa, a Assembleia Nacional, reunida em Lhasa, confirmou o regresso do Buda da Compaixão Infinita entre os tibetanos. Os preparativos para a entronização começaram. Despacharam-se mensageiros para levar a boa notícia e convites ao governo britânico da Índia, a Pequim, ao rei do Nepal, aos rajás do Sikkim e do Butão. A viagem da nova reencarnação até Lhasa também foi organizada.

A alegria da criança com a ideia de logo deixar o mosteiro e percorrer o país na companhia de sua família contrastava com a melancolia de seus pais, que estavam obrigados a abandonar o vilarejo, o lar, terras, animais e amigos, sem saber do futuro, porque, se sabiam que o filho deles era uma grande reencarnação, ninguém lhes dissera ainda que se tratava do décimo quarto dalai-lama. Finalmente, no sexto mês do ano da Lebre, isto é, no verão de 1939, chegou a hora de esse menino de 4 anos, brincalhão e corado, iniciar a grande viagem de sua vida, acompanhado por cerca de cinquenta pessoas: sua família, a missão que o descobriu, funcionários, muitos tropeiros e guias, trezentas mulas e cavalos. A caravana andava lentamente no meio das mais lindas e selvagens paisagens. Seguiu as margens do lago Kokonor, enorme safira cintilante que refletia os cumes brancos. Como uma fileira de insetos, subiu penosamente os cumes lilás e laranja com seu chapéu de neve. A cada dois ou três dias, passava perto de minúsculas aldeias localizadas em prados verdes ou penduradas nas montanhas. Mas a maior parte do tempo atravessava terras desérticas, varridas por tempestades de poeira e chuvas de granizo. Para o menino, que viajava em um palanquim, tudo era fonte de surpresa: as grandes manadas de iaques, as hordas de mulas selvagens, os cervos e os antílopes, ágeis e rápidos como fantasmas, as margens dos lagos turquesa em que se refletiam os prados verde-esmeralda. Ao levantar os olhos para o céu, ele via o voo dos gansos que rasgavam o ar com seus gritos. E

o menino que, entre duas crises de risos com seus irmãos, contemplava essa paisagem ignorava que era o senhor de tudo isso.

No outono, quando a caravana estava a quinze dias de seu destino, uma delegação de altos funcionários foi ao seu encontro para escoltá-la até Lhasa. Um deles ofereceu à criança uma echarpe de seda chamada kata, que no Tibete é sinal de boas-vindas. Então o velho Ke-Tsang Rimpoché anunciou aos pais que o filho deles era a reencarnação do dalai-lama.

Mudos pela emoção, incrédulos, não conseguiam imaginar o quão profundamente suas vidas mudariam. O menino que brincava com seus irmãos e caía frequentemente do palanquim era o Menino Rei em pessoa. Primeiramente sentiram uma grande alegria, depois uma mistura de orgulho com temeroso respeito que nunca mais deixariam de sentir totalmente.

No caminho, um ministro do governo tibetano se juntou à caravana. O dignitário leu uma declaração conjunta do regente e da Assembleia Nacional que proclamava o menino de Taktser, oficialmente, décimo quarto dalai-lama. Segundo instruções precisas, a mãe trocou as roupas de camponês do menino pelo hábito monástico de cetim amarelo e brocado, e cobriu sua cabeça com o gorro bicudo e de abas. Cercado pelos mestres de cerimônia a seu serviço, a criança concedeu sua primeira audiência, em que, com sua pequena mão, benzeu a todos serenamente, estranhando apenas que doravante seus pais e irmãos o chamassem Kundum, “a Presença”.

Havia terminado a viagem em um palanquim de ouro, carregado por dezesseis nobres vestidos com longas túnicas de cetim verde e chapéus de veludo vermelho. O astrólogo do Estado, músicos, monges e ministros abriam a procissão, em seguida vinha o regente, o primeiro-ministro, os membros da família do dalai-lama, que, de olhos arregalados, ainda não entendiam completamente o que estava acontecendo, seguidos por numerosos abades e funcionários. Em cada vilarejo, cada cidade, a caravana era recebida por procissões de lamas e monges cujos estandartes flutuavam no ar saturado pelo perfume dos incensos. Os eflúvios protetores da artemísia e do zimbro exalavam de imensas fogueiras. Ouviam-se flautas, címbalos e tambores. Religiosos e laicos haviam vestido suas mais belas roupas e juntavam as palmas das mãos em sinal de boas-vindas ao maravilhoso menino: chefe, filho, pai e quase Deus deles. Com ar tranquilo, este contemplava o espetáculo dessa multidão de desconhecidos que estavam ali por sua causa.

A três quilômetros das portas da cidade, em um vasto acampamento, os monges de Sera, Drepung e Ganden, os três pilares do budismo tibetano, assim como os representantes dos países estrangeiros, esperavam pelo cortejo em volta de um trono de madeira esculpida. Dois robustos braços levantaram o dalai-lama envolto em cobertas e o puseram sobre um amontoado de almofadas. A criança de Taktser sorria, atenta à cerimônia, dirigida por um dos oráculos ao qual o Estado confiava a liderança espiritual do povo. Soldados de todos os regimentos do

exército tibetano apresentaram armas ao pequeno Deus Rei, e a interminável procissão voltou a andar em direção à cidade sagrada. Um alto dignitário mostrava aos pais, um tanto reticentes, os lugares mais característicos de Lhasa que todos os tibetanos conhecem no mínimo de nome. Ao longe, destacava-se a colina de Chakpori, com sua famosa escola de medicina. Depois, a procissão ladeou o Mosteiro de Drepung, o maior do mundo. Era uma verdadeira cidade, constituída por casas de pedra e centenas de santuários cujos pináculos dourados erguiam-se em direção ao céu. O prédio da delegação britânica, oculto por uma floresta de salgueiros, ficava logo diante da porta da cidade sagrada, coroada por três chortens, santuários brancos que continham as cinzas de grandes lamas. Posicionados sobre os telhados dourados que refletiam os raios do sol, os monges anunciavam a chegada da procissão tocando oboés de três metros de comprimento. A mãe do menino sentiu um aperto no coração ao levantar os olhos em direção ao Palácio de Potala e pensar que o filho passaria a maior parte de sua vida nessa imensa construção. Para toda a população de Lhasa, homens e mulheres, jovens e velhos, essa majestosa procissão simbolizava a continuidade dinástica e, conseqüentemente, a estabilidade, a sobrevivência do Tibete. Um futuro radiante abria-se para os tibetanos, que haviam comparecido em massa. Os albergues estavam lotados e as pessoas dormiam por toda parte, em estábulos ou até nos pátios das casas. Nada podia conter a transbordante alegria desse povo, nem mesmo os chicotes e cassetetes dos policiais, que mal conseguiam esconder seu nervosismo.

“O dia de nossa alegria chegou!”, gritavam alguns, enquanto grande parte da multidão se juntava para tentar ver, mesmo que fosse apenas por uma fração de segundo, a nova reencarnação, o Menino Rei, que não perdia nada do que estava acontecendo, nem os gritos de alegria, nem as queixas da multidão.

“Parecia que eu estava sonhando. Um inesquecível perfume de flores silvestres, de liberdade e de felicidade flutuava no ar”, diria ele mais tarde.

Uma vez chegado ao santuário do budismo tibetano, o Templo de Jokhang, no coração de Lhasa, o menino se inclinara humildemente diante das imagens sagradas, deixando todos os observadores admirados com sua paciência e seu conhecimento dos gestos rituais. O pequeno monge acrescentava ao charme e à sedução o inabalável estoicismo que já mostrara quando sua cabeça fora raspada e, mais tarde, ao ser informado de seu novo nome: Jetsun Jamphel Ngawang Lobsang Yeshe Tenzin Gyatso – Santo Senhor, Glória, Amável, Eloquente, Compadecido, Defensor da Fé, Oceano de Sabedoria. A procissão parou no Palácio de Norbulingka, residência de verão do dalai-lama, onde Tenzin Gyatso, como agora era chamado o filho dos simples camponeses de Taktser, descobriria os magníficos apartamentos de seu predecessor.

“Eu tinha a estranha impressão de ter chegado em casa.”

Enquanto a família do dalai-dama era acomodada em sua nova residência de sessenta cômodos que dava para um parque que, segundo a filha primogênita, era “esplêndido, impressionante e majestoso”, o filho caçula era levado até o sétimo andar do Palácio de Potala, ao quarto que pertencera ao quinto dalai-lama. Dava-lhe a impressão de ter sido habitado por séculos. E se o menino logo notou que as oferendas aos budas depositadas no pé do altar eram invariavelmente roídas por ratos, no decorrer do tempo acabou gostando dessas criaturas, que lhe fariam companhia durante as solitárias noites de inverno, quando o frio pungente entorpece todos os membros.

O Potala, com quinhentos metros de comprimento, treze andares, mil cômodos e salas, escuros corredores, estreitas escadas e antigas capelas, parecia mais um museu do que a casa de uma criança. Nele conservavam-se pergaminhos, alguns dos quais tinham mais de dez séculos. Amplas salas estavam abarrotadas de objetos que haviam pertencido aos primeiros reis do Tibete, suntuosos presentes dos imperadores chineses ou mongóis que se juntavam aos tesouros dos sucessivos dalai-lamas, às armas e armaduras que formavam a história do Tibete. As bibliotecas abrigavam os anais da cultura e da religião tibetanas, sete mil enormes volumes, em grande parte escritos em folhas de palmeira importadas da Índia. Dois mil volumes de textos budistas escritos à mão, com tintas de ouro e prata, pó de cobre, de conchas turquesa e de coral, em que cada linha era de uma cor diferente. Nos subterrâneos do palácio, armazenavam-se manteiga, chá e tecidos para serem distribuídos pelo governo ao exército, aos mosteiros e funcionários. No centro, encontravam-se os túmulos de todos os dalai-lamas que tinham antecedido o menino de Taktser.

Nesse imponente ambiente, a educação do jovem Tenzin Gyatso era inteiramente ministrada por monges. Chamavam-no “Precioso Protetor”, “Gema que Acalma o Desejo”, ou simplesmente “Presença”. Raros eram aqueles autorizados a lhe dirigir diretamente a palavra. Ele via sua família apenas a cada quatro ou seis semanas, exceto seu pai, que fazia questão de presenciar a cerimônia do chá todas as manhãs. O Menino Deus aparecia em público somente para presidir às eternas obrigações religiosas e governamentais. Salvo a única vez em que quase desmaiara de angústia ao entoar uma prece diante de vinte mil monges no Templo de Jokhang, o jovem dalai-lama parecia estar à vontade no seu papel. Mais tarde, ele diria: “Eu curti o espetáculo”.

Aos 6 anos, sua educação tornou-se mais estrita: preces matinais, meditações, lições de escritura, de memorização, de dialética e reuniões com os representantes do governo seguiam um rigoroso protocolo. À tarde, ele podia aproveitar o tempo livre. Entre todos os presentes que

recebera, um Meccano, brinquedo de montar oferecido pelo chefe da delegação comercial britânica em Lhasa, e um telescópio eram seus prediletos. Mas quando, com a autorização de seu preceptor, o garoto corria até um dos terraços, não era pelo único prazer de poder perscrutar o firmamento com sua luneta. Daquele lugar, ele tinha uma insuperável vista de toda a cidade: a colina de Chakpori, com sua faculdade de medicina, e principalmente a residência de sua família. Podia ver os cavalos de seu pai, seus irmãos que brincavam no jardim, e até às vezes sua mãe e suas irmãs, das quais sentia imensa falta. Lembrava-se também de seus camaradas, dos animais, de tudo que o deixava feliz em seu vilarejo. Não era sempre fácil ser a “Presença”. Já entendia ele, tão jovem e, entretanto, velho de tantas vidas passadas, que, quanto mais poderoso, maiores são as responsabilidades? No Tibete, como em qualquer outro lugar, não bastava ser erudito para se tornar sábio, e seus mestres o convidavam também a desenvolver a inteligência do coração e do discernimento. Depois de cada aula, Tenzin Gyatso meditava sobre os ensinamentos do dia. Vários meses haviam sido necessários para que conseguisse impor silêncio à sua mente, que pulava por todos os lados como um leão engaiolado. Aos poucos, aprendera a se distanciar dos pensamentos inspirados pelo conhecimento para melhor apreender de dentro a realidade do mundo.

Graças a seu telescópio, supria sua curiosidade de criança enclausurada. Do terraço do Potala, observava os peregrinos que se prostravam diante do Templo de Jokhang, a silhueta de uma mulher que carregava seu filho recém-nascido, mais longe um comerciante que empurrava suas mulas carregadas de tecidos. Ao longo dos meses, fizera amigos, detentos da Prisão de Shol. De sua gaiola dourada, Tenzin Gyatso talvez se sentisse solidário com esses homens, que, por sua vez, prostravam-se assim que ele aparecia no terraço.

Em vez disso, quando os convidados viam o dalai-lama no terraço, nos dias de festa, corriam para se esconder de maneira a não entristecerem o Menino Deus, que nem podia sonhar maior distração. O dalai-dama se lembra:⁴

“Quando eu tinha 10 ou 12 anos, sentava-me em uma sala escura que dava para o norte e lia textos religiosos com meu preceptor. Mais abaixo, havia um caminho que as crianças seguiam para voltar dos pastos com o gado, e frequentemente elas cantavam trechos de óperas tibetanas. Eu queria tanto estar com elas!”

Mas sua vida então era uma mistura de solidão e educação espartana para prepará-lo a um destino excepcional. O estudo e a meditação deviam lhe permitir controlar aos poucos seus pensamentos, que tendiam a se dispersar; elevar o próprio espírito para identificar-se com ele a cada instante da vida, sem distrações; desenvolver a mais profunda percepção.

Todo ano, no fim do inverno, o dalai-lama deixava Potala rumo a Norbulingka, e a procissão marcava o começo do verão. O regente, os ministros e os chefes do exército apresentavam as armas ao Menino Deus. Uma multidão eletrizada e contida a chicotes ficava em volta de seu palanquim. Para a alegria do povo, os papagaios e rouxinóis do menino cantavam nas gaiolas

enquanto os cavalos, enfeitados com magníficos arreios, selas amarelas e rédeas de ouro, corcoveavam atrás dos cavaleiros. Os monges tocavam notas agudas nas cornetas, e a fanfarrinha de um dos regimentos entoava *It's a Long Way to Tipperary* para um público que há muito tempo esquecera a letra dessa canção popular irlandesa, mas incorporara a melodia. Como a língua tibetana era desprovida de vocabulário militar, o exército adotara as marchas dos instrutores britânicos que o Grande Décimo Terceiro havia chamado para se contrapor a uma eventual invasão chinesa.

Norbulingka, o Parque das Joias, construído no século XVIII pelo oitavo dalai-lama, era a vilegiatura predileta dos habitantes, que nele vinham se banhar e fazer piquenique, porque até mesmo nos meses de verão, em que o governo transferia para aí suas atividades, reinava um ambiente de paz e tranquilidade nos numerosos templos e nos dois palácios cercados por uma longa muralha, de dois quilômetros. Cervos, pavões e faisões deambulavam entre os pavilhões. Os peixes da lagoa subiam até a superfície quando sentiam que o Menino Rei se aproximava. Os jardineiros tinham o maior cuidado com os maciços de flores e de plantas exóticas. O dalai-lama nunca esqueceria que foi neste Parque da Joia que passou os momentos mais felizes de sua infância.

Influenciado por revistas como a *National Geographic* e a *Life Magazine* que seu predecessor colecionava, a criança, ainda pequena, ficara apaixonada pelas invenções modernas. Ao crescer, desmontava relógios e projetores e os remontava de cabeça. Depois, fizera o mesmo com dois carros Austin e um Dodge laranja, os únicos veículos motorizados em Lhasa, não utilizados desde a morte do Grande Décimo Terceiro. Tenzin Gyatso os consertara com a ajuda de dois tibetanos da cidade que sabiam dirigir, e ele mesmo os dirigia escondido pelas sendas bordadas de choupos e pelos jardins. Às vezes, batia em uma árvore ou grade diante de seus tutores e dos criados, estupefatos. Foi igualmente nessa época que, sempre influenciado por essas revistas, estudou sozinho a história contemporânea, até seu encontro com Heinrich Harrer, austríaco que escapara de um campo de internação inglês na Índia.

Logo que o conheceu, o Menino Deus bombardeara Harrer com milhares de perguntas. Como funcionava um motor? Com que se parece um arranha-céu? O que é a bomba atômica? Foi Harrer quem abriu seus olhos para o mundo. Surpreendentemente, nos círculos próximos ao dalai-lama, nem os monges nem os laicos sabiam da vida além das fronteiras do Tibete. Ninguém lia inglês ou qualquer outra língua dos países em que a imprensa divulgava ideias, opiniões ou eventos internacionais. Harrer aperfeiçoara o inglês que o jovem monarca aprendera nas revistas de seu predecessor, ensinando-lhe também noções de matemática, geografia e muitas outras coisas tão interessantes quanto a estrutura do átomo ou o porquê do fuso horário de sete horas entre Lhasa e Viena. Fizera instalar uma sala de projeção. Entre os filmes ao seu dispor, havia um documentário que o dalai-lama nunca se cansava de ver e que

ficaria gravado em sua memória para sempre: a vida do Mahatma Ghandi, apóstolo da não violência, artesão da independência da Índia. Atendendo aos desejos do menino, Harrer lhe mostrara o filme dezenas de vezes. O austríaco era fascinado pelo caráter de Tenzin Gyatso. Escreveu em suas Memórias: “Ele era modesto, tudo o surpreendia e o deslumbrava. Qualquer outra criança, filha de algum rico comerciante, era mais volúvel do que ele”.

Mas a história pôs bruscamente fim a essa amizade. Em 7 de outubro de 1950, trinta mil soldados do exército chinês, a maior máquina militar do mundo naquela época, atacaram simultaneamente seis lugares do Tibete. Dois meses antes, um terremoto devastara o sudeste do país das neves, desviando o leito do rio Brahmaputra, alagando centenas de vilarejos e provocando a morte de milhares de camponeses. Os tibetanos responderam à sua maneira a esse funesto presságio, lendo textos sagrados nas praças públicas, erguendo bandeiras de preces, fazendo oferendas e queimando montanhas de incenso. Segundo Heinrich Harrer, os tibetanos estavam convencidos de que o poder da religião era suficiente para protegê-los. A vida em Lhasa não mudara por causa do anúncio da invasão. Os habitantes aproveitavam os últimos dias de sol e se banhavam no rio, à sombra dos salgueiros e dos choupos que ondulavam lentamente à brisa cálida. Às vezes, tocavam óperas clássicas tibetanas. As pessoas cantavam, dançavam e bebiam copos de chang, a cerveja tibetana, servida por jovens mulheres. Algumas escondiam o riso cobrindo com a mão os lábios pintados com batom Elizabeth Arden, importado de Calcutá, enquanto os jovens aristocratas recitavam versos diante da multidão encantada. Ninguém parecia perceber o desastre iminente; depois, nada seria como antes. Ao receber a notícia, Harrer pensou que dessa vez seria necessário muito mais do que a prece para salvar os tibetanos.

4

Embora destinado a governar um país tão grande quanto a Europa, o jovem Tenzin Gyatso não aprendera nada dos assuntos internacionais, além das poucas noções que Heinrich Harrer lhe inculcara. Certamente ciente dessa lacuna, o jovem dalai-lama sentiu uma indizível angústia ao saber, pelos monges varredores do Potala, que, de manhã, os muros de Lhasa estavam cobertos de pequenos cartazes que pediam sua entronização imediata. A cerimônia estava prevista para acontecer apenas um ano depois. Com 4 anos de idade, os dalai-lamas são investidos do poder espiritual, mas devem esperar a maioridade para receber os poderes relativos aos assuntos temporais. Mas, nas ruas, segundo o que lhe diziam os monges varredores, canções populares pediam sua entronização. Abatido, perguntava-se como seu povo podia vê-lo como um salvador? Não estava suficientemente preparado, nem tinha idade para assumir tamanho desafio. Entretanto, os comunistas chineses haviam entrado no Tibete e falavam em revolução...

Obviamente, o “telhado do mundo” possuía tudo o que os chineses podiam desejar: espaço, riquezas minerais, florestas. E, sobretudo, uma posição estratégica para poder apontar suas armas em direção ao resto do mundo. Quem domina o Tibete domina o coração da Ásia. Aos lembrar-se dessas palavras premonitórias do Grande Décimo Terceiro, Tenzin Gyatso não conseguiu reprimir um arrepio. Pressentia que para um povo desarmado, moldado por uma fé pacífica, essa prova seria dramática. Nunca tivera noites tão agitadas.

Diante da pressão dos eventos, extremamente tenso, o oráculo do Estado, o tradicional conselheiro do governo, resolveu a questão. Uma comissão de emergência havia sido convocada no Palácio de Potala, e o oráculo oferecera um impressionante espetáculo de transe. Tremendo da cabeça aos pés, contorcendo-se sob a influência do espírito, pulara de repente de sua poltrona, colocara sobre os joelhos do dalai-lama um kata, a echarpe de seda branca, e pronunciara as palavras que transformariam para sempre a vida do jovem monarca: “Seu tempo chegou. Reine”. Com essas palavras, o oráculo decidia a irremediável entrada de Tenzin Gyatso no mundo dos adultos e punha em suas mãos as rédeas de um país em guerra. O Menino Rei tinha então 15 anos.

No Mosteiro de Kumbum, seu irmão, que se tornara abade, fora o primeiro a informá-lo do comportamento dos chineses na zona ocupada. Ele mesmo era prisioneiro no próprio mosteiro. Não somente os chineses quiseram doutriná-lo, como tentaram corrompê-lo. Deixaram-no ir até Lhasa com a condição de que convencesse o dalai-lama a submeter-se às autoridades chinesas. Do contrário, deveria assassiná-lo, ato que seria grandemente recompensado.

Tenzin Gyatso estava horrorizado. Aprendera o pouco que sabia dos chineses e do comunismo em suas leituras da *Life*. Seu irmão afirmava que a única esperança era obter ajuda estrangeira e levantar armas contra os chineses. Segundo ele, embora Buda a proibisse, algumas circunstâncias justificavam a violência, e ele estava mesmo decidido a quebrar seus votos para sair do país e procurar ajuda. Implorava que o dalai-lama fizesse o mesmo, mas este tinha outras preocupações. Faltavam apenas dez dias para a cerimônia de entronização, e ele queria realizar um antigo sonho: dar anistia geral. Entusiasmava-se com a ideia de que doravante a prisão estaria vazia, e que só lhe faltaria a frágil amizade que o uniria aos detentos. No seu velho telescópio, não veria mais ninguém senão cachorros errantes. Uma página de sua vida estaria virada.

A cerimônia de abertura começou por uma esplêndida festa, à qual todo o governo fora convidado, assim como os funcionários estrangeiros que moravam em Lhasa. Para essa ocasião, todos vestiram suas mais belas roupas. Durante a interminável cerimônia, em que o jovem dalai-lama mostrou total domínio, ele recebera a Roda de Ouro, símbolo do poder temporal. Agora, teria que enfrentar uma situação difícil e fazer todo o possível para evitar a catástrofe. Segundo

a tradição, nomeara dois primeiros-ministros: um monge e um laico. Depois, mandara delegações aos Estados Unidos, à Grã-Bretanha e ao Nepal com a esperança de obter ajuda, e outra à China para negociar a partida dos soldados. Mas todas as respostas eram negativas: as portas se fechavam, as esperanças se desvaneciam. O mundo não queria saber desse país que havia tempos imemoriais estava voltado para si mesmo. Quando os chineses aumentaram sua presença a leste do país, o governo temera pela vida do monarca. Independente do que poderia acontecer com o telhado do mundo, seu bem mais precioso, seu guia e protetor, não podia cair nas mãos inimigas. Então, com máxima discrição, organizara-se a fuga de Tenzin Gyatso em direção ao sul do Tibete, de onde ele poderia, sem dificuldade, refugiar-se na Índia, caso a situação se agravasse.

5

Na noite de 18 de dezembro de 1950, os altos dignitários, reunidos no Palácio de Potala, beberam em silêncio uma última xícara de chá. Depois, encheram de novo as xícaras e as deixaram lá, mostrando assim que esperavam regressar rapidamente. A caravana saiu à noite sob um céu estrelado como só existe no telhado do mundo. Na véspera, um comboio a precedera, carregado de mais de cinquenta caixas de ouro e prata que estavam armazenadas nos subterrâneos do Potala. O dalai-lama, comovido por essa precipitada partida e abatido com a ideia de abandonar seu povo, viajava incógnito, disfarçado de laico, por ordem do governo, que temia que ele fosse reconhecido e impedido de ir adiante. Ao mesmo tempo, os mais delirantes rumores espalhavam-se pelas ruas de Lhasa: dizia-se que os comunistas comiam os inimigos, que tinham três mãos e uma estranha boca; contava-se também que todos eram parecidos e não havia homens e mulheres. Deixada à própria sorte, a população da capital mergulhava no medo e no desespero.

Vestindo um casacão e um gorro de pele que quase lhe cobria os olhos, o adolescente gostava de descer do cavalo para conversar com seus compatriotas. Nunca Tenzin Gyatso estivera tão próximo de seu povo. Ele sentia crescer sua força diante desses olhares de veneração ansiosa. Queria merecer a confiança deles. Descobria uma nova parte de seu país e sentia o que todos os viajantes sentem no Tibete. Comovia-se com as vastas terras desérticas, os rochedos de estranhas formas, as vertiginosas grutas, os horizontes cuja luz ofusca e o silêncio que apenas o vento rompe. Esse país de titãs e deuses, que, no coração da Ásia, ocupava um planalto tão grande quanto a Europa ocidental, parecia pertencer a outro mundo. Um mundo em que a altitude média fica quatro mil metros acima do mar, onde a densidade do ar é metade daquela do resto do planeta e três quartos da umidade estão concentrados nos territórios que se estendem no sopé dos altos planaltos.

Os sete milhões de tibetanos são descendentes de tribos nômades aparentadas com os mongóis. Segundo a lenda, teriam vindo da região do mar de Tétis. Depois que o mar desaparecera, um macaco, emanção de Chenresi, o Buda da Compaixão Infinita, e uma ogra fizeram dessa imensidão sua moradia. Da união deles teriam nascido seis filhos, os primeiros tibetanos. Estes teriam se multiplicado, entrado em guerra, e nomeado reis e generais, mas precisaram esperar o reinado do trigésimo terceiro monarca, Songtsen Gampo, para se unificar e formar o império que se tornaria o maior da Ásia.

Paradoxalmente, o trigésimo sétimo monarca, Trisong Detsen, que levara seu império ao apogeu, espalharia as sementes de sua decadência ao desenvolver os princípios de não violência de uma nova religião: o budismo. O fervor com o qual os tibetanos se exercitavam nas artes da guerra foi dedicado à busca da paz. Essa mudança se explica pela própria essência do budismo, que preconiza que o sofrimento é indissociável de toda forma de vida, e que é apenas ao ter consciência da natureza ilusória da existência que podemos alcançar a liberdade, o estado de buda. O budismo maaiana, a escola que se enraizou no Tibete, não somente destaca a necessidade de alcançar a iluminação para livrar do sofrimento todos os seres sensíveis, como também o fato de a procura do nirvana ser uma obra coletiva. Consequentemente, a compaixão, e sua projeção sobre toda a comunidade, com sua carga de renúncia e sabedoria, impregnou a alma tibetana. Caçar, pescar e até matar um inseto tornaram-se atos imorais. Na época da viagem de Tenzin Gyatso, moinhos de oração acompanhavam por toda parte o cochicho dos mantras, e bandeiras sagradas constelavam o céu. As montanhas de pedra em que estava gravado Om Mani Padme Um e os santuários em forma de espiral, os chortens, transformavam a paisagem em uma viva rede de lugares sagrados, vinculados entre si por um fluxo constante de peregrinos.

Em uma das inumeráveis trilhas de montanha, que o dalai-lama tivera que percorrer para chegar próximo à fronteira da Índia, produziu-se um incidente que quase levou a viagem a fracassar. Monges peregrinos o reconheceram e lhe suplicaram que regressasse.

“Foi um momento de extrema tensão. As lágrimas deles expressavam angústia e desespero. Não podiam suportar a ideia de que eu pudesse abandoná-los”,⁵ conta o dalai-lama.

O preceptor do monarca tivera que se prosternar até o chão para suplicar-lhes que deixassem passar a caravana. Os monges acolheram seu pedido depois que ele prometeu voltar logo.

Todas as delegações enviadas ao estrangeiro voltaram sem êxito. Só faltava receber notícias de Pequim, onde se encontrava a missão dirigida por Ngabo Ngawang, governador da região de Chamdo. O enviado fora encarregado pelo dalai-lama de declarar que os tibetanos não queriam ser “libertados” pelos chineses, mas que, mesmo assim, não queriam que as relações com o vizinho se degradassem. Sobretudo, pretendia evitar as mortes que a tomada de Lhasa pelo Exército de Libertação do Povo inevitavelmente provocaria. Embora não esperasse nenhum

milagre, ainda assim não podia prever a notícia transmitida pela Rádio Pequim na noite de 23 de maio de 1951. De sua cela em um mosteiro próximo à fronteira indiana, o dalai-lama ouviu nas ondas uma voz dura e agressiva que dizia coisas incompreensíveis. O governo da República Popular da China e o “governo local” do Tibete acabavam de assinar um acordo de 17 pontos para a “libertação” do telhado do mundo. Tratar-se-ia de um pesadelo? A delegação tibetana assinara, contra sua vontade, um acordo que transformava, de fato, o país das neves em território chinês.

Logo depois, um telegrama do chefe da delegação que fora a Pequim confirmava a notícia e avisava que o novo governador do Tibete, general Chian Chu-wu, estava a caminho para conversar com o dalai-lama. Enquanto seu irmão e Heinrich Harrer, que havia fugido para o outro lado da fronteira, aconselhavam-no a se refugiar na Índia – “os Estados Unidos estão prestes a nos ajudar. Se estão lutando contra o comunismo na Coreia, também o farão no Tibete” –, seus dois primeiros-ministros lhe suplicavam, por meio de insistentes mensagens, que voltasse à capital. O povo reclama a Presença. Qual decisão tomar?

O exílio e a ajuda americana significavam a guerra da qual sua educação não violenta o afastava naturalmente. Convencido de que a esperança estava no diálogo com o inimigo, ele resolveu esperar pela delegação chinesa, e, depois, voltar a Lhasa para reencontrar seu povo.

Em 16 de julho de 1951, um mensageiro alcançava o mosteiro e anunciava a iminente chegada dos chineses. O jovem monarca saía na varanda para observar a estrada com seu telescópio. Por causa do calor, nuvens de bruma levantavam-se no fundo do vale. E ele logo distinguia três homens vestidos de uniformes cinzas que contrastavam com as roupas de seda vermelha e dourada dos dignitários tibetanos. Uma glacial cordialidade presidira o encontro. O dalai-lama se lembra:

“O general era amigável, pouco protocolar. Entregou-me uma carta de Mao Tsé-tung que citava a primeira frase do acordo em que me desejava as boas-vindas na pátria mãe. Uma frase da qual eu já tinha horror. Quando o general me entregou a carta, reparei que usava um relógio de ouro. Em seguida, ele me perguntou se pretendia voltar a Lhasa. Respondi que não ia me demorar. Eu estava convencido de que ele queria fazer a viagem comigo para se aproveitar da vantagem política de entrarmos juntos na capital. No fim da entrevista, eu tinha conseguido não me comprometer e voltar a Lhasa dois dias antes dele.”

Para seu regresso à capital, toda a população estava na rua. Mas a alegria de rever a Presença estava misturada com o medo do futuro.

E, de fato, três semanas depois, a mesma multidão se agrupava para ver passar um contingente de três mil soldados do Exército de Libertação do Povo, que agitavam bandeiras vermelhas e a efígie de seu Deus, o presidente Mao. Os olhos das mulheres estavam cheios de

lágrimas, os homens cuspiam no chão, em sinal de desprezo, ou batiam nas mãos para afugentar os demônios.

O lento e obstinado rufar dos tambores de guerra acordara o jovem monarca antes mesmo que os soldados entrassem na capital. De um dos terraços do Potala, ele seguia a progressão da interminável coluna envolta por uma nuvem de poeira. Ao observá-los com seu velho telescópio, percebeu que os soldados estavam extremamente magros e pareciam esgotados por causa dos ferimentos e da altitude. Sentiu piedade de seus inimigos, mas ao mesmo tempo um profundo mal-estar ao ver bandeiras vermelhas (não era a cor com a qual a natureza expressa o perigo?), homens marchando com o olhar vazio, fixado no horizonte. As frases do testamento de seu predecessor voltavam à sua mente e, então, com o coração apertado, o telescópio debaixo do braço, ele deu meia-volta e entrou no palácio.

Nas semanas seguintes, um suplemento de vinte mil homens chegava a Lhasa. Precisavam de comida, roupas e alojamentos. Primeiramente, os chineses requisitaram as casas e obrigaram o governo a lhes dar duas mil toneladas de cevada. A população não entendia por que o preço dos cereais dobrara de um dia para outro. Os chineses, que chegaram de mãos vazias, exigiam tudo, arruinando a frágil economia do país das neves. Pela primeira vez na história, os habitantes de Lhasa sofriam por causa da fome. A hostilidade contra os chineses redobrou. Os tibetanos cuspiam e jogavam pedras nos soldados; os monges faziam uma bola com as dobras da túnica para bater naqueles que se aproximavam demais. Logo se espalharam canções que ridicularizavam o general Chian e seu relógio de ouro, e quando os tibetanos descobriram que os oficiais chineses carregavam espessas peles debaixo da farda, o desprezo somente aumentou. Um movimento de resistência popular se constituíra, exigindo junto ao governo tibetano e ao comandante chinês a retirada das tropas. De manhã, os muros de Lhasa apareceram cobertos de cartazes exigindo a saída dos invasores. O escritório do governo estava inundado por queixas do povo tibetano, mas também dos oficiais chineses, indignados com a hostilidade que lhes testemunhava a população da capital ocupada. Aos poucos, o tom subia. Os generais chineses acusavam o governo tibetano de apoiar os rebeldes. As relações entre o general Chian e os dois primeiros-ministros do dalai-lama estavam cada vez mais tensas. Várias reuniões se encerraram com insultos e socos. O tempo da cordialidade tinha acabado.

As ameaças eram tamanhas que Tenzin Gyatso pensou em afastar seus dois primeiros-ministros para poupar a vida deles. Irritar as autoridades chinesas só podia alimentar o círculo vicioso da repressão chinesa e do ressentimento da população e levar a explosões de violência. Para este jovem monarca, era ilusório pensar em expulsar os chineses pela força. Os ocupantes saíam vitoriosos de qualquer confronto, e o povo tibetano, desarmado e desorganizado, seria a principal vítima. Apenas a não violência permitiria talvez reaver um pouco de liberdade com o decorrer do tempo. Em outras palavras, era necessário resistir passivamente ou cooperar dentro

de limites bem definidos.

Foi com o coração apertado que o dalai-lama demitiu seus ministros, embora estes entendessem sua decisão. Antes de liberá-los, o Deus Rei colocou em volta do pescoço deles a tradicional echarpe sagrada, e eles não conseguiram segurar as lágrimas. Tenzin Gyatso optou por não nomear sucessores. Doravante, ele enfrentaria os generais chineses. Aos 16 anos, ficaria sozinho diante dos ocupantes.

6

Abatido devido ao seu papel e ao peso da solidão, Oceano de Sabedoria não tinha mais do que seu sorriso para opor-se aos irascíveis oficiais chineses. Sua família partira para o exílio, seus irmãos tentavam desesperadamente obter uma ajuda estrangeira, ele sentia falta de seus dois ministros. Mas, mesmo assim, não se deixava manipular; resistia a cada momento aos generais, cedendo às pressões somente para evitar um mal maior. Sua finalidade era impedir, a qualquer preço, que a invasão se transformasse em carnificina. Entretanto, a situação se deteriorava a cada dia. A economia estava exangue, não somente os chineses haviam proibido o nomadismo, como agora monopolizavam o comércio e impunham cultivos agrícolas inadaptados à altitude do país. Não apenas seus compatriotas estavam famintos por causa dos chineses, mas o país havia sido transformado em um imenso quartel. Nas ondas da Rádio Pequim, os dirigentes do partido anunciavam a intenção de abrir o Tibete à colonização chinesa.

Em Shigatsé, a segunda cidade do Tibete, os chineses preparavam a cerimônia de entronização do panchen-lama, segunda autoridade espiritual do país. Criado em um mosteiro próximo à fronteira chinesa, ele caíra muito cedo nas mãos dos invasores. De passagem em Lhasa, encontrara-se com o Deus Rei. Ambos eram da mesma região, e haviam sido reconhecidos ainda quando crianças como sendo altas reencarnações. Representavam as duas mais importantes linhagens dos mestres espirituais tibetanos. Comovidos, os dois monges se aproximaram, mas os agentes chineses de segurança tomaram cuidado para que não trocassem nenhuma confiança e apressaram a partida do panchen-lama. Ao vê-lo se afastar, Tenzin Gyatso já sabia que os chineses fariam tudo o que fosse possível para trazê-lo para seu lado. Ele seria uma arma perfeita contra o dalai-lama, um contrapoder, uma marionete que controlariam. Dois anos depois, ignorando que no Tibete os panchen-lamas nunca haviam tido autoridade política, Mao organizava a entrada triunfal do menino em Shigatsé. Ele era cercado por uma impressionante escolta e pelo aparato completo do poder. Mas o panchen-lama logo perderia as boas graças dos chineses, porque, apesar de tudo, mantinha-se fiel a seu povo. A tragédia de sua vida simbolizaria, mais do que qualquer outra, o drama tibetano.

No Potala, a revogação dos primeiros-ministros aliviara um pouco o clima. Os chineses prometeram garantir a liberdade religiosa, construir novos hospitais, novas escolas e estradas. Entretanto, os panfletos propagandistas eram curiosos. Que os chineses quisessem ajudar a modernizar o Tibete, tudo bem, mas que incitassem a população a “se unir para expulsar as forças imperialistas” não fazia nenhum sentido. Seis ocidentais que se haviam instalado no Tibete antes da invasão já tinham ido embora. Para o irmão do dalai-lama, as promessas chinesas eram “mel passado sobre uma faca: quem o provar corta a língua”.

No fim do ano 1953, Pequim teve que reconhecer que suas tentativas para instalar um governo fantoche e manter o controle do país tinham fracassado. O Partido Comunista decidiu desconsiderar o acordo de dezessete pontos de Pequim e intervir diretamente nos assuntos do Tibete. O dalai-lama foi convidado a ir até a capital chinesa, onde o presidente Mao lhe exporia suas decisões. Tenzin Gyatso aceitou o convite, apesar da forte oposição de seus conselheiros mais próximos, que temiam que os chineses não o deixassem voltar. Mas ele não quis perder a ocasião de persuadir a maior autoridade chinesa a suavizar a política de ocupação.

Na manhã de 11 de julho de 1954, dezenas de milhares de fiéis se reuniram nas margens do rio para lhe desejar boa viagem e, sobretudo, feliz regresso. Ele fora saudado pela música das fanfarras. Estandartes flutuavam ao vento em meio à bruma de incenso. Um tapete branco fora desenrolado até a beira do rio, onde o Deus Rei subiu em uma canoa feita de pele de iaque. Uma sombrinha amarela, segura por um monge, protegia seu rosto do sol. Uma vez sentado, ele se virara para saudar seu povo e constatara que muitos choravam. Alguns pareciam prestes a se jogar na água ou estavam convencidos de que nunca mais o viriam. Tenzin Gyatso sentira então a mesma tristeza que quando partira para a Índia, quatro anos antes. A tristeza de não poder fazer mais para aliviar os sofrimentos de seu país.

Uma imponente comitiva o acompanhava quando ele subiu no Dodge laranja, transportado em uma balsa. O dalai-lama escolhera o Mosteiro de Ganden como primeira etapa. Situado a quarenta quilômetros da capital, era o mais bonito e impressionante do Tibete. Os templos, com seus brilhantes telhados dourados e elegantes prédios com muros brancos e uma listra púrpura destacavam-se dos picos cobertos de neve da paisagem. Ganden, que significa “paraíso de alegria”, era a terceira universidade monástica do Tibete. Seus três mil e trezentos monges se encarregavam de preservar a herança literária e artística do país, de assimilar os amplos conhecimentos médicos de seus ancestrais, e de se aperfeiçoar nas artes plásticas e na arquitetura. Fora no claustro desses grandes mosteiros, habitados, em determinadas épocas, por um quarto da população masculina do país, que florescera a cultura do Tibete. Os meninos entravam com 7 anos, e apenas os mais brilhantes eram autorizados a seguir os estudos superiores, que, para os melhores entre eles, permitiriam que se tornassem lamas, e, para os demais, construtores, artistas, artesãos, cozinheiros, servidores, enquanto um grupo de monges estava encarregado das tarefas administrativas. Todos tentavam alcançar a iluminação por meio

de uma rigorosa disciplina mental baseada no ritual, na contemplação e na meditação cotidianos. A existência dos monges era regulada por uma vontade divina, da qual os lamas, esses monges que haviam alcançado a alta condição de mestres depois de vinte anos de estudos e meditação, eram os intérpretes. Em Ganden, que seguia os ensinamentos da Escola Gelugpa, a escola dos gorros amarelos na tradição budista do dalai-lama, os estudantes memorizavam e debatiam assuntos durante vinte anos, antes de passar por exames finais que lhes permitiriam chegar ao nível de doutores da divindade. Apenas os eremitas os superavam em termos de rigor. Isolavam-se, às vezes por toda a vida, em uma gruta ou uma cabana de montanha, acompanhados por alguns discípulos, para pôr em prática uma austeridade física e mental extrema. Mas os mais eminentes religiosos eram os quatro mil tulkus, encarnações de lamas capazes de escolher o momento e o lugar de sua reencarnação. Identificados pelos adeptos ainda crianças, eram devolvidos aos mosteiros para levar adiante a grande obra budista: conduzir todos os seres ao Despertar. No topo dessa hierarquia espiritual ainda hoje estão as altas emanções de Buda, entre as quais se destaca o dalai-lama, a mais sagrada presença na terra, encarnação viva de Chenresi, o protetor do Tibete.

Tenzin Gyatso, seguido pelos abades com olhar circunspecto e gestos ponderados, fora rezar no túmulo de Tsongkhapa, o fundador da Escola Gelugpa, situado em um templo no centro de Ganden. Chamou sua atenção uma estátua que representava uma cabeça de búfalo, símbolo da divindade protetora do Tibete, que olhava para o chão com submissão.

O dalai-lama conta:⁶

“Eu não estava preparado para o curioso fenômeno que testemunhei. Antes de deixar Ganden, constatei com surpresa e sem dúvida alguma que a estátua havia se transformado. Sua cabeça estava virada para o leste e seu olhar expressava uma crueldade evidente. Mais tarde, soube que, quando parti para o exílio, as paredes de uma das capelas de Ganden se cobriram de sangue.”

O dalai-lama se despediu dos abades, que estavam inquietos devido a sua viagem. Alertaram-no contra os chineses, que não hesitariam em lhe fazer uma lavagem cerebral. O dalai-lama lhes respondera: “É impossível, seria como se tentassem arrancar a memória de um homem”.

Foi necessário abandonar o Dodge depois de alguns quilômetros, porque não havia estradas no Tibete. O cortejo seguiu a viagem em mulas, e Tenzin Gyatso teve todo o tempo necessário para refletir sobre o aviso dos monges. Ele tinha consciência da sua ansiedade, mas acreditava em si. Nada podia apagar o que ele herdara de suas vidas anteriores: o respeito pela sabedoria e a certeza de que a felicidade não pode ser ditada. A felicidade está em cada um, e se cultiva na paz interna, onde se encontra o espírito infinito. Será que um dia os chineses entenderiam isso?

³ Panchen-lama é o nome atribuído ao número dois da hierarquia budista. (N. T.)

[4](#) *Au loin la liberté*: autobiographie du dalaï-lama. Paris, Fayard, 1993.

[5](#) *Au loin la liberté*: autobiographie du dalaï-lama, cit.

[6](#) *Au loin la liberté*: autobiographie du dalaï-lama, cit.

III

DIAS DE LUA E DE VENTO

I

Para as detentas da Prisão de Gutsa, a esperança de encontrar o dalai-lama era mais do que um sonho; permitia que suportassem uma existência feita de humilhação e sofrimento. Depois de vinte cinco meses passados naquela cadeia, elas tomaram consciência de que seria impossível viver no Tibete depois que fossem soltas. Se os tibetanos são marginalizados no próprio país, para elas seria ainda pior. Deveriam viver em uma prisão sem grades em que seriam permanentemente vigiadas pelos comitês populares e comissários políticos dos vilarejos; não poderiam praticar sua fé, instruir-se com um lama nem ir adiante pelo caminho da realização interior.

É necessário esperar o fim da pena, sair de Gutsa. Depois, pensar em escapar dessa gigantesca prisão entre o céu e a terra: o Tibete. A única direção possível, rumo ao sul, assusta os mais valentes. Mas é preciso fugir, e a pé. Andar, andar, andar... outro sonho na escuridão da cela. Andar tornou-se o símbolo da liberdade, e sua simples recordação estimula as prisioneiras. Desde sempre, os tibetanos se deslocam a pé com uma bagagem leve, sem se apegar a nada, mas também sem nada desprezar. Sob a cúpula do céu, envoltos por picos cobertos de neve, com um caminho de peregrinações e numerosas vidas à sua frente, os tibetanos percorrem os lugares sagrados em uma viagem que é a réplica terrestre da única jornada que realmente importa para eles, a viagem interna. O peregrino vai além do horizonte, em direção a um lugar que existe no mais profundo dele, mesmo que não o veja. E muitos são os peregrinos que durante anos percorrem milhares de quilômetros, prostrando-se até o chão com regularidade.

As religiosas detidas porque ousaram soltar um grito de liberdade querem fugir para oferecer seu testemunho ao mundo, para falar da capital onde todas as tentativas de protesto são severamente reprimidas, para denunciar o flagelo do alcoolismo, a esterilização forçada das mulheres, para contar a luta de um povo que se tornou minoria oprimida em seu próprio território.

Em 1993, havia sete milhões e meio de chineses para seis milhões de tibetanos, uma invasão demográfica cada vez mais alarmante. Hordas de chineses imigram para o país das neves

seguindo as recomendações dos altos dignitários do Partido Comunista. Para que esqueçam seus preconceitos de que o Tibete é um deserto gelado povoado por selvagens, eles recebem vários benefícios: três ou quatro vezes o salário que teriam na China, empréstimos sem juros, moradia garantida. Muitos privilégios lhes são concedidos, e até uma gratificação de risco por eventuais problemas respiratórios, devido ao fato de o Tibete ficar a quatro mil metros de altitude. Florestas inteiras foram destruídas e paisagens depredadas para que as colônias chinesas pudessem tomar posse de prédios de cinco ou seis andares, com água e luz, enquanto os bairros tibetanos são abastecidos por apenas três ou quatro horas ao dia com eletricidade, e somente aqueles próximos aos bairros chineses. Os imigrantes apropriam-se dos restaurantes que por tradição são comércios tibetanos, e ocupam as profissões de alfaiate, carpinteiro e pedreiro. O número de mendigos tibetanos cresce a cada dia.

Essa invasão é acompanhada por um genocídio. Ninguém escapa às medidas desumanas de controle da natalidade, que foram reforçadas em 1989, depois que um relatório da Academia das Ciências Sociais de Xangai aconselhou a criação de uma força especial para realizar abortos sistemáticos em mulheres pertencentes a minorias nacionais cuja população seja superior a quinhentas mil pessoas. Equipes sanitárias percorrem o país das neves para aplicar a lei, e benefícios econômicos são proporcionados àqueles que praticam o maior número de esterilizações e abortos.⁷ Presenciam-se cenas atroztes em que grupos de mulheres, e até adolescentes, são empurradas em caminhões que as levam a hospitais. Nas regiões mais afastadas, equipes de enfermeiras e médicos chineses circulam em jipes, seguidas por caminhões carregados de material sanitário. Viajam por três ou quatro meses, indo a todas as aldeias para procurar mulheres grávidas do terceiro ou quarto filho, às vezes até do segundo. Ao final de cada viagem, eles tratam uma média de dois mil casos. Relatórios que denunciam abortos forçados em mulheres de gravidez bastante avançada foram confirmados com a descoberta de fetos de quatro ou cinco meses em lixeiras do hospital de Chamdo. Chegaram até a exterminar recém-nascidos em famílias que já tinham dois filhos. Ao dar à luz, a mãe ouve o grito do bebê e depois é informada de que ele morreu durante o parto. Uma médica tibetana atestou mais tarde que os bebês, saudáveis e bem formados, foram afogados em baldes d'água ao nascer. E acrescentou: “As mães enlouquecem”. Um médico chinês, interrogado por uma comissão de inquérito sobre direitos humanos, reconheceu que fora obrigado a matar recém-nascidos para alcançar sua meta de abortos. Se não o tivesse feito, teria perdido os benefícios econômicos vinculados à sua atividade e sido demitido. Para os tibetanos, que vivem a fé budista de forma intensa, pôr fim a qualquer forma de vida é uma terrível transgressão, e o controle da natalidade, um verdadeiro traumatismo, cujos efeitos são devastadores.

Entre essas paredes que parecem exsudar todo o sofrimento do mundo, Kinsom, Yandol e suas amigas sonham em denunciar as condições de detenção, as torturas, os estupros. Aos poucos, a

fuga e o exílio impõem-se às suas mentes. Kinsom percebe isso à medida que se aproxima o fim de sua pena de trinta meses. Obstinar-se não serviria para nada. Sua pena a proíbe de voltar ao seu mosteiro, e ela não será admitida em nenhum outro. Não poderá estudar nem participar da luta de seu povo. Será necessário que ela parta a pé, atravesse desfiladeiros de mais de cinco mil metros de altitude sem documentos, porque as autoridades chinesas jamais lhe darão um passaporte, por temer que denuncie as atrocidades das quais foi vítima e testemunha. Mas ela ouviu falar em redes clandestinas. Precisarão encontrar o contato certo e o dinheiro necessário para a viagem até a fronteira da Índia ou do Nepal. A jovem Yandol, de bochechas cheias e coradas, o rosto de mulher-criança cor de cobre, também compartilha desse sonho de liberdade. Ela se vê na Índia, em Dharamsala, em um mosteiro de sua comunidade, onde meditará e aprenderá, esperando o dia em que poderá voltar a um Tibete independente. Imagina que isso não passa de uma quimera, mas necessária para sobreviver em Gutsa.

As duas prisioneiras foram transferidas para o Pavilhão no 4, aquele dos detentos políticos, religiosos em sua maioria. Estão aliviadas porque temeram ser misturadas aos detentos de direito comum. Todavia, os chineses também querem evitar o contágio reacionário dos laicos. As duas mulheres compartilham a cela com sete outras jovens monjas, entre as quais Dawa, cuja história é tristemente conhecida na prisão e nos meios da resistência.⁸ Em 1989, depois de ter sido presa, fora torturada no escritório da polícia. Um dos policiais usou uma lâmina de barbear para cortar o mamilo de seu seio esquerdo e os tendões do dedão do pé. Em seguida, trancaram-na em uma cela disciplinar sem curativos. Ao ser transferida para a cela de Kinsom e Yandol, recolhera-se a um canto, como um animal caçado, com as mãos sobre o peito, temendo a presença de uma espiã entre as detentas. Aos poucos, Kinsom conseguiu obter sua confiança; dava-lhe comida e a cobria com roupa quando começava a tremer. A jovem Yandol conseguiu limpar suas feridas derramando chá morno sobre as chagas para desgrudar a pele da roupa.

Exceto a visita mensal da família e a breve saída, cada uma por sua vez, para esvaziar o balde que serve de vaso sanitário coletivo, as jovens mulheres, durante esse primeiro ano de detenção, estão na maior parte do tempo ociosas. Nem têm o direito de falar tibetano, de maneira que conversam em voz baixa, vigiando de soslaio a porta da cela. Quem for pego cometendo o delito da meditação corre o risco de ser pendurado pelos pés e espancado. Hora, dias e semanas se passam em uma exasperante monotonia. É como se estivessem olhando para uma imagem fixa cuja trilha sonora teria sido composta pela rádio chinesa: ouvem-se os risos grosseiros dos guardas, as tosses, o barulho das fechaduras e o rangido das dobradiças.

Felizmente existe a amizade. Esse grupo de mulheres, privado de qualquer intimidade, constitui uma família. Protegem-se umas às outras. Para lutar contra o frio, aconchegam-se; distribuem igualmente entre si os alimentos que as famílias trazem; contra o desespero, compartilham a mesma fé; contra o medo, os mesmos sonhos de liberdade. A solidariedade é tão

pujante que cada uma sente na pele as provas sofridas por suas camaradas. Quando uma é solta, as outras se alegram, enquanto aquela que sai não contém as lágrimas. Chora porque doravante está sozinha, longe deste reino sagrado, protegido do mundo profano, no qual se tornara a cela suja. Nem Kinsom nem Yandol já haviam experimentado tamanhos sentimentos. Eles não são comparáveis às emoções que tiveram sob o teto familiar. O vínculo que as une às prisioneiras é mais profundo, moldado pela solidariedade diante da dor. Fundiram-se na mesma pureza de espírito, na mesma indiferença para com seu sofrimento, na mesma adoração que sentem por seu país agonizante e por seu supremo símbolo, o dalai-lama.

2

A coragem e a independência das mulheres tibetanas sempre surpreenderam os viajantes que por séculos se aventuraram pelo alto país das neves.⁹ Uma antiga lenda fala de uma terra onde os homens eram soldados ou criados, nunca chefes. O poder estava nas mãos das mulheres. Para a maior surpresa dos ocidentais, elas então tinham dois ou três maridos, que aceitavam dividir sua cama. De fato, a poliandria se explicava pelo insuficiente número de mulheres nas regiões mais afastadas. Esse costume, acrescentado às duras condições de vida, formou o caráter da mulher tibetana. Por sua vez, Alexandra David-Neel, que percorreu sozinha essa região no começo do século XX, também destacou a coragem das tibetanas:¹⁰ “Poucas europeias ou americanas se aventurariam a viver nos planaltos, totalmente isoladas, em pequenos grupos de quatro ou cinco. Nessas condições, poucas se arriscariam a iniciar viagens de vários meses, ou até anos, em regiões de altas montanhas solitárias, rodeadas por bandidos e animais selvagens”.

O ocupante chinês às vezes se depara com esse temperamento modelado por séculos de luta pela vida no meio de uma natureza tão hostil para o ser humano que parece pertencer a outro mundo. Tendo mais apego às tradições que os homens, por causa do papel essencial que têm na família e na educação dos filhos, as jovens tibetanas lutam para defender o que ainda resta de sua antiga cultura. Para a maior parte delas, a melhor maneira de assegurar a sobrevivência dessa herança é adicionar aos votos religiosos certo engajamento político; um religioso pode se envolver na ação política mais facilmente do que um civil, que deve proteger sua família.

Todavia, no Tibete, a religião era justamente o único âmbito em que tradicionalmente as mulheres não eram consideradas iguais aos homens. As monjas, menos numerosas que os monges, sempre tiveram um papel marginal, ou até subestimado. Os mosteiros delas, contrariamente aos dos homens, era instituições pobres e incapazes de ministrar os mesmos ensinamentos.

Por que motivo então uma jovem tibetana poderia querer se tornar religiosa? Frequentemente

devido à vocação, mas também ao desejo de agradar a seus pais, ou ainda de escapar à dura vida dos leigos, para viver ao lado de outro membro da família, para subir na escala social. Vestir a roupa de Buda garantia certo status, mas apenas a devoção religiosa e a sincera realização dos votos inspiravam o respeito. Para todas essas jovens, viver enclausuradas em um mosteiro lhes permitia principalmente ter acesso à memória coletiva do país e às raízes de sua espiritualidade.

Contrastando com o número de mestres que marcaram a história do Tibete, poucas mulheres adquiriram verdadeira fama devido a seus ensinamentos, embora a vida de algumas iogues tenha se tornado fonte de inspiração para as religiosas contemporâneas. As biografias dessas grandes iogues, bem conhecidas dos tibetanos, misturam lendas e histórias verdadeiras, de maneira que é difícil dissociá-las. Assim, conta-se a história de uma religiosa que meditava em uma gruta e nunca lavava seu hábito. Quando morreu, seus discípulos reduziram sua roupa a pó e o misturaram com areia para preparar remédios, que tinham a fama de curar as doenças mais comuns. Outra história conta a vida de uma religiosa isolada em uma cabana que podia ler o passado e prever o futuro com extrema exatidão. Outras ainda falam de mulheres que viviam mais de cem anos por praticarem o chulen, que consiste em substituir os alimentos comuns por ervas e pequenas pedras.¹¹ Essas histórias evocam também religiosas cujo corpo se dissipou no dia em que morreram, ou outras cujos restos permaneceram intatos por dias. Para o budismo tibetano, a realização espiritual é frequentemente vinculada à morte. Nesse preciso momento, o espírito pode decidir a qualidade de sua futura reencarnação, sendo a morte um espelho em que se reflete todo o sentido da vida. A passagem para a morte favorece uma intensa meditação que permite alcançar um inegável patamar. De fato, todo budista espera morrer antes de seu mestre, sabendo que este saberá guiá-lo pelo caminho do bardo, lapso de tempo entre a agonia e a morte que também é uma nova forma de vida no ciclo das reencarnações. O bardo é o eco da vida inteira, motivo pelo qual os mestres dizem que viver bem é aprender a morrer bem, para viver melhor de novo. Na tradição tibetana, não se comemora o aniversário do nascimento dos mestres, mas o de sua morte, isto é, a iluminação.

Durante a cremação dos grandes adeptos, produzem-se, às vezes, manifestações sobrenaturais, como o aparecimento de um arco-íris ou uma chuva de flores e de raios. As pessoas que presenciaram a morte de Jetsunla, uma religiosa muito devota, contam que o ar se impregnara de perfume, que se ouvira o zunido de címbalos e que, durante sua cremação, um arco-íris aparecera no céu. A santidade dessas mulheres suscitava, e continua suscitando, imensa veneração entre os tibetanos.

Os méritos dessas santas permitiram que as mulheres passassem a ser reconhecidas no budismo tibetano, porque, tanto no país das neves como em outras culturas, os homens se atribuíram todos os cargos públicos e eclesiásticos, excluindo as mulheres dessas responsabilidades. Muito mais facilmente do que as religiosas, os monges podiam receber

educação, obter ajuda econômica e postular melhores cargos. Aliás, os mosteiros de mulheres sempre ficavam sob a tutela de homens e sob a autoridade de um eclesiástico. Este os visitava raramente, o que, paradoxalmente, permitia que as religiosas tivessem o controle da rotina da instituição.

Entretanto, a história recente acabou por abalar essa hierarquia. Desde que as noviças, quase crianças ainda, passaram a se engajar na resistência, os tibetanos começaram a venerá-las incomensuravelmente. Antes, essas mulheres tinham um papel secundário. Hoje, porém, se o fato de elas se colocarem na linha de frente mostra o desespero do povo tibetano, evidencia ao mesmo tempo sua capacidade de resistir. Em alguns anos, conquistaram o respeito e o reconhecimento que lhes foram recusados por séculos. Entre 1988 e 1994, em Lhasa, cinquenta e cinco por cento das cento e vinte e seis manifestações populares foram organizadas por monjas.¹² As religiosas tibetanas de hoje pertencem a uma geração de insubmissas prestes a sacrificar sua juventude, pois consideram o ativismo político um complemento à busca da iluminação. Estão convencidas de que, ao dedicar a própria vida à causa, reencarnarão em outra forma humana e, assim, poderão seguir rumo ao nirvana.

Assim se explica a determinação delas. A não ser ao alcançar a Iluminação, nenhuma forma de vida escapa ao ciclo do nascimento e da morte, esse oceano de sofrimento chamado “samsara”, fluxo de perpétuas dissoluções em que se manifesta a vida da matéria. Essa dolorosa condição obriga homens e mulheres a reencarnar em níveis às vezes inferiores àqueles que conheceram nas vidas anteriores. Por exemplo, é possível reencarnar como animais. Mas, como o renascimento é determinado pelo carma de cada um (a soma das boas e más ações acumuladas durante as vidas) e pela maior ou menor pureza do espírito no momento da morte, de certa forma a reencarnação é uma escolha. É o poder de alguns seres merecedores de controlar seu futuro nascimento da mesma maneira que Buda, o príncipe que viveu como um mendigo. Ao alcançar determinado nível de perfeição, que os budistas chamam “consciência sutil”, o espírito humano não morre, no entendimento comum da palavra. Merece renascer em outro corpo. Os budistas acreditam que essa consciência primordial e pura, cuja força nada iguala, também é o princípio criador da existência; em último caso, o espírito de tudo o que existe. Essa consciência sutil existe em cada um desde tempos imemoráveis e perdura até que a iluminação seja alcançada. Eles a chamam “o ser”, e aparece em formas de vida diferentes: animal, humana e búdica. É a base da teoria do renascimento. Ao longo dos séculos, o espírito sutil adotou diferentes aspectos, e sempre esteve à procura da Iluminação, do nirvana, um infinito descanso, tanto que o fato de pensar nele ou de transformá-lo em objeto de desejo torna-o mais distante.

Portanto, quando o espírito alcança tal grau de perfeição, esquece a si próprio e se une ao mundo, sem reflexão, sem dúvida ou distanciamento. Quando o indivíduo alcança uma alta realização espiritual, seu espírito escolhe a forma seguinte, um renascimento humano, que

representa a única esperança de um dia conhecer o despertar. É a reencarnação, que as religiosas prisioneiras almejam, convencidas de que nelas há algo que nada ou ninguém pode destruir ou alterar, e que não pode morrer. Lá, nos limites do efêmero e do eterno, residem seu segredo, sua força, sua vontade de tudo sacrificar em prol da causa.

3

No final de quinze meses, as autoridades decidem que chegou o momento de iniciar uma reeducação mais ativa. O tempo do castigo acabou; agora, é preciso corrigir, pelo trabalho e pela doutrinação, os espíritos corrompidos das reclusas. Um dia pela manhã, Kinsom, Yandol, Dawa e quatro outras companheiras são levadas à sala de interrogatório. Kinsom treme de pavor ao se aproximar da porta, e lamenta essa reação. Ela acreditava ter se tornado mais sábia, mas seu pavor lhe mostra o caminho que ainda precisa percorrer para controlar suas emoções. Invoca a deusa Tara, perfeição de sabedoria, emanação das lágrimas do Buda da Compaixão, o eterno protetor do Tibete. Tara a resguarda dos medos e do apego, e a ajuda a afastar-se do samsara, do ciclo da vida terrestre, das emoções primárias e do oceano das dores.

Desde o início da sessão, Kinsom entende que não precisa temer as descargas elétricas nem o suplício do aeroplano. Doravante, segundo o oficial chinês, as prisioneiras serão consideradas “estudantes”. Não lhes fora prometida a reeducação pelo trabalho? Os chineses sempre cumprem suas promessas. Até a comida vai melhorar. É verdade que elas deverão alcançar determinada cota de produção. Os chineses oferecem a redenção mediante a produtividade. E, como não há outra escolha, as religiosas baixam a cabeça em sinal de submissão.

A pequena Yandol foi mandada às cozinhas. De manhã bem cedo ela sai da cela e passa treze horas entre marmitas e panelas, preparando o chá preto e cozinhando a sopa de legumes em fogo muito brando. Quando se sente menos vigiada, põe mais legumes, até o dia em que é repreendida. Precisa ser extremamente cautelosa, mas, toda vez que pode, acrescenta um pouco de manteiga ao preparo. Ela tem acesso ao armazém e aproveita-se disso para roubar farinha e arroz. Um dia a pegam roubando, e ela é trancada na câmara frigorífica em que a carne é armazenada. De repente, acha-se envolta por pedaços de carne pendurados em ganchos, comida como nunca vira em toda sua vida. Tem apenas 17 anos. No começo, teme ser mandada embora das cozinhas, mas, com o passar do tempo, acaba imaginando que foi esquecida lá. Ela se identifica com aqueles pedaços inertes de carne; abandonada à própria sorte, pensa que vai morrer de frio e inanição. Começa a bater, em vão, na porta. Uma angústia como nunca sentira toma conta dela. Incapaz de controlar essa sensação de claustrofobia, quer gritar, mas sua garganta está tão fechada que não consegue emitir nenhum som. Está começando a tremer quando a porta se abre de chofre. Um guarda a tira de lá de dentro. Ela fica admirada por não ser

obrigada a cumprir outras tarefas, por não ser espancada nem trancada em uma cela de isolamento. Logo vai perceber que o castigo que lhe é reservado é muito mais sutil. Junto com prisioneiros muçulmanos, é obrigada a participar da matança de porcos e patos. Os budistas, especialmente os monges, são proibidos de pôr fim a qualquer forma de vida. A pobre Yandol chora a agonia desses animais e sente raiva por ter de quebrar seus votos dessa forma. Apesar do risco, a vingança consistirá em continuar roubando comida para compartilhá-la com suas companheiras e acrescentar manteiga e legumes à sopa. Será essa sua maneira de ajudar todos os prisioneiros, religiosos e leigos, a suportarem o calvário de Gutsa. Por causa do frio, da falta de higiene e dos ferimentos consequentes às torturas, muitos prisioneiros estão doentes e não têm direito a tratamento médico. A maior parte dos guardas mostra-se indiferente às lamentações e acusa os doentes de mentira. Mas a febre, as dores nas costas e as diarreias são verdadeiras.

A vida dessas jovens religiosas se baseia em uma perfeita cumplicidade. Cada uma delas tenta de toda maneira ajudar as outras. Kinsom foi escolhida para trabalhar nas estufas, tarefa muito mais penosa do que trabalhar nas cozinhas. Quando volta à cela, falta-lhe tempo para informar suas camaradas do que viu: caminhões lotados de novos prisioneiros, essencialmente monges e monjas. Na rua, a repressão está cada dia mais dura. Dawa, a religiosa mutilada no seio, encarregada da limpeza dos banheiros dos oficiais, obtém por meio de outras prisioneiras informações sobre as mudanças na política dos chineses, sobre as atividades do dalai-lama ou os últimos rumores da resistência. Sem dúvida, em reação a tudo por que já passou, Dawa está convencida de que o Tibete logo será libertado, opinião que deixa os outros céticos. Entretanto, ao ouvi-la, a esperança das mais jovens parece redobrar.

A cada manhã, Kinsom deve juntar todos os dejetos em um carrinho de mão, misturá-los à turfa e espalhar essa mistura pela horta. Na China, os excrementos humanos sempre foram utilizados como adubo, e o Tibete deve seguir esta regra. Depois, Kinsom vai até as estufas. Lá, os detentos cultivam legumes para abastecer a prisão e as feiras locais. Todos devem cumprir uma cota mensal de produção, e aqueles que não a alcançam primeiro são seriamente admoestados durante a sessão de educação política e, depois, punidos. À noite, durante essa odiosa sessão, os estudantes devem fazer comentários sobre a lição da manhã. Aqueles que mostram pouco empenho ou os mais atrasados acabam em uma cela disciplinar. Professores, chineses e membros de partido, são enviados ao Tibete para denegrir o antigo regime: “Convidamos o dalai-lama para visitar Lhasa, e ele se recusou”, é uma das calúnias prediletas. “Antes, no Tibete, cortavam-se as mãos e os pés dos prisioneiros. Hoje, isso não é mais praticado...”, dizem a um auditório composto por pessoas cujo corpo foi destruído pelas torturas. Ao ouvir essas mentiras, Kinsom e suas companheiras sentem ainda mais energia para resistir. O antigo Tibete com certeza não era um modelo de democracia, até o dalai-lama

reconhece isso, mas, como esses preceptores chineses podem criticá-los, se eles mesmos estão a serviço de um Estado torturador?

4

À medida que os dias e semanas passam, Kinsom vê suas amigas irem embora, uma após outra. Dawa, a jovem mutilada, foi a primeira a ser liberada. Deseja regressar ao seu mosteiro, apesar de seus antecedentes. É sua única chance de sobreviver, já que não tem dinheiro, muito menos para voltar à casa de seus pais, que moram do outro lado do Tibete. “Vou esperar por vocês e juntas iremos ver Sua Santidade!”, disse-lhes ao deixar a cela, porque, assim como as outras e junto com elas, Dawa sonha em fugir. Ainda continua sonhando com isso no dia em que é solta, enquanto, curvada, com a pele macilenta, descarnada, vai se dirigindo, mancando como um pássaro ferido, até a porta. Aos 25 anos, já parece uma velha que carrega nos ombros todas as desgraças do mundo. Entretanto, mantém-se otimista. Um otimismo que beira a insensatez.

Depois é a vez de Yandol, com quem Kinsom compartilha misérias e esperanças há quase dois anos. Ao chegar o momento em que deve se separar de sua amiga, que considera como uma irmã, Kinsom não consegue esconder seu desespero. Lágrimas correm por seu rosto. Estava chorando quando Yandol a conheceu, e é chorando que se despede dela. Quanto caminho percorrido desde que se conheceram! Com as mãos, Kinsom segura o rosto redondo de sua amiga e a beija com todas suas forças. “Logo nos veremos”, diz para Yandol. Quando a porta da cela se fecha, Kinsom sente um imenso vazio. Nos dias e noites que se seguem, parece-lhe que Yandol ainda está na cela; pode senti-la, como um mutilado ainda sente o membro amputado. Com os olhos semicerrados, murmurando, refugia-se na meditação para não mergulhar na melancolia. Sente no fundo de si uma energia oculta, que lhe permitiu sobreviver ao encarceramento e que lhe dá força e lucidez. Logo virá a sua vez de ser solta.

Um dia, enquanto o pior já parece ser coisa do passado, os guardas levam todas as prisioneiras da cela de Kinsom ao hospital. Trata-se de uma construção deteriorada, suja, com equipamentos antigos. Cerca de trinta prisioneiras são trancadas em um cômodo com cadeiras e aquecedores a carvão. Os guardas, com a maior civilidade, lhes distribui tigelas contendo uma bebida muito suave. Kinsom não entende por que de repente passam a tratá-las com tanta delicadeza. A resposta não vai demorar. Sob o efeito da bebida e do calor, ela, assim como todas as suas companheiras, começa a transpirar muito e seu rosto fica escarlate. Depois de uma hora, um grupo de médicos chineses entra na sala. Sentam-se e tiram de suas pastas grandes seringas que espetam nas mãos das prisioneiras para colher sangue, com o qual enchem várias garrafas. Elas percebem então que a bebida que tomaram serviu para ativar o fluxo sanguíneo. Algumas, com o corpo inchado, desmaiam. Kinsom quase desfalece ao voltar para a cela. Ficou

o dia todo deitada sobre seu catre, incapaz de se mexer. As outras prisioneiras lhe dizem que seu rosto ficou lívido.

É um tipo de presente de despedida macabro. De fato, logo depois, ela recebe a notícia de que sairá antes do final de junho, pois sua pena foi reduzida em três meses. Ou os guardas da prisão acham que ela foi reeducada, ou precisam esvaziar as celas para receber novos detentos. O verdadeiro motivo é que Gutsa está para ser visitada por uma delegação de observadores estrangeiros; os chineses querem separar aquelas que poderiam falar demais ou que apresentam marcas de tortura muito visíveis, e Kinsom não é mais do que a sombra de si mesma.

“Mostramos nossa boa vontade ao libertar você antes do fim da pena. Pode agradecer à pátria mãe!”, diz-lhe o educador.

Foi libertada em 22 de junho de 1993. Ao preencher os formulários de saída, fizeram as contas: ela deve pagar dois iuanes por dia pelas despesas de manutenção, ou seja, um total de 1.980 iuanes, valor que ela não tem, claro. Ela é intimada a pedir o dinheiro para alguém, do contrário é bem provável que permaneça na cadeia até conseguir pagar sua dívida. Então, Kinsom se lembra do recibo de seiscentos iuanes que assinou no dia em que chegou a Gutsa.

“Tomem esse dinheiro”, diz-lhes, prometendo pagar o saldo pedindo esmolas nas ruas de Lhasa.

Finalmente, deixam-na ir embora, sem deixar de avisá-la de que não pode falar com ninguém: nem da comida da cadeia, nem da coleta forçada de sangue, nem das pancadas e das torturas. Ao lhe devolverem suas roupas pessoais, acrescentam:

“Se participar de outra manifestação, teremos de matá-la.”

São as últimas palavras que ouve antes de ouvir atrás de si o rangido das portas metálicas.

Finalmente livre! Kinsom enche os pulmões com o ar seco da primavera. Está diante da entrada de Gutsa, com uma miserável trouxa e sem dinheiro. Todavia, está feliz. Praticamente todas as tibetanas que tiveram a sorte de sair vivas da prisão têm lesões físicas, sejam problemas de vista por causa dos golpes no rosto, seja surdez parcial, seja claudicação ou fraqueza crônica. Kinsom, por sua vez, sofre de incontinência urinária, e a coleta de sangue a deixou sem forças. Mas ela sai vitoriosa. Os chineses não conseguiram quebrá-la. Sobreviveu ao frio, às sessões de reeducação, ao roubo de sangue... Doravante, sente-se mais tibetana e budista do que nunca.

Aonde ir? Em direção à Índia, para realizar o sonho que alimentou durante todos esses meses. Mas ela está esgotada demais para começar uma viagem, mesmo que fosse só até a casa de seus pais. Deve ir com calma, saborear sua liberdade, acostumar-se a ela como se redescobrisse um prazer esquecido. Decide voltar ao mosteiro que deixou para fazer uma simples compra, há três anos. Quer tentar ser admitida de novo, embora tema uma recusa. Vestirá o hábito, raspará a cabeça e voltará a ser o que era.

Um caminhoneiro a deixa no centro da fervente Lhasa, e ela tem a impressão de mergulhar em uma cidade desconhecida. O centro da cidade mudou muito. Nos anos 1990, três mil sobrados foram destruídos. O bairro tradicional, que fica em volta do Templo de Jokhang, é um enorme canteiro de obras onde crescem de qualquer jeito prédios de concreto. O barulho ensurdecedor das escavadeiras e britadeiras se mistura ao do trânsito desmedido, do qual se destacam os novos táxis vermelhos. Monumentos milenares e lugares sagrados são demolidos, vítimas de algum plano de desenvolvimento urbano. As pequenas ruas, que em 1989 serviam de refúgio para os manifestantes, foram transformadas em largas artérias para facilitar a rápida intervenção da polícia.¹³ Sob sua aparente modernidade, Lhasa está ficando vulgar. Cada vez mais turistas andam rapidamente atrás de guias chineses, mas, é óbvio, não se trata de um sinal de abertura. “Se pudessem visitar Gutsa...”, pensa Kinsom ao cruzar um grupo.

5

A jovem religiosa percebe seu estado de fraqueza ao subir os últimos quilômetros que a separam do mosteiro. Não sente mais as pernas e, a cada dois passos, precisa parar e retomar fôlego. Ela, que antes era capaz de carregar sacos de pedras nas costas, hoje não consegue mais carregar sua alma. Mas a perspectiva de voltar ao lar – é assim que vê o mosteiro –, de estar com suas irmãs, dá-lhe forças para ir adiante.

Faz paradas frequentes. Sentada em uma pedra, admira no horizonte o brilho laranja dos últimos raios de sol, os cumes das montanhas, que parecem postas sobre uma colcha de nuvens. Mais perto, as águas de um rio correm semelhantes ao mercúrio. Os damasqueiros estão em flor, ervas aromáticas perfumam o ar e o canto dos pássaros envolve a primavera. Extasiada por tanto espaço e beleza, Kinsom segue sua lenta subida, dosando o esforço e impregnando-se com tudo o que vive ao seu redor. Aos poucos, a sombra das montanhas, como um escuro manto, se estende sobre o vale. Kinsom acelera o passo para chegar antes da mordida do frio.

Seu rosto se ilumina quando vê as telhas prateadas do mosteiro. Sua casa ainda está de pé, o fruto de seu trabalho. Naquele momento, não sente mais cansaço, pelo contrário. Envoltas no canto dos pássaros e no cheiro dos zimbros, ela tem a impressão de repousar no centro do universo, de se fundir à vida primordial da criação. Sim, é possível sair do campo de batalha que é a existência humana, vencer o medo da morte e do sofrimento. Acaba tendo certeza disso nesse instante de felicidade eterna e fugaz, em que seu corpo, seu espírito e a natureza formam um todo. O batimento que ouve não é o do seu coração cansado, mas o do coração do mundo. O que é a religião senão apreender o infinito em todos os momentos? Essa experiência pura, que gostaria de prorrogar, dá-lhe uma inabitual exaltação, como se a longa noite de Gutsa nunca tivesse existido. Como se os horrores, os choros de seu país não fossem mais do que uma

lembrança ruim, longínqua e confusa. Como se o caminho que leva ao paraíso já fosse o paraíso.

Anoitece quando Kinsom chega ao mosteiro. Ela bate na porta. O grito de um morcego lhe responde. Ela insiste, e acaba ouvindo um barulho de passos com uma respiração ofegante. Uma noviça abre a porta e se assusta ao ver essa desconhecida de rosto extenuado, descabelada e vestida em farrapos. Embora Kinsom tente tranquilizá-la sobre sua identidade, a noviça está muito nervosa.

– Você não pode ficar aqui – diz-lhe. – É perigoso, somos constantemente vigiadas...

Ambas sabem que os chineses, para evitar que a revolta se alastre, mantêm os antigos detentos longe das comunidades religiosas.

– Não tenho para onde ir – responde Kinsom, ofegante.

Do batente da porta a noviça a examina.

– Tudo bem, entre.

O mosteiro não é mais do que um prédio sem vida onde os passos ecoam lugubrememente. Não somente a construção foi interrompida, mas parte do telhado desabou. As religiosas se juntaram em três cômodos. Kinsom é informada que depois das comemorações do prêmio Nobel da Paz a situação piorou nos mosteiros. Um grupo de dez funcionários chineses instalou-se ali por cinco meses. Tomavam todas as decisões e tornaram tão impossível a vida das religiosas de forma que muitas decidiram regressar para suas aldeias. Outras foram expulsas. De agora em diante, os chineses aparecem a qualquer momento, inspecionam tudo e controlam todos os fatos e gestos. Das duzentas religiosas que havia antes, apenas cerca de vinte ficaram.

Kinsom pergunta sobre Ani Choki, sua antiga mestra. As religiosas nunca mais a viram desde sua detenção. Sabem que foi internada em um campo de trabalho próximo a Lhasa e que, ao sair de lá, permaneceu em Lhasa, onde vive clandestinamente. Nunca voltou ao mosteiro, nem uma única vez sequer. Kinsom então entende o perigo que faz correr as religiosas. Ani Choki evitou comprometê-las. Agiu sabiamente. Kinsom, ao contrário, comportou-se de forma egoísta. Seu apego às lembranças foi mais forte que seu respeito aos outros; agora, ela lamenta seu comportamento.

Kinsom se esconde no mosteiro o tempo suficiente para recuperar forças. Embora os ruídos de fora a façam temer a chegada dos chineses, e mesmo que esteja se preparando para deixar essa casa, a estada lhe faz muito bem. Ela tomou a decisão de não raspar a cabeça e não usar o hábito. É óbvio que sua única chance de sobreviver está na Índia. Para tanto, ela deve passar despercebida e vestir-se de rapaz, como já está fazendo. Decidiu também ir até a casa de seus pais antes de iniciar sua viagem. Não somente para recompor-se fisicamente, mas porque deseja

avidamente revê-los. Talvez não tivesse sobrevivido em Gutsa sem suas visitas, os pacotes de alimentos e o constante apoio que lhe deram.

Ao contrário de Lhasa, a aldeia não mudou. Ela reencontra as mesmas casas de pedra em volta de prados e os mesmos bosques de cedros. Há igualmente algumas barracas, ocupadas por familiares de passagem, ou por aqueles que não têm dinheiro para construir uma casa. As bandeiras de prece flutuam ao vento. De início, seus irmãos não reconheceram a silhueta descarnada de Kinsom. Foram os gritos de alegria de sua mãe que levaram todos, parentes e vizinhos, a se precipitar para receber a filha pródiga, aquela que se atreveu a gritar em nome de todos. Nunca o lar desses camponeses, em parte nômades, conheceu tamanha manifestação de alegria e solidariedade. A criança voltou. Maltratada, coberta de cicatrizes, mas viva. Kinsom os abraça. Mais tarde, aproxima-se do altar, sempre o mesmo, acende a lamparina de manteiga de dri¹⁴ e a coloca ao lado da imagem de Buda.

À primeira vista, a aldeia parece viver no mesmo ritmo de sempre, mas, após alguns dias, ela percebe que reina uma tensão entre os camponeses e pastores, que são obrigados a dar parte de sua produção às autoridades chinesas. Para alimentar o número crescente de funcionários encarregados de vigiá-los, os moradores do vilarejo acabam se arruinando. E a desconfiança está por toda parte; os chineses se informam sobre tudo e aterrorizam a população.

Kinsom é informada da detenção de uma de suas amigas de infância, que também ingressara em um mosteiro. Seus pais foram visitá-la. Eles querem saber as condições de vida no campo de trabalho de Chizom, onde se encontra sua filha, e o que mais lhe falta, porque, assim que as autoridades deixarem, vão querer vê-la. Kinsom não diz nada a respeito das surras, estupros e torturas. Pelo contrário, tranquilizou-os. Ela não está a salvo?... “Chizom é muito menos duro que Gutsa”, acrescentou, oferecendo-lhes uma xícara de chá quente. Os pais da jovem detenta foram embora aliviados. Kinsom, por sua vez, sente-se vazia. Quem sabe o que infligem à filha desses coitados? A visita dessa família lhe faz ter consciência de sua própria desgraça. Ela se surpreende ao constatar que as lembranças, quando vêm à tona, lhe provocam tamanho sofrimento. Uma dor quase física. Será que ela continua a mesma de antes ou terá sido irremediavelmente marcada?, pergunta-se. Essa visita lhe ensina quanto é penoso falar sobre Gutsa, exceto com suas companheiras de cela ou com aquelas que viveram a mesma experiência. Essas lembranças não se compartilham. Fazem parte do carma de cada um; é melhor que fiquem escondidas no fundo da memória.

6

Kinsom passa o verão de 1993 com sua família, mas tudo a leva a querer fugir do Tibete: o fato

de não poder se reintegrar à vida monástica, o controle sempre mais exacerbado dos chineses sobre os nômades, a prisão da filha dos pastores. Em Dharamsala, ela poderá prosseguir com sua instrução, estudar os textos antigos e ajudar os refugiados. Será útil, livre para oferecer seu testemunho e contar os sangrentos detalhes da ocupação de seu país. O inevitável momento da decisão se aproxima. O inverno está chegando; se não for embora agora, terá que esperar o próximo ano.

Ela gostaria de saber onde está Yandol, sua companheira de cativo, mas por onde começar as buscas? O mais urgente é ir para a capital e encontrar um guia, um homem das montanhas disposto a levar refugiados até o Nepal. Uma amiga em quem confiou lhe disse o quanto é difícil encontrar alguém honesto. Ouviu falar em um mosteiro em Lhasa que põe em contato candidatos ao exílio com guias de confiança. O problema é arranjar dinheiro, cerca de dois mil iuanes, o equivalente a vários meses de salário de um funcionário público. Kinsom não tem outro recurso senão pedir a ajuda de seus familiares, tarefa ainda mais delicada, já que ela não quer informar seus pais de seu plano de fuga. Ela sabe que, em caso de algum problema, sua família sofrerá retaliações. Ademais, tem certeza de que seus pais vão se opor à sua decisão. Desta vez, arrisca tudo. A viagem que está prestes a começar não tem esperança de volta. Será a grande aventura de sua vida, mas ela tem que organizá-la em total segredo.

Kinsom não precisa explicar à família o motivo de sua viagem. Todos sabem que ela foi marcada para sempre e nunca poderá retomar sua vida normal. Quando a notícia de sua partida se espalha, pequenas quantias em dinheiro lhe são enviadas por seus tios, parentes distantes, famílias de amigas encarceradas... A solidariedade nas mais altas montanhas do mundo é tão natural quanto o instinto de sobrevivência. Kinsom suspeita que sua mãe tenha participado indiretamente na arrecadação. Entretanto, a velha montanhesa não lhe faz perguntas nem deixa transparecer se soube alguma coisa a respeito de seus projetos. O pai não suspeitou de nada. Quem ajuda secretamente Kinsom sabe que é melhor que seja assim.

Numa manhã de outubro, Kinsom informa seus pais de que está indo por alguns dias para Lhasa. Mal consegue falar, tamanha é sua emoção. Na noite anterior, sentiu-se em dúvida. “E se me prenderem?” Sabe que, se for reincidente, os chineses poderão se vingar dela por meio de sua família. “Terei o direito de colocá-los em perigo?”, pergunta-se. “Será que minha decisão está de acordo com os preceitos do darma?” Então, imagina-se ficando na casa de seus pais, e acaba no mesmo impasse. Ser apenas pastora nessas montanhas? “Deixar a vida passar sem nada fazer para ajudar os outros, para melhorar meu carma?” Sua decisão tem sentido. É necessário que ela dê um passo adiante, que corra o risco. Sua experiência a ajudará a se sair vitoriosa desse desafio. Evita prolongar a despedida; contudo, sua mãe insiste em acompanhá-la em parte do caminho, como costumava fazer. Não trocarão nenhuma palavra a mais, entretanto, no luminoso olhar da mulher, a filha acredita adivinhar uma mescla de inquietude e confiança,

angústia e esperança. Elas se abraçam silenciosamente. Ouve-se apenas o estalo das bandeiras de prece que flutuam ao vento.

Em Lhasa, Kinsom vai até um mosteiro situado perto do Templo de Jokhang, ilha de tranquilidade no meio do caos. Segundo sua amiga, é lá que poderá encontrar um guia confiável, que não a abandonará ao primeiro sinal de perigo. Uma noviça lhe abre a porta e a conduz, por um labirinto de estreitos corredores, até uma cela mobiliada com um colchão colocado no chão e uma pequena mesa repleta de oferendas e textos sagrados. A religiosa que organiza as fugas chega rapidamente. É idosa, levemente curvada, e seu rosto é tão enrugado que parece ter cem anos. Seus lábios são finos, e tudo nela respira a austeridade de uma asceta. Vestida à paisana, seu cabelo é comprido e liso. O olhar penetrante, de olhos negros e brilhantes, é singular. Um olhar que Kinsom reconheceria entre mil. Está diante de sua mestra, Ani Choki, a santa rebelde.

Mais tarde, Kinsom diria: “Ela parecia saudável, embora mais magra. Seu corpo era como um junco depois da tempestade. Era a mesma venerável Ani Choki de antigamente, um pouco menor, se possível. Apenas a vivacidade de seu olhar deixava transparecer a intensidade de sua fé e a força de seu caráter”. Sempre contida, procura não exagerar nas demonstrações de afeto. Contenta-se em apertar por um instante, contra o peito, as mãos de Kinsom. Em seguida, ascende alguns bastonetes de incenso, prazer requintado das horas de meditação. O suave perfume toma conta do minúsculo cômodo. Kinsom sente-se transportada aos felizes tempos da reconstrução do mosteiro. Ela começa a falar de Gutsa. Está atormentada por ter sido obrigada a quebrar seus votos... e de que maneira! Mesmo que tente raciocinar, está interiormente convencida de que não é mais pura, e não consegue tirar essa ideia da mente. Um ato só é impuro se a intenção é impura.

“Você não podia fazer nada”, diz-lhe Ani Choki. “Não pense mais nisso e siga adiante... O que importa é a felicidade, não o sofrimento.”

Ani Choki organiza uma travessia que acontecerá quatro dias depois, a última da estação, porque o inverno está se aproximando. Outras religiosas, antigas prisioneiras em Lhasa, também devem fazer parte da expedição.

Kinsom dispõe de alguns dias antes de partir. Assim sendo, Ani Choki lhe recomenda ser o mais discreta possível, não falar com ninguém sobre a fuga e, sobretudo, não tentar encontrar suas companheiras de Gutsa. “Elas podem estar sendo vigiadas”, disse. Então lhe pede que visite uma jovem encarcerada em Drapchi, a prisão para longas penas. Detida durante uma manifestação pacífica, seu comportamento desperta a admiração dos tibetanos. Aos vinte e um anos,¹⁵ Sandrol, com a ajuda de treze detentas, encontrara um gravador graças ao qual registrou canções patrióticas. As jovens prisioneiras conseguiram fazer com que a fita saísse da prisão e começasse a circular pela cidade. Kinsom a escuta, com o coração apertado. Essas canções contam também sua história.

Ani Choki enviou a fita para a Índia, de onde foi difundida até na Europa. As catorze religiosas pagaram caro essa iniciativa. As autoridades triplicaram as penas. O caso das “cantoras de Drapchi” veio se juntar ao drama tibetano.

Kinsom deve vencer seu medo de entrar no recinto de uma prisão. Basta ouvir o rangido metálico de alguma porta para que as piores lembranças a assombrem de novo. Mas ela soube se controlar. As horas de meditação não foram em vão. No recinto de visitas, as guardas são tantas que logo entendeu que lhe seria impossível trocar informações. Sandrol então chega, algemada e com os pés amarrados. Está esquelética. Sorri como uma criança. Não há rastro de ódio em suas palavras, mas uma forte vontade de resistir. Ela apenas tem tempo de contar que acaba de passar quatro meses em uma cela de isolamento, porque, depois de discutir com uma guarda, foi suficientemente corajosa para gritar “Viva o Tibete livre!”. Acaba de saber que sua pena passou de nove para dezoito anos.

“Já estaremos em 2010 quando eu sair”, diz sorrindo.

Encarrega Kinsom de informar sua família a respeito disso. A jovem mulher não pode continuar, porque a guarda que as vigia põe fim ao encontro.

Dezoito anos de prisão por ter gritado palavras de ordem políticas! Metade de uma vida atrás das grades! Kinsom está atônita; ninguém pode medir melhor do que ela os sofrimentos de Sandrol. Agora, percebe que teve sorte de sair de Gutsa... porque também ela se revoltou contra os guardas.

Ao deixar Drapchi, diz a si mesma que não somente levará o recado da jovem mulher como fará todo o possível para divulgar sua história no Nepal e na Índia. “Tiraremos você daí”, prometeu a Sandrol, que lhe respondeu com mímica afetuosa, parecida com a saudação tradicional dos tibetanos, que esfregam nariz contra nariz em sinal de amizade.

7

“Você vai partir na próxima quarta-feira”, disse-lhe Ani Choki. “Que eu saiba, haverá também outra noviça, e uma família de khampas, e talvez mais alguém. Nunca se sabe, quando se trata dos guias.”

Toda descrição é indispensável durante essas perigosas negociações para a travessia dos fugitivos até o Nepal. Mais de uma vez um espião se infiltrou em um grupo, e os guias desconfiam de todos.

Kinsom está feliz. Sabe que será necessário atravessar os mais altos desfiladeiros antes das primeiras neves, do contrário correm o risco de ficar bloqueados. Todavia, está confiante; essa filha das montanhas está ciente de seus limites diante do frio glacial e da falta de oxigênio.

Cuidadosamente prepara sua bagagem. Comprou uma mochila na qual coloca primeiramente um cobertor e depois duas calças, uma camisa, uma malha, meias de lã, um gorro e três pares de tênis. Em seguida, cuida dos alimentos: tsampa, carne seca, manteiga e chá. Gostaria de levar uma lembrança da família, mas há lugar apenas para o essencial.

Na primeira quarta-feira de novembro, Kinsom se despede de sua mestra e amiga.

– Voltaremos a nos encontrar?

– Se não for nessa vida, será em outra... – responde-lhe, sorrindo, a velha religiosa.

Ela fica por um momento no batente da porta, olhando sua discípula se afastar pela rua. Depois, entra no mosteiro para continuar sua tarefa, que consiste em ajudar as jovens religiosas a atravessar a fronteira. Cada exilado é uma semente que faz germinar em outro lugar a cultura e a tradição do Tibete. Os chineses podem destruir o país, mas não seu espírito. Assim pensa Ani Choki, nessa glacial noite de outono.

Com a mochila no ombro, inquieta, Kinsom caminha em direção ao ponto de encontro. À noite, Lhasa se estonteia nos prazeres. Nos botecos e prostíbulos, os tibetanos se esbaldam com uísque e vinho chinês. Os bares de caraoquê estão tomados por jovens prostitutas que contam banalidades a um público de militares. Brigas acontecem por nada. Lhasa lembra as cidades de pioneiros do Oeste americano ou da Amazônia, com as ruas animadas, indígenas e colonos que se enfrentam, prostitutas e bandidos, um mundo de violência e desespero. Embora vestida como um rapaz, a religiosa tem medo. Está sempre com a impressão de que todos com quem cruza são policiais prestes a dar o alarme. Mas ninguém a nota. Se já é difícil adivinhar que uma mulher está disfarçada debaixo dessa roupa, é ainda mais complicado pensar que se trata de uma monja.

Na penumbra de uma rua pouco movimentada, ela percebe um caminhão estacionado. Cinza, sem para-choques, igual a um animal selvagem. Um grupo está cochichando diante da porta da cabine. Há um homem velho e tão magro que parece sem peso nem substância. Ela distingue também um homem mais jovem, que deve ser o guarda. Não é possível lhe dar uma idade precisa. Com o rosto escondido pela gola de seu anoraque, ele usa óculos escuros amarelos apesar da escuridão. Fala com voz brusca e vigia os arredores de soslaio.

– Você está com a grana? – pergunta secamente.

Kinsom segura com toda a força o maço de cédulas. O homem não lhe inspira confiança. Esses pequenos papéis amassados representam todo o esforço de sua família e amigos, seu futuro e suas esperanças.

– Então me dê.

Kinsom examina o rosto do homem, salpicado de pintas. “Deve ser um khampa, um filho das montanhas, dos planaltos”, pensa. Ela não tem outra escolha a não ser confiar nele e esquecer seu cabelo amarfanhado, os traços austeros e gestos bruscos. De todo modo, não há outro guia.

Com um gesto rápido, Kinsom lhe entrega quase toda a sua fortuna, e o guia lhe faz um sinal para subir.

Ela joga primeiramente a mochila, e depois sobe na traseira do caminhão. Dentro a esperam, mudas, lastimáveis, malvestidas, coladas umas às outras. Kinsom passa por cima delas e se senta no fundo. Põe a mochila sobre as pernas e levanta a cabeça. Na sua frente está sentado um jovem rapaz cujos traços lhe parecem familiares.

– Kinsom? – pergunta o jovem.

A jovem mulher mal consegue acreditar no que está vendo. Não se trata de um jovem rapaz, é Yandol, sua companheira de cela, também disfarçada de rapaz, agasalhada em um paletó de antílope que sua mãe lhe dera para a viagem. Seu sorriso não se parece com nenhum outro. Quando ri, seus olhos oblíquos fazem pregas no canto das pálpebras. Atônitas, as duas amigas seguram as mãos uma da outra e se abraçam, reprimindo a alegria para não chamar a atenção. Uma alegria que celebra a magia da vida. Os outros fugitivos as olham desconfiados; o ambiente não está propício a esse tipo de efusão. Mas como poderiam imaginar que o que as une provocaria esse riso incontrolável? Como poderiam imaginar o insondável abismo de dor do qual conseguiram escapar? Os perigos da viagem, a inquietante personalidade do guia, as patrulhas chinesas, as tempestades de neve... tudo isso é pouco se comparado à alegria do reencontro. Ani Choki, ao reuni-las sem dizer nada, ofereceu-lhes o mais inesperado e inestimável dos presentes. Essa viagem não se anuncia mais como uma aventura penosa e solitária; de agora em diante, é um ato de resistência, uma profissão de fé, uma etapa a mais para compartilhar no caminho da liberdade. Em um segundo, tudo mudou.

– E Dawa? – pergunta Kinsom.

A religiosa cujo seio fora horivelmente mutilado não foi autorizada a voltar a seu mosteiro. Depois de ter pedido esmola por certo tempo, entrou como babá para o serviço de uma rica família de Lhasa. Desde Gutsa ela sofre de anemia. Apesar de seu ardente desejo de acompanhá-las, teve de renunciar a atravessar o Himalaia.

O motor está roncando. O guia ajuda o último passageiro a subir: é um menino de cerca de 10 anos, com bochechas redondas e vermelhas e muco no nariz. Ele usa um paletó no qual faltam quase todos os botões. Chora ao se despedir do pai, cuja figura se afasta pela ruela. É uma verdadeira fortuna o que o homem entrega ao guia para que seu filho possa se refugiar na Índia e estudar em Dharamsala.

– Se formos parados, direi que estamos indo a uma peregrinação – diz o guia. – Sobretudo, vocês não me conhecem, e escondam bem o menino, porque não podemos despertar suspeitas.

Os passageiros ouvem a porta se fechar, e depois o motor rugir quando o motorista engata a marcha. Assim que começam a andar, o vento se torna glacial, e eles se juntam ainda mais uns aos outros. O caminhão passa diante de Norbulingka, o antigo palácio de verão do dalai-lama,

antes de seguir pela estrada da amizade que liga Lhasa a Katmandu. Essa estrada é asfaltada somente nos primeiros quilômetros. De vez em quando, placas mencionam números que parecem indicar a altitude e de fato informam a distância até Pequim.

Yandol olha o menino com preocupação, perguntando-se como ele vai resistir ao rigor da viagem. Não parece preparado para a odisséia que espera por eles. Está vestindo um simples paletó sobre uma malha grossa e um par de tênis usados. A jovem religiosa sente pena do menino e adivinha facilmente os motivos pelos quais seus pais o puseram naquele caminhão. Todo ano, centenas de filhos são exilados de suas famílias porque não podem ser educados como tibetanos no próprio país. São obrigados a se tornar chineses. Na Índia, os jovens refugiados ficam ao encargo da comunidade exilada. Afastados de seus pais, definitivamente na maior parte dos casos, tornam-se órfãos de fato.

O caminhão atravessa o Tsang-Po, um rio que depois, nas regiões baixas da Índia, de torna o tumultuoso Brahmaputra. Os passageiros trocam apenas algumas palavras. As histórias, as brincadeiras, os contos e risos de um povo cheio de vida e bom humor desapareceram. De vez em quando, um deles suspira ou reza, mas esse murmúrio logo esvanece. Manter o corpo aquecido é a única preocupação.

O velho, um pouco afastado dos demais, não dá a impressão de sentir tristeza nem ansiedade. Além da paisagem lunar, seu olhar interior parece descobrir encantados vales, animadas cidades e imensas estepes. É o verdadeiro Tibete, do qual ele conhece todos os caminhos e trilhas. Toda vez que quiser, poderá encontrar essas imagens no fundo de sua memória. Para ele, viver é se lembrar.

Durante a noite, Kinsom imagina a vida dos vilarejos que o caminhão atravessa: o calor que os animais exalam ao dormir, a tosse das crianças, os gemidos dos mais velhos, ao longe o latido de um cachorro, o cheiro da fumaça, da palha e da manteiga de garrafa. A chama vacilante da lamparina que ilumina os altares escondidos, a lua que sobe até o coração do céu. Ela pensa em sua família, em seu pai. Terá ele entendido sua decisão? Ele, que desejava tanto que sua filha ficasse na aldeia, para levar uma vida simples e tranquila, o que pensaria ao vê-la dentro de um caminhão ao lado desses corpos transidos? Separar-se de seus pais faz parte do curso natural da existência; afinal, cada um tem o seu carma.

Apesar disso, cada quilômetro percorrido provoca um pouco de dor. Poderá vê-los de novo? Voltará a passear pelas ruas de Lhasa? Regressará ao Tibete? Por um instante, a ideia de que a fuga é um ato de covardia, que ela deixa seus compatriotas sozinhos para enfrentar o invasor, passa por sua mente. É tarde demais para ter dúvidas, um controle da polícia obriga o caminhão a parar. Os passageiros seguram a respiração para escutar o guia explicar que estão indo para o

monte Kailash, lugar sagrado do hinduísmo e do budismo. O feixe dos faróis ilumina o guia, que mostra um papel amassado aos soldados, a autorização para a peregrinação. Pagou muito caro para conseguir esse visto interno. Para assegurar o sucesso da viagem, o guia teve que subornar um alto funcionário e lhe oferecer enorme quantidade de cerveja, o que se repercutiu no preço da viagem.

O caminhão segue sua rota. Kinsom e Yandol adormeceram uma amparada na outra. Para atravessar os desfiladeiros das montanhas, o veículo, monstro rugidor, transforma-se em uma lata-velha que geme ao subir penosamente a pista sinuosa. A carroceria estala, a caixa de transmissão range, o escapamento crepita. Às vezes, a estrada fica tão estreita que as rodas giram em falso. Bastaria uma distração ou manobra desajeitada do motorista, uma falha do motor ou dos freios, para que todos acabassem no precipício.

Ao amanhecer, quando os fracos raios do sol aparecem nos cumes distantes das montanhas, o caminhão já está perto de Shigatsé, a segunda cidade do país, dominada pelo grandioso Mosteiro de Tashilumpo, sede histórica do panchen-lama, a segunda autoridade espiritual do Tibete. Esse mosteiro também foi saqueado pelas tropas do Exército Vermelho. O guia afirma que é melhor esperar no campo do que na cidade, onde os albergues e restaurantes são repletos de informantes. O caminhão segue sua rota e acaba parando atrás de uma fileira de salgueiros, entre dois campos de cevada.

Os passageiros descem do caminhão e, pela primeira vez, se observam à luz do dia, uma luz absoluta, intensa e pura. Segundo os tibetanos, a luz é o olho de Buda; ela pode atravessar as máscaras e revelar a verdadeira natureza das coisas. Eles olham o guia com desconfiança; à luz do sol ele realmente tem um ar de crápula. Os passageiros estão surpresos por estarem juntos, tão diferentes uns dos outros. As mulheres preparam o chá, enquanto o menino corre em volta do caminhão antes de cair, esgotado. Kinsom lhes parece ser de confiança, talvez por causa de seu ar de montanhesa robusta. Yandol, por sua vez, parece muito mais frágil. O fato de elas saberem ler e escrever chinês e tibetano desperta certa admiração nos demais. O velho continua afastado, parecendo ser um sábio dos antigos tempos, capaz de salvar tudo com a pureza de sua voz. Ele passa o tempo cantarolando, e essa música vai e vem como o vento, subjuguando a todos.

8

Ao anoitecer, o caminhão pega a estrada novamente. Os passageiros não conseguem nem descansar. Estão impacientes e nervosos demais ao pensar na interminável etapa que os espera. O guia decidiu ir só até os arredores de Tingri, o último vilarejo antes da fronteira, dizendo que a partir daí eles terão que continuar a pé. O trajeto é muito penoso. O caminhão sobe tão lentamente o desfiladeiro, a cinco mil metros de altitude, que poderia ser ultrapassado por

alguém andando. O frio é cortante. Várias vezes, os passageiros, acomodados na traseira do caminhão, pensam que vão cair no precipício, sobretudo quando outro veículo aparece em frente e o caminhão é obrigado a ir para a beira da estrada. Assim como na véspera, o guia acha mais prudente passar a noite no campo e não na cidade, onde soldados, comerciantes e caminhoneiros param para descansar e comer. Já deixaram a estrada autorizada pelo visto interno. A partir dali, qualquer encontro com uma patrulha chinesa poderia significar o fim da viagem.

Ainda é noite quando o caminhão atravessa a deteriorada cidade de Tingri. Ao amanhecer, os cumes montanhosos aparecem no horizonte, em que se destaca o monte Everest e seu vizinho Cho Oyu; no espaço entre eles, pode-se ver o azul do céu do Nepal. É o desfiladeiro de Nangpa, a cinco mil, setecentos e dezesseis metros de altitude. O caminho da liberdade. O caminhão faz um desvio para evitar um acampamento militar e segue em frente para finalmente parar no meio de uma vasta extensão desértica. Um vento glacial varre o planalto, e os cumes brancos das montanhas parecem ainda mais imponentes. O guia convida os passageiros a descer atrás de uma colina e os informa que está indo à cidade para deixar o caminhão; voltará ao anoitecer.

– Vai nos deixar sozinhos? – protesta Kinsom.

– Preciso devolver o caminhão. Fiquem tranquilos, – ele a interrompe.

– Se puder devolver nosso dinheiro, ficaremos mais tranquilos.

O guia a olha com indiferença. Sem sequer responder, coloca os óculos de sol amarelos sobre seu proeminente nariz e sobe na cabine. O veículo desaparece na pista, deixando para trás um rastro de fumaça. Os passageiros, perplexos, tentam esconder sua ansiedade. Isso cheira a golpe. Mas, o que fazer? Estão no meio do deserto, envoltos por rochedos e mato, à mercê de qualquer patrulha.

Improvisam um acampamento. Encostadas nas mochilas, as religiosas refletem sobre a situação. O menino compartilha a angústia geral; parou de brincar e de rir. Assim como os demais, está esperando a volta do guia ou que aconteça o que ninguém quer imaginar. O velho medita. Um pouco mais abaixo, perto do riacho, urubus amarelos pairam acima de um cadáver, cena habitual dos planaltos. A terra, dura demais, não deixa que os tibetanos enterrem os mortos. O corpo do defunto foi colocado sobre uma rocha, onde é decepado e devorado por animais selvagens; os ossos são triturados até virarem pó, tornando-se comida para os pássaros. Assim, a morte volta à vida. Talvez as aves de rapina confundam essas estranhas silhuetas com cadáveres, porque uma jovem águia, com vistosa plumagem preta e bronze, aproxima-se deles com gritos agudos. Passa tão perto da cabeça de Kinsom que ela pode sentir o bater das asas. Esse presságio de morte a faz estremecer. O gesto brusco da mulher espanta o pássaro preto, que se afasta rapidamente.

As horas passam com exasperante lentidão. O guia ainda não deu sinal de vida, e qualquer movimento suspeito nessa paisagem lunar abala a aparente tranquilidade do grupo. De vez em

quando, todos, exceto o velho, correm atrás de taludes de terra, os únicos esconderijos existentes. Contudo, toda vez, trata-se apenas de um pastor, ou de um rebanho de iaques. No fim da tarde, Kinsom não acredita mais na volta do guia. Terá sido detido? Ou trata-se mesmo de um golpe? O que fazer? Sobrou tão pouco dinheiro que eles não têm como pagar outro guia. Nessas condições, só podem continuar sozinhos, ou voltar de qualquer maneira até Lhasa para tentar tudo outra vez. Kinsom, ainda preocupada com o voo sinistro da ave acima de sua cabeça, sugere que sigam adiante. O velho ri de tamanha loucura. Sim, é uma loucura, mas ela se sente perfeitamente capaz disso. Tenta convencer Yandol a ir com ela, mas esta recusa o convite.

“É imprudente”, ela argumenta.

Organizam-se para passar a noite no meio da desoladora nudez das rochas varridas pelo gélido sopro dos picos do mundo. Mal conseguem adormecer.

Na manhã seguinte, Kinsom anuncia ao grupo que vai embora. Yandol fica dividida entre a vontade de seguir sua amiga e o instinto de sobrevivência. Tenta acalmar a impaciência de sua amiga, em vão.

– Estou indo embora.

– Tashi delek (boa sorte) – deseja-lhe Yandol.

O velho sorri, incrédulo. Yandol está desapontada por não ter conseguido fazer sua amiga, tão teimosa quanto um iaque, mudar de ideia. Kinsom põe a mochila no ombro e vai embora. Depois de cem metros, joga a bagagem no chão, olha o horizonte, pega a bagagem de volta, dá meia-volta e regressa até o grupo; não, ela não teve medo dos perigos de viajar sozinha, mas também não teve força moral para abandonar seus companheiros. Yandol a recebe com aquele incomparável sorriso que deixa as covinhas de suas bochechas à mostra. O velho volta a rir.

Passam a manhã espiando. Quando o sol atinge o alto do céu, uma luz ao longe chama a atenção deles. É o caminhão do guia. Os fugitivos juntam precipitadamente suas magras bagagens. De repente, a euforia dá lugar à dúvida. E se não for o guia? Se forem soldados chineses que vêm prendê-los? Em pânico, dispersam-se por todos os lados. Alguns se escondem atrás de moitas, outros atrás de rochedos ou taludes. O velho fica de pé, imóvel e orgulhoso. Esse homem, descarnado, parece saber tudo. Vive há tanto tempo, e as raízes de suas lembranças são tão profundas, que nada parece surpreendê-lo ou preocupá-lo.

Permanecem assim até o momento em que conseguem distinguir o veículo. É a mesma caminhonete conduzida pelo guia com seus eternos óculos amarelos e cheia de passageiros. Não são chineses, mas khampas, fugitivos também, com suas roupas tradicionais, o longo cabelo flutuando ao vento enfeitado com turquesas, anéis de osso de iaque, fitas vermelhas e antigas moedas de prata furadas no meio. Kinsom e seus camaradas saem dos esconderijos, sob o olhar espantado do guia, que não entende o comportamento de seus clientes. A religiosa decidiu ficar calada e não se queixar pelo atraso. Uma espera tão frustrante e angustiada... porque o guia

aproveitou a última etapa para pegar mais gente e lucrar mais com a expedição. O grupo terá mais dificuldades para não ser visto, pensam as religiosas. Entretanto, preocupadas com a ideia de que precisam chegar ao lado nepalês do Himalaia o quanto antes, preferem acreditar na sorte e na experiência do guia.

– Vamos! – anuncia o homem, enquanto a caminhonete conduzida por outro se afasta no sentido contrário.

O guia começa a andar, sem esperar que os últimos passageiros estejam prontos.

Esse filho das montanhas é tão duro que há de se perguntar se não tem uma carteira no lugar do coração. Mas ele conhece seu negócio e sabe prever o tempo apenas observando o céu. As grandes nuvens que se acumulam ao sul anunciam neve. Sobre as colinas açoitadas pelo vento, ele apressa o movimento, indiferente ao que pode acontecer com os membros da expedição. Conversa com os fugitivos apenas para repetir que, se os chineses os interceptarem, eles devem dizer que são peregrinos... Toda vez que dá uma olhada para trás, parece se perguntar se esses coitados suportarão quinze dias de caminhada. Sabe que o grupo é disparatado demais para avançar rapidamente. Do jeito como estão equipados, uma única tempestade de neve pode matar a maior parte. É por esse motivo que ele não mostra nenhum sentimentalismo. Anda depressa como um robô, de cabeça abaixada para enfrentar a violência do vento, sabendo que o grupo o segue com dificuldade.

Em frente, o Himalaia ergue suas muralhas. Durante a manhã, o entusiasmo dos fugitivos diminui. Sem parar, untam o rosto com manteiga de iaque para se proteger das queimaduras do sol. Há sempre alguém prestes a passar manteiga no rosto do menino ou lhe oferecer água. Com seus óculos escuros grandes demais, ele foi adotado pelo grupo. De seus lábios finos não saem queixa nem lamentação.

Os khampas não parecem sofrer com a caminhada. Se antigamente tinham fama de ser ferozes guerreiros, o terror das caravanas, hoje são vistos como sólidos montanhese. Mais altos e robustos que a maioria dos tibetanos, são originários de uma região situada no leste, tão extensa quanto a França que durante séculos permaneceu inacessível aos estrangeiros. Os khampas sempre derrotaram as tentativas de invasão. Nem Gengis Khan conseguiu dominá-los. Aliás, foram os primeiros a se revoltar contra o Exército Vermelho. Mesmo que os chineses os chamem de “cães de estimação do imperialismo”, os khampas, por sua vez, acreditam somente no que ouvem logo ao nascer: pertencem a “uma raça de reis”.

Para Kinsom e Yandol, a autoridade com que o guia leva sua tropa aos poucos as convence de que ele é digno herdeiro dos antigos rebeldes. Ademais, souberam que os khampas são originários do mesmo vilarejo que o guia, que os está levando de graça até o outro lado da fronteira. Afinal de contas, ele talvez não seja tão ganancioso quanto acreditavam que fosse, unicamente motivado pelo ganho, talvez no seu coração também habite a grandeza de sua raça.

Agora elas sentem tamanho respeito que nem ousam falar com ele. De qualquer modo, ele está caminhando muito adiante, em um ritmo que proíbe qualquer conversa. Anda com passos regulares, sem hesitar, como se conhecesse exatamente a mínima dobra do terreno. O cortejo de fugitivos se estende por cerca de cinquenta metros. Parecem soldados derrotados. Não têm nada a invejar aos viajantes que, há séculos, percorriam esse mesmo caminho. Antigamente, no entanto, os transportes eram feitos sobre o lombo de iaques, e os ricos comerciantes tinham uma escolta para protegê-los contra os ataques dos bandidos. Os fugitivos de Lhasa têm apenas canivetes para enfrentar os novos assaltantes de estrada, que são os soldados chineses.

9

A tropa se levanta ao amanhecer, e, apesar dos quilômetros percorridos, dos rios atravessados e dos declives rochosos descidos, as montanhas do Himalaia continuam parecendo inacessíveis. Atrás de cada cume aparece outro, ainda mais alto, para desespero dos viajantes, esgotados por terem que acompanhar o ritmo imposto pelo guia. Depois de quinze horas de marcha, eles acampam perto de uma fonte ou riacho. Nessa altitude, é necessário beber pelo menos seis litros de água por dia para evitar a desidratação. As mulheres aproveitam cada parada para preparar o chá, que, misturado com farinha de cevada, constitui a base da alimentação.

Os fugitivos dormem a céu aberto, debaixo de cobertores apenas. Kinsom se lembra de sua vida de pastora, quando se afastava demais da aldeia e tinha que passar a noite deitada na grama. O frio não a assusta. Comparado às celas glaciais de Gutsa, o clima dessa região tem cheiro de liberdade.

Yandol não suporta tão bem. Na hora de dormir, agasalha-se com todas as suas roupas e se aproxima tanto do fogo que por várias vezes queima a borda de seu paletó de pele de antílope, presente de sua mãe. Não há madeira, mas, pelo caminho, cada um deles colhe excrementos de iaque para queimar. Os khampas, seminus, agrupam-se diante do fogo, amassam tsampa e cantarolam. O velho, com voz muito suave, conta tantas histórias que dá a impressão de ter percorrido o mundo todo em outra vida. Sua voz encanta os khampas, embora desconfiem dele e fiquem a distância, perguntando-se se o velho é vagabundo, monge, santo ou bruxo. De qualquer modo, este se beneficia do respeito inspirado pelo que os tibetanos chamam “a louca sabedoria”.

Na realidade, esse idoso está realizando um velho sonho: encontrar seu neto, monge em um mosteiro de refugiados tibetanos no sul da Índia. Seu filho fugiu do Tibete há vinte e cinco anos. O velho não quer morrer sem revê-lo e sem conhecer esse descendente que resolveu seguir o nobre caminho do darma. Está tão orgulhoso de seu neto que seu rosto se ilumina ao falar dele.

Logo ao amanhecer, os viajantes pulam, correm, movimentando-se sem parar para não

congelar. Esses dez minutos dedicados a juntar os pertences e a levantar acampamento são os mais perigosas do dia. Em seguida, tudo vai se tornar questão de sorte e resistência.

O guia, que já percorreu esse trajeto várias vezes, sabe que essa etapa não é nada se comparada com as seguintes, um simples treinamento antes de subir os mais altos cumes. Lá, os acidentes e as doenças têm proporções dramáticas, e não se pode esperar nenhum tipo de ajuda.

O menino anda resignado, com uma expressão de dor. Embora corajoso e resistente, ele tem cada vez mais dificuldade para seguir o ritmo. Nas íngremes ladeiras, os adultos o carregam nas costas ou nos ombros, colocando-o de volta no chão logo depois, porque é indispensável que ele ande se não quiser que seus membros congelem. Nas descidas, ele corre como uma cabra. Se no começo da viagem se mostrou fechado, aos poucos vai se abrindo aos adultos. Até o guia, apesar de sua rudeza, acabou por se apegar a ele. A cada etapa, pergunta-lhe como se sente. Mas a resposta nunca é das mais entusiastas. À medida que sobem, o frio é mais intenso, e o tempo, instável. Os ventos sopram de repente, e a temperatura cai entre quinze e vinte graus. A quatro mil metros, as nuvens são tão densas que mal se destacam. Alguns segundos depois, uma tempestade de neve se levanta. Embaixo, no fundo do desfiladeiro, um profundo silêncio sucede às quedas de pedras. Bruma, neve e silêncio. As nuvens se afastam rapidamente, e surge então o pico do Everest. Mais perto, as asas de um corvo refletem a luz prateada do Himalaia.

Yandol atravessa a torrente. No momento em que tenta pegar a mochila que Kinsom lhe passa da margem oposta, distraidamente a deixa cair na água. Kinsom começa a rir, imitada pelo resto do grupo, embora isso signifique que Yandol, a partir de agora, usará roupas molhadas e comerá alimentos murchos. Esse lado despreocupado define os tibetanos, traduzindo uma profunda confiança na vida desprovida de fatalismo.

Andaram o dia todo, quando, de repente, o guia para, como se pressentisse uma ameaça. Ninguém consegue ver nada; o homem dá a ordem de desmanchar a fila e se esconder em silêncio. Todos se tornam invisíveis entre rochas e pedras. “O que está acontecendo?”, sussurra Yandol, apavorada. Kinsom, acostumada com os ruídos da montanha, ouviu um zumbido distante. O nervosismo do guia a deixa muito preocupada. Há perigo por perto... Mas qual? Talvez uma avalanche, pensa Kinsom. Geralmente, ouve-se primeiramente um estrondo distante, que logo se transforma em barulho de trovão.

Yandol é a primeira a perceber o helicóptero. Ele está voando a uma altitude média, vindo do fundo do vale, na direção deles. Uma estrela vermelha está pintada na carlinga. “Não se mexam!”, grita o guia. O velho, os khampas, as monjas... todos deitados no chão, petrificados, paralisados pelo medo, retendo a respiração, o coração disparando. Nunca pensaram que um aparelho tão pequeno pudesse fazer tanto barulho, a terra parece tremer. Então o monstro desaparece do outro lado do vale, deixando um rastro de angústia atrás de si. As duas amigas sabem que, se forem presas, receberão uma longa pena. Os carrascos de Gutsa terão prazer em

torturá-las de novo por terem tentado se juntar ao dalai-lama. Elas estão apavoradas, porque, ali, quase conseguiram esquecer os males que assolam o mundo. Essa ave de mau agouro veio para lembrar-lhes a realidade da situação. Quanto tempo será preciso para que uma patrulha comece a perseguir os fugitivos?

Atendendo à ordem do guia, eles saem dos esconderijos, colocam as mochilas nos ombros, tiram a poeira das roupas e põem os gorros.

“Existem mais de quarenta trilhas que levam até o Nepal. É impossível que as patrulhas vigiem todas. Vamos mudar o itinerário. Vamos nos esconder parte do dia e caminhar parte da noite.”

A coluna retoma sua marcha, num ritmo ainda mais marcado. Eles precisam deixar a trilha e atravessar alguns campos durante horas até encontrar outro caminho. Uma andorinha, um martinete e alguns urubus voam a meia altura em um lúgubre bater de asas. Chegando a um desfiladeiro de montanhas de altitude média, eles cruzam um chorten, pequeno amontoado de pedras enfeitado com bastonetes e pedaços de tecido, com uma abertura para as oferendas. As “bandeiras de prece” flutuando ao vento trazem sorte aos viajantes que atravessam o desfiladeiro pela primeira vez. Incrições sagradas foram gravadas nas pedras desses santuários, e parecem estar aqui desde tempos imemoráveis. Assim que podem, as monjas meditam alguns minutos junto às bandeiras de prece, coloridas e impressas com textos sagrados, encontradas apenas nos países budistas do Himalaia. Estão nas casas, nos templos, nas mais isoladas grutas, nos desfiladeiros das montanhas... Segundo a crença, o vento, ao fazê-las flutuar, leva aos quatro cantos do universo a bênção das preces. Os tibetanos as chamam “cabelo ao vento”, porque lembram a crina de cavalos galopando.

Durante o dia, sem fôlego devido à altitude, os viajantes falam pouco. Enquanto atravessam um desfiladeiro, o guia aponta cinco animais prateados, azul-acinzentados, que escalam a rocha do outro lado da torrente. Eles os veem subir e desaparecer na neve, engolidos pelas nuvens que correm por cima do vale. São bharales, os carneiros azuis do Himalaia. A leste brilha o Everest, envolto em um halo, enquanto o astro rei resplendece, incandescente, no céu azul sem nuvens.

Eles veem águias, raposas, gamos e gazelas... mas o rei das montanhas sem dúvida é o iaque, esse bovino preto e peludo, com chifres acerados, sempre precedido por um tinido de sinos que o avisa da presença de humanos. De repente, pela trilha, aparecem um homem e uma mulher vestidos com roupas tibetanas, o homem de túnica apertada na cintura e calças bufantes enfiadas em botas de lã vermelhas amarradas nos tornozelos, a mulher com um avental listrado e roupas pretas. O guia tranquiliza o grupo: esses pastores não têm relação com os chineses. Ademais, podem dar preciosas informações sobre o tempo do outro lado da montanha. Os fugitivos ainda não alcançaram o desfiladeiro de Nangpa.

O menino, com o rosto meio queimado por causa do sol, as roupas rasgadas, bebe avidamente o leite de dri que lhe oferecem os pastores. Com o focinho achatado, os iaques e as dris são animais hirsutos que pesam mais de meia tonelada. Apesar de seu proverbial mau humor e teimosia, são animais tão estimáveis quanto úteis. A carne e o leite alimentam os homens, a lã os veste, o couro serve para fabricar barracas. Os iaques têm uma característica única: não podem viver abaixo de três mil metros de altitude. Não suportam nem a baixa pressão atmosférica nem o calor. O velho conta que, antigamente, para se divertir, os tibetanos ofereciam iaques selvagens a seus inimigos, e que um deles atirara um oficial chinês fora da sela. A tropa inteira cai na gargalhada.

10

Na geleira, o terreno se torna mais irregular e duro. Obrigados a mudar constantemente de ritmo, o grupo precisa prestar atenção para não torcer os tornozelos. Kinsom sabe que esse simples incidente pode significar a morte; inspeciona o chão, põe primeiramente um pé, depois outro, como se estivesse atravessando um campo minado. Até ela, tão firme, mostra sinais de cansaço. Atrás, Yandol, esgotada, avança lentamente. A cada dois passos, seus joelhos tremem, e ela cai. Precisa fazer um esforço terrível para se levantar. A neve, que cobre as rochas e as placas de gelo, torna a subida ainda mais penosa. Os khampas, por sua vez, são vítimas da “cegueira das neves”, queimadura da córnea que acontece quase sem avisar e dá a impressão de que se tem areia debaixo das pálpebras. O tempo é a única cura. À noite, em volta de uma fogueira, eles sopram uns nos olhos dos outros. As cataplasmas de folhas de chá que Yandol aplica neles acalmam as queimaduras. Nos dias seguintes, esses corajosos guerreiros, com os olhos cobertos por pedaços de tecido, andam em uma coluna cega atrás das monjas, que abrem o caminho. Eles tropeçam, gemem. O guia, irritado com o fato de seus companheiros não terem tomado a precaução de trazer óculos escuros, não lhes dá nenhuma atenção.

Aparecem as primeiras vítimas da viagem. Ao atravessar a geleira, Kinsom percebe algumas gotas de sangue na neve. Acaba entendendo que o menino está sangrando: as solas de seu tênis estão furadas. A planta de seus pés está rasgada pela crosta gelada da neve e ele manca. Apesar da dor, ele não se queixa. Talvez pense, como bom tibetano, que o destino individual não deve ser um obstáculo à salvação do grupo. É inútil esperar piedade das montanhas; ali, conta apenas o instinto de sobrevivência.

Kinsom agora duvida que o menino possa aguentar a viagem. Os khampas, que se revezam para carregá-lo nas passagens difíceis, também estão esgotados, meio cegos e tremendo de frio. Nas costas deles, o menino parece confiante, tranquilo, e não mostra sinais de esgotamento. Na realidade, ele está se deixando vencer pelo implacável inimigo dessas regiões: o frio. Apesar

de seu inalterável otimismo, Kinsom teme uma tragédia.

Nessa noite, todo mundo cuida do jovem fugitivo, cujos pés estão ensanguentados e com os dedões roxos, primeiros sintomas da queimadura provocada pelo excesso de frio. Kinsom derrete um pouco de neve em uma panela. A temperatura é tão baixa que a água volta a gelar em alguns segundos, impedindo que ela limpe as feridas. Depois de massagear seus pés, Kinsom lhe dá um tipo de invólucro de pele destinado a cobrir os sapatos, antigo método dos pastores para não escorregar e se proteger da umidade. Ela nem pensa que talvez possa precisar deles também; ainda tem um par de sapatos de sobra. Sentados em volta de um fogo fraco, os demais martelam o chão com os pés para se aquecer enquanto dividem a ração de carne seca e bebem chá fervente. Não têm mais roupas nas mochilas; vestiram tudo o que tinham e se deitaram sobre um leito de pedras que arrancaram do gelo. Encolhida debaixo dos cobertores, Yandol agarra firmemente a mão de Kinsom com seus dedos gelados. Mas, nas montanhas, o verdadeiro frio chega de noite, quando a temperatura cai vários graus e o ar gelado se infiltra sob os cobertores. Tremendo, grudados uns nos outros, todos escutam durante horas o grito do vento que desce dos cumes.

Na manhã seguinte, o céu está azul, e logo os raios do sol aquecem os corpos. Esse tempo bom, excelente notícia, os autoriza a atravessar o desfiladeiro. Entretanto, o guia, por sua vez, não compartilha o entusiasmo geral, e por um bom motivo: estão perto da fronteira do Nepal, e o lugar é infestado de patrulhas chinesas. Ele prefere atravessar a fronteira à noite, seguindo um antigo caminho de caravaneiros, embora este passe acima de um posto de guarda. Sabe que nessa estação os policiais raramente saem da guarita, convencidos de que a montanha se encarregará de eliminar os fugitivos.

Após um dia de marcha, o grupo alcança uma estreita e íngreme saliência. A noite está escura, glacial como a anterior. Os fugitivos mal distinguem as luzes do barraco no fundo da ravina. O guia exige o mais completo silêncio. De repente, surge o som fanhoso de uma voz chinesa e o chiado de uma rádio mal sintonizada. Kinsom se assusta; conseguira esquecer os chineses. Sua testa cobre-se de gotas de suor. O guia abre um estranho cortejo. Segura um khampa pela mão, depois vem o menino, seguido pelo velho e pelas religiosas, que fecham a marcha.

O menino tropeça em uma pedra, desequilibrando o velho, que deixa escapar a mão da religiosa. Por pouco ele não cai no precipício. Kinsom o segura pela gola do paletó e o puxa com todas as suas forças. Ao tentar reequilibrar-se, o homem provoca uma queda de pedras. Todos ficam imóveis durante longos instantes, sem um gesto sequer, rezando para que os policiais não tenham ouvido nada. O velho olha os outros e abaixa a cabeça, confuso. Seria imperdoável se, por sua culpa, os chineses os descobrissem; a ideia lhe provoca um profundo mal-estar.

O frio implacável os obriga a seguir em frente. Todos sabem que mais de um viajante pagou com a vida um breve momento de descanso. Ali, imobilidade é sinônimo de morte. Felizmente, os policiais não ouviram nada; o grupo avança, tateando, apalpando as rochas. Do outro lado, ainda não é o Nepal, mas não é mais totalmente o Tibete. O guia entende perfeitamente que sua tropa está esgotada, contudo, é necessário se afastar dessa região. E o frio é tamanho que é preferível andar. Ele examina uma última vez os escuros maciços montanhosos, antes de dar a ordem da partida. O menino, nas costas de um khampa, parece uma marionete desarticulada. Entre os chineses e a inclemência do tempo, não se sabe mais qual dos perigos é maior. Tanto faz. Perto das estrelas, um grupo de fugitivos entrega seu destino ao Buda da Compaixão Infinita, eterno protetor do Tibete... O que mais poderiam fazer?

[7](#) *Tibet*, Survival in Question, Pierre Antoine Donnet. Londres, Zed Books.

[8](#) A história de Dawa é citada em *Les rebelles de l'Himalaya*, de Philippe Broussard. Paris, Denoël, 1996.

[9](#) Sobre a história das mulheres no Tibete, leia *La Femme au temps des dalai-lamas*, de Anne Chayet. Paris, Stock, 1993.

[10](#) *Le Tibet*, de Alexandra David-Neel. Plon, 1979, citado em *Les rebelles de l'Himalaya*.

[11](#) *Combat des nonnes tibétaines*, de Hanna Havnevik. Paris, Dharma, 1995.

[12](#) Segundo o governo tibetano exilado. Citado em *Les rebelles de l'Himalaya*.

[13](#) *Les rebelles de l'Himalaya*, cit.

[14](#) Dri é a fêmea de iaque. (N. T.)

[15](#) *Les rebelles de l'Himalaya*, cit.

IV

O ANO DO PORCO

I

No começo de 1954, quando os chineses quiseram desarmar os khampas e confiscar suas terras e seu gado, esses nômades, que então constituíam a maior parte da população do leste do Tibete, refugiaram-se nas montanhas, prontos a resistir. Os rebeldes pediram ajuda em Lhasa, mas a vida seguia seu curso na capital governada pelo jovem dalai-lama, que tentava chegar a um compromisso com os chineses para evitar um banho de sangue. Para os khampas, o Deus Rei perdia cada vez mais terreno diante do invasor. De fato, não somente ele acabara de ser obrigado a se separar de seus dois primeiros-ministros, mas, ao aceitar ir a Pequim, Tenzin Gyatso agia conforme os interesses de Mao. Assim como muitos tibetanos, os khampas achavam que o Deus Rei estava se metendo na boca do lobo, e que os chineses o sequestrariam. Por esse motivo é que, ao saber que o dalai-lama passaria pelo seu território, os khampas planejavam raptá-lo e levá-lo para as montanhas. Os chineses, informados do projeto, dispuseram muito soldados na estrada pela qual seu precioso refém seguiria.

Fora justamente a construção dessa estrada, que atravessa a região dos khampas, que deslanchara no Tibete um movimento de resistência tão terrível quanto durável, e totalmente desconhecido pelo resto do mundo. Ademais, o tamanho da obra é um testemunho da engenharia chinesa: mil e trezentos quilômetros de estrada, a uma altitude média de quatro mil metros, ligam catorze cordilheiras e atravessam sete grandes rios. Os chineses haviam previsto tudo, menos os khampas. Entre esses homens e eles há um abismo que nenhuma lógica pode preencher. Esses nômades viviam, e ainda vivem, de acordo com as leis da natureza.

Até as obras começarem, a invasão chinesa não incomodara os costumes ancestrais das tribos khampas. Eles ainda eram guerreiros independentes e belicosos. O dalai-lama não dizia que o bem mais precioso do khampa era sua espingarda? Assim que nasciam, eram criados na garupa de um cavalo e dormiam em pequenas barracas de lã de iaque; apenas os mais resistentes alcançavam a idade adulta. Lutavam contra o frio e o vento, os lobos e os ursos, com os quais compartilhavam os prados em volta dos lagos, alimentados pelas geladas águas das geleiras. Para esses homens, a espingarda sempre representara a única esperança de sobrevivência, e o laço de sangue, a única autoridade política.

A presença dos chineses na região despertara neles um profundo ódio. As reuniões públicas

em que os invasores pediam aos khampas para denunciar os proprietários de servos fracassavam, porque eles não tinham a sensação de ser servos. Segundo o escritor Michel Peissel, não havia luta de classes no país, ao contrário da China. O proletariado industrial não existia e os camponeses não estavam insatisfeitos.

“Nesse país desprovido de economia monetária, as diferenças de fortuna eram raras; os ricos eram representados por alguns grandes senhores e priores de mosteiros, que o povo aceitava por causa da pureza de seus sentimentos religiosos. Mas, no Tibete, cinquenta por cento das pessoas que viviam do trabalho da terra eram latifundiários, ou seja, uma porção muito mais alta que em outros países da Ásia. Essa maioria privilegiada era a única que pagava uma contribuição ao Estado, e, como os impostos eram vinculados à propriedade e eram quitados mais por meio de serviços do que em dinheiro, os chineses decretaram que todos os camponeses tibetanos eram ‘servos’. Na realidade, não tinham nada a ver com os servos da Idade Média ocidental. Eram livres para dispor de seus bens e de sua pessoa como bem entendiam. Não estavam dispostos a aceitar uma revolução marxista, menos ainda porque ela era imposta pelos chineses, seus inimigos seculares.”¹⁶

É impossível entender o Tibete se não do ponto de vista do budismo, uma filosofia de paz. O carma leva ricos e pobres a aceitar a vida, se não com satisfação, pelo menos com resignação. Assim, a ascensão social era difícil, mas não impossível. Um soldado podia receber, em recompensa por sua coragem, um título e terras para si e seus descendentes. Nos mosteiros, as crianças eram admitidas independente do nível social, e a evolução na hierarquia religiosa dependia exclusivamente de suas qualidades. Assim, crianças oriundas de meios muito humildes alcançavam a mais elevada posição do mundo monástico, como foi o caso do dalai-lama.

Para os tibetanos, o lado espiritual sempre esteve acima do material, e o budismo impregnou cada aspecto da vida diária. Nunca o bem-estar físico foi um ideal na sua cultura. Se para os chineses o socialismo é a panaceia que cura todos os males, para os tibetanos a liberação é o desapego em relação ao inevitável sofrimento gerado pelo ciclo do nascimento, da velhice, da doença e da morte. Desapego que sempre fascinou os ocidentais que visitavam o Tibete, unânimes em relação a seu caráter pacífico e harmonioso. Alexandra David-Neel, uma das raras viajantes a percorrer o Tibete no começo do século XX, conta que na época havia muitos mendigos, mas ninguém morria de fome. Homens e mulheres estavam sempre prestes a festejar, tudo era pretexto para rir e desfrutar dos prazeres da vida. O que distinguia o Tibete de outros sistemas feudais era o fato de que no topo da sociedade reinava a encarnação de um Buda, um ser venerado havia séculos. O povo sabia que acima dos funcionários corrompidos existia uma justiça na qual tinham absoluta confiança. Parecia-lhes impossível que um dirigente, que desde criança fora criado no respeito da fé búdica, pudesse se tornar déspota ou tirano.

O atual dalai-lama, Tenzin Gyatso, conta:

“Éramos felizes. O desejo é que gera o descontentamento; a felicidade nasce de uma mente em paz. Para muitos tibetanos, a vida material era difícil, mas eles não eram vítimas do desejo. E, na simplicidade e na pobreza de nossas montanhas, a paz do espírito era mais presente do que em muitas cidades do mundo.”

Uma paz mental que os chineses não demorariam a quebrar. Para despertar a consciência das massas, recorriam aos mais grosseiros estratagemas. Assim, ameaçando fuzilá-los caso se recusassem a cooperar, os soldados chineses subornavam os mendigos para que denunciassem os ricos, ou insultavam publicamente os donos de terras e os humilhavam diante dos outros moradores da aldeia. Todavia, essas medidas, um tanto pueris, fracassaram. A resistência dos tibetanos a mudanças enfurecia os chineses, que acabaram por renunciar a qualquer semelhança de legalidade para impor sua vontade. Detiveram os latifundiários, assim como os membros das “classes superiores” da região de Kham, e executaram todos aqueles que se opunham às reformas de coletivização e redistribuição das terras. Este foi o início das atrocidades que marcaram a dominação chinesa: assassinatos em massa, deportação de crianças e torturas públicas.

Em agosto de 1954, enquanto a rebelião armada estourava no país dos khampas, Tenzin Gyatso era calorosamente recebido em Pequim. A apreensão do jovem soberano diante da ideia de encontrar-se com Mao Tsé-tung acabou desaparecendo logo no primeiro contato. “Fisicamente, ele era extraordinário. Parecia um verdadeiro camponês. Sua jaqueta era gasta, assim como a gola e os punhos de sua camisa”, diria o dalai-lama.¹⁷ O jovem tibetano, por sua vez, também causara boa impressão no velho revolucionário. Mao queria que ele estivesse sempre ao seu lado nos jantares oficiais e insistia em servi-lo à mesa ele mesmo. Durante os jantares, dava-lhe conselhos sobre a arte de governar e admitia que o budismo era uma boa religião, porque Buda havia se preocupado sinceramente com o povo. O Grande Timoneiro lhe repetia que admirava o povo tibetano e que queria ajudá-lo a recuperar o atraso que várias décadas de isolamento haviam imposto a seu país. Tenzin Gyatso concordou que o Tibete precisava progredir. E o dalai-lama acrescentaria: “Nesse ponto, não era necessário debater. Compartilhávamos um mesmo princípio”.

O dalai-lama concordava que a corrupção corroía a sociedade tibetana em todos os níveis. Alguns monges, em vez de apenas se dedicar à realização espiritual, preocupavam-se em acumular benefícios materiais e obter influências; durante as buscas para reconhecer uma reencarnação, acontecia de certos monges favorecerem alguma família aristocrática ou poderosa. Mas que sociedade não enfrenta alguma forma de corrupção?, alegava o dalai-lama, que, por outro lado, estava convencido da necessidade de introduzir importantes reformas políticas para modernizar seu país.

Um dia, antes de conhecê-lo, Mao confessou sua intenção de governar diretamente, de

Pequim, o Tibete. Mas o comportamento conciliador do Deus Rei o fizera mudar de opinião. Decidira então que um novo comitê, composto por quatro grupos de tibetanos e um grupo de chineses, governaria o país das neves. O dalai-lama alegrou-se ao saber que inspirava suficiente confiança para limitar o poder absoluto dos chineses. Essa pequena vitória fortalecia sua convicção de que um acordo com o invasor era possível. Para um indivíduo educado desde criança segundo os princípios da não violência, aquela viagem a Pequim, objeto de tantas críticas no seu país, era plenamente justificada.

2

Mas, na estrada que o trazia até Lhasa, o dalai-lama pôde verificar que as palavras de Mao não tinham valor algum. As notícias que recebia do país dos khampas eram desastrosas. O chefe de um vilarejo fora arrastado como um cachorro, com coleira no pescoço, por ter tentado fugir. Em outro lugar, cinquenta bebês tinham sido arrancados de suas mães e enviados à China para ser educados; os pais que protestaram foram jogados em um rio, onde se afogaram. Em algum lugar, uma menina de 12 anos fora obrigada a atirar em seu pai, acusado de antipatriotismo. Em outra aldeia, um grupo de leigos fora fuzilado por ter dado mau exemplo ao fazer oferendas religiosas. Para o Deus Rei, as promessas de Mao tinham o gosto amargo da mentira. Foi com muita dificuldade que, em Taktser, o vilarejo de sua infância, o dalai-lama conseguiu ter um encontro com uma de suas primas. Quando lhe perguntou se estavam felizes, foi com os olhos cheios de lágrimas que ela lhe respondeu: “Estamos muito felizes e prósperos sob a direção do Partido Comunista e do presidente Mao Tsé-tung”. Ele facilmente percebeu a angústia e o medo que essas palavras tentavam disfarçar.

No final da viagem, o dalai-lama, com 22 anos, sentiu-se de repente esgotado e envelhecido. Atrás dos belos discursos e da declaração de amor fraterno entre os povos não encontrava mais do que violência, ódio, medo, mentira e sofrimento. Sentia-se frustrado e impotente, incapaz de estar à altura da divina tarefa que lhe conferia sua reencarnação. Não era sua missão, como dalai-lama, como bodisatva, que literalmente significa “aquele que possui a sabedoria”, permanecer na terra para ajudar os outros? Como nas tradições hebraicas e cristãs, o maaiana, a doutrina budista implantada no Tibete, ensina que o aperfeiçoamento espiritual daquele que busca a iluminação será limitado se o fizer somente para si. Foi assim que o ideal do bodisatva se desenvolveu, um ser que, em vez de entrar na gloriosa paz do nirvana, escolheu deliberadamente retomar forma humana e voltar à terra para confortar e guiar os seres que sofrem no caminho da realização suprema. O budismo tibetano responde à necessidade de um guia divino, o que não existe na tradição hinaiana, o budismo primitivo.

O dalai-lama já não tinha motivos sequer para duvidar da veracidade de todos os horrores que lhe haviam sido contados, quando recebeu a primeira prova das atrocidades cometidas pelos chineses. Tratava-se de uma fotografia publicada em um jornal que mostrava cabeças cortadas. Na legenda, lia-se que eram “criminosos reacionários”. Acrescentada ao fato de que o novo comitê do governo, ideia de Mao em prol da conciliação e autonomia, não era mais do que uma pantomima, essa revelação o preocupou, e ele se perguntou se ainda restaria alguma esperança quanto ao futuro de seu país. No leste, falava-se apenas em terror e morte. Os khampas passaram da rebelião à guerra declarada. Agora viviam na clandestinidade, perseguindo o invasor com inegável coragem. Iam à luta para defender seu lar, sua fé e raça. Os cavaleiros, erguendo sabres e espingardas, enfrentavam com violência as longas colunas de caminhões chineses. Todas as guarnições que atravessavam seu território eram atacadas. Para os invasores, a situação estava ficando crítica. Tamanha resistência os fazia correr o risco de perder o controle das últimas conquistas.

Nas raras cidades ou aldeias subjugadas com certa dificuldade pelos chineses, as mulheres e os filhos dos resistentes, assim como os monges, eram torturados e executados. A propaganda antibudista se radicalizava. Piores e abades eram amarrados à cauda de cavalos e arrastados diante de idosos, mulheres e crianças que não podiam se juntar aos guerreiros das montanhas. Ou então os chineses envolviam os monges em faixas de lã impregnadas com gasolina, ateavam fogo e insultavam essas aquelas humanas, gritando que pedissem a ajuda de Buda.

Tenzin Gyatso, reagindo contra a virulência da repressão, enviara uma carta de protesto a Mao. Mas as semanas se passaram sem que recebesse resposta. A segunda que enviou também não surtiu efeito. O general chinês estabelecido em Lhasa lhe prometera pôr fim a essas práticas, mas o tempo corria e nada mudava. A situação era desesperadora; o dalai-lama constatava que o círculo vicioso da repressão e da rebelião começava a produzir frutos cor de sangue. Novas revoltas se alastraram quando a notícia das atrocidades cometidas pelos chineses se espalhou. Depois dos khampas, os goloks de Amdo e os xerpas de Kansu pegaram em armas. Os muçulmanos uigures, do Turquestão, revoltavam-se de novo contra a “pátria mãe”.

Os dirigentes chineses viam sua supremacia ameaçada nos planaltos. Mao reconhecia que o antigo sonho chinês de dominar a Ásia central podia desmoronar de repente. Na Europa, a Rebelião Húngara de 1956 confortava os chineses no seu medo de perder os territórios anexados. Os relatórios de Kham pareciam indicar que nem mesmo os ataques aéreos enfraqueciam a resistência dos guerreiros. Quando entravam em um vilarejo, os chineses apenas encontravam idosos e crianças; os outros moradores já haviam se juntado aos rebeldes nas montanhas. Ingênuos, os khampas acreditavam que podiam sair vitoriosos da guerra contra os chineses. Voltando-se para a capital, lançaram um apelo ao dalai-lama para que o Tibete central se juntasse à sua cruzada. Uma única palavra do dalai-lama, e o país inteiro pegaria em armas

contra os chineses.

Tenzin Gyatso estava ciente disso. Uma parte de si admirava os guerrilheiros, enquanto a outra dizia que era loucura atizar a violência. Os chineses podiam sofrer derrotas, mas eram infinitamente mais poderosos. Ele fora até Pequim, e medira a força do adversário. Se uma única palavra dele poderia levantar o Tibete, uma única de Mao poderia aniquilá-lo.

3

Foi então que a Índia lhe mandou um convite para assistir ao duomilésimo quingentésimo aniversário do nascimento de Buda. O dalai-lama o recebeu como um alívio, um sinal de compreensão pelo mundo afora. Mais tarde, ele declararia: “Não posso expressar a intensidade do sentimento de isolamento político que então sentíamos no Tibete”. O primeiro-ministro Nehru deixara de lado seus compromissos durante uma tarde inteira para mostrar a seu convidado, na garupa de um elefante, a beleza dos jardins mongóis do palácio presidencial de Nova Delhi. O momento era propício para as confidências. O dalai-lama lhe contou a tragédia que seu país vivia e o dilema ao qual era confrontado. De um lado, os khampas, pediam que se juntasse à rebelião; de outro, os chineses insistiam que mandasse tropas para lutar contra os insurgentes. Ele se opôs a isso, mas não pôde evitar condenar oficialmente os rebeldes. Se a situação perdurasse, parecia-lhe que logo não teria mais nada a oferecer. Se não podia impedir que seu povo recorresse à violência, e seus esforços pacifistas eram vistos como tendo fracassado, ele se perguntava se não seria melhor pedir asilo político à Índia. De lá, e com a ajuda do povo indiano, ele teria mais possibilidades de libertar seu país por meios pacíficos. Mas Nehru, ignorando o pedido de socorro, aconselhou-o a voltar ao seu país e iniciar negociações para evitar o pior. O mandatário indiano não queria ter problemas com seus poderosos vizinhos chineses, aos quais se sentia estreitamente ligado. Quando Chou En-lai, ministro chinês do Exterior, amigo de Nehru, foi informado das intenções do dalai-lama, foi imediatamente até a capital indiana para convencer Tenzin Gyatso a voltar para Lhasa. Os chineses não podiam correr o risco de perder a “sagrada encarnação”, o melhor trunfo para controlar o Tibete. Chou En-lai lhe prometeu retirar a tropas do Tibete e esperar 1962 para fazer vigorar as reformas chinesas.

Mais uma vez, Tenzin Gyatso sentia dúvidas. Por unanimidade, os membros de sua família lhe aconselhavam o exílio. E, dessa vez, até seus ministros se mostravam céticos em relação às promessas de Chou En-lai. O que fazer? Qual seria a melhor maneira de servir a seu povo?

Foi então meditar no túmulo do homem, talvez o maior de seu tempo, que lutara até a morte para preservar o espírito da Índia, um verdadeiro apóstolo da paz e da harmonia entre os povos. “Como eu gostaria de ter tido o privilégio de conhecê-lo nesta vida”, pensava o tibetano. De pé,

diante do mausoléu de mármore do Mahatma Gandhi, envolto por um amplo gramado que descia até o rio Yamuna, Tenzin Gyatso perguntava-se que conselho lhe teria dado Ghandi se fosse vivo. Tinha certeza de que ele não teria poupado esforços para organizar uma campanha pacífica internacional em prol da liberação do Tibete. “Naquele lugar, sentia-me muito próximo dele, e tinha a impressão de que seu conselho teria sido de sempre seguir o caminho da paz. Eu tinha, e ainda tenho, uma fé inabalável na doutrina da não violência que Ghandi pregava e praticava. Naquele momento, tomei a firme decisão de seguir seu exemplo, apesar de todas as dificuldades que encontraria. Mais do que nunca, estava convencido de que não encorajaria nem participaria de atos de violência.” Ele voltaria a seu povo para enfrentar o opressor chinês. Não havia nenhuma razão política para justificar esse regresso, apenas o dever espiritual para com seus compatriotas...

4

Em 1957, os khampas perceberam que, para que o povo apoiasse sua revolta, eles precisavam submeter os simpatizantes chineses de Lhasa e assegurar-se do controle do Deus Rei. Para liberar o Tibete, precisavam, a qualquer preço, do aval do soberano.

A imensidão do planalto e as dificuldades devidas ao terreno particularmente acidentado permitiram que os khampas paralisassem o avanço dos militares chineses, muito mais numerosos e bem equipados. Depois de sete anos de ocupação, os chineses controlavam somente pequenas zonas isoladas. Os khampas circulavam livremente no território sem temer nada, exceto os ataques aéreos. Os chineses podiam destruir um mosteiro, mas eram incapazes de aniquilar esses cavaleiros, que se movimentavam sempre. Além disso, os khampas eram mais acostumados ao clima e haviam herdado uma antiga tradição de guerreiros. Para eles, lutar é tão natural quanto comer. No fim do ano 1957, oitenta mil guerreiros khampas iniciaram a conquista da região de Loka, a partir da qual pensavam ter acesso ao Tibete central.¹⁸ Em pouco tempo neutralizaram todas as praças-fortes controladas pelos chineses. E, por incrível que pareça, acabaram dominando toda a região sudeste do Tibete.

Os comunistas tiveram que reconhecer seu fracasso. Nem a propaganda nem os bombardeios de mais de trezentas cidades e mosteiros do Kham intimidaram esses homens decididos a libertar o país. Pela terceira vez, os chineses pediam ao dalai-lama que enviasse tropas tibetanas contra esses rebeldes. Tenzin Gyatso recusou-se sistematicamente, alegando que elas certamente desertariam para se juntar aos khampas.

À medida que a revolta dos khampas alcançava o Tibete central, o dalai-lama sentia-se cada vez mais preso numa armadilha. Ele admirava esses guerreiros, cuja sede de justiça e liberdade entendia. Todavia, seu apoio aberto à causa deles só atizaria o fogo da repressão. A outra

solução, que consistia em partir para o exílio, significava deixar o caminho livre para a violência dos chineses. Encontrava-se em uma encruzilhada.

Em dezembro de 1958, os guerrilheiros controlavam o acesso de Lhasa pelo sudeste. Os combatentes, sempre mais numerosos, infiltravam-se na capital, passeando armados em plena luz do dia e discursando para a multidão.

Após sete anos de ocupação, a vida em Lhasa não tinha mudado. Uma vida despreocupada em que se misturavam o refinamento do mundo ocidental e o orgulho tradicional de uma sociedade arcaica. Em aparente harmonia, coexistiam uma teocracia feudal e os representantes do mais doutrinário Partido Comunista do mundo, que mantinham os privilégios da elite de Lhasa em troca da fidelidade ao regime.

Michel Peissel, que tinha amigos na aristocracia da cidade, conta:¹⁹

“Aqueles que, no Ocidente, viam Lhasa como uma capital mística teriam ficado surpresos ao saber que o tênis era o esporte predileto de alguns líderes de gangues, que nas casas dos mais ricos se encontravam discos comprados em Hong Kong e que a música alegrava as noites de jovens casais que dançavam vestindo magníficos trajes tradicionais. O cantor Dundu-Lu tornara-se famoso por sua voz e suas suíças em forma de pata de coelho. Era chamado o Elvis tibetano. Ao contrário de outros países do Oriente, não havia haréns nem tiranos arbitrários; apenas alguns grupos de homens e mulheres que desfrutavam da boa vida e de relações amorosas. Dois mil e quatrocentos ourives nepaleses, entre os mais hábeis do mundo, viviam permanentemente na capital tibetana para criar colares de pedras preciosas, tabaqueiras, sabres para os desfiles, e maravilhosas lamparinas a óleo, em forma de cálice, que eram ofertas às divindades. Muitos tibetanos continuavam pensando que seu país era um território extraordinário que escapava às leis comuns e até ao fardo do tempo. O povo que respeitava as leis e cumpria fielmente os rituais devia necessariamente receber uma proteção sobrenatural. Essa crença era uma aberração, uma obstinação cega diante do destino, e, pior ainda, era compartilhada pelos membros do governo e da aristocracia de Lhasa. Esta última tentou, depois da chegada dos chineses, aproximar seus antigos costumes dos ideais do socialismo militante. As mulheres se dedicavam a tarefas humanitárias, como criar colégios ou participar de trabalhos voluntários em hospitais que acabavam de ser construídos. Toda a elite vivia com entusiasmo a aventura que consistia em introduzir comodidades modernas no cotidiano, o que representava uma excitante novidade. Lhasa, o Vaticano tibetano, também tinha seus cardeais, que reinavam sobre enormes mosteiros. Na maior parte, eram homens de grande virtude que ocupavam apartamentos decorados com o ouro dos priores que os precederam, mas havia igualmente aqueles que com grande ímpeto procuravam se subtrair às rigorosas exigências da ordem monástica.”

A elite de Lhasa era capaz de se comover com os pobres soldados chineses que sofriam do

mal das montanhas, mas não parecia suspeitar da tragédia que acontecia em suas ruas. A repressão trazia à capital um fluxo cada vez maior de idosos e mulheres vindos do leste. No começo de 1959, mais de quinze mil famílias montaram suas barracas nos arredores de Lhasa, ao lado do Palácio de Potala e nos subúrbios, enquanto milhares de jovens monges do Kham se refugiavam nos colégios dos grandes mosteiros de Drepung, Sera e Ganden. A infiltração de guerreiros khampas entre eles só aumentava a tensão na cidade sagrada. Os chineses armavam os civis e começavam a erguer barricadas. O exército organizava emboscadas nas casas que possivelmente acolhiam rebeldes. De dia, expunham-se nas ruas e à vista de todos os corpos dos guerrilheiros capturados. Os chineses temiam uma revolta geral iminente. O Palácio de Norbulingka era o palco de uma constante guerra de nervos. Todo dia, militares chineses, cada vez mais furiosos, iam ao palácio, onde o jovem dalai-lama os enfrentava aplicando os princípios de seus mestres. Enquanto os generais chineses acusavam o governo tibetano de ser cúmplice dos rebeldes khampas, estes acreditavam que o governo do dalai-lama era conivente com os invasores. Tenzin Gyatso encontrava-se em uma situação desesperadora.

Um grupo de rebeldes khampas conseguira desalojar uma guarnição de três mil soldados estabelecida a quarenta quilômetros de Lhasa, e fizera um pedido oficial ao dalai-lama, oferecendo-lhe uma última oportunidade de se juntar a eles. Tenzin Gyatso recusara. Mais uma vez, afirmara sua repugnância pela violência e pedira que os khampas voltassem para seus lares e fizessem as pazes com os chineses. “Admiro a coragem dos khampas”, concluía, “mas suas ações são prejudiciais àqueles que tentam encontrar uma maneira de coabitar com os chineses”. Exasperados, convencidos de que os chineses estavam conseguindo subjugar o Deus Rei, os khampas resolveram agir.

Em 10 de março do ano do Porco, isto é, em 1959, o dalai-lama participava da comemoração do Festival da Prece, no final da qual iria fazer os últimos exames para se tornar doutor em metafísica, epistemologia e filosofia. No meio da cerimônia, dois oficiais chineses pediram para vê-lo. Nervosos, exigiram que o dalai-lama escolhesse uma data para assistir a uma ópera chinesa que o general do exército dos ocupantes decidira apresentar em seu quartel, nos arredores de Lhasa. Tenzin Gyatso aceitou o convite, mas recusou-se a escolher uma data antes do fim de seus exames. Os dois homens saíram decepcionados do encontro.

No dia seguinte, Oceano de Sabedoria debatia sobre lógica e metafísica diante de milhares de monges. Durante longas horas, foi avaliado pelos mais eruditos lamas. Sem enfraquecer, mostrou surpreendente capacidade de concentração. O júri lhe deu o título de Doutor em Divindade.

No dia 5 de março, ele deixava o Templo de Jokhang para regressar ao Palácio de Norbulingka. Uma última vez, uma civilização mais que milenária exibia sua pompa. Os cavalos erguiam orgulhosamente a cabeça, como se estivessem cientes da riqueza de seus adornos. Atrás

do palanquim do Deus Rei vinham os membros do governo e da nobreza de Lhasa, vestidos com suntuosos trajes de seda, seguidos pelos mais eminentes abades e lamas; uns dignos e ascéticos; outros, sob a aparência de ricos comerciantes, escondiam sua alta realização espiritual. Milhares de tibetanos fechavam o cortejo.

Cinco dias depois, o dalai-lama recebia uma nova mensagem das autoridades chinesas, para que determinasse rapidamente a data em que assistiria à representação teatral. Ele escolheu o dia 10 de março. Entretanto, na véspera da representação, o chefe de sua guarda pessoal o informava de uma preocupante ordem do general chinês. Sua Santidade devia ir até a caserna sem sua escolta habitual, e somente dois guardas não armados estavam autorizados a acompanhá-lo. Ademais, a visita devia permanecer secreta. O rumor segundo o qual o espetáculo era uma cilada para sequestrar o Precioso Protetor espalhou-se como um rastro de pólvora pela cidade agitada. Vindo de todos os bairros, milhares de tibetanos caminharam em direção a Norbulingka. Uma multidão de homens e mulheres irados agrupou-se diante dos muros do palácio, decididos a proteger seu Deus Rei.

Na manhã de 10 de março, milhares de pessoas cercavam o parque da Preciosa Joia, uma verdadeira maré humana, que gritava seu ódio ao ocupante chinês. Para os khampas, essa explosão popular era uma ocasião única de obrigar o dalai-lama e seus ministros a se oporem ao invasor. Conseqüentemente, os khampas tomaram o comando da multidão eletrizada.

Entendendo que nada acalmaria o povo decidido a protegê-lo, Tenzin Gyatso mandou um recado aos chineses informando-os de que não poderia assistir à representação. Logo em seguida, divulgou a mesma informação à multidão, que explodiu de alegria.

Mas ninguém foi embora. Tenzin Gyatso encontrava-se entre fogos cruzados, incapaz de adivinhar quem, entre seu povo e os soldados chineses, acenderia a mecha. Em caso de luta armada, não tinha dúvida quanto ao desfecho trágico. Para os moradores de Lhasa, seria um massacre. Para o Tibete, a servidão definitiva em relação à China, a aniquilação do país.

5

A tragédia começara, e o décimo quarto dalai-lama não tinha como pará-la. Os chineses exigiam que o governo dispersasse os manifestantes, antes que o fizessem pelas armas.

Era necessário ganhar tempo a qualquer custo e acalmar os líderes que discursavam para a multidão. O dalai-lama escrevia aos generais chineses suplicando que fossem pacientes. Em vão. Homens armados com bastões e facas erguiam barricadas na maior parte das ruas. Era uma rebelião. Um grupo de líderes que dera o nome de Comitê para a Liberação do Tibete estava a caminho do Palácio de Potala. Lá, seus membros, que se consideravam os novos mestres de

Lhasa, depois de constituir um governo, rejeitaram o acordo de dezessete pontos assinado em Pequim, diante de uma multidão de mais de trinta mil pessoas. Em seguida, declararam guerra à China e pediram firmemente que as forças de ocupação deixassem a capital. O dalai-lama via desmoronarem nove anos de esforços para se chegar a uma coabitação com os ocupantes.

Dezenas de caminhões carregados de armas e soldados chegavam ao quartel do exército chinês. Os soldados dispuseram os canhões e as metralhadoras pesadas em locais estratégicos, mirando Norbulingka. Como sempre nos momentos críticos, Tenzin Gyatso sentia a necessidade de consultar o oráculo: “Fique. Tente manter o diálogo com os chineses”, respondera-lhe este. Pela primeira vez em sua vida o monarca duvidara da resposta do oráculo. Seus tutores não diziam que os deuses mentiam quando estavam desesperados?

Os dias seguintes se sucederam na mais total confusão. A população vivia as horas de exaltação que há muito tempo esperava. Depois de séculos de divisões, o Tibete reencontrava sua unidade, como no tempo do rei Songtsen Gampo, o unificador do país. Mas, mais do que uma revolução contra os privilégios da aristocracia, era uma revolução contra a tirania do imperialismo comunista chinês.

Os chineses e o dalai-lama tinham muitas dúvidas. O inevitável banho de sangue significaria aos olhos do mundo o fracasso do comunismo de Mao no Tibete, mas também o fracasso da não violência do dalai-lama. Para a maior alegria dos rebeldes e do povo de Lhasa, setenta funcionários e oficiais da guarda do dalai-lama se juntaram publicamente ao Comitê de Libertação e declararam que, a partir dali, não mais obedeceriam aos oficiais chineses e aos ministros tibetanos.

Na manhã de 11 de março, o quartel do exército tibetano abriu as portas e os soldados distribuíram armas à multidão. Os rebeldes levantavam barricadas no norte da cidade, assim bloqueando a estrada do aeroporto, onde os chineses haviam disposto tanques e metralhadoras. O dalai-lama convocou pessoalmente uma reunião com os líderes da rebelião, à qual compareceram setenta chefes e altos dignitários. Pediu-lhes que retirassem as barricadas e pusessem fim às atividades militares. Pela primeira vez na história do Tibete sua autoridade não foi suficiente. Os líderes da revolta estavam firmemente decididos a ignorar seus conselhos e renovavam as exigências que haviam feito: os chineses deviam deixar o país. Mais tarde, o dalai-lama escreveria: “O curso dos acontecimentos me deixou profundamente desesperado. Eu tinha a impressão de correr rumo ao desastre”.

De fato, em 16 de março, o general chinês anunciou, em uma carta ao dalai-lama, que estava prestes a atacar Norbulingka, pedindo-lhe que indicasse o lugar exato onde residia para poupar o edifício durante o bombardeio. Para salvar sua vida, ou acertá-lo em cheio? Não se podia

imaginar promessa de proteção mais ambígua. Os ministros e membros do kashag, o gabinete do governo do dalai-lama, decidiram unanimemente que chegara a hora de proteger o soberano. O oráculo também mudara de opinião. Disse-lhe: “Vá embora. Vá embora ainda esta noite” e, em seguida, rascunhou em uma folha de papel as instruções para a fuga. Quarenta anos depois, revelar-se-ia que o verdadeiro oráculo fora a CIA. Sem que o dalai-lama soubesse, o serviço de espionagem dos Estados Unidos, que também apoiava os khampas, transmitira ao oráculo o plano de fuga, e a operação fora pessoalmente dirigida por Allen Dulles, então diretor da agência de espionagem americana. No exato momento em que o oráculo entregava as instruções ao Deus Rei, e como se quisesse dar mais peso ao seu conselho, dois obuses caíram em uma das lagoas do parque da Preciosa Joia. Não se tratava mais de ganhar tempo, agora era uma questão de vida ou morte.

Ao cair da noite, o jovem monarca retirou-se para seus apartamentos. Trocou seu hábito de monge por uma roupa e um chapéu de pele tradicionais dos khampas. Assim vestido, de forma insólita para um pacifista que durante muito tempo se opusera às ações violentas desses guerreiros, entrou pela última vez em seu santuário. Alguns monges, iluminados pela fraca luz das lamparinas de manteiga de iaque, recitavam preces. Embora tivessem sentido sua presença, nenhum deles levantou os olhos nem manifestou a mais ínfima surpresa ao ver o dalai-lama pôr no altar, em gesto tradicional de partida, uma echarpe de seda branca. Os monges sabiam se calar. Um deles fez tintilar címbalos, outro tocou em um oboé uma nota grave como um gemido. As vibrações, que se propagavam na sala, tranquilizavam Tenzin Gyatso. Sentado sobre uma almofada de meditação, ele abriu um livro sagrado e parou em um trecho em que Buda exortava um de seus discípulos a ter coragem. Depois, fechou o livro. Deu uma última olhada naquele lugar que lhe trouxera tanta paz durante horas incertas, abençoou-o e se retirou lentamente.

Os últimos preparativos foram feitos em segredo total. Nem os chineses nem os habitantes de Lhasa sabiam sobre a fuga do dalai-lama, perfeitamente organizada pelos khampas, aconselhados pela CIA e pelo capitão da guarda pessoal do Deus Rei, que o acompanhou até a porta principal de Norbulingka. Com uma espingarda no ombro, o soberano parecia um jovem soldado anônimo. Para melhor dissimular sua identidade, deixara de usar óculos. À multidão que se encontrava diante das portas do palácio, o capitão disse que estavam fazendo uma ronda de inspeção. E assim conseguiram passar.

A noite estava clara e estrelada. Ao longe, brilhavam as luzes do quartel chinês. Alguns cachorros latiam na escuridão. Tomando todo o cuidado para evitar as patrulhas inimigas, o pequeno grupo iniciava sua fuga em um silêncio apenas quebrado pelo som surdo das botas sobre o chão arenoso. Às dez da noite, após ter atravessado o rio Kyicho, o dalai-lama encontrou-se com sua mãe, seu irmão e sua irmã, disfarçados também, que esperavam por ele com os três principais chefes militares khampas e um jovem agente da CIA. Durante uma breve

e solene cerimônia, trocaram echarpes de seda. Foi um encontro há muito esperado pelos rebeldes: o Deus Rei finalmente estava com eles. Logo que começaram a subir a montanha, o dalai-lama repetiu-se a mesma pergunta: “O que acontecerá com meu povo?”. Seu corpo fugia, mas seu espírito permanecia em Lhasa.

A quatro mil e oitocentos metros de altitude, em meio a uma depressão, o Deus Rei fez uma parada. Era a última vez que poderia contemplar Lhasa. A antiga cidade, que se estendia pelo vale, parecia tão tranquila como de costume. Ele teve apenas tempo de pronunciar uma prece antes de continuar a viagem. Era necessário apressar-se. Na mesma noite, um agente do serviço de informações dos Estados Unidos enviava uma mensagem pelo rádio para avisar que a operação começara. Em Washington, Dulles, o chefe da CIA, informava imediatamente o presidente Eisenhower. O Tibete parecia estar perdido, mas o dalai-lama estava são e salvo.

6

Às três horas da manhã, nesse dia 19 de março de 1959, enquanto a caravana do Deus Rei avançava lentamente pela montanha, as tropas de ocupação lançavam a artilharia contra o Palácio de Norbulingka. O estrondo dos morteiros e canhões na escuridão da noite fizera os moradores pular da cama. Convencidos de que o dalai-lama estava em perigo, homens e mulheres pegaram em armas e se precipitaram pelas ruas sem se preocupar com a potência militar dos chineses. Anos de frustração haviam ressuscitado o antigo espírito guerreiro dos moradores de Lhasa. Quando a batalha começou, muitos imaginaram que o mundo tivesse finalmente reagido ao trágico destino do Tibete. Mas, exceto pela ajuda que a CIA, em segredo, dava aos khampas, os norte-americanos não estavam dispostos a iniciar outra guerra como da Coreia ou do Vietnã. Em Nova Delhi, Nehru, que não queria pôr em perigo a amigável relação política que mantinha com Pequim, proibira qualquer notícia sobre a revolta. O grande partidário da neutralidade asiática, o defensor das nações oprimidas, escolhera esconder a verdade e, assim, trair o povo tibetano, com o qual, entretanto, seu país mantinha há séculos laços culturais, comerciais e religiosos.

Contudo, apesar dos esforços de Nehru para enganar as nações do mundo, a verdade aos poucos se infiltrava graças à coragem e obstinação de George Patterson, velho missionário inglês.²⁰ Na cidade de Kalimpong, localizada na fronteira indiana, esse grande especialista do país das neves e amigo dos khampas enviava artigos ao Daily Telegraph, de Londres, nos quais narrava a incrível resistência dos cavaleiros das montanhas, seus combates e sucessos às portas de Lhasa. Na sexta-feira, 21 de março, enquanto as ruas da cidade se cobriam de cadáveres, seus artigos se tornavam manchetes no jornal. Neles, George Patterson contava como os

chineses haviam bombardeado o palácio de verão e matado centenas de civis. Os soldados chineses vasculhavam febrilmente os escombros, impacientes para encontrar os restos mortais do dalai-lama. Até o fim, os membros do alto-comando se recusavam a acreditar em sua fuga; era necessário acabar com o símbolo vivo daquele país que eles queriam riscar do mapa. Em represália ao ataque do palácio de verão, os khampas, refugiados na faculdade de medicina da colina de Chakpori, atiraram nos chineses, que, em resposta, destruíram o prédio. No mesmo dia, na cidade, metralharam todos os civis que estavam nas ruas, mais particularmente aqueles que tinham se manifestado diante do estacionamento onde se encontravam os veículos militares. Sábado à tarde, os combates redobram a violência no centro da cidade. Chineses e tibetanos trocaram tiros de morteiro nos telhados, acima de uma multidão exacerbada, que corria por todos os lados lançando coquetéis molotov sobre os prédios ocupados pelos chineses. Por toda parte, colunas de fumaça subiam no céu, incêndios destruíam armazéns. As enormes muralhas de pedra do Templo de Jokhang resistiram ao incessante bombardeio da artilharia chinesa, até que um obus caiu sobre a cúpula dourada e explodiu em meio às mulheres e crianças refugiadas nas capelas. Na noite de 21 para 22 de março, os tibetanos do vale, do palácio de verão e do Potala entenderam que a luta era desesperadora. Após dois dias de intensos bombardeios, os cadáveres se amontoavam contra os muros sagrados. Aos poucos, os combates cessaram no centro da cidade, enquanto os mosteiros dos arredores, assediados por tanques, capitulavam um após o outro.²¹

A quatro quilômetros de Lhasa, junto à encosta da montanha, a universidade monástica de Sera, cercada de muralhas, era coroada por gigantescas estátuas de Buda esculpidas na rocha. Suas ruelas formavam um labirinto de edifícios de cores e formas variadas, em que viviam cerca de quatro mil monges. Contrastando com as celas escuras e enegrecidas pela fumaça dos incensos, as fachadas dos templos eram de cores chamativas, grená, amarelo, verde-esmeralda, azul-marinho, ouro e prata, decoradas com madeiras esculpidas, baixos-relevos e bronzes. A arte tibetana encontrava nelas sua mais alta expressão. As imagens de Buda ocupavam paredes de vinte metros de altura, e era necessário levantar os olhos para ver o rosto do iluminado, que sorria serenamente. Nesse antigo universo perfeitamente regulado, impregnado por uma profunda espiritualidade, o lama Thubten Yeshe passara dezenove dos vinte e cinco anos de sua vida. Depois de fugir do mosteiro, conservaria para sempre uma lembrança muito feliz dos anos que passara em Sera: “Era um lugar maravilhoso. Sagrado... Estudávamos muito. Principalmente alguns aspectos da filosofia budista: a natureza, a realidade, a vacuidade, a doutrina segundo a qual se devem evitar os extremos. Minhas necessidades eram supridas pela comunidade religiosa. Eu não precisava de muita coisa. Levava uma vida muito pacífica, e estava convencido de que nunca sairia de lá”.

Mas as forças do destino, ou do carma, assim não decidiram. Diante dos ataques de morteiros

e bombas que não paravam de explodir ao seu redor, Thubsen Yeshe foi obrigado a tomar a verdadeira primeira decisão de sua vida de adulto: abandonar o que fora o seu lar desde que seus pais o haviam deixado ali, aos cuidados de um tio monge. Como muitos outros religiosos, resolveu fugir com um grupo de companheiros. Mais tarde, ele diria:

“Tomei consciência de que precisava partir. Ou eu ficava e renunciava a uma vida de estudos e preces, ou deixava o Tibete. Não havia alternativa. Intuitivamente, eu sabia que Lhasa e o mosteiro tinham acabado para sempre. Lembro-me de que estava desesperado; de fato, mal conseguia segurar as lágrimas. Meus amigos diziam que eu voltaria. Mas, dentro de mim, eu sabia que nunca voltaria. A separação foi terrível. Tive tempo apenas de ir até Tolung, o vilarejo vizinho, onde vivia minha família. Eram camponeses, e minha irmã suplicou que eu ficasse, dizendo que poderia me esconder em sua casa até que a tempestade passasse. Mas eu sabia que era impossível. Não consegui me despedir de minha mãe. Com isso, teria partido seu coração”.

Assim, o lama Yeshe, acompanhado por dois amigos, trocou o hábito de monge pelas vestes de camponês e começou sua fuga através das montanhas do Himalaia, seguindo a estrada pela qual o dalai-lama passara alguns dias antes. Pela primeira vez em sua vida, teve que mendigar e enfrentar a adversidade. Mas esses sofrimentos um dia encontrariam sua razão de ser, porque os monges no exílio poriam fim ao isolamento do Tibete. Os ensinamentos do budismo maaiana, seu maior tesouro, logo se espalhariam pelo mundo. E um dos que mais contribuiriam para o conhecimento do budismo tibetano seria esse jovem lama de Sera, cujos fiéis encontrariam a reencarnação, anos depois, em um vilarejo andaluz.

7

A caravana seguia seu penoso avanço debaixo de tempestades de neve, quando recebeu, pelo rádio, notícias do massacre. Tenzin Gyatso estava com o coração apertado. Não pudera evitar aquele drama para seu país. Onde pensara estabelecer sua sede temporal, acabara ficando apenas algumas horas, tempo suficiente para formar um novo governo. Enquanto os monges recitavam preces, o dalai-lama assinava a proclamação oficial de um governo no qual nem acreditava mais. A cerimônia foi curta, porque as tropas chinesas estavam atrás deles. Um destacamento de khampas foi até a Índia para solicitar asilo político para seu Deus Rei. Se não o obtivessem, seriam obrigados a escondê-lo na região de Loka ou pedir asilo ao Butão.

Quatro dias depois, com as sobrelhas geladas e o rosto queimado pelo sol, o décimo quarto dalai-lama, tremendo de febre, chegava ao último vilarejo do Tibete. Debaixo de uma chuva torrencial, foi informado de que o governo indiano acatara seu pedido de asilo. Nehru, apesar da prudência que manifestara nas suas relações com a China, não pudera ignorar a

simpatia de seu povo para com o Tibete. Quando anunciou a vinda do dalai-lama, todos os membros da Câmara dos Deputados se levantaram em um só movimento e romperam em aplausos.

Na manhã de 31 de março de 1959, depois de se separar, com lágrimas nos olhos, dos oficiais khampas que o haviam escoltado até a fronteira e que voltavam para o Tibete para continuar a luta, Tenzin Gyatso subiu na garupa de um dzo preto, animal oriundo do cruzamento de vaca com iaque. Sobre essa humilde cavalgadura, sofrendo de disenteria, triste e esgotado, o Deus Rei abandonava seu país natal. Ele tinha 24 anos.

Ao ser informado da fuga do dalai-lama, Mao pronunciou uma frase que deixou perplexos, durante vários anos, todos os tibetanos exilados: “Neste caso, perdemos a batalha”. Os dirigentes chineses sentiram os eventos de Lhasa como uma humilhação. Por um lado, a China, após nove anos de ocupação, mostrava-se incapaz de dominar a minúscula população desse “país de mongezinhos”. Por outro, orquestrara em vão uma enorme campanha a respeito da visita do dalai-lama ao Congresso Nacional do Povo, em Pequim. Furiosos, os chineses decidiram subjugar o Tibete ao mais rígido controle militar. Exatamente o que predissera o dalai-lama.

Em Lhasa, cerca de dez mil pessoas, ou seja, cerca de um quarto da população, foram detidas e encarceradas, pobres ou ricos, mulheres, homens ou crianças. Algumas foram enviadas a “campos de reeducação”, outras, publicamente humilhadas e executadas; outras, ainda, detidas perto de Lhasa e utilizadas como escravas. O toque de recolher foi instaurado. Os rebeldes e seus simpatizantes foram expropriados, suas casas saqueadas, os bens divididos em três categorias: objetos de valor, joias, ouro, prata e imagens sagradas eram etiquetados para serem enviados à China; móveis e tapetes eram reservados para o pessoal militar e civil chinês; objetos como relógios e roupas eram vendidos aos trabalhadores da revolução. Depois dessa partilha, alto-falantes convocavam os pobres a se dirigir aos comitês de bairro para receber as riquezas daqueles que os exploraram. Mas, ao chegar, encontravam apenas um amontoado de cadeiras quebradas, caixas vazias, roupas gastas, ou, com sorte, uma chaleira. A mesma coisa acontecia de maneira semelhante no campo. Os chineses ficavam com os animais, o dinheiro e as ferramentas agrícolas, e distribuía aos indigentes tibetanos objetos sem valor e inúteis.

Esse saque organizado marcou o começo da destruição deliberada da quase totalidade dos seis mil mosteiros e templos do Tibete. Mais tarde, quando os chineses perceberam que tinham ido longe demais, passaram a dizer que o saque era obra do “Bando dos Quatro”, do fim dos anos 1960. Na verdade, os mosteiros foram devastados entre 1959 e 1961. Uma destruição sistemática! Os tesouros do imenso Mosteiro de Sera lotaram noventa e sete caminhões de três toneladas cada, que partiram rumo à China de noite para evitar eventuais testemunhas. Bibliotecas monásticas que datavam de vários séculos foram transformadas em lojas ou salas de

reunião; as escrituras sagradas serviram de combustível, foram misturadas a adubos ou utilizadas como papel de embrulho nos estabelecimentos comerciais chineses.

Enquanto as lojas de antiguidades de Tóquio e Hong Kong eram abastecidas com preciosos objetos tibetanos, estátuas e imagens de ouro e prata de mais de mil anos eram derretidas para ser transformadas em lingotes nas fábricas de Pequim.

As ruas e os parques de Lhasa foram renomeados sob a desculpa de que seus nomes lembravam a cultura tibetana, e, cruel ironia, foram rebatizados como: “Rua do Grande Salto Adiante”, “Avenida da Libertação”, “Rua do Amanhecer”, “Rua da Alegria”... A montanha onde antes da rebelião se erguia a faculdade de medicina mais reputada da região foi chamada de “Pico da Vitória”; os jardins de Norbulingka tomaram o nome de “Parque do Povo”. Lhasa se tornara cidade morta, os chineses organizavam uma vasta campanha de propaganda com a finalidade de minimizar, aos olhos do mundo, o tamanho da rebelião e responsabilizar “os proprietários de servos e membros da classe superior”. Ao acusar a aristocracia, os chineses conseguiram desviar a atenção das democracias do sistema repressivo que se impunham ao país das neves. Dessa forma, Pequim justificava o controle militar ao apresentá-lo como uma cruzada em prol dos tibetanos oprimidos. O povo, simples peão na estratégia chinesa, era obrigado a “fazer a revolução”, isto é, a denunciar os inimigos do povo e castigá-los. Ou tomavam o partido do sistema dos opressores, ou eram submetidos ao processo de “reeducação”. A luta de classes opusera, com inimaginável crueldade, operários e patrões, camponeses e latifundiários, monges e abades, estudantes e professores, filhos e pais. Os excessos ultrapassaram em brutalidade tudo o que acontecera contra o khampas: enforcamentos, degolações, eviscerações, crucifixões, desmembramentos e chacinas coroavam as sessões de reeducação, os tristemente famosos thamzing.

No primeiro ano que se seguiu à rebelião, milhares de tibetanos foram mortos no final das sessões, que não passavam de julgamentos sumários. Monges adeptos do tantrismo foram obrigados, sob a ameaça de espingardas, a quebrar os votos de castidade e copular publicamente com monjas diante da entrada do Templo de Jokhang. As sessões de thamzing geravam não apenas um sentimento de terror diante dos chineses, mas também um clima de suspeita entre os tibetanos. Antigos amigos não podiam mais sequer trocar opiniões, e os pais passavam a desconfiar até dos próprios filhos.

Entretanto, era sobretudo nos centros religiosos que o ódio dos chineses se expressava. Dois anos depois da rebelião, restavam apenas trinta monges dos dez mil que viviam antes no Mosteiro de Drepung, um dos maiores do mundo. Cientes de que os monges formavam o grupo mais coerente e perigoso da sociedade tibetana, os chineses iniciaram amplas campanhas de difamação contra os religiosos, acusando-os dos piores crimes. O desconhecimento que mostravam do budismo incitava-os a inventar crimes sem fundamento. Assim, os monges que

desenvolveram técnicas esotéricas de canto que lhes permitiam emitir três notas ao mesmo tempo eram acusados de ter “vozes burguesas” e eram submetidos a sessões de *thamzing*. Sete meses depois da rebelião de Lhasa, milhares de monges eram enviados ao primeiro campo de trabalho do Tibete, localizado alguns quilômetros a leste da capital, ou às minas de bórax, no extremo norte do país. Embora o interesse dos chineses fosse mantê-los vivos, a maior parte dos religiosos morreu nos primeiros anos. Trabalhavam doze horas por dia, seminus, subalimentados e sem cuidados médicos. Nos mosteiros de Sera e Ganden, pilares da cultura tibetana, restava apenas um punhado de velhos monges que tentavam preservar as ruínas. Ao atacar os mosteiros, os chineses atingiam cada família do Tibete, porque o costume era que todas enviassem pelo menos um filho ao mosteiro. Ao insultar os deuses, era o país como um todo que insultavam.

Nem o panchen-lama, o mais notável colaborador do regime, encontrava forças necessárias para continuar defendendo a causa da revolução. Aos poucos, afastava-se da via oficial e abraçava as reivindicações de seu povo. Às duras condições de vida impostas pelo Exército de Libertação do Povo, acrescentava-se uma grande fome, que, aliás, flagelava a China inteira. Era o fracasso da política do “Grande Salto para a Frente”, que impusera enormes esforços a todos os camponeses para se modernizarem. Como se isso não bastasse, a ruptura das relações com a União Soviética paralisara o envio de trigo. A atitude da China explicava essa ruptura. Em pleno século XX, que uma nação tentasse esmagar uma raça inteira, erradicar sua religião e assassinar seus habitantes não comoveu o mundo. No entanto, quando as reivindicações chinesas sobre o Tibete se estenderam também aos territórios de outras nações, os problemas apareceram. Os chineses haviam decidido que todas as regiões da Ásia central em que se falava tibetano faziam parte integrante do Tibete e, conseqüentemente, pertenciam a Pequim. Imediatamente, e com base nesse raciocínio, passaram a reivindicar trinta mil quilômetros quadrados de solo russo e quarenta mil quilômetros quadrados de solo nepalês. A União Soviética reagiu com violência, cortando suas relações com o antigo aliado, repatriando seus técnicos e proibindo a exportação de peças de reposição, armas e, pior ainda, alimentos. Foi então que a China decidiu procurar o grão que lhe faltava no Tibete. O que levavam embora reduzia em dois terços a ração média dos tibetanos, e milhares deles morriam de fome. Conta-se que alguns pais alimentavam seus filhos agonizantes com o próprio sangue misturado com água e *tsampa*. Muitos tibetanos se acostumaram a comer gatos, cachorros, insetos e, ainda, os restos que os chineses davam para os porcos. Nas prisões, a situação era terrível. Era formalmente proibido dizer que os corpos diariamente amontoados em carriolas pertenciam a prisioneiros mortos de fome.

Enquanto em Pequim o panchen-lama denunciava a situação na sua qualidade presidente do Comitê Preparatório para a Autonomia do Tibete, cargo que aceitara na dissolução do governo

tibetano, o exército chinês sitiava seu mosteiro em Tashilumpo, o único poupado até ali, e detivera quatro mil monges. Acusados, sem provas, de estar envolvidos na revolta de Lhasa, dezenas de monges e priores foram fuzilados depois de cruéis sessões de *thamzing*. Temendo um destino semelhante ou ainda pior, alguns monges, entre os quais lamas reencarnados e respeitáveis eruditos, preferiram se suicidar. Outros foram deportados para campos de trabalho. A destruição do mosteiro afetara profundamente o panchen-lama. Ele escrevera para Mao descrevendo os últimos eventos, o caos, a fome, os abusos, e pedindo-lhe a restauração de todos os prédios religiosos destruídos. Mao lhe assegurara que suas observações seriam tomadas em conta, mas, na realidade, o panchen-lama fora obrigado a pedir demissão de suas funções, enquanto os velhos monges que haviam permanecido em Tashilumpo passaram a ser maltratados publicamente. Mantendo sua posição e fiel à tradição, ele agora declarava em seus discursos que o único líder do Tibete era o dalai-lama. Vira-o uma única vez, durante uma estada em Lhasa. Ambos então eram adolescentes de 14 e 16 anos, marionetes nas mãos dos chineses. O dalai-lama pudera escapar às garras dos invasores, mas não o panchen-lama.

Irritados com a brusca mudança de comportamento daquele que sempre fora seu aliado, os chineses lhe ofereceram uma última chance de se retratar e denunciar publicamente o dalai-lama durante o grande Festival da Prece, excepcionalmente autorizado naquele ano. Nessa ocasião, em vez de cumprir as ordens recebidas, o panchen-lama pediu, diante de dez mil pessoas, a liberdade de culto para seu povo. Então, no momento em que deveria acusar o dalai-lama de reacionário, fez uma pausa, olhou para a multidão e disse: “Quero expressar minha profunda convicção de que o Tibete logo voltará a ser independente e que Sua Santidade poderá se sentar de novo no Trono do Leão. Vida longa a Sua Santidade, o dalai-lama!”. Ele se remia diante de seu povo; contudo, diante dos chineses, o aliado de ontem se tornara o mais execrável traidor. Atônitos diante de tamanho desafio, os chineses o detiveram imediatamente. Então, julgaram-no e o acusaram de “crimes contra o povo”. No final do processo, quatro membros do partido se aproximaram do panchen-lama, obrigaram-no a se ajoelhar e lhe deram socos e pontapés. O espetáculo dessa humilhação contra um dos maiores lamas abalou os delegados tibetanos. Apesar da insistência dos chineses, eles se recusaram a participar dessas cenas de violência. Depois do julgamento, panchen-lama, seus pais e seu séquito, todos acorrentados, foram conduzidos de caminhão para um lugar desconhecido. Ele tinha então 27 anos. Durante catorze anos, não se ouviu mais falar dele.

8

Do outro lado das montanhas, o dalai-lama descobria o mundo livre, mas a realidade o deixava perplexo. Depois de uma longa conversa com Nehru, o jovem monarca, desencantado, teve de

aceitar a ideia de que a diplomacia indiana nunca apoiaria o Tibete contra a China, vizinho perigoso demais para ser provocado. O primeiro-ministro indiano submetia sua hospitalidade a uma exigência. O dalai-lama se limitaria às suas funções religiosas, renunciando ao papel de líder político e à propaganda em prol da independência do Tibete. Em troca, Nehru daria uma ajuda humanitária ao Tibete.

Durante dois meses, e em respeito a Nehru, Oceano de Sabedoria manteve o silêncio. Contudo, os depoimentos de milhares de refugiados que atravessavam o Himalaia e que confirmavam a determinação destruidora dos invasores o obrigaram a denunciar publicamente as exações dos chineses. Lançou um apelo para que uma comissão internacional de juristas fizesse um inquérito sobre as atrocidades testemunhadas pelos refugiados. Essa comissão, composta por respeitáveis juristas de várias nações, estudaria igualmente a questão da independência do Tibete. O relatório concluiu que a China era culpada “do maior crime de que alguém ou uma nação pode ser acusado, o genocídio, isto é, a tentativa de destruir, total ou parcialmente, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso”. No que dizia respeito ao estatuto jurídico, esse texto lembrava que o Tibete era um Estado soberano e independente antes da invasão. Animado com as conclusões dos juristas, o dalai-lama tentara levar a questão diante das Nações Unidas. Mas era a época da guerra fria, e nenhum membro influente daquela organização quis apadrinhar a causa daquele país perdido entre o céu e a terra. Mais uma vez o Tibete fora abandonado por todos.

O dalai-lama logo entendera que a política não era feita de idealismo nem mesmo de justiça. Não havia mais como esperar que a diplomacia devolvesse o Tibete a seu povo. Era necessário começar a ajudar todos os refugiados que haviam seguido seu exemplo. Famílias inteiras, usando roupas de lã e botas de couro de iaque, chegavam a um país cuja temperatura alcançava facilmente quarenta graus. Esgotados, feridos, tinham por único tesouro relíquias religiosas e testemunhos de seu sofrimento. Tempestades de neve, gelo, avalanches, os bombardeios aéreos chineses, compunham a história dos refugiados que atravessavam o Himalaia. Contavam eles que muitos companheiros tinham morrido de frio e outros tantos de desespero. Em junho de 1959, de quatro mil refugiados que começaram a viagem, apenas cento e vinte cinco chegaram ao fim.

Para os sobreviventes, o pesadelo não acabava com a chegada à Índia. Lá, eles eram levados ao campo de Missamari ou de Buxa Duar. Este, antiga prisão britânica localizada perto do Butão, era formado por trinta barracões perdidos no meio de três colinas cobertas de florestas. O lama Yeshe, que partira de Sera havia mais de um mês, e fora milagrosamente resgatado, contaria: “Ao chegar aqui, tive um grande choque. Eu voltava para o mesmo inferno”.

Apesar das miseráveis condições de vida que proporcionavam, esses campos representavam um esforço por parte do governo indiano, que fizera um acordo com os partidos da oposição

para criar um comitê de socorro, estrutura indispensável para a obtenção de alimentos, remédios e a organização da ajuda internacional. Mas o calor sufocante, a fragilidade dos organismos diante das novas doenças, o regime alimentar tão diferente da comida tradicional à base de cevada, manteiga e carne, fazia estragos entre os tibetanos. O lama Yeshe detestava o arroz com lentilha à moda indiana. O cheiro o enjoava e lhe provocava problemas de digestão que duravam meses. Muitos refugiados morriam de disenteria, tuberculose, gripe ou má nutrição, enquanto outros de tristeza, saudosos de seu país e da luta para salvá-lo. Não era raro ouvir choro nos campos, seguido pelo murmúrio de um soetra recitado por um monge solitário, vestido à paisana como todos os prisioneiros, com roupa dada pelo governo indiano. O dalai-lama diria: “Era nosso dever informar a esses refugiados que não seria fácil voltar ao país. Fui obrigado a reconhecer que ficaríamos mais tempo do que o previsto na Índia, que era necessário nos estabelecermos mental e fisicamente”.

Uma vez desinfetados, interrogados e fichados pelos serviços de segurança indianos, monges, guerreiros e famílias inteiras esperavam nos barracões até ser enviados às estradas do norte da Índia para trabalhar duro em troca de um salário irrisório. Esse era um projeto que o dalai-lama e Nehru haviam elaborado para frear o aumento da mortalidade nos campos e atenuar a ideia segundo a qual os tibetanos viviam da caridade dos indianos. Mas quando o dalai-lama foi até as estradas do norte, sua alma se partiu. Seus compatriotas não estavam acostumados à atmosfera fétida e infestada de mosquitos da região. Além do mais, a tarefa era perigosa, e a taxa de acidentes, elevada. Tenzin Gyatso, que mal conseguia conter sua emoção, não cessava de lhes repetir que era vital que não perdessem o ânimo e que, um dia, voltariam para seu país.

Com essa viagem, ele se tornou ciente de um problema suplementar: as crianças. Utilizá-las como força de trabalho nas estradas era condená-las ao embrutecimento e à miséria moral. Era necessário cuidar delas, vesti-las e educá-las. Eram o futuro do Tibete. Nehru então lhe deu uma grande ajuda. Tão preocupado quanto seu hóspede em relação ao futuro das crianças, criou em menos de vinte e quatro horas um departamento tibetano dentro do Ministério da Educação, em consenso com o dalai-lama. As crianças receberiam uma formação completa: inglês, história, filosofia, técnicas e ciências do mundo moderno, junto com a educação tradicional tibetana. Em 1966, sete mil crianças foram dispensadas do trabalho nas estradas.

Entre antigos textos e escrituras sagradas, os raros bens que os trabalhadores das estradas, em grande parte monges, tinham conseguido salvar durante a viagem eram meticulosamente recuperados e enviados ao campo de Buxa Duar, onde mil e quinhentos religiosos se dedicavam à tarefa de preservar os ensinamentos do budismo tibetano. Essa comunidade de sábios fora criada por iniciativa do dalai-lama, que convencera o governo indiano a subvencionar um grupo de eruditos. Estes começaram a reproduzir litografias sobre pedras e a reescrever duzentos volumes de ensinamentos sagrados, ou seja, uma minúscula parte do patrimônio milenar do

Tibete. A disciplina monástica permitiu que retomassem o fio de sua existência, continuassem os estudos e salvassem do esquecimento o que era possível. O lama Yeshe estava entre eles. Seus amigos ainda se lembram de que sempre acordava atrasado para o debate matinal, porque passava as noites estudando inglês, para a admiração de seus compatriotas. Era muito dedicado, embora seus mestres e companheiros lhe dissessem que era uma perda de tempo e que seria preferível que aprendesse o híndi. Mas o lama Yeshe não os escutava, e foi assim que mais tarde se tornou um dos raros vínculos entre o budismo tibetano e a cultura ocidental.

As condições de vida em Buxa Duar eram tão duras que os monges definhavam. Depois das preces matinais, duzentos a trezentos homens formavam uma fila para ser atendidos pelo único assistente sanitário do campo. A tuberculose se espalhava entre eles com muita virulência, já que os tibetanos não eram imunizados contra esse tipo de doença. O lama Yeshe diria: “Suportávamos todos esses males porque sabíamos que a tradição religiosa do Tibete dependia de nós”.

9

Havia pouco tempo, o dalai-lama concebia planos para a preservação da sociedade tibetana exilada em um novo espaço, um antigo acampamento britânico denominado Dharamsala, situado na estrada de Nova Delhi, nas encostas do Himalaia. Em 29 de abril de 1960, ele chegava à sua residência permanente, escolhida pelo governo indiano, após ter atravessado algumas das mais lindas paisagens da Índia, luminosos campos verdes semeados de árvores e flores. O Kashmir Cottage havia sido reformado para receber Sua Santidade, sua mãe, suas duas irmãs, seu cunhado, o mestre de cerimônia, o chanceler e um grupo de secretários e tradutores. A vida lá era bem diferente da do Tibete. Nos dias de chuva, os baldes colocados em volta da cama do Deus Rei colhiam a água que gotejava do teto. Suas distrações também eram prosaicas: fazia grandes passeios pelas montanhas, travava batalhas de bola de neve no inverno, jogava partidas de tênis de mesa e *badminton* no fim do dia. Cercado por seus animais de estimação, um jovem falcão e dois cães lhasa apsos dourados, Oceano de Sabedoria descobria uma simplicidade que lhe agradava. Esforçava-se para revogar o protocolo que o cercava desde sua infância e percebia que detestava o formalismo. Doravante, ele queria ser acessível, transparente, não esconder nada atrás da etiqueta. Liberando-se da rigidez do passado, era possível falar diretamente com ele. “As novas circunstâncias permitiam que eu mudasse as coisas. Nesse sentido, ser um refugiado foi de certa forma útil. Aproximava-me muito mais da realidade”, contaria anos depois.

Com o produto da venda do ouro e da prata do Palácio de Potala levados com toda a

segurança na garupa dos iaques em 1950, Tenzin Gyatso criara o Fundo de Caridade do dalai-lama para promover a reconstrução cultural tibetana. Ele e seus conselheiros estavam firmemente decididos a manter vivo tudo aquilo que, na cultura tradicional, podia ser útil na situação presente. Do mesmo modo que as longas cerimônias e a pompa haviam sido descartadas, o teatro, a ópera, a literatura, a medicina e a religião eram incentivados, assim como todas as profissões que pudessem ajudar os refugiados a ganhar decentemente a vida: pintura, trabalho em bronze, arquitetura, marcenaria e tecelagem de tapetes. O primeiro-ministro Nehru mantinha sua palavra de dar toda a assistência humanitária possível. Graças à generosidade do governo indiano, vinte colônias foram criadas, e contava-se um número não desprezível de cento e vinte mil refugiados. As cooperativas agrícolas prosperavam, permitindo a construção de inúmeros mosteiros. Um deles tinha uma importância particular para os tibetanos. Réplica exata de um mosteiro localizado perto de Lhasa, era cercado por campos oriundos de um árduo desflorestamento, e no topo de um promontório erguia-se o templo central da nova universidade monástica de Sera. Três décadas depois, ele hospedaria cerca de três mil monges ocupados apenas em manter viva a memória do budismo tibetano, como a chama das lamparinas de óleo que o vento não consegue apagar.

10

A maior parte da população rural tibetana pegara em armas sob o comando dos khampas, que organizavam as emboscadas, ataques de postos militares e comboios chineses. No fim de 1961, os chefes rebeldes transferiram seus quartéis-generais para a região de Mustang, onde lhes seria mais fácil receber armas e munições do estrangeiro. Essa região começava no norte do Nepal, penetrava o território do Tibete e ocupava a parte oeste do país. De cultura e língua tibetanas, esse pequeno reino pertencia oficialmente ao Nepal e era administrado por um rei favorável aos rebeldes. Assim, a partir de seu novo quartel-general, os khampas podiam planejar e coordenar melhor as ações de resistência. As ruas de Katmandu, a capital do Nepal, doravante recebiam a frequente visita desses guerreiros estranhamente vestidos. Lá, eles se reuniam com seus aliados, agentes de Taiwan e da CIA, que, secretamente desde o rompimento das relações sino-soviéticas, intervinham de novo nos assuntos tibetanos. Os khampas estavam convencidos de que, mais cedo ou mais tarde, as nações estrangeiras se envolveriam ativamente em sua guerra de libertação. Não percebiam que as grandes potências não estavam interessadas em fornecer a ajuda que precisavam. O velho missionário George Patterson, que informara de modo tão eficiente a imprensa inglesa da rebelião dos khampas em 1959, havia entrado no Tibete com uma equipe de jornalistas para filmar um ataque da guerrilha contra um comboio chinês. Ele queria que seu filme lembrasse ao mundo essa luta distante e ignorada. Como recompensa por

seu trabalho, foi detido pelas autoridades nepalesas, que classificaram seu filme de “crime contra a segurança do Estado”.²² O filme se limitava a mostrar a coragem de soldados que ousavam enfrentar a maior máquina militar do mundo. Alguns desses ataques produziram até resultados inesperados. Em 1966, um grupo de cavaleiros organizara uma emboscada contra um comboio chinês e, naquela ocasião, prendeu o general do comando oeste do exército chinês, que viajava com todos os seus documentos e arquivos, um verdadeiro tesouro não somente para os tibetanos, mas também para a CIA. O espólio continha documentos que relatavam que noventa e sete mil tibetanos haviam morrido durante a rebelião de 1959, enquanto Pequim afirmava diante do mundo inteiro que fora uma revolta de menor importância. Mas o mais importante era que esses textos revelavam planos que impactariam a vida da própria China. Mao estava determinado a derrubar a oposição interna, e acabara de proclamar a Grande Revolução Cultural Proletária, que abria no país uma era de loucura coletiva, destruição e assassinatos.

Se a China como um todo vivia sob um regime de terror, os sofrimentos suportados pelo Tibete não tinham nada igual. O país das neves representava um desafio para os jovens guardas vermelhos. Em julho de 1966, um pequeno grupo de guardas chegara a Lhasa para acender a chama da Revolução Cultural. Depois de um mês, eles mostraram suas sangrentas intenções. Entraram no sacrossanto Templo de Jokhang e destruíram seus insubstituíveis tesouros. Durante vários dias, esses fanáticos queimaram textos sagrados, degolaram budas e arruinaram quadros. Destruíram parte do templo, transformando os demais cômodos em matadouro de porcos, e instalaram seu quartel--general nas capelas, que, mais tarde, passariam a ser a “Pensão no 5”. Três anos após o começo da Revolução Cultural, ruínas cobriam o solo tibetano. O patrimônio cultural do Tibete fora substituído pelo pensamento do presidente Mao. Enquanto isso, todos eram obrigados a andar com o Pequeno Livro Vermelho em mãos. Os guardas chineses paravam ao acaso os pedestres para que recitassem os pensamentos do Grande Timoneiro. Quem errava era levado à delegacia. O furor dos guardas vermelhos se dirigia também contra uma raça de cães, os lhasa apsos dourados, que eram vistos como relíquias da antiga sociedade. Os tibetanos, cuja vida consistia em proteger todos os “seres delicados”, agora recebiam a ordem de matá-los, e assim esses cães desapareciam aos poucos, espancados, linchados ou envenenados.

No campo, os guardas vermelhos organizavam uma coletivização forçada. Esse igualitarismo, admirável na teoria, era desastroso na prática. Muitos camponeses que se haviam alegrado com a abolição da ordem feudal agora entendiam que tinham perdido tudo. Os animais e as ferramentas deviam ser entregues às autoridades em troca de uma compensação sempre prometida, mas nunca dada. A coletivização transformava a vida dos nômades, cujo gado fora parcialmente confiscado. Nos vilarejos, todos os deslocamentos fora de casa e do campo eram proibidos, era necessário pedir uma autorização para ir buscar madeira nos arredores.

Finalmente, talvez pior ainda para o povo tibetano, toda referência à religião estava proscrita, o budismo parecia nunca ter existido. Os guardas vermelhos obrigavam a população a manifestar seu desprezo em relação à antiga ordem e aos “monges corrompidos”. Os mais altos lamas e funcionários do governo foram obrigados a desfilar em Lhasa com um chapéu de burro na cabeça, enquanto eram chicoteados pelos guardas vermelhos.

A Revolução Cultural durou sete anos. À medida que as lutas internas se intensificavam, as atrocidades aumentavam. As sessões de *thamzing* eram em geral seguidas por estupros e espancamentos públicos. Durante o inverno de 1967, um bando de revolucionários sequestrou as mulheres de um grupo de nômades; foram despidas e amarradas em um lago gelado por seis horas. Uma onda de suicídios assolava o país. Muitos tibetanos preferiam morrer, jogando-se do alto de uma pedra ou afogando-se em um rio, a ter que cair nas mãos dos chineses.

Aos poucos, à exceção das cidades, o país inteiro se revoltou e seguiu rumo às montanhas, fosse para fugir para a Índia, fosse para se juntar aos rebeldes. Em 1968, os “cavalos do vento” fluíam sobre quase todo o Tibete, e os guerrilheiros esperavam chegar o amanhecer para realizar suas emboscadas. Os atos de heroísmo desses homens, curtos episódios de uma epopeia longa e silenciosa, e o dalai-lama representam para esse povo quase aniquilado os dois lados da mesma moeda: a da esperança. Agarram-se a ela no fundo de seu coração, lugar que os chineses nunca alcançarão.

¹⁶ *Les cavaliers du Kham*, Michel Peissel. Paris, Robert Laffont, 1974.

¹⁷ *Au loin la liberté*: autobiographie du dalaï-lama, cit.

¹⁸ Em relação à guerra dos khampas, ver *Les cavaliers de Kham*, cit.

¹⁹ *Les cavaliers de Kham*, cit.

²⁰ *Les cavaliers de Kham*, cit.

²¹ Sobre a batalha de Lhasa, ver *The Land of Lost Content*, de Noel Barber. Londres, Hodder & Stoughton, 1960.

²² *Les cavaliers do Kham*, cit.

V

O REINO DOS DEUSES

I

A geração nascida nos anos 1970 cresceu sob o jugo da Revolução Cultural. Kinsom lembra-se perfeitamente do dia em que sua mãe fora obrigada a entregar suas rodas de oração, suas echarpes sagradas e lamparinas de manteiga de iaque a adolescentes com o uniforme de Mao para serem jogadas na fogueira. Sua mãe conseguira salvar algumas poucas imagens sagradas escondendo-as no pé de uma árvore. De vez em quando, ela as tirava dali para honrá-las, e Kinsom, ainda criança, ignorava que a mãe arriscava sua vida toda vez que fazia isso. Ela se lembra também do desespero de seu pai quando foi forçado a entregar seu rebanho às autoridades, em razão da coletivização iniciada pelos comunistas. O fanatismo das hordas maoístas alcançara o ápice do absurdo com a proibição de provérbios e canções tradicionais. Seu pai soube dessa nova disposição no dia em que foi interpelado enquanto assobiava o refrão de uma antiga canção. Os guardas vermelhos o informaram, com pancadas, que dali em diante todos deviam falar a linguagem revolucionária. Até expressões como “por favor” e “obrigado” acabaram proscritas, assim como o costume tibetano que consistia em estalar a língua em sinal de saudação afetuosa. Kinsom lembra-se igualmente de que seu pai, antes de ir à feira de gado, tivera de cortar os longos cabelos para evitar que os esbirros de Mao raspassem sua cabeça no meio da rua.

Quanto maior a população dos vilarejos e das regiões, mais intensa era a repressão. Yandol cresceu em Tolung, uma grande aldeia a uma hora de Lhasa. De sua infância, ela guarda a lembrança da execução de dois tios, que eram monges. Seus pais, muito devotos, sofreram, como os outros, proibições religiosas. Durante a época mais repressiva, mexer os lábios em sinal de prece já era o suficiente para ser acusado de dissidência e submetido a cruéis sessões de *thamzing*. Quem sabe tenha sido a estrita proibição de rezar e acender lamparinas a óleo o que a levou a se tornar religiosa? Com certeza, os lares tibetanos resistiam ao terror. Quanto mais impiedosa a repressão, maior era a vontade deles de se agarrar a seus valores. Os pais de Kinsom e os de Yandol, assim como a maior parte das famílias, ensinavam seus filhos a ler as escrituras e a meditar. Sempre estavam em contato com monges, que eram proibidos de usar o hábito, mas que, mesmo assim, continuavam cultivando sua fé. No alto país das neves, o espírito lutava desesperadamente para sobreviver, e essa luta enraizara-se na consciência das novas

gerações.

Refugiar-se nas lembranças da infância ainda é uma maneira de resistir ao frio glacial. De manhã, Kinsom e Yandol acordam sem saber se estão vivas ou mortas. A cada nova partida, essas viajantes do fim do mundo, ao deixarem para trás sua cama de pedra, têm a impressão de cumprir mais uma etapa rumo à liberdade.

O grupo está caminhando há duas semanas, e no entanto parece--lhes que já deixaram Lhasa há uma eternidade. Os perigos se sucedem como as contas de um rosário. Quando não são as tempestades, são as patrulhas da fronteira. Mesmo em dias sem nuvens, uma tempestade de neve ou granizo pode irromper a qualquer momento sobre os viajantes, que andam tremendo na semiobscuridade. E de repente, como por encantamento, as nuvens desaparecem. Nos desfiladeiros o frio é ainda mais cortante, como se as paredes de pedra negra mantivessem o inverno durante o ano todo.

Todos estão preocupados com o menino. Ele ainda consegue andar, mas... por quanto tempo? O garoto permanece estoicamente silencioso, inconsciente da gravidade do mal que já corrói suas extremidades. O velho, com o olhar distante, caminha em um ritmo constante, incansável; é tão leve que, às vezes, parece voar. Está com pressa. Não teme a morte, mas somente não alcançar seu sonho. Receber a bênção de seu neto é a meta de sua vida; uma vida destroçada pelos trágicos eventos que assolaram seu país. Essa viagem é a ocasião para que ele encerre um ciclo, como se as circunstâncias da história e a dor da separação não existissem. Uma vez curadas as queimaduras dos olhos, os khampas mostram-se tão resistentes que dão a impressão de poder caminhar durante meses por entre as montanhas. Esses khampas estão armados com adagas em magnífico estojo de prata cinzelada. Os goloks da região de Amdo e os khampas são os dois únicos povos autorizados pelo governo chinês a carregar armas. O motivo oficial é que os nômades devem se defender e proteger o gado contra os ataques de animais selvagens. A verdadeira razão é que os chineses nunca conseguiram desarmá-los, embora tenham tentado várias vezes.

Há sempre um khampa prestes a carregar o menino no colo para atravessar os rios gelados que descem dos cumes como línguas de gelo. Nessa altitude, tem-se a impressão de que a água surge das entranhas da terra, das rachaduras e da sombra das rochas, para alimentar os gigantescos rios da Ásia: o Mekong, o Brahmaputra, o rio Amarelo... A vida de centenas de milhões de camponeses, do outro lado do Himalaia, depende dessas torrentes de água, que irrigam suas terras. O Tibete, onde cerca de dois mil lagos de águas turquesa adormecem nos planaltos, é o grande reservatório de água da Ásia.

O guia segue com o olhar a torrente, para poder identificar as gargantas e pequenos vales. Os cursos d'água lhe indicam a rota a seguir. Para atravessá-los sem molhar os pés, os khampas

colocam grandes pedras que imediatamente ficam cobertas por uma fina camada de gelo. Jogam areia nelas antes de pular. Kinsom está ensopada de tanto cair nessas pedras.

À noite, as religiosas se enrolam nos cobertores e tiram as meias, deixando-as secar perto do fogo, que se torna mais fraco a cada dia porque as provisões de excrementos de iaque estão acabando, e depois massageiam longamente os pés. Essas jovens enfrentam a adversidade com surpreendente calma. São feitas da mesma cepa que seus ancestrais. Durante as peregrinações que os levavam para o outro lado do país, eles encontravam o mesmo tipo de dificuldades. As viagens podiam facilmente durar três anos, e obrigavam-nos a romper completamente com a família e a aldeia. Não tinham certeza de voltar, mas quem morria a caminho tinha certeza de ter uma boa reencarnação. Os viajantes daquela época partiam com a intenção de se purificar; hoje, fogem do inimigo.

Ao frio acrescenta-se a fome. Embora não tenham mais sal nem manteiga, as religiosas compartilham com os demais suas últimas provisões de carne seca.

“Estamos quase lá... vamos em frente!”

Na manhã em que o guia pronuncia essas palavras, todos comem em silêncio, mastigando cuidadosamente, como para extrair todos os benefícios do alimento. Então, levantam-se, pegam suas trouxas e começam a caminhar calados, apesar das dores de estômago.

2

O dia se anuncia magnífico; o sol brilha no ar tão frio que as lágrimas correm sobre as bochechas queimadas. O velho seca os olhos com a manga do casaco; há mais de setenta anos que não derrama uma lágrima. O grupo se dirige para a última depressão, que também é a mais elevada. À medida que sobem a encosta, o vento do norte sopra mais forte, levantando nuvens de neve que obstruem a visão. Eles andam quase de gatinhas, com a cabeça abaixada, o rosto coberto pela balaclava, concentrados nas marcas deixadas por aqueles que os precederam, para não se perderem e firmarem o passo. Um único erro e podem vir a escorregar ladeira abaixo por mais de meio quilômetro. Precisam parar com muita frequência, ofegantes, com os pulmões prestes a estourar. Os efeitos da altitude junto à falta de oxigênio agora se fazem sentir cruelmente. Até o guia acaba tendo dificuldade para respirar e diminui o ritmo. Um enorme cansaço toma conta da coluna de fugitivos, como um véu espesso que obscurece os sentidos e entorpece os movimentos. A cada obstáculo, os sintomas da doença das montanhas são mais agudos. Sem que realmente o percebam, o coração dos caminhantes bate freneticamente para compensar a falta de oxigênio. Kinsom, por sua vez, sente um zumbido nos ouvidos, e Yandol, náuseas e enxaquecas; de repente, as forças a abandonam.

– Deixem-me aqui, logo alcançarei vocês – diz-lhes Yandol.

Com os lábios rachados, os olhos injetados de sangue, ela abre e fecha a boca como um peixe fora d'água. Mas sua amiga Kinsom não quer que ela se deixe vencer pelo esgotamento.

– Não podemos parar aqui – responde, levantando-a pela cintura e empurrando-a para ajudá-la a subir.

A tempestade pode ser mortal; eles sabem que podem morrer afogados pelos cristais de neve que se derretem nos pulmões.

De repente, dão-se conta da ausência do menino. Cada um acreditava que estivesse com outro adulto, até que o guia, depois de organizar o grupo, constata seu desaparecimento. Pede para outro khampa acompanhá-lo e, juntos, regressam pelo caminho tão penosamente percorrido, redobrando a prudência para não escorregar e cair ladeira abaixo. Apesar da tempestade, não demoram a descobrir a silhueta do menino encolhida contra as rochas. Com os lábios azuis, as sobrelanceiras e a borda da balaclava geladas, ele está imóvel, na posição fetal, parecendo resignado a ficar ali, a esperar a morte. Caiu e não teve força para subir de novo a ladeira íngreme. Nem ao menos chorou. Respira dificilmente e não sente mais os pés nem as mãos. O khampa o pega no colo e, depois, coloca-o nas costas com a ajuda do guia. Retomam sua marcha lentamente. O guia esfrega vigorosamente o corpo, os pés e as mãos do menino para que a vida não abandone esse pequeno ser. O menino adormeceu com a cabeça encostada contra o pescoço de quem o carrega. Sorri beatificamente, como se estivesse no nirvana, e não no meio de uma infernal tempestade de neve e granizo. Quando finalmente alcançam o grupo, o khampa, esgotado, coloca o menino no chão, mas este não consegue ficar de pé; não tem mais forças, nem mesmo para manter o equilíbrio. As religiosas lhe oferecem chá e insistem para que se mexa, mas ele as olha com fraqueza. Todos sabem que não deve ser carregado, porque, se ficar imóvel, congelará. Um terceiro khampa o coloca nas costas e, a cada parada, os outros massageiam seus pés e mãos. São obrigados a diminuir o ritmo da marcha, ao mesmo tempo em que tentam coordenar a respiração com os movimentos. Yandol está prestes a desabar. Anda mais lentamente que o restante do grupo e sente-se culpada por atrasar os demais. Quando o vento finalmente enfraquece, depois de longas horas, ela quer fazer uma pausa, mas o guia não permite. Ele teme que as rajadas de vento redobrem de violência. Mais de uma vez foi obrigado a parar durante três a quatro dias até o vento se acalmar. Yandol, de cabeça abaixada, ofegante com gestos automatizados, não tem outra escolha senão obedecer.

Após atravessar encostas cobertas de neve, impressionantes de beleza na imensidade do silêncio, eles alcançam a depressão mais elevada, coroada por majestosos cumes. Os viajantes, esgotados, param. O menino consegue se manter em pé e até andar alguns passos. Também ele está mudo devido à altitude, à fadiga, ao esplendor da paisagem. Agora, o ruído do vento enfraquece e se afasta. Envolve em seu murmúrio a encosta das montanhas. Manchas de neve eterna enfeitam as paredes dos gigantescos maciços. Lá, ao longe, os riachos brilham como mercúrio. As montanhas descem pelo horizonte. Muito mais abaixo, depois do trecho

arborizado, há um mundo povoado por homens livres.

Quando o vento para completamente, as mulheres vão até a beira do precipício. Esqueceram a fome e o cansaço. Abaixo, na bruma do anoitecer, adivinham os vales cobertos de densa vegetação, onde vivem famílias, correm crianças, e animais se aconchegam no calor dos estábulos. Lá, onde fica o Nepal.

Kinsom e Yandol ficam caladas por um bom momento. Ali, elas não conseguem deixar de pensar nas companheiras de Gutsa. É a hora em que as portas das celas da prisão se abrem para a prisioneira encarregada de esvaziar o balde. Quantas estarão sofrendo por causa das torturas que lhes foram aplicadas durante o dia? Quantas estarão gemendo de dor? Elas pensam em suas amigas, em Ani Choki, em suas famílias. Kinsom imagina seu pai voltando para casa com o gado; sua mãe preparando a tukpa, sopa de macarrão com legumes; seus irmãos brincando na luz do fim do dia. Os outros viajantes também estão pensando nos entes queridos que deixaram para trás, como se essa beleza lhes permitisse ver com os olhos do coração. Agora, parece que o pior acabou. Estão prestes a vencer esse desafio.

Contudo, o guia os avisa que ainda é cedo demais para comemorar, e que vários perigos ainda os aguardam. A começar pelo vento, que pode voltar a qualquer momento, mantendo-os presos no alto da montanha, além do frio e da desidratação. Se não tiverem como derreter a neve, não haverá nada para beber. E acrescentou:

– É necessário descer um pouco e encontrar um lugar para acampar.

Pegou sua trouxa e, com passo decidido, seguiu o caminho, sozinho, ofegante. O menino, que retomou forças, prefere andar em vez de ser carregado. Mas avança muito lentamente e atrasa o resto do grupo.

3

Eles descem uma geleira em meio a fragmentos de rochas que parecem estátuas esculpidas por alguma divindade. Ficar de pé exige alguma acrobacia. Eles escorregam, tropeçam, caem de novo. Nessa região, o guia teme as avalanches causadas pelo vento. Ele obriga os fugitivos a andar em silêncio, porque o menor som é suficiente para provocar quedas de placas de neve. Uma tarde, enquanto todos se preparavam para acampar, já parcialmente desidratados e esgotados, ouvem um estrondo surdo que cresce e se torna um grande alarido. O menino, assustado, agarra o casaco do guia. Olhando para o horizonte, o velho aponta, ao longe, perto da trilha que seguiram na véspera, blocos de gelo que oscilam. E acabam então caindo no precipício, provocando uma monstruosa cascata de blocos de neve do tamanho de casas. Kinsom e Yandol ficam atônitas diante dessa visão apocalíptica. A avalanche provoca uma

minitempestade de neve que se propaga até o acampamento. Então o barulho ensurdecedor para, a nuvem de neve se assenta suavemente e a paz volta a reinar.

A angústia cede lugar à fome e à sede. Acabaram os estoques de madeira e os excrementos de iaque que servem para fazer derreter a neve, então eles chupam cubos de gelo, mas logo ficam com a boca gelada. Quase não têm mais comida. Kinsom sofre de vertigem, e sua companheira está tão fraca que só pensa em dormir. Devem aceitar o pouco de tsampa que o velho lhes oferece. Ele sorri, como se fosse uma vitória desfazer-se desses alimentos. Ao viajarem mais leves os tibetanos ficam mais felizes.

A paisagem de gelo e as imensas extensões rochosas parecem não ter limites. O desnivelamento é tanto que descem a encosta depressa, esperando ver rapidamente os campos, e talvez até alguma presença humana. Chegam a Solu-Khumbu, a terra dos xerpas, famoso povo do Himalaia.

Composto de quarenta mil habitantes, ou seja, um milésimo da população do Nepal, essa minoria ficou conhecida nos anos 1920 e 1930 quando as expedições ocidentais começaram a escalar os mais altos picos do mundo. Corajosos, robustos, os camponeses xerpas tornaram-se carregadores na maioria das caravanas. O mais famoso entre eles foi provavelmente Tenzing Norgay, que, com o neozelandês Edmund Hillary, conquistou o pico do Everest em 1953, depois de cinco tentativas. Os xerpas são muito diferentes dos nepaleses, têm seus próprios costumes. São budistas como os tibetanos, e não hinduístas como a maioria dos nepaleses. Acreditam firmemente na lenda do yeti, o “abominável homem das neves”, e levaram várias expedições à sua procura. Até hoje foram encontradas algumas estranhas pegadas de trinta centímetros de comprimento por quinze de largura, que permitem elaborar uma teoria segundo a qual tratar-se-ia, no melhor dos casos, de uma espécie de humanoide primitivo, do qual alguns espécimes teriam sobrevivido. Viveriam nos inumeráveis desfiladeiros brumosos do Himalaia, inospitais para o ser humano. Se se considerar que a maior parte da região do Himalaia continua sendo, do ponto de vista biológico, terra incógnita, não se pode afirmar que se trata de uma fábula. Com certeza, os tibetanos e os xerpas não duvidam da existência do yeti. Muitos são aqueles que já testemunharam tê-lo visto e aconselham, para escapar de suas garras, correr no sentido do vento, de maneira que seus longos pelos cubram os olhos, obrigando-o a abandonar a perseguição.

Estão caminhando há três horas quando o guia franze a testa, o que imediatamente inquieta os demais. Mostra-lhes, abaixo, um tipo de aterro onde se veem pontos minúsculos: algo que parece um acampamento. Traficantes? Assaltantes? Tibetanos que voltam ao país? É o outro lado da medalha. Alguns exilados bem equipados, alimentados, armados voltam às montanhas para atacar e roubar as colunas de refugiados. Entretanto, o guia nada teme por ter os khampas como escolta.

No mesmo dia, a cinco mil metros de altitude, quando no fim da tarde o médico espanhol Jordi Risa sai da tenda para conversar com o guia xerpa sobre a melhor rota a seguir, ele percebe de repente uma coluna que desce dos cumes.

Jordi, um homem de meia-idade, de aparência esportiva e cabelos cinzentos, conta:

“Estávamos atônitos... até os xerpas estavam perplexos. Ninguém entendia o que essas pessoas estavam fazendo lá em cima. Pensamos que pudessem ser traficantes.”

De fato, alguns dias antes, um grupo de tibetanos vestindo gorros, botas de pele e jaquetas forradas de couro aproximou-se do acampamento. Estavam bêbados de chang. Quando pediram uísque, o médico lhes ofereceu chá. Depois, exigiram uma barraca para dormir, brincando com facas e fazendo caras de assaltantes de estrada. O médico então ordenou aos xerpas que montassem uma barraca, mas, uma vez erguida, pediram uma para cada um deles. Jordi então se pôs na frente deles e lhes disse “basta”. Algumas imprecações de cada parte foram suficientes para acordar e fazer sair das barracas os outros membros da expedição. Quando os intrusos se deram conta de que os montanhesees eram em número maior do que pensavam, decidiram partir.

Uma hora depois, Jordi recebia uma chamada pelo rádio de outro acampamento:

– Prestem atenção, há um grupo de tibetanos que está andando por aqui...

– Estamos chegando! – respondeu Jordi.

Tiveram então de ir até lá para afugentar os bandidos.

É impossível saber com certeza quem está descendo a montanha, mesmo que Ang Kami, o xerpa que dirige a expedição, depois de tê-los observado de binóculo, deduza que se trata de um grupo de refugiados. É também difícil avaliar o tempo que levarão para chegar ao acampamento. A coluna segue a geleira, sobe um montículo de pedras, depois desce, sobe de novo, desce... Jordi e Ang Kami acenderam um pequeno fogo para ajudar os refugiados a se orientar. O médico acha que vão demorar uma hora para alcançar o acampamento. Mas, ao anoitecer, o grupo ainda não chegou. Jordi Risa percebe mais uma vez o quanto as distâncias no Himalaia podem ser enganadoras; é a região da desmedida. No dia seguinte, o médico acorda às sete horas, como todos os dias, para ver como está o tempo. Como predissera Ang Kami, o céu está totalmente limpo. Uma ligeira queda de neve durante a noite deixou três dedos de gelo sobre as barracas, mas não há rastro dos fugitivos. Quando a luz ilumina as geleiras, o médico perscruta a montanha em busca deles. Finalmente, consegue vê-los: pequenos pontos que agora desenham uma mancha que está avançando sem parar. Os refugiados acabam chegando ao meio-dia. De perto, parecem mendigos.

Jordi conta:

“Primeiro, um tipo de guia apareceu. Usava óculos de sol amarelos e sapatos comuns. Em

seguida, vinham os outros... alguns usavam jaquetas, camisas e sapatos esportivos. Estavam vestidos como para um passeio por alguma avenida.”

Os membros da expedição, por sua vez, estão equipados com botas feitas de material sofisticado; usam collants de seda, dois pares de meias de lã, camisetas isotérmicas, malhas, anoraques... e ainda sentem frio.

“Os refugiados dormiram a céu aberto com temperaturas abaixo de zero. Era inconcebível que tivessem resistido nessas condições.”

O médico ainda não sabe que eles estão viajando há três semanas, embora o lastimável estado físico em que se encontram possa deixar entrever isso. Estão feridos. Os khampas estão com os olhos queimados.

“Os que estavam sem óculos escuros tinham os cílios queimados pela reverberação. Havia um menino sozinho, em um estado lastimável, de longe o mais enfraquecido. Os adultos pareciam estar sedentos.”

Primeiro Jordi lhes dá algo para beber, antes de examiná-los atentamente: os pés do menino estão escurecidos. O risco de infecção é grande, porque os tecidos estão necrosados. O médico tenta avaliar se a parte gelada, isto é, os dedos, pode se regenerar. Está pessimista. Por enquanto, a única coisa a fazer é desinfetá-los com antisséptico. Os pés das mulheres estão inchados, vermelhos, cobertos de bolhas e frieiras, mas não apresentam sinais de queimação pelo frio.

Yandol, sempre curiosa, foi dar uma volta pelo acampamento enquanto o médico, ajudado pelos xerpas, aplica curativos, distribui arroz, chá e algumas roupas. As barracas abrigam uma dúzia de amantes de montanhismo, reunidos por Ang Kami para fazer a escalada do Cho Oyu, o sétimo pico mais alto do mundo. Fora o grupo de espanhóis, há italianos e franceses, todos amantes da escalada, e, como Yandol constata, sempre prestes a fechar bons negócios. Um deles gostou de sua jaqueta três-quartos em pele de antílope. A jovem a vende, triste com a ideia de se desfazer da última lembrança que tem de casa. Mas ela precisa de dinheiro para sua estada no Nepal. Sua liberdade vale uma roupa. A jaqueta é pequena demais para o alpinista, e Yandol ficará sem dinheiro, mas acaba feliz por poder conservar sua segunda pele.

Esse encontro com os xerpas e os estrangeiros revigorou a todos. Comeram, beberam e descansaram durante um dia inteiro. Repouso físico, mas sobretudo mental, porque agora não precisarão mais enfrentar situações limites ou desconhecidas. Ao anoitecer, o velho cantarola melodias de uma época em que vales e aldeias não tinham perdido seu nome, uma música que durante séculos acalentou os recém-nascidos do Tibete. Cada fibra de seu corpo acompanha a canção, que parece ter sido concebida para apaziguar a alma da terra, assustada pela chegada da noite. O velho talvez se pergunte para que serve uma vida excepcionalmente longa se se pode dissolver tão rapidamente quanto as mais curtas vidas. Por que tanto esforço e luta quando a

única coisa útil, e agora ele está vendo isso claramente, é aprender a aceitar essa dissolução? No alto, brilham picos de cor púrpura. O velho confia a Kinsom e Yandol seu mais caro desejo, o de ouvir, na hora de morrer, aquela canção, que lhe lembra sua infância. Assim se dissipará essa solidão tão antiga, sua melhor amiga, e ele dormirá como uma criança, ele, o velho, o vagabundo, o sábio. Aos poucos as montanhas ficam cinzentas.

Pela primeira vez, desde a partida de Lhasa, o guia parece feliz. O cheiro de madeira queimada, a dança das faíscas do fogo, a tranquilizante presença dos estrangeiros, o chá salgado que reconforta seu corpo, a voz do velho, quente como seiva, que murmura seu canto até as portas do sono; essa plenitude mudou seu humor. Kinsom acaba ficando surpresa ao vê-lo brincar com os carregadores; contudo, ele ainda não sorri, e a jovem, divertida, diz para si mesma que ele deve sofrer de alguma incapacidade física de esticar os lábios e mostrar os dentes. Na realidade, o “mau” guia se comporta como os outros. Responde à generosidade dos xerpas com o bom humor característico dos homens das montanhas. Assim, constata as religiosas, todos os homens carregam em si a semente de um buda.

5

“Quando as coisas ficam complicadas, a primeira coisa que os xerpas fazem é cuidar de você”, diz o médico espanhol.

Mais uma vez experimentam isso com seus primos tibetanos. Esses homens sensíveis agem com serenidade, guiados por um desejo sincero de ajudar os outros. A montanha lhes ensinou que a solidariedade é fundamental para sobreviver. Nessas altitudes, todo ressentimento, todo conflito pode ter dimensões trágicas. Entre eles, a inveja, a cobiça ou a atração por dinheiro não têm vez. É por esse motivo que o comportamento de alguns estrangeiros continua sendo um enigma para eles. Recentemente, uma expedição japonesa, em sua sede de chegar vitoriosa ao pico, passou sem parar para dar assistência a um membro de uma expedição concorrente, condenando-o a uma morte certa. Para os xerpas, que são budistas, cumprir com o dever é mais importante do que o sucesso ou o prêmio. A fé que têm no carma faz com que sejam tolerantes e nunca procurem julgar. Sabem que as más ações sempre trazem consequências.

O médico espanhol não só ama a montanha, como sente uma profunda afeição pelos xerpas, particularmente por seu amigo Ang Kami. Foi graças a suas mulheres, ambas originárias da Catalunha, que eles se conheceram. A esposa do guia, Victoria Subirana, é professora. No começo, casaram-se para que ela obtivesse um visto para permanecer no Nepal. Com 29 anos, Victoria Subirana deixara seu trabalho, seu noivo, uma vida confortável e estável em um vilarejo da província espanhola de Gerona, para abrir uma escola dedicada às crianças pobres

e necessitadas de Katmandu. Lutar contra a miséria no Nepal dera um sentido à sua vida. Vários meses após a abertura da escola, a polícia a procurou dizendo que fora denunciada e que não podia trabalhar com visto de estudante. Eram obrigados a expulsá-la. Ela, que movimentara céus e terras para conseguir verbas, que envolvera tantas pessoas nesse projeto, não podia admitir abandonar tudo. Aceitou então a proposta de um de seus amigos, um lama ligado à comunidade xerpa, de se casar para obter os documentos necessários. Normalmente, a história deveria ter parado ali, mas Ang Kami e ela continuaram a se ver; depois da união, saíram juntos de vez em quando. Assim, o casamento de fachada transformou-se em história de amor. Tiveram um filho, e, mais tarde, adotaram uma menina das montanhas. Victoria Subirana tornou-se Vicki Sherpa; sua escola é uma instituição exemplar, e seu marido, Ang Kami, dirige uma agência de viagens que organiza expedições para europeus.

Antes de partir, Ang Kami aconselhou o guia a fazer um pequeno desvio a leste para evitar os postos mais importantes da fronteira. Os refugiados são uma fonte de renda para os policiais nepaleses, que os assaltam e os entregam aos chineses mediante recompensa. Recentemente aconteceu um tiroteio entre policiais e um grupo de fugitivos que se recusavam a pagar propina. Ang Kami sabe que todo mês entre trinta e cento e cinquenta emigrantes clandestinos são reenviados para o Tibete, apesar dos protestos dos membros do Alto-Comissariado das Nações Unidas.

Para as monjas, é uma questão de sorte. Da mesma forma que sobreviveram ao mau tempo, escaparão das garras da polícia. Entretanto, enquanto juntam suas trouxas e se despedem dos xerpas, a angústia novamente toma conta delas, porque sabem que a roda gira sem jamais parar. Conhecem o antigo ditado: “Amanhã ou na próxima vida; nunca sabemos o que vai acontecer primeiro”. Em um piscar de olhos, elas podem passar da amizade, do bem-estar e da segurança do acampamento dos alpinistas para as celas de uma delegacia nepalesa, para em seguida ser entregues aos guardas chineses, àqueles que, há alguns dias, ouviam rádio à noite. Seria pior do que a morte. De repente, a ideia de que os chineses os tenham deixado passar não para que as montanhas cuidassem deles, mas para que os policiais nepaleses, mais cedo ou mais tarde, os devolvessem passa pela mente de Yandol. Ang Kami contou-lhes do incidente com os bandidos tibetanos e avisou-os de que foram em direção oeste. Os brancos puderam amedrontar foragidos, contudo, será mais difícil para simples refugiados. Correm o risco de perder até a roupa de baixo. O guia sabe disso, e talvez seja por esse motivo que volta a se mostrar inacessível e sombrio, como parecera durante boa parte da viagem. A despedida é curta e a efusão comedida, porque a angústia e o medo tomaram conta do grupo. Fazem uma saudação juntando as mãos, em sinal de respeito e agradecimento; colocam as trouxas nos ombros e se afastam do acampamento.

Ao vê-los progredir como formigas na imensidão das montanhas, o médico espanhol repara

que o menino está mancando apesar do curativo. Na noite anterior, pegara-o chorando e segurando um objeto no colo. Pensou que fossem lágrimas de dor, mas nem o sofrimento nem o esgotamento são suficientes para que uma criança tibetana chore. O médico chamara Ang Kami para servir de intérprete. O menino está com saudade. Lembra-se da sua família no Tibete; sente falta de seus pais. Ele estava agarrando o sino do cabresto de seu cavalo, embrulhado em papel para não tocar. Essa decisão inimaginável que consistiu em envolver uma criança em uma viagem tão arriscada para ir viver em um país desconhecido deixara o médico profundamente perplexo. Esse gesto provava o total desespero dos pais. A imagem desses refugiados, fugindo rumo a um destino desconhecido, vai persegui-lo por vários dias, e ficará registrada em sua memória para sempre. Para o médico, a montanha é uma fonte sempre renovada de conhecimento; nessas circunstâncias, revela-lhe essa alma que se recusa a desaparecer do outro lado da cadeia de montanhas: o espírito de resistência, a fé e a alma errante do Tibete. Ele tem consciência de ter entrado em contato com uma civilização prestes a desaparecer. Mas o que se pode fazer diante de um inimigo que ameaça a identidade, a existência de uma população afastada há tanto tempo do mundo moderno? Talvez os tibetanos não consigam sobreviver sem profundas mudanças, talvez seu destino seja perder a cultura budista e aceitar a uniformização e a competitividade... O médico desvia o olhar e entra na barraca.

6

À medida que vão descendo, as encostas rochosas dão lugar a úmidos prados. A grama está tão fofa que os caminhantes têm a impressão de andar sobre um tapete. Os ligamentos dos joelhos acabam ficando aliviados. Mais abaixo, tais como degraus bem desenhados, os campos em terraços cultivados pelos nepaleses seguem o contorno das colinas. Eles estão deslumbrados com a suavidade da paisagem, que contrasta com a aridez do Tibete. Uma paisagem verde e marrom, que tem cheiro de terra e grama, que respira vida. Os camponeses lavram, enquanto as mulheres e crianças semeiam grandes punhados de cevada. O canto dos galos irrompe no ar imóvel. Ao longe, uma camponesa grita, irritada com um búfalo que ruminava no meio dos pinheiros. Perto de uma vila, o som de um gigantesco trompete e várias fileiras de “cavalos de vento” multicores lembram-lhes de que estão em um país da mesma religião e com tradições muito semelhantes às deles. O vento, que desce dos cumes em direção ao vale, carrega as preces e bênçãos de campo em campo, de montanha em montanha, e ainda mais longe, ao longo das torrentes, das espigas de cevada, do cabelo despenteado das crianças, sobre os chifres dos bois, pelas ruelas vazias dos vilarejos onde dormem os cachorros, e até sobre as cúpulas douradas dos templos. Para os refugiados, essa paisagem é um bálsamo que lhes faz esquecer a fadiga e as privações.

Um dia em que andaram sem nada comer, o guia deixa o grupo em um pequeno bosque e vai até o vilarejo buscar comida e um lugar para passar a noite. É o fim da tarde, os homens estão voltando dos campos com uma trouxa nas costas; as mulheres estão se refrescando diante das portas; as crianças, vestindo farrapos, descalças e com muco no nariz, correm pelas trilhas escarpadas. Entre duas casas, um vendedor ambulante está vigiando sua mercadoria, frutas, cigarros, fósforos e bolos. Com olhos arregalados, o menino e os khampas olham a banca, uma simples tábua à qual estão fixadas duas rodas de bicicleta. Yandol e Kinsom sentem um pouco de tontura. O velho, por sua vez, parece insensível às garras da fome. Ele contempla o brilho dos rochedos sob a luz dourada, a cintilação dos riachos entre as árvores, escuta o canto dos pássaros. Parece feliz e em paz. Ao anoitecer, o guia volta com reconfortante notícia: alugou uma casa, para que possam dormir e recuperar-se depois dos esforços dos últimos dias. A casa fica um tanto distante, e é melhor apressar-se para ir até lá. O grupo retoma a marcha. A desgastante travessia do Himalaia é visível em cada um de seus movimentos, cada vez mais lentos; e nos rostos, no cabelo comprido, nas bochechas descarnadas, nos lábios ressecados e na pele queimada. O guia espera que um bom jantar e um dia de descanso possa reavivá-los. É necessário isso, para que possam subir no ônibus que os levará até Katmandu sem despertar suspeitas.

A granja que os acolhe é muito maior do que as outras moradias da vila. Uma mulher de meia-idade os recebe. O guia explicou-lhes que ela mora sozinha, porque seu marido e seus filhos foram trabalhar nos campos de um vale próximo. A mulher não parece impressionada com a aparência dos viajantes. É algo bastante comum nos arredores, embora ela raramente tenha visto um grupo desse tamanho.

O guia faz a coleta do dinheiro para pagar a hospedagem e a comida. Passada a alegria por se sentirem seguras, Kinsom e Yandol tomam lentamente consciência dos perigos que correram ultimamente. A viagem poderia ter acabado a qualquer momento, em qualquer lugar, numa encruzilhada. O cheiro de ensopado de legumes que a hospedeira está preparando sobre uma camada de brasas lhes faz lembrar o lar e a família. Essa granja parece um porto seguro, e eles se sentem como se estivessem em casa. Deitadas sobre esteiras e envoltos pela espessa fumaça da cozinha, Kinsom e Yandol adormecem. O menino e o velho estão sonolentos, a cabeça encostada no peito. O guia e os khampas estão sentados no lado de fora, na entrada da granja; seus murmúrios se confundem com o zumbido de uma abelha. Eles também acabam adormecendo até que a refeição esteja pronta.

À medida que a camponesa distribui tigelas de sopa, eles saem do torpor. Comem em silêncio, como nos mosteiros budistas; concentrados, saboreiam cada colherada desse alimento que lhes traz calor e energia. A mulher enche as tigelas repetida e generosamente, até esvaziar a panela. Então, ela se despede até a manhã seguinte, e os refugiados voltam a dormir. Um estalo na porta, tão violento quanto uma explosão, os acorda. Estão dormindo tão profundamente que

alguns minutos são necessários para que entendam a situação. Quatro policiais nepaleses gritam e abrem caminho com pontapés. Os tibetanos foram denunciados pela mulher tão amável e atenciosa. Uma ideia insensata passa pela cabeça de Kinsom: será o guia cúmplice dela? Fora ele que os trouxera até essa granja.

Em um segundo tudo desmorona. A viagem, a liberdade, a esperança de começar uma nova vida, tudo desaparece. A ideia de que o guia possa ser cúmplice da mulher os deixa completamente desesperados. Então, não existe salvação?

O velho, de olhar límpido, permanece impassível. Continua sorrindo; agora, no meio dessa violência, sua tranquilidade é quase um insulto. Um dos khampas se levanta e tira a adaga; imediatamente os policiais tiram as armas. O guia manda o khampa se sentar e tenta acalmar os policiais. Com a barba por fazer, usando uniformes gastos, fazem um sinal ordenando para que o grupo os siga até o quartel. Mas o guia, menos nervoso que os refugiados, pede que não se mexam.

Yandol está aterrorizada, porque ouviu falar de estupros de tibetanas nos postos da fronteira. Kinsom a tranquiliza, da maneira como estão vestidas, ninguém pode adivinhar que são mulheres. Seu maior temor é ser mandada de volta ao Tibete.

O guia sai com os policiais.

“Vou conversar com eles como se fosse o representante de vocês. Se fizerem perguntas, não digam que sou seu guia”, ele explicou ao pequeno grupo quando os policiais já estavam lá fora.

O homem sabe que, se for reenviado para o Tibete, será severamente condenado por ter ajudado pessoas a fugir. Uma difícil conversa começa. A mudança de humor dos policiais não facilita as coisas. O guia tenta por todos os meios possíveis barganhar o preço da liberdade dos refugiados. De vez em quando, entra novamente, senta no meio da confusão de trouxas, cobertores, restos de comida, e pergunta:

– Vocês têm joias escondidas? Algum bem de valor que possamos dar a eles?

A resposta é invariavelmente negativa, e o homem volta para enfrentar de novo a cobiça dos policiais. Finalmente, o guia volta, sorrindo:

– Três mil iuanes, eles querem três mil iuanes. O preço da viagem até Katmandu está incluído. Vão nos acompanhar até lá.

Os khampas contestam o preço. Furiosos, brandem as facas com ar de ameaça.

– É a lei da fronteira: se for pego, tem de pagar. O que preferem, aceitar e pagar, ou ser mandados de volta para o Tibete?

Um pesado silêncio toma conta do lugar. O mais velho dos khampas então diz:

– Eles querem todo o nosso dinheiro... Quem nos garante que, mais tarde, não vão nos entregar aos chineses?

– Dou minha palavra.

– Se outros policiais nos pararem, o que faremos sem dinheiro?

– Ninguém vai nos parar, porque vamos ser escoltados até Katmandu, onde vão nos entregar a um representante do HCR ou a um membro do governo de Sua Santidade.

Todos os refugiados remexem suas roupas para encontrar as últimas cédulas cuidadosamente dobradas e escondidas. Entregam-nas ao guia. As monjas dão tudo o que ainda têm. O guia entrega ao policial uma volumosa pilha de cédulas.

Cobertos de poeira, esgotados, sem dinheiro, os refugiados retomam a marcha até a cidade de Jiri, de onde saem diariamente alguns ônibus para a capital. Eles não têm mais nada.

“O que faremos se quiserem receber mais dinheiro?”, pergunta--se Kinsom.

O fato de estar à mercê de policiais corruptos a deprime. Ao longe, surge uma pequena cidade com casas de tijolos, prédios miseráveis, e o quartel.

7

Os refugiados foram levados até uma sala vazia. Estão trancados, como no Tibete. Não é mais um grupo de homens e mulheres mais ou menos livres em busca de seu destino, mas reféns, pobres coitados, cujo valor os policiais querem negociar. Tão perto da chegada... Enquanto o guia conversa com os policiais, os refugiados se preparam para a mais longa das noites. Seu futuro não depende mais deles, de sua coragem e força, como nas montanhas. De novo, eles dependem das “autoridades”.

Apesar do esgotamento, ninguém consegue dormir entre essas quatro paredes rachadas, em que a pálida luz da lua entra pelas janelas gradeadas. Vinte anos de ocupação chinesa lhes ensinaram que os homens de uniforme podem ser muito versáteis e perigosos. Continuam com medo de ser entregues às autoridades chinesas e não podem deixar de ter dúvidas em relação ao guia. Os khampas dizem que farão uso das facas se forem traídos. Belo consolo!

Enquanto as horas passam entre angústia e desespero nessa sala que cheira a suor e umidade, pela primeira vez desde que saíram de Lhasa os refugiados falam entre si. Evocam suas vidas, suas experiências, seus medos. Kinsom e Yandol contam sobre as manifestações, o inferno de Gutsa, a decisão de fugir. O menino, por sua vez, lembra-se de sua família, que todo dia rezava para que o dalai-lama voltasse para trazer a paz; de seu colégio, em que não podia falar tibetano; da noite em que seu tio foi preso.

Um jovem khampa, de olhar meigo e voz grave, informa-lhes que alguns meses antes duas bombas explodiram no centro de Lhasa, que províncias inteiras em que os chineses não ousam entrar são desprezadas pelo invasor, que os “tigres dragões” operam na clandestinidade. A seu ver, a vontade de lutar contra o ocupante continua borbulhando no sangue tibetano. O khampa mais velho o corrige com firmeza:

“As pessoas não pensam em fazer guerra contra os chineses. As pessoas só pensam em trocar

os cavalos por carros.”

A seu ver, apesar da existência de pontos de resistência contra os chineses, há muito tempo que a luta armada acabou, a heroica luta dos guerreiros khampas.

Ele se lembra muito bem desse dia de 1974 em que dez mil soldados nepaleses chegaram ao Mustang para obrigar os khampas a entregar as armas. Haviam sido enviados pelo rei do Nepal, que fora ameaçado de guerra por Mao se não erradicasse essa base da guerrilha, a mais importante de todas, ponto nevrálgico da resistência tibetana. Pouco tempo antes, outra terrível notícia havia sido fatal para os khampas: a CIA retirara seu apoio. Era o tributo pago pelos americanos para poder se reconciliar com a China de Mao.

No começo, os khampas não escutaram o rei do Nepal nem suas tropas.

“Como posso me entregar aos nepaleses, se não me entreguei aos chineses?”, dizia o chefe da guerrilha.

Mas sua atitude mudou com a chegada de um emissário do dalai-lama, que trazia uma mensagem gravada, em que ele dizia que continuar uma luta tão desigual não tinha sentido, agora que o Nepal e os Estados Unidos cancelavam sua ajuda. Que fazer a guerra no Nepal, um país que lhes oferecera ajuda e hospitalidade, não tinha sentido. A luta pela libertação do Tibete exigia uma estratégia de longo prazo. Então, contava o velho khampa, o chefe da guerrilha se levantara e dissera a seus soldados:

“Nunca entregarei minha arma. Mas não posso desobedecer às ordens do dalai-lama.”²³

Dias depois, seus companheiros descobriram seu cadáver: cortara a própria garganta com a adaga. Dois outros oficiais seguiram seu exemplo. Os líderes da guerrilha se matavam para não ter que desobedecer ao dalai-lama. Abandonados por todos, os khampas não podiam continuar a luta, embora, no interior do Tibete, continuasse uma atividade esporádica.

Violência ou não violência? O eterno debate nos grupos de resistência tibetanos reaparece no quartel. Para o mais jovens dos khampas, o dalai-lama sempre foi ingênuo. Para o velho tibetano, ao contrário, é um sábio, cujos atos transcendem a história imediata. O velho de sorriso eterno passara vários anos em um campo de trabalho após ter sido acusado, em 1970, de participar de uma revolta que se estendera a sessenta dos setenta e um distritos do Tibete. Vira seus companheiros morrerem um após outro, e sofrera torturas ainda mais cruéis que aquelas suportadas pelas monjas. Contudo, ele, que tudo perdera – trabalho, liberdade e esposa, morta de inanição durante a fome que seguira à Revolução Cultural –, estava convencido da inutilidade das armas contra um inimigo muito mais poderoso.

“Isso só serve para trazer mais sofrimento”, argumentou.

Fora libertado em 1972 e então ajudara seu filho a fugir para a Índia. Entregara-o a um grupo de refugiados que, assim como eles agora, aceitou levar consigo uma criança pelos caminhos do exílio. O velho está agora fazendo a viagem do reencontro.

O homem conta o mais surpreendente e incrível evento dos anos negros do Tibete: a visita, à sua aldeia, do irmão do dalai-lama, acompanhado por dignitários do governo exilado. O líder chinês Deng Xiaoping, preocupado com a imagem negativa de seu país no estrangeiro e com as constantes revoltas no Tibete, decidira aproximar-se do dalai-lama, o único homem capaz de unir e governar os tibetanos, de pacificar um território que representa um quarto da superfície da China. Assim, ofereceu-lhe a possibilidade de voltar. Pragmático, Tenzin Gyatso não se opôs a essa proposta. Mas, para ter uma ideia mais concreta das reais condições e restabelecer o contato entre os refugiados e seus compatriotas no Tibete, o dalai-lama sugeriu mandar várias missões de exploração, sob a condição de que seus representantes fossem autorizados a falar e se deslocar em total liberdade. Ao contrário do que era de se esperar, a China aceitou.

Durante quatro meses, a delegação conduzida pelo irmão do dalai-lama visitou muitas aldeias. Embora os chineses tivessem aconselhado os tibetanos a se mostrarem discretos, o velho contava que a população, ao saber da passagem do cortejo, tirava dos esconderijos rodas de oração, echarpes sagradas, rosários, e chorava de emoção. A cada etapa, a recepção dos exilados era cada vez mais delirante. Contra a vontade dos chineses, milhares de crianças e jovens se juntavam à multidão que pedia a bênção e fotos do dalai-lama. Algumas cenas eram tão comoventes que até os guias oficiais chineses deixavam escapar algumas lágrimas. Em Lhasa, dezenas de milhares de pessoas tomaram conta das ruas para saudar os enviados de mestre espiritual, desobedecendo dessa maneira à interdição de se agrupar. A delegação voltara à Índia com centenas de metros de filme, milhares de horas de gravação e uma enorme quantidade de informações. Mas, sobretudo, trazia sete mil cartas que os tibetanos haviam escrito às suas famílias. Era o primeiro correio que saía do Tibete em vinte anos. Entre essas cartas, havia aquela que o velho do eterno sorriso mandara a seu filho.

“Eu não sabia para onde mandá-la”, contava ele às monjas e aos khampas que o escutavam, fascinados pela história. “Pedi ao escrivão que escrevesse o nome do meu filho e ‘Índia’. Logo recebi uma resposta: era uma carta do meu filho. Dizia que vivia com sua família em uma colônia agrícola no sul da Índia e informava-me do nascimento do meu neto.”

8

No começo dos anos 1980, a situação começou a melhorar. Os tibetanos foram autorizados a usar novamente a roupa tradicional, e certa liberdade de culto e comércio foi concedida. Apesar de tudo, os delegados do dalai-lama acabaram constatando o desaparecimento da quase totalidade de sua cultura. Pior ainda, descobriram tudo sobre os anos de fome, as execuções públicas, o encarceramento de inocentes, a morte de milhares de monges e monjas nos campos de concentração. Era uma horrível ladainha cujas fotos de mosteiros em ruínas constituíam a

prova material. Os chineses culpavam o “bando dos quatro”, referindo-se à viúva de Mao e aos extremistas que haviam iniciado a Revolução Cultural. Prometeram progressos, mas os delegados notaram que, nas novas fábricas, eram ainda os tibetanos que executavam as tarefas mais penosas e mal pagas. A eletricidade era reservada aos bairros chineses; as estradas, os veículos e os caminhões, ao exército e aos funcionários chineses. Os bens de consumo eram inacessíveis para os tibetanos. Havia alguns hospitais em que se praticava uma política desumana: quando um chinês precisava de transfusão de sangue, recorria-se a um “voluntário” tibetano. Quanto aos camponeses, eram privados das ervas que compunham a base de sua medicina. A Revolução Cultural varrera tudo sem nada substituir.

Os visitantes perceberam que a maior parte do país não era mais do que um deserto. Ursos, águias, gansos e iaques selvagens, cervos e gazelas haviam desaparecido. Em quatro meses de viagem, cruzaram apenas com um coelho e algumas marmotas. Os tibetanos contavam os métodos de caça dos chineses: guiando motos com sidecars,²⁴ eles atiravam em bandos de cervos com metralhadoras e carregavam as carcaças em um jipe. Quando o grupo de delegados entrou na região de Kham, suas colinas, antigamente cobertas por densas florestas, estavam irreconhecíveis. Durante trinta anos, vinte quatro horas por dia, os chineses haviam desmatado sem replantar. Não somente fizeram todo o possível para destruir a cultura do Tibete, como espoliaram, com selvagem determinação, suas riquezas naturais.

Para evitar represálias contra seu povo, o dalai-lama não publicou os relatórios devastadores da primeira delegação. Preferiu esperar os resultados de uma segunda, e depois de uma terceira. Para receber essas novas missões, os chineses impuseram regras estritas à população. Era proibido sorrir, chorar, apertar as mãos, oferecer echarpes ou convidar os visitantes. Distribuíram panfletos em que eram mencionadas as respostas a dar a perguntas precisas.

Apesar das ameaças, as mesmas cenas se repetiam ainda mais comoventes, caso fosse possível. A multidão se prosternava na estrada para parar o cortejo. Crianças entre 10 e 12 anos ofereciam flores, dizendo: “Para que o sol dos ensinamentos de Buda se levante outra vez”. Mas foi durante a visita ao Mosteiro de Ganden, descrito trinta anos antes pelo tibetólogo italiano Giuseppe Tucci como “um lugar fora do mundo”, que a comoção chegou ao seu ápice. Sete mil pessoas, trazidas por caminhoneiros tibetanos que, mais tarde, sofreriam represálias, ocupavam as colinas dos arredores. Os delegados não estavam preparados para o espetáculo que viam: o gigantesco mosteiro, em que o dalai-lama passara uma noite antes de partir para a Índia e onde tivera visões premonitórias, fora simplesmente riscado do planeta. Restavam apenas alguns pedaços de muro. Imediatamente, os membros da delegação foram cercados por pessoas de todas as idades, que agarravam suas roupas e perguntavam, com lágrimas nos olhos, quando o Deus Rei voltaria. Mesmo aqueles que lhes imploravam para não chorar acabavam chorando. “Vejam nosso Ganden! Vejam o que fizeram!”, diziam eles, apontando para a colina. Os

enviados de Tenzin Gyatso pronunciaram um discurso, enquanto milhares de tibetanos gritavam palavras de ordem pela liberdade. No dia seguinte, diante do Templo do Jokhang, uma multidão os recebia com gritos de “Vida longa ao dalai-lama!”. Para os chineses, isso foi a gota d’água. As autoridades voltaram atrás. Os delegados, confinados em seus quartos, tiveram de ir embora.

Em Pequim, puderam encontrar o panchen-lama, que muitos consideravam morto. Graças às declarações de Wei Jinsheng, um dos mais iminentes dissidentes chineses, que fora encarcerado com o líder religioso, sabia-se que ainda estava vivo. O panchen-lama tentara se suicidar várias vezes para escapar ao horror dessa prisão. Fora liberado depois ter sido obrigado a declarar publicamente sua lealdade para com o regime chinês, querendo dizer dessa maneira que estava disposto a colaborar de novo com a direção do partido, embora ninguém soubesse até onde podia ir essa colaboração. Mostrara aos membros da delegação as cicatrizes deixadas pelas torturas. Em seguida, reafirmara sua fidelidade ao povo tibetano e assegurara que estava prestes a servir de mediador entre os chineses e os tibetanos exilados. E, de fato, dedicou-se a essa aproximação até morrer.

A terceira delegação, conduzida pela irmã do dalai-lama, tinha como missão informar-se sobre a educação no Tibete. Teve de admitir que houvera uma leve melhora do nível escolar, mas ainda existiam mais de setenta por cento de analfabetos. A língua tibetana era considerada língua morta, e poucas crianças a falavam corretamente. Ao contrário, em todas as disciplinas e em todos os níveis, eram obrigadas a estudar uma ideologia estrangeira.

As três delegações fizeram uma síntese de seus inquéritos, um resumo de trinta anos de ocupação chinesa: um milhão e duzentos mil tibetanos, um quinto da população, morreram de inanição ou devido aos maus-tratos; seis mil duzentos e cinquenta e quatro mosteiros haviam sido destruídos, e seus tesouros vendidos ou derretidos em lingotes; sessenta por cento do patrimônio literário fora queimado; a província de Amdo tornara-se o maior gulag do mundo, podendo receber dez milhões de prisioneiros; um de cada dez tibetanos fora encarcerado e cem mil tibetanos ainda estavam em campos de trabalho.

Uma civilização de dois mil anos fora quase aniquilada. Depois de uma viagem ao Tibete, Hu Yaobang em pessoa, o previsível sucessor de Deng Xiaoping, declarava a um jornal de Hong Kong: “Isto é puro colonialismo”. Indignado com o fato de que a esquerda radical tivesse rebaixado os tibetanos ao nível de cidadãos de segunda categoria em sua própria pátria, Hu, então secretário-geral do partido, substituiu os quadros ortodoxos por outros mais moderados e implementou um plano de melhoria do nível de vida e das condições sociais, concedendo algumas liberdades aos tibetanos. Hu assegurou que a economia tibetana alcançaria em três anos o nível que tinha nos anos 1950. Essas promessas eram bonitas demais para ser verdadeiras.

O primeiro efeito dessa abertura foi que centenas de milhares de tibetanos, jovens e velhos, moradores do campo e das cidades, operários e intelectuais, nômades e camponeses, voltaram às suas práticas religiosas. Para as crianças, nascidas e educadas na longa noite da Revolução Cultural, como Kinsom e Yandol, as medidas de Hu Yaobang anunciavam uma nova vida. Os fiéis voltavam a se prostrar em volta das ruínas dos lugares sagrados. Debruçavam-se para tocar a poeira com a testa, os joelhos e as mãos, símbolo dos cinco venenos dos quais todos precisam se purificar – ódio, desejo, ignorância, orgulho e ciúme – e devem transformar em virtudes. Começava-se a ver de novo, em volta dos templos, monges e monjas com o hábito cor de vinho. Lamparinas de manteiga de iaque eram novamente acesas diante das estátuas das divindades budistas, que puderam ser espanadas e restauradas após terem sido tiradas de seus esconderijos. O Jokhang estava outra vez aberto, e a reconstrução de alguns mosteiros, autorizada. Os mosteiros recebiam muitas jovens religiosas, embora na teoria fossem limitadas por cota. Drepung, o maior mosteiro do mundo, em que mais de dez mil monges receberam suntuosamente o menino dalai-lama em sua viagem de entronização a Lhasa, foi autorizado a receber quatrocentos e cinquenta noviços. Contudo, essas instituições não podiam mais funcionar como centros de ensino. Com certeza, as medidas de Hu Yaobang tornavam a vida mais fácil, mas também deixavam a porta aberta para um sentimento religioso e nacionalista irreversíveis. A ala mais radical do partido declarou Hu responsável pela nova situação, criticando-o por ter ido longe demais ao permitir o renascimento do sentimento religioso. Hu foi obrigado a pedir demissão devido à sua “fraqueza” em relação ao Tibete.

Em 1983, os tibetanos pararam de acreditar em todas as promessas chinesas. Naquele ano, Pequim ampliou sua política ao abrir as fronteiras do Tibete à imigração em massa. O método já trouxera resultados em outras regiões. Mostrava-se muito eficiente para acabar com a oposição das minorias. Na Manchúria, entre dois e três milhões de manchus vivem em um território colonizado por setenta e cinco milhões de chineses. No Turquestão (chamado Xinjiang pelos chineses), mais de metade da população descende dos colonos chineses, e a Mongólia Interior, por sua vez, é povoada por nove milhões de chineses e dois milhões de mongóis. O mesmo destino esperava o Tibete. A imigração e o controle da natalidade dos tibetanos faziam parte da solução final. Ao saber dessa medida, o dalai-lama declarou:

“Logo, em seu próprio país, meus compatriotas não serão mais do que uma atração para turistas.”

As delegações que visitaram o Tibete não puderam devolver o Deus Rei à sua pátria. As condições impostas por Pequim eram inaceitáveis: a administração do território não era negociável, e o dalai-lama seria obrigado a morar em Pequim. Para o líder dos tibetanos, importavam apenas as condições de vida de seus seis milhões de compatriotas, e não as dele. Desde então, o Deus Rei dos tibetanos tenta manter o diálogo aberto, mas as autoridades de

Pequim não querem saber nada a esse respeito. Quarenta anos depois da “Liberação Pacífica do Tibete”, a meta dos mais ortodoxos dirigentes chineses não mudou: continuam decididos a eliminar o que ainda resta das tradições e da cultura do alto país das neves.

9

Na cela da delegacia de polícia de Jiri, os refugiados dormem colados uns aos outros, como no caminhão que os levou para fora de Lhasa. Ignoram se estão livres ou prisioneiros, não têm mais confiança no guia, que, entretanto, assegura-lhes que não têm nada a temer. Obce-cadas com a ideia de não terem mais dinheiro no bolso, Kinsom e Yandol pedem autorização para dar uma volta. Como não há ônibus para Katmandu antes do meio-dia, o guia pediu aos policiais que deferissem o pedido. Afinal de contas, foram pagos. As monjas caminham em direção ao centro da aldeia, com o gorro enfiado na cabeça e a gola da jaqueta levantada, para que não se perceba que são mulheres.

É dia de feira. Depois do silêncio das montanhas e da noite passada na cadeia, estão desorientadas diante de tamanha agitação. Uma multidão de moradores circula entre as bancas, que oferecem tanto batatas quanto remédios. Tudo parece uma explosão de vida.

As duas jovens se aproximam de uma banca de roupas que pertence a um xerpa. Yandol faz com que ele entenda por meio de gestos que quer vender sua jaqueta de pele de antílope. Ela acha que não precisará mais dela ali, onde o frio é muito mais suportável. O xerpa experimenta a roupa. Ambas caem na gargalhada ao vê-lo assim vestido. As mangas estão um tanto curtas, mas o resto lhe cai bem. Depois de uma rápida negociação, o acordo está fechado. Com quatrocentas rupias no bolso, as monjas compram bananas, laranjas, bolos e chá, que dividem com seus companheiros de viagem ao voltar à delegacia.

Ao meio-dia, um toque de buzina anuncia a partida do ônibus para Katmandu. Pintado de cores vivas, suas rodas são altas, e as portas amassadas mal fecham. As janelas sujas, quando não quebradas, não abrem nem fecham. Na traseira, uma escada dá acesso ao teto, onde malas, animais e passageiros disputam lugar.

Os refugiados tibetanos são os primeiros a subir no ônibus, escoltados pelos policiais nepaleses, que se sentam no fundo do veículo e imediatamente caem no sono, uns por cima dos outros. As garrafas de álcool que compraram com o dinheiro dos tibetanos saem dos bolsos dos uniformes remendados. Nem o ruído do motor ao dar a partida nem a espessa fumaça preta que entra pelas janelas conseguem acordá-los. Cada curva da estrada revela aos olhos dos passageiros o charme do Nepal. É uma linda tarde. Kinsom e Yandol, com os cotovelos apoiados nas janelas, aproveitam o espetáculo que o país dos xerpas lhes oferece. Bandos de

pássaros vermelhos voam em volta do cume dos pinheiros. Salgueiros e íris enfeitam a beira da estrada, estreita demais para que dois veículos passem ao mesmo tempo. Nos campos e seus terraços perfeitamente desenhados, mulheres com rebanhos de cabras passam por homens a cavalo e carregadores. As montanhas, tão distantes, parecem estar próximas. O cheiro da madeira úmida, dos excrementos, da terra e das árvores, mesclado com os delicados perfumes de flores silvestres, chega até o ônibus, assim como, de vez em quando, o fedor dos gases do escapamento dos veículos que vêm na outra mão, co-mo para lembrar aos viajantes que eles circulam entre dois mundos.

O motorista dirige sua máquina rugidora no meio da estrada, indiferente ao tráfego dos veículos menores, que, invariavelmente, se afastam para deixar passar o rei da estrada. Se outro ônibus ou caminhão aparecer na frente, ele freia bruscamente, no último momento, buzina e para perto do talude. Os tibetanos, pouco acostumados a esse estilo de conduta, estão aterrorizados. Os policiais, imperturbáveis, permanecem dormindo.

As curvas acabaram surtindo efeito: as jovens estão enjoadas. Kinsom e Yandol, ao se virarem, constataam que o menino está passando mal. Alguns khampas estão debruçados em uma janela, onde tentam arrumar espaço para poder vomitar. Os corajosos refugiados, capazes de suportar a altitude, o frio, a neve e o vento, são derrotados por um motorista maluco. Yandol, com náuseas, procura atravessar o corredor, entre pacotes amarrados com cordas e galinhas vivas, para pedir ao motorista que pare um pouco. O homem aceita com um sinal da cabeça, mas continua andando. Então, para de repente em uma pequena cidade, diante de uma série de estabelecimentos comerciais e um bar que vende doces e refrescos. Os tibetanos saem um após outro do ônibus, e seguem os sinais do proprietário, que indicam onde fica o toailete para poderem esvaziar o estômago embrulhado. Kinsom e Yandol, esquecendo que estão vestidas com roupas masculinas, entram no banheiro feminino, o que não passa despercebido junto aos outros passageiros.

Na saída, encontram-se diante de vários indivíduos que estão bloqueando a porta, entre os quais um dos policiais. Um homem robusto, acobreado, aproxima-se de Yandol e, sem dizer uma só palavra, coloca a mão no peito dela. Ela tira sua mão com um gesto ríspido, e o homem tenta então arrancar o gorro dela. Uma brigase inicia. Yandol começa a se debater, Kinsom se precipita sobre o homem, dando-lhe socos e pontapés. Nesse momento, o menino, meio doente, sai do toailete. Começa a gritar, a pedir ajuda, puxa a roupa dos homens e se debate com inacreditável força e determinação; ele, tão solitário, tão frágil... Os homens, furiosos, afastam o menino, esbofeteando-o, até a chegada do guia, acompanhado pelo chefe dos policiais, que restabelecem a ordem, fazendo cessar o barulho de gritos e os xingamentos. Em tom de crítica, o chefe dos policiais diz ao guia:

– Não disse que havia mulheres com vocês.

O guia olha fixamente para ele e responde:

– Elas pagaram, não é?

O que importa que sejam mulheres? Mas ele está com medo; esse incidente pode significar o fim da viagem.

No momento de voltar para o ônibus, o policial não deixa as monjas subirem. Pede-lhes mais dinheiro, alegando que a “proteção” das mulheres é mais cara. “Esses policiais são verdadeiros crápulas”, lembrar-se-ia Kinsom. O guia, categórico, as defende com firmeza. O motorista, cansado de esperar, arrisca-se a buzinar, o que lhe vale uma admoestação por parte dos policiais. Para encerrar o assunto, Yandol tira cem rupias de um de seus bolsos e as entrega ao chefe dos policiais. A viagem pode seguir adiante.

Mas o incidente mexeu com elas. Agora estão com medo, como no dia em que deixaram Lhasa. O comportamento desses policiais, meio bêbados, é tão arbitrário que elas passam a ficar atentas a tudo o que possa acontecer. Na prisão, estavam preparadas para os maus-tratos, mas o fato de serem agredidas no momento em que menos esperavam provou o quanto ainda estão vulneráveis. Sentem um desespero profundo. As flores que jorram das rochas na beira da estrada, os reflexos de um riacho, uma ravina repentinamente iluminada pela luz das montanhas ou a vista dos cumes, às vezes escuros, às vezes luminosos, todo esse esplendor faz com que esqueçam o mundo dos homens.

– Se fôssemos monges, nada disso teria acontecido – diz Yandol depois de um longo silêncio.
– Não teriam ido atrás de nós, e não precisaríamos nos defender...

Kinsom ri, anuindo com a cabeça.

– Em uma próxima vida, gostaria de reencarnar como homem – confessa Yandol.

– Eu também, como monge – acrescenta a amiga.

10

No dia seguinte, eles alcançam a cidade de Katmandu, tão suja quanto maravilhosa. Encostadas nas janelas do ônibus, as tibetanas contemplam o inesgotável espetáculo que oferece essa cidade de um milhão de habitantes, onde as pessoas cospem, se lavam, fazem abluções, rezam e dormem na rua; onde as mulheres costuram e tecem na soleira das casas, vendem legumes e ferramentas na escadaria dos templos. Elas veem extraordinários santuários com cúpulas douradas ao lado de montanhas de dejetos; varandas de madeira esculpida em minúsculas ruelas com esgotos a céu aberto; suntuosos monumentos; feiras repletas de frutas coloridas; e, por toda parte, uma humanidade compacta e formigante que se debate na fumaça dos escapamentos e na poeira das ruas. Tem-se a impressão de que essa cidade está acostumada, há tempos imemoriais, a dar as boas-vindas a pobres e ricos, sábios e loucos, turistas e refugiados.

Os policiais levam os tibetanos até a delegacia da Praça Durbar, um prédio colonial branco, ao lado dos mais belos templos hindus e budistas, localizado no centro da antiga Katmandu. Na entrada, um marabu, coberto de cinzas, enrola seu pênis em volta de um bastão diante de um grupo de turistas estupefatos, que, entre risos, jogam moedas em uma tigela.

Os tibetanos estão novamente trancados em uma grande sala, diante de policiais de uniformes cinza que os interrogam. É um procedimento normal, mas inquietante para aqueles que conheceram outro tipo de interrogatório. Agora que se encontram no final da viagem, estão apavorados com a ideia de perder a liberdade para sempre. E têm razão de estar com medo, porque, desse prédio, mais de um refugiado foi reconduzido a um posto da fronteira chinesa, apesar dos protestos enérgicos das missões diplomáticas e organizações humanitárias. Mas conseguem se acalmar uma hora depois, quando dois representantes do HCR vêm para buscá-los. Finalmente, um inebriante júbilo os invade.

Na Praça Durbar, diante do antigo Palácio Real, chega a hora da despedida. O menino, as religiosas e o velho vão ser transferidos para o centro de acolhimento e abrigo oficial. Os khampas continuarão viagem até o Mustang, onde se instalou uma parte de suas famílias depois da rendição. Querem começar uma vida nova, dedicando-se ao que sabem fazer melhor, o comércio de gado e, talvez, de armas. Inclina-se diante das monjas, como para lhes agradecer por sua atenção, coragem e fé.

Então, abraçam o menino, e este, com olhos brilhando de emoção, os vê partir, de cabeça baixa, rumo a um destino desconhecido.

Kinsom e Yandol, ao despedir-se do guia, mal conseguem segurar as lágrimas. Com esse homem, do qual duvidaram até o último momento, compartilharam emoções, medo, decepções, alegrias. Se agora estão ali, é graças a ele. Se a chama do Tibete continua brilhando no mundo, é graças a pessoas como ele. Elas juntam as mãos na altura do coração, em um gesto que traduz todo seu reconhecimento. Então, sob o peso de uma invencível força interna, o duro material de que é feito o rosto do guia se abala. Suas pálpebras se abrem ligeiramente, seus lábios grossos relaxam, e surgem covinhas nos cantos de sua boca. O guia finalmente as presenteia com um sorriso.

Em seguida, ele coloca os óculos amarelos e, antes de desaparecer na multidão, humildemente lhes pede desculpas por ter sido brusco durante toda a viagem.

A enfermeira Tsering Lhamo, filha de tibetanos, está acostumada a ver refugiados debilitados. Quanto mais se aproxima o inverno, pior fica o estado físico deles.

Aos 40 anos, essa mulher de olhar inteligente, que fala com facilidade várias línguas, é responsável pelo centro de refugiados tibetanos. Dedicou sua vida a seu povo, porque também ela chegou ao Nepal, em 1959, com seus pais, tendo unicamente as roupas do corpo. Nunca se

esqueceu disso. Desde então, trabalha no centro, recebe refugiados sofrendo de desnutrição, graves problemas gástricos, outros queimados pelo sol e vítimas de acidentes que ocorrem durante a viagem. Ela curou compatriotas com clavículas quebradas pelos socos dos policiais nepaleses, outros com fraturas abertas e purulentas; examina monjas estupradas pelos guias e meninas com membros queimados pelo gelo. Toda manhã, vem ao campo de acolhimento situado atrás do Templo de Swayambu, um dos mais conhecidos centros do budismo no Nepal, em que, diz-se, Buda pregava em meio a macacos e pinheiros. Ela ausculta, lava, corta, desinfeta e cura milhares de chagas, a história viva e sangrenta de um exílio que dura há quarenta anos.

A enfermeira ausculta e vacina Kinsom, Yandol e o velho, depois faz curativos em seus ferimentos com iodo e distribui vitaminas. Um assistente corta-lhes os cabelos e as unhas.

Depois, cuida do menino. Ao retirar a bandagem do médico espanhol, sente um horrível fedor. O pé está infectado, é necessário operá--lo. Ela explica ao menino que no hospital poderão deter a infecção, mas acrescenta que ele certamente perderá os dedos do pé direito. Informa-o para que esteja pronto, para que não acorde depois da anestesia com a mais desagradável surpresa de sua curta vida.

As monjas se despedem do pequeno herói, que aguentou o frio e as calamidades sem reclamar, defendeu-as contra os policiais, e sempre se mostrou tão discreto quanto corajoso.

– Nos veremos em Dharamsala – promete-lhe Yandol.

Uma profunda tristeza se lê no olhar do menino. Ele se vê privado do último vínculo que o une a Lhasa, à lembrança de sua família. Essa solidão parece fazê-lo sofrer mais do que seus pés.

As monjas estão alojadas em um barracão: vários catres enfileirados, plástico nas janelas, mobiliário reduzido a alguns pregos nas paredes para pendurar roupas e trouxas. Aqui, só refugiados, famílias, monges e crianças que chegam aos milhares por caminhos inverossímeis. Todos carregam na bagagem um papel com sua foto. É o único documento que serve de identidade. Tem o selo do leão, símbolo de um Tibete que não conheceram e que, agora, os acolhe. É assinado pelo “Governo da Sua Santidade o dalai-lama”. Eles o tiram e olham várias vezes por dia, como se quisessem se assegurar de que é mesmo verdade, e não um sonho.

Deitadas perto das portas abertas, de onde se vê a colina verde do Templo de Swayambu, as monjas descansam, acalentadas por um sentimento de segurança que não experimentavam desde a infância. Logo esquecem as más lembranças da viagem. Nos primeiros dias, não ousam se aventurar para o outro lado do vale, a meia hora de caminhada. Ainda temem ser detidas sob algum pretexto, cientes de não estarem totalmente livres.

Finalmente, uma manhã, sentem-se prontas. Embora intimidadas pelo intenso movimento das ruelas, decidem ir até a feira. Com o dinheiro da venda da jaqueta ao comerciante xerpa,

compram dez metros de tecido cor de vinho de dois xales de lã da mesma cor. Voltam depressa ao centro de acolhimento, tiram as calças, as camisas e malhas, e põem de volta o hábito. Dali em diante têm a impressão de estar em casa.

[23](#) *Exile in the Land of Snow*, de John Avedon. Londres, Wisdom Books, 1979.

[24](#) Pequeno carro com roda própria, preso ao lado de uma motocicleta, usado para transportar um passageiro ou pacotes.

VI

“QUANDO OS CAVALOS GALOPAREM SOBRE
RODAS”

I

A dois mil quilômetros de Katmandu, na alta cidade de Dharamsala, onde os refugiados tibetanos haviam se estabelecido, um monge solitário, com um rosário de grandes contas de madeira na mão, reza pela paz do mundo. Fiel à sua missão de bodisatva, isto é, dedicar sua vida presente e as próximas a aliviar os sofrimentos dos seres vivos, ele gosta de meditar no silêncio do amanhecer. Quando os primeiros raios do sol aparecem do outro lado do vale, ele inicia sua caminhada como toda manhã, desde o dia de 1960 em que esse lugar lhe foi atribuído como residência. Para Tenzin Gyatso, décimo quarto dalai-lama, essa sessão de meditação na natureza é o melhor momento do dia.

Esse homem, que aos 15 anos conheceu a brutalidade da vida política, do imperialismo e das armas, tornou-se um símbolo vivo de sua época. O século XX, das grandes invenções, do triunfo da ciência, também foi o século do genocídio e do exílio. Centenas de milhares de indivíduos, europeus, indianos, chineses, russos, africanos... tiveram de cortar laços com suas origens. Nunca nenhum século produziu tantos desenraizados.

Ele mesmo perdeu sua terra, e deve presenciar, quase impotente, a lenta agonia de seu povo. Viu morrer os seres mais caros ao seu coração, irmão, irmã, mãe, tutores; sabe que, no Tibete, amigos e religiosos morrem de forma atroz. A recente morte do panchen-lama o deixou duramente abalado. Nesses últimos tempos, várias conversas por telefone foram suficientes para que se convencesse, em seu coração, de que o panchen-lama permanecera fiel à sua religião e ao seu país. Embora os chineses, após tê-lo libertado, o utilizassem como uma marionete, o panchen-lama tentava opor-se a eles. Em um dos seus últimos discursos, pronunciado em Pequim, ele denunciava corajosamente o terrível preço do “progresso” trazido pelos chineses ao Tibete. Dois dias depois, no Mosteiro de Tashilumpo, um ataque cardíaco o levava. Tinha 53 anos. Muitos de seus compatriotas creem que possa ter sido envenenado pelos chineses. Outros, contudo, preferem imaginar que ele escolheu a hora de sua morte, como um verdadeiro mestre do budismo.

“Se eu tivesse caído nas mãos dos chineses, acredito que não teria sido tão corajoso quanto ele”, declarara Tenzin Gyatso, desfazendo dessa maneira as dúvidas que pairavam sobre a lealdade de seu filho espiritual.

Durante sua existência, mil vezes o dalai-lama poderia ter perdido a esperança. Mil vezes poderia ter se entregado ao desânimo, à tristeza, mas isso nunca aconteceu. Ao contrário, todas as suas experiências permitiram que ele descobrisse uma insuspeitada energia dentro de si, que sempre utiliza para preservar a memória de sua terra.

Única luz capaz de guiar seu povo na longa noite imposta pelos chineses, Tenzin Gyatso acolheu na Índia trezentos mil tibetanos, dos quais dez por cento vivem em mosteiros, estudando e velando a tradição. Se no começo dispunha apenas de um orfanato, construído às pressas para salvar os filhos dos primeiros refugiados, em seguida mandou construir uma série de aldeias por toda a Índia, que hoje abrigam mais de trinta mil jovens. A diáspora espalha, pelo mundo afora, a fé, a escritura e as lendas do Tibete, as histórias dos dalai-lamas e panchen--lamas, de seus nômades guerreiros, de seus monges políticos e sábios eremitas. Tenzin Gyatso confiou a seus companheiros de exílio a missão de proteger a alma de seu país na esperança de um hipotético regresso, porque sabe que o povo que luta pela sua existência deve vencer; que o amor à liberdade, inerente ao ser humano, acaba por se impor. É apenas questão de tempo. Os chineses não viverão eternamente desprovidos de liberdade.

Mas, por enquanto, seu povo ainda é perseguido, e Tenzin Gyatso não se cansa de denunciar esse fato. A atribuição do prêmio Nobel o ajudou muito nessa tarefa. O mundo inteiro pôde saber o destino de seus compatriotas. Por outro lado, ele ainda está tentando chegar a um consenso com os invasores, mas, toda vez que inicia um diálogo com Pequim sobre o futuro do Tibete, é imediatamente acusado de querer restabelecer o sistema feudal. No começo, ele subestimou o alcance da propaganda do governo chinês, que apresentava a invasão como se fosse a libertação de um povo antes reduzido à escravidão. Foi necessário esperar a Revolução Cultural e o massacre da Praça Tian'anmen para que o mundo admitisse a hipocrisia e a crueldade dos comunistas chineses.

Uma das mais recentes vítimas do regime chinês se chama Gendun Choekyi Nuyma, um menino de 6 anos reconhecido por Tenzin Gyatso como sendo a reencarnação do saudoso panchen-lama. O anúncio de sua descoberta por lamas enfureceu as autoridades chinesas, que imediatamente mandaram um avião para levar o menino e seus pais, um pobre casal de criadores de iaques, para fora do Tibete. Desde então, e apesar de uma campanha internacional de protestos, nunca mais se soube nada a respeito deles. Ao organizar seu sumiço, os chineses fizeram desse menino o mais jovem prisioneiro político do mundo.

Em seu desejo de designar por sua conta o sucessor do panchen--lama, o governo chinês subornou e intimidou um grupo de religiosos para escolherem outro menino, que foi entronizado no Templo de Jokhang. Os chineses esperam doutriná-lo e, no decorrer do tempo, transformá-lo em uma autoridade política capaz de servir de contrapeso ao dalai-lama. As reencarnações dos

grandes lamas tornam-se assim objeto de disputa em uma curiosa guerra entre militares comunistas e religiosos budistas.

2

Às seis horas da manhã, o dalai-lama volta à sua residência. Em frente à sua escrivaninha, pusera uma mesa na qual passou a colocar comida para os pássaros, e proteção contra os predadores. Os pássaros se aproximam de seu benfeitor chilreando. Ele espalha os grãos de milho miúdo sobre a mesa. Mas, naquele dia, o dalai-lama é obrigado a usar uma velha espingarda de ar comprimido para afastar os gatos. Depois, vai meditar em sua capela e se prostrar diante do altar. Sentado em uma almofada amarela e ocre, inicia a meditação:

“Quando nos recolhemos lentamente para dentro de nós, alcançamos o sentimento de paz que existe em nosso íntimo. Temos todos nós esse desejo profundo, embora ele esteja frequentemente escondido, mascarado.”

Ele não se cansa de repetir isto.

A morte também está presente na meditação budista. Todo dia, Tenzin Gyatso se prepara para recebê-la. Ele sabe que tudo é efêmero, que ninguém sabe o dia e a hora do último encontro. Sabe que, para morrer, a condição ideal é abandonar tudo, interna e externamente, para que nesse momento crucial não exista nenhum desejo, nenhum vínculo ao qual o espírito tente se apegar. A meditação sobre a morte lhe permite manter a consciência da fragilidade da existência e dá um sentido a cada instante. Imóvel, com as costas retas, as mãos sobre os joelhos, os polegares junto aos indicadores, Tenzin Gyatso parece ter alcançado o nirvana, que não é o céu, mas um estado do espírito que ele pode encontrar aqui, no meio da agitação terrestre.

O que os homens procuram? Durante suas inumeráveis viagens, ele os vê percorrerem o mundo de carro, avião, trem-bala... Mas com que finalidade? Consomem sem parar, mas estão sempre famintos. Durante suas audiências, ele conversa com indivíduos das mais diversas profissões, de países diferentes, que parecem ter tudo para ser felizes, mas que, no entanto, são profundamente insatisfeitos. Vivem com medo, sob tensão, sempre insaciáveis, sempre inquietos, perderam contato com sua mais profunda dimensão, que é também a mais agradável e a mais fecunda. Permanecem na agitada superfície do mar, sem jamais descer rumo às águas calmas. Perderam a paz de espírito. Se os homens são incapazes de alcançar a paz interior... como sonhar com a paz entre as nações?

Durante uma viagem à Espanha, o dalai-lama encontrou um monge católico, na Abadia de Montserrat, com o qual pôde comparar as virtudes da fé cristã e da filosofia budista. O padre Basili, um verdadeiro mestre espiritual, vive em uma gruta, afastado do mundo como um eremita

ou um sábio oriental. Trocaram apenas algumas palavras em inglês, mas foram suficientes para que Tenzin Gyatso soubesse que estava na presença de um ser excepcional, um ser verdadeiramente religioso.

Quando lhe perguntou qual era o assunto de suas meditações, o monge simplesmente respondeu: “O amor.”

O amor é também a base das meditações de Oceano de Sabedoria. Sem amor, sem compaixão, não há felicidade possível. E o amor nasce na paz do espírito. O bem-estar material não é suficiente para alcançar a felicidade, se não for acompanhado por um desenvolvimento espiritual. Esta é sua fé.

Tenzin Gyatso viveu uma experiência semelhante com os sufis do islã e os místicos judeus. Para ele, pouco importam os deuses. Enquanto os homens estiverem deslumbrados pelo mistério da vida, sempre haverá uma maneira de se entenderem. Talvez seja por essa razão que ele aconselha aos ocidentais atraídos pelo budismo a não se converterem. Segundo Tenzin Gyatso, se cada civilização criou sua própria religião, é porque cada uma delas condiz, mais do que outra, com a alma dos diferentes povos.

Serenidade, amor, compaixão, tolerância... Estranho vocabulário para um chefe de governo, mesmo exilado. Por todos os lugares aos quais é convidado, seja diante de chefes de Estado ou de jornalistas, nunca atacou os chineses. Nem ele nem os grandes lamas que perderam tudo no exílio – e que, em alguns casos, foram vítimas de violências – jamais proferiram palavras de ressentimento ou condenação. O abade do Mosteiro de Namgyal, preso em 1959 e depois internado em um campo de concentração, contava um dia a Tenzin Gyatso que correria um grande perigo na prisão. Curioso, o dalai-lama quis saber que perigo era esse, e ele respondeu que estava prestes a perder sua compaixão em relação aos chineses. Tais homens são exemplos vivos da verdadeira religião.

3

Quando o pássaro de ferro voar,
Quando os cavalos galoparem sobre rodas
O povo de Bodh se dispersará pelo mundo, como formigas,
E o darma chegará ao continente do homem vermelho.

Se grande parte da profecia já se verificou, a outra está se realizando. Durante suas viagens, Tenzin Gyatso pôde constatar o crescimento do darma, a lei budista. Os lamas que difundiram o budismo pelo mundo com muito sucesso não são os mais eruditos, mas as mais fortes personalidades, que têm talento para a comunicação com os ocidentais, mais sensíveis ao

carisma e ao caráter do mestre do que à sua suposta santidade. Um deles é um humilde lama de Sera, que chegou ao campo de refugiados de Buxa Duar e cuja insólita amizade com uma princesa russa está na origem de uma organização budista que se espalhou pelo Ocidente com fulgurante rapidez.

O lama Yeshe sempre guardará a extraordinária lembrança do dia em que encontrou a estupenda princesa Zina Rachevsky. “Como posso receber a paz e a iluminação?”, perguntou a mulher, ao bater na porta do Mosteiro de Darjeeling, onde o monge fazia um retiro espiritual. Nunca um estrangeiro pedira a iluminação como se pede uma lâmpada em uma loja.

Zina Rachevsky não era uma mulher comum. Sua vida fora mais atormentada que a do lama de Sera. Filha de um príncipe russo, um Romanov que fugira da revolução, e de uma rica herdeira norte-americana, fora criada em Hollywood. Drogas, álcool, sexo e inumeráveis noites em claro a haviam levado à beira do precipício. Quando encontrou o lama Yeshe, sentia-se profundamente infeliz, cansada da vida.

O lama tibetano recorda:

“Nada a satisfazia. Ela dizia que a vida era vazia. Em comparação, eu não tinha nada, país, lar, dinheiro, bens ou família, mas, mesmo assim, tinha tudo porque me sentia feliz. Com Zina, e mais tarde com outros ocidentais, percebi que essas pessoas não sabiam compreender a si mesmas, nem compreender sua vida interior. Faltava-lhes acreditar em seu próprio potencial para ser felizes. Zina pensava que a felicidade viesse de fora, mas isso não é verdade, ela vem de dentro de cada um”.

Com os lamas, Zina encontrou um sentido para sua vida. Depois de nove meses de ensinamento, ela anunciou que desejava ser monja. O lama Yeshe refletiu, e então aceitou sua prece, sem suspeitar de que, dessa curiosa maneira, o budismo tibetano iria obter um importante crescimento no Ocidente. Com o decorrer do tempo, e usando parte de sua herança, Zina comprou terrenos no alto de uma colina chamada Kopan, perto de Katmandu. Aos poucos, construiu um mosteiro. Os primeiros discípulos foram hippies que já haviam experimentado todas as filosofias orientais, sempre atrás de um grande guru. Alguns estavam drogados, outros procuravam sinceramente uma resposta ao mistério da existência, outros ainda eram simples errantes à procura de experiências. O lama Yeshe não tinha preconceitos, e assim se dedicou, de corpo e alma, a transmitir os ensinamentos sagrados a esse auditório dos mais heterodoxos. Não pedia que seus adeptos renunciassem à sua própria cultura, pelo contrário. Para ele, “eram intelectualmente bem preparados, mas faltava-lhes uma experiência direta dos ensinamentos que só pode ser alcançada pela meditação. Apenas com a experiência interior é que podemos colocar em prática a competência intelectual na vida cotidiana”.²⁵ O lama Yeshe e Zina Rachevsky, dois seres que não tinham absolutamente nada em comum, criaram uma fundação para difundir o budismo no mundo.

“Eu estava convencido de que o budismo tibetano tinha algo precioso para oferecer aos ocidentais”, dizia o lama Yeshe. “É a essência do budismo que deve ser levada ao Ocidente, e não sua aparência. Essa essência tem um interesse para os homens e as mulheres de cada época, porque trata da natureza humana e de tudo o que diz respeito ao sofrimento e à felicidade. E essa essência deve ser vinculada à ciência, à psicologia e à filosofia ocidentais. Do contrário, não há conexão possível. Os ocidentais não sabem que podem alcançar alto grau de felicidade pelo espírito.”²⁶

O lama Yeshe iniciava seus fiéis nos recursos do mundo interior com estilo inimitável, deixando de lado o formalismo seco, arcaico e anacrônico do budismo tibetano em sua estrita interpretação. Assim, o número de ouvintes que chegavam dos quatro cantos do mundo não parava de crescer.

A menina mimada de Hollywood também fez coisas inimagináveis. Por exemplo, repetir três milhões e seiscentos mil mantras na gruta do Himalaia onde resolvera morar. No começo, sofrera terrivelmente de solidão e de isolamento. Assustada, passava a maior parte do tempo escrevendo seu diário. Mas, aos poucos, foi superando seus medos e acabou por assimilar a serenidade de seu retiro. Era capaz de meditar várias horas, imóvel. Tivera tanto êxito que se transformara, e, quando deixava as montanhas, suas amigas a achavam radiante. Aliás, por conta própria, sem que ninguém lhe sugerisse, ela retomava o caminho da montanha.

Mas sua vida seria marcada por uma tragédia. A resplandecente beleza hollywoodiana, que se tornara asceta, morreu de repente aos 42 anos. Alguns acreditaram que foi por causa de uma hepatite, outros de uma intoxicação. Ela morreu no mais belo momento de sua vida, após ter finalmente descoberto a felicidade na simplicidade das montanhas, sem suspeitar o alcance do movimento que contribuía para criar.

O lama Yeshe continuou difundindo seus ensinamentos a centenas de fiéis ocidentais, e mais tarde mandou construir um mosteiro na terra dos xerpas, assim como um centro internacional de retiro nas colinas de Dharamsala. Tornara-se viajante impenitente, porque, de volta a seus países, os estudantes solicitavam seus conselhos para a concepção de novos centros de ensino e retiro.

Essa organização, a Fundação para a Preservação da Tradição Maaiana, tem vários centros em cidades e no campo, para quem deseja meditar, estudar o budismo ou simplesmente fugir da agitação do mundo. Possui também editoras que publicam textos fundamentais do budismo tibetano.

Em meados dos anos 1970, o lama Yeshe chegou a Ibiza durante uma de suas várias viagens. Lá, um grupo de fiéis esperava por ele, entre os quais muitos hippies fascinados pelo apelo do Oriente.

“Ele tinha uma habilidade especial em seu jeito de ir direto à essência do budismo, de

explicar a felicidade ou infelicidade, de dar um sentido à vida, etc., e de tornar essa filosofia compreensível e atraente para os ocidentais”, explica Paco Hita, um dos primeiros adeptos espanhóis, um homem tímido, amável, de olhos azuis e olhar penetrante.

Maria Torres, sua companheira, de cabelo escuro, charmosa e inteligente, conta:

“Conhecê-lo foi uma revelação. Pela primeira vez na minha vida, eu recebia respostas claras e precisas a todas as perguntas que me fazia: Por que nascemos? Por que morremos? Por que alguns têm uma vida agradável enquanto os outros vivem um inferno?... O lama Yeshe era não apenas um gênio da comunicação, como era um homem bom, sabia ser cúmplice e era muito alegre, inteligente e simples. Ademais, era um revoltado: nunca usava a túnica púrpura.”

Seus discípulos espanhóis sugeriram ao lama Yeshe que criasse um centro na Espanha, aberto para todos, independente de sua religião. Depois de uma longa busca, encontraram o lugar ideal, na aldeia de Bubión, nas montanhas de Granada. Um ponto isolado e silencioso, onde o ar é puro e a vista, magnífica. Durante seis anos, esse grupo de amigos investiu toda a energia e o dinheiro necessários para a construção de um centro de meditação e uma estrada de acesso. Um trabalho hercúleo, inspirado pela devoção.

A visita surpresa do dalai-lama, seguido pelo lama Yeshe, foi a recompensa dos esforços desse grupo. Nunca eles poderiam ter esperado maior consagração. O dalai-lama, ao saber que o governo cancelara sua visita a Madri devido às pressões diplomáticas da China, decidiu aproveitar esse tempo livre para ir até o centro de Granada. O Deus Rei dos tibetanos e seu lama chegaram num domingo a Bubión, e toda a aldeia os recebeu com buquês de flores e música. Oceano de Sabedoria percorreu as ruelas a pé, segurando uma menina pela mão, acompanhado pela música dos violões. O padre lhe reservara um lugar de honra na igreja, e a missa até hoje está entre as mais comoventes já celebradas em Bubión. Budistas e cristãos se juntavam, unidos por um verdadeiro espírito religioso, além dos preconceitos culturais. Em seguida, ele foi até o centro de retiro, onde o esperavam Paco Hita, Maria Torres e alguns de seus amigos. Oceano de Sabedoria parecia muito feliz em descobrir o centro, embora ainda inacabado, e compartilhar a paella vegetariana que havia sido preparada em um ambiente campestre. Ele ria muito, um riso franco, espontâneo. Depois da cerimônia de consagração, o lama Yeshe, que o olhava como uma criança maravilhada, anunciou que Sua Santidade ia dar um ensinamento. Com o pico Mulhacén ao fundo, um insólito grupo de moradores da aldeia, turistas, fiéis budistas e mestres tibetanos ouviu uma descrição detalhada do espírito em seus diferentes níveis. O dalai-lama falava da luz clara, o mais profundo nível mental que alcançamos antes de morrer.

Ele comentava:

“No budismo, a reencarnação da alma não é o que explica o ciclo eterno das mortes e dos nascimentos. O importante é a força viva, ou energia vital, nutrida pelos desejos e paixões de

toda uma vida. São essas paixões e esses desejos que produzem, depois do desaparecimento do corpo, outra combinação de forças e energia. Em cada nova existência, essa combinação mantém em si a soma das ações das vidas anteriores de cada indivíduo. A verdadeira espiritualidade é ser consciente dessa interdependência de tudo e de todos. Então, o pensamento, a palavra ou a ação mais insignificante tem consequência para o universo inteiro, assim como, quando lançamos uma pedra na água, as ondas se juntam umas às outras para formar novas ondas. Percebemos então que cada um é responsável pelo que faz, diz ou pensa.”

No dia seguinte, antes de ir embora, o dalai-lama reuniu seus hospedeiros e lhes perguntou:

– Deram um nome a este lugar?

De fato, não tinham tido tempo de pensar naquilo.

– Vou sugerir um... Por que não o chamam Osel-ling?

– Osel-ling?

– Lugar da luz clara.

4

Algum tempo depois dessa visita, em parte devido à incessante atividade que desenvolvia, o lama Yeshe adoeceu gravemente. Desde sua internação no campo de Buxa Duar tinha problemas cardíacos. Os médicos o haviam aconselhado a levar uma vida tranquila e sedentária, mas o lama Yeshe pensava que não tinha esse direito, que seu dever era difundir mundialmente o darma. Morreu em 3 de março de 1984, com quarenta e nove anos, deixando setenta centros espalhados por mais de quinze países.

Menos de um ano após sua morte, nascia em Granada o quinto filho de Paco Hita e Maria Torres, os fundadores do Centro de Bubión. Quando o pai do menino entrou no quarto do hospital, pegou o recém-nascido nos braços:

“Seu pequeno rosto brilha de luz. Por que não o chamamos de Osel, a luz clara?”, sugeriu.

O nome agradava a Maria. E também era uma homenagem ao incrível esforço que lhes custara a construção do centro.

Em 18 de abril de 1986, Maria Torres está preparando o café da manhã para sua grande família quando o telefone toca. É uma chamada da Índia.

– Você poderia vir até Nova Delhi na semana que vem com Osel para fazermos alguns testes com ele?

Seu interlocutor, o lama Zopa, um discípulo do lama Yeshe, conhecido por seu amor ao estudo, sofre de um problema respiratório que o obriga a parar no meio das frases. Os oráculos confirmaram sua convicção de que o lama Yeshe teria escolhido uma reencarnação ocidental

para continuar seus ensinamentos pelo mundo. Contudo, ainda mais decisivo, o dalai-lama, atento a sinais da reencarnação do lama Yeshe, obteve um começo de resposta em suas meditações. O nome Osel aparece nelas regularmente.

– Ainda não temos certeza, mas, se for ele, você aceitará que o eduquemos?

Maria estava atônita. Durante toda sua vida almejava de ir à Índia, mas nunca imaginara que fosse em tais circunstâncias. É uma imensa honra que seu mestre tenha escolhido um de seus filhos para voltar nesta vida. É a prova do profundo sentido de sua amizade com o lama Yeshe, a consagração de todos os seus esforços e de sua devoção.

– Sim, claro – respondeu ao lama Zopa.

Em Nova Delhi, Oceano de Sabedoria os espera no hotel Ashoka, no qual costuma se hospedar. Como sempre, ele segura seu rosário na mão e os recebe com sorriso ao mesmo tempo caloroso e vivaz.

– Você notou algo especial no menino? – pergunta para Maria.

– Não, nada. Apenas sonhei uma vez com o lama Yeshe quando estava grávida.

– Em todas as pesquisas que fizemos, o nome Osel aparece. De qualquer modo, é ele quem nos fornecerá a prova essencial, quando começar a falar.

Maria se sente tranquilizada. Assim, o dalai-lama dá a entender que a questão será debatida dali a alguns anos, quando o menino souber se expressar. Mas o lama Zopa não concorda com isso. Ele e os outros discípulos estão com pressa. Afinal de contas, a função da reencarnação é facilitar a continuação da obra iniciada. Ele insiste em que Maria e seu filho o acompanhem no mesmo dia até Dharamsala. Quer provar no mesmo dia, aos adeptos e membros da fundação, que o lama Yeshe está entre eles, vivo. Viajam à noite. Tomada pelos mil perfumes e músicas da Índia, mesclados à emoção da viagem e ao pressentimento do estranho destino de seu filho, Maria tem a impressão de estar em uma nuvem. No meio de uma floresta de cedros, perto da alta cidade de Dharamsala, no templo do Centro de Tushita, muitos fiéis esperam. O pequeno Osel está bem acordado. Ao chegar, joga a mamadeira no chão e agarra um sininho (com a mão certa, especificam os adeptos). Então, senta-se no trono e sacode o instrumento, como o faria um lama, rindo. Mas sua mãe está impressionada, o menino tem o mesmo comportamento que o lama Yeshe. Vários discípulos choram. Maria não consegue acreditar em seus olhos. É seu filho ou seu mestre quem está diante dela?

Nos dias seguintes, submetem Osel a provas tradicionais. Entre vários objetos, o menino reconhece os que pertenceram à sua suposta encarnação anterior. Os testes são refeitos diante de vários grupos de discípulos. O menino reage sem hesitar diante de rosários, sininhos e katas, echarpes de seda branca. Por fim, é designado como sendo a legítima encarnação do saudoso lama Yeshe. Os monges, as monjas e os discípulos ocidentais de Dharamsala que conheceram de perto o mestre não podem desviar o olhar desse bebê louro, de bochechas vermelhas e

redondas, que corre com a fralda no meio das pernas; seu grande guru está presente, mas em um corpo tão diferente... Mais tarde, Osel é submetido a outros exames, na França, diante de monges budistas ocidentais, mais céticos que os tibetanos. Finalmente, com catorze meses, ele é proclamado a “absoluta e irrefutável” reencarnação do lama Yeshe. O dalai-lama confirma a identificação.

Lembrando-se talvez da solidão de sua própria infância, este os aconselha a não divulgarem publicamente a notícia para que Osel possa crescer em sua própria cultura. Mas, não é isso o que ocorre. O lama Zopa, que se encontra à frente de uma organização de milhares de adeptos, deve manter viva a fé no profeta desaparecido. Decide, portanto, anunciar publicamente a reencarnação, o que provoca uma onda de cartas, convites, entrevistas e um interesse midiático sem fim. A partir daí, a vida da família de Bubión não seria mais a mesma. A estranha notícia de um pequeno lama espanhol dá a volta ao mundo. Para alguns, trata-se de um assunto político, para outros, de um golpe publicitário, um conto de fadas ou um sequestro.

“Acredito que ninguém tenha compreendido a sensibilidade e a beleza de tudo isso, mas é perdoável”, diria Maria Torres.

Um ano depois, Maria, Paco e o menino voltam a Dharamsala. Cerca de cem pessoas, entre adeptos, monjas, monges, fiéis e jornalistas das mais influentes mídias do mundo sobem a íngreme colina que leva ao Centro de Tushita para testemunhar um evento único: a investidura do mais insólito e jovem monge que já existiu. Osel Hita Torres está prestes a entrar oficialmente para o mundo. Ele tem dois anos e um mês de idade. Para a ocasião, o templo está decorado com pinturas murais que reproduzem vários episódios da vida de Buda. O trono, de três metros de altura, está coberto de brocados. Em duas fileiras, os lamas tibetanos, com roupas de cerimônia, estão sentados no chão em posição de lótus. O som dos trompetes e o timbre grave dos oboés enchem o vale, seguidos por címbalos, tambores e trombetas, cuja função é afastar as forças do mal e apelar para a proteção dos budas. Paco carrega Osel nos braços. O menino também está vestindo roupas de cerimônia e o gorro amarelo com aba dos monges da Escola de Gelugpa, a do dalai-lama. Por três horas, ele não desce de sua cadeira. Às vezes grave, às vezes brincalhão, mantém constantemente uma atitude digna, entregando-se ao ritual com prazer, como se fosse uma brincadeira. Aceita as oferendas sem mostrar impaciência, come os doces e brinca calmamente com um carrinho. No fim da cerimônia, corre em direção ao pai. A partir desse momento, seu destino está selado.

5

Às sete horas da manhã, o dalai-lama termina sua meditação e liga o rádio para ouvir as notícias da BBC. Vozes de monges rezando ecoam do lado de fora. Em seguida, ele se acomoda em uma

almofada perto de uma mesinha. Dá uma olhada, pela janela, nas gaiolas dos pássaros; não há nenhum gato está por perto. Então abre um livro antigo, um dos raros textos sagrados que escaparam da loucura destruidora dos chineses. Quando os assuntos públicos não o monopolizam totalmente, Oceano de Sabedoria dedica duas ou três horas ao estudo dos textos religiosos. Estudar essas obras, que contêm três mil anos de conhecimento e sabedoria, é ao mesmo tempo um exercício de espiritualidade e a prova de que a força bruta não pode destruir o espírito humano. As horas marcadas pelo gongo do mosteiro vizinho transcorrem com surpreendente rapidez. Dharamsala vive no ritmo do Tibete.

Esse contato com o passado permite entender melhor o presente. Esse planeta, que se torna cada vez menor, cada vez mais interdependente, fez da ciência seu único deus. Oceano de Sabedoria também está convencido do valor das novas tecnologias. Desde o dia em que o montanhês austríaco Heinrich Harrer lhe mostrou a primeira câmera e o primeiro gravador, o funcionamento das máquinas o fascina. Quando recebe um objeto de presente, corre para desmontá-lo e descobrir seu mecanismo. Ainda jovem, ele desmontava relógios, de forma que os membros de seu governo, amigos e pessoas de sua família lhe entregavam os seus quando não funcionavam mais.

Se o aparecimento dos relógios digitais abrandou sua paixão, por outro lado, seu interesse pela ciência nunca enfraqueceu. Apesar da oposição de alguns de seus compatriotas, ele autorizou cientistas americanos a fazer pesquisas sobre eremitas vivos. Dr. Benson, da Universidade de Harvard, seu amigo, é fascinado pelo fenômeno do “calor interno”, ou “calor psíquico”, que seca as roupas dos monges logo depois de serem mergulhadas em água quase gelada, a uma temperatura abaixo de zero. Ele observou nos eremitas um aumento da temperatura do corpo, uma diminuição do consumo de oxigênio e um ritmo respiratório de sete inspirações por minuto. Os fenômenos psíquicos que se combinam nesse processo permitem ao meditador queimar as gorduras de reserva, fenômeno que se pensava fosse específico dos animais em hibernação.²⁷

O que mais interessa a Oceano de Sabedoria, além dos mecanismos fisiológicos, é que a cultura tibetana representa um grande campo de investigação para a ciência moderna. A relação entre os conhecimentos teóricos de uma e o saber experimental da outra detém a chave do “mistério” que desde sempre é atribuído ao Tibete. Desvendar esse mistério é um empreendimento tão laborioso quanto fascinante. Algumas das últimas descobertas da física quântica parecem se aproximar das teses budistas sobre a não dualidade entre espírito e matéria. Verificou-se que, ao comprimir um espaço vazio, as partículas aparecem de maneira espontânea, como se a matéria fosse inerente. Essas descobertas abrem um campo de convergência entre a ciência e a teoria budista que afirma que o espírito e a matéria são realidades ao mesmo tempo separadas e interdependentes. Tenzin Gyatso sonha também em

organizar pesquisas científicas sobre os oráculos, que sempre têm papel essencial na vida dos tibetanos.

Mas, mesmo assim, ele não está disposto a dar à ciência um valor supremo. Somente uma ciência totalmente desinteressada pode se tornar sabedoria. A sabedoria abraça tanto o conhecimento quanto a ignorância, a felicidade e a infelicidade dos seres. É fruto da experiência individual.

Em Dharamsala o gongo anuncia o meio-dia. Dalai-lama pôde dedicar-se durante cinco horas ao estudo e à meditação. Nem sempre isso é possível para esse homem, que continuamente tem de se dividir entre espiritualidade e política, entre reflexão pessoal e ação humanitária, entre transcendência e cotidiano.

A bruma desceu no fundo do vale e os cumes salpicados de neve resplendem. Na floresta ao lado, os macacos gritam, os esquilos se perseguem de galho em galho. Tenzin Gyatso tomou chá preto e comeu tsampa no café da manhã. Dois monges entram na residência carregando uma tigela de tukpa, caldo de carne com macarrão de arroz (bifum), a última refeição do dia, porque a disciplina monacal proíbe alimentar-se depois do meio-dia. Após a refeição, o secretário particular do mestre lhe submete a agenda do resto do dia: entrevistas, visitas, audiências. Oceano de Sabedoria deixa seus aposentos, dá uma olhada nos canteiros de cravos ocre e laranja, e caminha em direção à sala de audiência. Agora, os assuntos do mundo exigem sua atenção.

6

Se Katmandu surpreendeu o pequeno grupo de refugiados tibetanos, a capital da Índia, duas vezes mais povoada que o Tibete, os impressiona. O caos de motocicletas, táxis, ônibus velhos, carros e riquixás em meio ao qual transitam vacas os deixa aturdidos. O trânsito e a poluição são tão densos que lhes parece impossível suportar isso o tempo todo. Entretanto, os suntuosos parques e jardins, a majestade dos prédios coloniais, a imponente solenidade das torres de aço e vidro os deslumbra. Gostariam de passear entre as bancas de alimentos e frutas, impregnar-se de toda essa vida. Mas, assim como em Katmandu, eles têm medo de se perder e enfrentar novos problemas. Então, decidem esperar no escritório da representação do governo tibetano no exílio, um pequeno prédio situado em um bairro residencial. Falta apenas um dia de viagem para chegar a Dharamsala.

Aos poucos o grupo se dispersa. O velho partiu durante essa noite para a cidade de Bangalore, situada no sul. Será encaminhado à colônia de Bylakuppe, onde vive seu filho. Se seu descendente soube plantar suas raízes no campo, ele, filho das montanhas, sem teto nem lar,

permanecerá, de corpo e alma, um nômade. Ter conseguido o impossível, na sua idade, o enche de satisfação. E, para sua maior felicidade, ele sente que não morrerá enquanto essa energia vital nele circular. Ao despedir-se de suas companheiras de viagem, seu rosto treme levemente, desenhando cada uma de suas rugas, para finalmente iluminar seu olhar.

– Farei uma oferenda para vocês quando chegar ao mosteiro de meu neto – afirma.

Yandol lhe dá um pequeno rosário. O velho não está acostumado a receber presentes. Timidamente, ele o coloca em volta do pulso.

– Não tenho nada a lhes oferecer – diz-lhes, sem jeito.

Elas riem. O velho é o maior presente que a providência lhes mandou. Sua serenidade de cada instante as tranquilizou. Suas histórias as reconfortaram durante os acampamentos no meio das geleiras. Suas canções as fizeram rir e sonhar. Desejam revê-lo um dia, mesmo que seja apenas para ouvir de novo o acalanto que sua memória resgatou do esquecimento.

As monjas tomam a direção de Dharamsala. Depois de uma noite de viagem, o ônibus claudicante deixa a planície para começar a subida. Mulheres vestidas de sáris coloridos, carregando jarras de cobre na cabeça, abastecem-se no poço. Parecem sair de um conto. É um mundo muito diferente da cidade, um mundo de cor e doçura. O ônibus não para em Dharamsala, mas segue uma estrada estreita. Nas trilhas, silhuetas de monges com roupa púrpura recitam as ladainhas do amanhecer. O veículo passa diante da faculdade de medicina, que também serve de clínica, farmácia tradicional e escola para os estudantes. É uma réplica em miniatura da famosa Faculdade de Chakpori, perto de Lhasa, arrasada pelos chineses durante a revolta de 1959. Mais no alto, as religiosas veem a residência do dalai-lama, muito modesta, localizada em frente a um templo cujo nome lembra as maravilhas de Lhasa. Elas sentem um arrepio. Não ousam acreditar que estão tão perto do homem que encarna sua fé e seus costumes, o sofrimento do exílio e a esperança. Por ele, elas desafiaram os colos das montanhas, as tempestades de neve e os ventos; por ele, enganaram a vigilância dos chineses; por ele, deixaram tudo. Por ele, arriscaram sua vida e, por ele, estão prestes a arriscá-la de novo. Sabê-lo tão próximo é um milagre.

Finalmente, chegam a McLeod Ganj, um antigo vilarejo transformado em bairro de Dharamsala, cujo nome é uma homenagem ao oficial inglês que mantivera suas tropas nas colinas para que os homens não sofressem o calor da planície. Cercado por florestas, o vilarejo se compõe de três ruas que saem da praça onde fica a rodoviária. Ao lado está a loja da família Nowrojee, que mora ali há gerações. A iniciati-va de um dos filhos Nowrojee devolveu vida a esse vilarejo abandonado desde a independência. Quando soube que o governo indiano procurava um lugar para instalar o dalai-lama, Nowrojee foi até Nova Delhi para representar seu vilarejo. Os funcionários que averiguaram o lugar o acharam perfeito. Foi assim que nasceu a “pequena Lhasa”.

As monjas estão desorientadas. Tudo se parece com o Tibete e, mesmo assim, tudo é diferente... As ruas, estreitas e sujas, estão tomadas por lamas, caminhantes, hippies, estudantes, turistas, monjas, mas também religiosas norte-americanas, suíças, alemãs e até uma espanhola, conhecida na região por seu rigor e sua devoção. Eli Peláez, nascida em Salamanca, vive no Centro de Tushita, fundado pelo lama Yeshe, onde se dedica à tradução de textos do tibetano clássico. Todos os invernos ela faz um retiro de quatro meses na solidão de seu barraco, construído no pé de um cedro centenário.

Kinsom e Yandol fazem girar as rodas de oração do templo, que os exilados ergueram no centro do vilarejo em memória às vítimas da ocupação do Tibete. Depois, caminham pelas pequenas lojas de lembranças e roupas, por sujos restaurantes que servem tsampa e chá salgado, mas também pizzas e enchiladas. Cartazes de Bruce Lee convivem com thanks, pinturas religiosas, sobre as paredes das lojas, nessa comunidade que vive entre dois mundos.

No final da rua, o centro de acolhimento para refugiados, um prédio de tijolos de três andares, porto seguro para aqueles que venceram a prova da montanha. Elas são instaladas no térreo, em um grande cômodo mobiliado com várias fileiras de camas de ferro, em que famílias inteiras recuperam forças antes de ser encaminhadas para ou-tros lugares. As paredes estão impregnadas com o sofrimento de todos os refugiados. Deitado sobre um cobertor cáqui, um jovem conta como os chineses lhe aplicaram a tortura do aeroplano. Mais longe, uma jovem acompanhada por dois filhos espera a improvável volta de seu marido, detido na fronteira. Outras, sentadas em meio a seus pobres pertences, tentam esquecer os estupros e abortos forçados. Um velho monge medita, de olhos fechados. Fugiu de sua aldeia após ter atirado em um policial que maltratava seus vizinhos. O segundo andar é reservado àqueles que precisam de cuidados médicos constantes. Lá se encontram monjas feridas para sempre no corpo e na alma após estadas nas prisões de Drapchi e Gutsa. Mulheres que sofrem de insônia, cujas lembranças, doravante tirânicas, recusam-se a deixá-las em paz; adolescentes à deriva, incapazes de falar sobre a dor da vergonha, de esquecer e viver.

A única pessoa que ouve essas confidências é uma jovem holandesa loira, sempre de calças jeans, que trabalha para a Anistia Internacional. Passa os dias anotando e gravando testemunhos para escrever um relatório sobre a situação dos direitos humanos no Tibete. Essa mulher, que escutou as piores histórias, viu refugiados cair em prantos, tremer de emoção, enfiar a cabeça nos braços para afastar as imagens do passado, está estupefata por nunca ouvi-los se queixar. Ao contrário, cientes de sua sorte, eles têm piedade daqueles que ficaram no alto país.

Kinsom e Yandol lhe contam sua história. Falam-lhe das cantoras de Drapchi, respondem às suas perguntas sobre a presença dos soldados chineses nas ruas, a situação dentro das prisões, os instrumentos de tortura; revelam o nome dos torturadores, mencionam a ajuda de Ani Choki, os postos nas fronteiras, etc. Kinsom sente um profundo mal-estar ao evocar os piores momentos

de sua detenção. Mas conta tudo com minúcias, como se cada detalhe fosse capital. Sabe que sua palavra é sua única arma, e que a exatidão de suas descrições constitui sua “pequena grande” vingança contra a opressão dos chineses. Seu sofrimento nesse instante é pouco se comparado à dor de todos os seus compatriotas. É neles que pensa ao reabrir as feridas de sua memória.

Já anoiteceu quando Kinsom termina seu relato. Ela sai sozinha pela rua, como se o ar fresco pudesse suavizar a intensa dor que aflora com as lembranças. Conseguiu contar tudo sem chorar, mas está esgotada. Acaba de entender que o sofrimento causado por seus torturadores jamais desaparecerá, e que lhe será necessário viver com ele como com uma doença incurável. Assim, ao regressar para o centro, em vez de se deitar na maca aproxima-se de uma mãe de família que também foi torturada em Gutsa e que desde então não consegue mais dormir. Kinsom põe a cabeça sobre o ombro da mulher, que lhe afaga a testa, como faria com sua filha. Kinsom quer chorar, libertar-se, mas não consegue. Deixa escapar um gemido quase inaudível, como o canto de um pássaro que se perde na noite.

7

Vinte e quatro horas apenas após terem chegado, a diretoria do centro de acolhimento as convoca em caráter de urgência. Com o coração disparado, sobem os degraus. O que está acontecendo?

– Nada de grave – diz o diretor. – Sua Santidade quer lhes dar as boas-vindas.

Elas descem rumo à colina onde se ergue a residência do dalai-lama. Em frente fica o Templo de Tsuglakhang, um réplica, bem mais modesta, do Jokhang de Lhasa. Na praça, Kinsom e Yandol se misturam a um grupo de refugiados, leigos e religiosos, que espera, com o coração apertado, o encontro iminente. Antigamente, eram raríssimas as ocasiões em que o comum dos mortais se aproximava do dalai-lama. E o medo que inspirava a perspectiva de estar diante da divindade exigia um preparo, ou pelo menos alguma proteção sobrenatural. Aproximar-se de um mestre de sabedoria é uma maneira de participar, mesmo que por um instante, de seu mundo, de estar em sintonia com as benéficas influências que irradiam de sua presença. Nem há tempo de consultar um oráculo sobre a melhor escolha de data e hora. Ignoram se o antigo protocolo ainda está vigorando; antigamente, o visitante não podia virar as costas para a Ilustre Presença, de maneira que devia deixar a sala andando para trás. Durante as procissões públicas, não se devia sair ou permanecer em uma varanda, porque ninguém podia estar em um lugar mais alto do que o palanquim do soberano. Hoje, os exilados não precisam mais seguir um protocolo tão rígido. O Deus Rei, personificação temporal de uma emanção divina, agora é um ser humano, como eles.

É um refugiado entre tantos outros; ele sonha em seguir o exemplo de Gandhi, tanto que, uma

vez alcançada sua meta, recusou-se a participar do governo. O dalai-lama percorreu o mundo inteiro para defender a causa do Tibete, redigiu uma Constituição democrática na espera do grande regresso e organizou uma eleição na previsão do primeiro Parlamento livre de seu país. Declarou várias vezes que, uma vez assinado um acordo com os chineses, retirar-se-ia da vida pública para se dedicar à sua verdadeira vocação de simples monge. Quer que sua postura seja clara para contra-argumentar as críticas de seus oponentes. Um deles, que apoiou a revolta dos khampas até o último momento, hoje mora a alguns metros da residência do soberano. A seu ver, o governo no exílio ainda está vivendo na Idade Média, e a política da não violência é apenas um meio de a Igreja manter seu poder. “Que poder?”, perguntam-se os mais próximos do dalai-lama. O único poder é o respeito e o carinho que Tenzin Gyatso inspira. Mas seus oponentes perseguem sonhos de grandeza, gostam de lembrar-se de que o Tibete, no começo de sua história, era um império. O dalai-lama mantém firmemente suas convicções: nenhuma nação irá combater pelo Tibete. Não é o Kuwait nem o Kosovo.

Aos jovens que sonham com armas e combates, e desprezam a política da não violência que reina há mais de quarenta anos, o dalai-lama lembra que, até em um Tibete autônomo, a imensa China continuaria sendo um poderoso vizinho, e o sangue derramado, um obstáculo à reconciliação. O olhar de Oceano de Sabedoria vai longe, e ele age com consequência. Seu dever, enquanto durar a agonia imposta pelos chineses, é ficar o mais próximo possível de seu povo e compartilhar alguns momentos com os novos refugiados. Ciente de que todo desenvolvimento espiritual consiste em servir aos outros, ele deseja transmitir-lhes a chama da esperança.

Naquela tarde, após ter recebido ilustres representantes, respondido às perguntas da mídia europeia e norte-americana e aceitado a proposta de uma viagem para coletar fundos, ele desce ao templo para a audiência pública, sabendo que esse será o momento mais comovente do dia.

Ao vê-lo chegar, Kinsom sente seu coração disparar. O Deus Rei, envolto em túnica púrpura e dourada, que deixa antever seus sapatos, aproxima-se delas. Simples e sorridente, está cercado por seus secretários. Mais do que sua aura de santidade, é sua postura de homem íntegro, de camponês e erudito, que surpreende seus interlocutores.

Os refugiados se dispõem em fileiras; as monjas mal conseguem acreditar, estão realizando o sonho de uma vida inteira, que também é o de um país todo. Interiormente, dedicam esse instante único às suas famílias, àqueles que as ajudaram e aos que não puderam fazer a viagem; às suas companheiras prisioneiras e àquelas dos conventos; à cidade de Lhasa, aos vilarejos, aos animais e às florestas que as viram crescer. Porque nunca, como neste minuto, foram tão conscientes de serem também tudo isso.

Ao abençoar os refugiados, o dalai-lama coloca uma kata de seda branca em volta do pescoço de cada um. Quando chega a vez de Kinsom e Yandol, elas se prostram. Mas o

Precioso Protetor não segue o protocolo. Pega Kinsom pelo braço, erguendo-a, e permanece olhando-a com seus pequenos olhos redondos e pretos, como se adivinhasse todo o sofrimento preso no corpo da mulher.

– Quando chegaram? – pergunta, ajudando Yandol a se levantar com a outra mão para que ela fique na mesma altura que ele.

Um fio de voz sai da boca de Yandol:

– Ontem...

– Vocês é que foram detidas em Gutsa?

Yandol anui com a cabeça. O dalai-lama vira-se para Kinsom.

– Que idade têm?

– Vinte e três anos... e ela dezenove – responde Kinsom.

As pálpebras de Oceano de Sabedoria tremem quase imperceptivelmente, com ar de críspação. Na mesma tarde, ele lera o relatório sobre os recém-chegados. Agora, sabe quem está diante dele.

– Estão se sentindo bem? Estão feridas?

Yandol nega com a cabeça. Kinsom, por sua vez, está petrificada. Não ousa olhar diretamente para o Precioso Protetor. Não se sente digna dele. Oceano de Sabedoria insiste:

– Seria bom que fossem até o hospital. Temos médicos especializados em sequelas de maus-tratos – ele não ousa dizer “torturas”. – Podem ajudar vocês.

Nenhuma das duas responde. O Precioso Protetor as observa com profunda atenção.

– Vocês têm família na Índia? – pergunta.

– Não, ninguém... – gagueja Kinsom.

– Toda sua família está no Tibete?

A jovem mal consegue anuir com a cabeça, pois abundantes lágrimas começam a correr por seu rosto, como um dos rios do Himalaia que nenhum dique poderia reter. Ao ver sua amiga chorar, Yandol não contém sua emoção e cai em prantos.

O dalai-lama está acostumado a esse tipo de reação, muito comum em seus compatriotas que enfrentaram todos os perigos para ter o privilégio de estar diante de sua presença sagrada. Mesmo assim, ele se comove todas as vezes.

– Vocês não precisam se preocupar com nada, diz-lhes, dando um leve tapinha no ombro delas. Agora, estão livres. Não se preocupem com o dinheiro; temos um fundo de solidariedade para ajudar vocês. Cuidem da saúde e façam tudo o que for possível para aperfeiçoar seu espírito...

Deixa passar alguns instantes antes de perguntar, com sua voz grave:

– Onde moram?

Kinsom já se acalmou.

– Estamos no centro de acolhimento...

– Vocês sabem para qual mosteiro querem ir?

Kinsom e Yandol negam com a cabeça. Oceano de Sabedoria sorri para elas, com o olhar constelado de estrelas.

– Acho que gostarão de Dolma Ling... Meu pessoal vai se encarregar de tudo.

O convento de Dolma Ling, cuja construção é financiada pelo Partido Verde alemão, localiza-se no vale. Deve se tornar o mais importante da comunidade exilada.

Ele coloca uma kata branca e resplandecente em volta do pescoço de cada uma, e vira-se para trocar algumas palavras com seus assistentes.

As religiosas se viram, sobem lentamente a encosta e permanecem um bom tempo sentadas sobre uma pedra, diante do vale cujos campos verdes e ocre se estendem no horizonte. Os pássaros cantam no ar cristalino. Os macacos se balançam nos galhos dos cedros. Tudo respira a calma. Estão por demais comovidas para falar. E do que fariam? Nenhuma palavra pode expressar o sentimento de plenitude que as invade.

Ao anoitecer, pela última vez do dia, o som dos trompetes e oboés ecoa nos mosteiros de Dharamsala. É hora de descansar para os religiosos. As lojas fecham as portas, exceto os restaurantes, hotéis e algumas lojas de lembranças. No centro de acolhimento, perto das camas de Kinsom e Yandol, uma mãe acalenta seu filho; mais ao longe, uma velha faz girar sua roda de oração; em frente, um monge mur-mura mantras.

Cinquenta metros abaixo, em volta da residência do dalai-lama, os ruídos do mundo dão lugar ao silêncio da noite. Após uma última meditação, Oceano de Sabedoria se retira para o seu quarto. No momento de se deitar, revê os eventos do dia. A figura das duas religiosas volta-lhe à mente, tão jovens, o rosto molhado em lágrimas e as echarpes de seda com os reflexos do sol. É justamente esse contato estreito e constante com os exilados do Tibete que o autoriza a falar em nome deles, a defender sua causa, e se levantar contra o esquecimento que ameaça tomar conta do país de sua infância.

Então, no secreto íntimo de seu coração, ele se lembra de seu voto de bodisatva:

Enquanto o universo existir,
e enquanto houver seres vivos,
que eu também possa perdurar
para acabar com a miséria do mundo...

²⁵ *L'enfant lama*: histoire d'une réincarnation, de Vickie Mackenzie. Robert Laffont, 1991.

²⁶ Idem.

²⁷ Ver *An East-West Dialogue*, The Dalai-Lama, Herbert Benson, Howard Gardner, Daniel Goleman. The Harvard Mind Science Symposium, Nova York, 1991.

EPÍLOGO

Fevereiro de 1994: milhares de peregrinos se agrupam em Dharamsala para a “Grande Prece”. Chegam de ônibus, a pé, de caminhão. Vêm de toda a Ásia, até do alto país, para participar da mais importante festa religiosa tibetana. Nesse lindo dia de inverno, na plataforma da estação de Pathankot, no meio da multidão que desce do Jammu Mail, a cabeça loira de uma criança se destaca no oceano de cabeças raspadas. Como todo ano desde sua entronização, o lama Osel atravessou o subcontinente indiano para participar desse encontro anual acompanhado por seu pai. O menino mora no sul da Índia, no Mosteiro de Sera, réplica do mosteiro em que o lama Yeshe, sua encarnação anterior, estudou antes de ser obrigado a se exilar.

O lama Osel não está submetido às obrigações da vida monástica. Não vive nos barracões dos outros monges, mas em uma espaçosa e confortável casa, recebendo o afeto de seu pai e de seu irmão, e os cuidados de sete assistentes, tutores e professores particulares. Essa criança – que participa de uma experiência educativa única no mundo – vive entre dois universos, duas épocas. Por um lado, é um rapaz como os outros, com seus brinquedos e sua paixão por computadores; por outro, é capaz de meditar sem se mexer durante horas, como um sábio oriental, ou traduzir sem parar textos do tibetano antigo, ou até participar, em corpo e alma, de longas cerimônias. Na véspera de se tornar o grande mestre que iluminará os caminhos do budismo no Ocidente, ainda é um menino instruído e brincalhão que, naquele dia, se funde à maré humana púrpura e dourada.

Centenas de monges e monjas, alguns dos quais com o rosto coberto de farinha de tsampa, agrupam-se na praça, diante do Templo de Tsuglakhang. Kinsom e Yandol chegaram do Mosteiro de Dolma Ling, o “Paraíso na Terra”, como chamam seu novo lar, em que aprendem textos antigos, inglês, ciências e geografia. Logo se adaptaram a essa vida, no cenário de montanhas que lembram o país natal, satisfeitas por terem cumprido sua missão e denunciado para a imprensa internacional as atrocidades que sofreram. Mas a angústia das lembranças ainda assola Kinsom, e Yandol sente saudades de sua família. Elas têm a impressão de ser tão privilegiadas que às vezes são tomadas por um sentimento de culpa, como se tivessem abandonado o verdadeiro combate. Kinsom almeja mesmo um dia regressar ao Tibete e continuar a luta.

Todos os refugiados têm esse projeto, inclusive o menino de 10 anos que está ao lado delas neste dia, o jovem companheiro de viagem que foi hospitalizado em Katmandu e encaminhado para o Tibetan Children’s Village, na parte alta de Dharamsala, uma instituição fundada pelo dalai-lama. Nele, mais de três mil crianças seguem os estudos graças a doações de benfeitores europeus. O pequeno herói encontrou o calor e o rigor de um lar dentro de uma das comunidades, composta por doze meninas e treze meninos, todos exilados como ele, e reunidos em volta de uma “mãe adotiva”. Confessou a suas amigas monjas que pensa que logo poderá dispensar as bengalas, porque quer regressar a Lhasa, ver seus pais. Um de seus companheiros, de 14 anos, acaba de ir embora a pé com dois amigos. Peregrinas de alma, as crianças tibetanas

fazem travessias que intimidariam os mais experientes montanheses. Entretanto, o jovem ainda não sabe que, sem os quatro dedos que foram amputados, nunca mais poderá executar tal proeza.

Também há outras crianças na multidão que ali se juntou. Uma delas é um jovem lama com ar de estudioso, maçãs do rosto vermelhas e grandes óculos de armação preta. Está acompanhado por seu pai, sua mãe e seu avô, um velho tibetano de pele enrugada e olhar inesquecível. Quando Yandol o reconhece na multidão, pega a mão de Kinsom e ambas se precipitam em direção a seu companheiro de viagem, seu caro amigo. Assim que as vê, o velho começa a chorar de alegria e se prostra, como se estivesse diante da reencarnação de alguma divindade do panteão budista. Na manhã ensolarada, em companhia de sua família, das companheiras de viagem que reencontrou e diante do Precioso Protetor, ele vive o mais intenso momento de sua existência. Não há alegria maior. Mais tarde, o velho lhes confessa que não vai voltar para o sul da Índia. Embora sua família esteja morando lá, não é o seu país. Ademais, ele tem força e vontade de continuar a andar.

– Então, nunca vai parar? – pergunta-lhe Yandol.

– Não, nunca... Tenho medo de morrer se parar – ele respon-de, rindo.

Talvez a morte o surpreenda enquanto estiver atravessando o colo de uma montanha, uma geleira ou uma trilha rochosa. Ele decidiu regressar a pé ao Tibete, como na Idade Média, depois da “Grande Prece”.

A praça fica em silêncio quando aparece a silhueta do décimo quarto dalai-lama, cercado por seus guarda-costas e seguido por monges que tocam oboés. A multidão abre caminho para ele. Oceano de Sabedoria se prostra diante do Trono do Lótus, símbolo de seu poder, e em seguida acomoda-se no assento. Começa então uma longa ladainha de preces e mantras que dura o dia todo. A atenção dos fiéis é interrompida somente quando jovens monges distribuem copos de chá ou de refresco. Os ocidentais têm fones de ouvido para seguir a tradução simultânea das preces e dos comentários.

Ao anoitecer, enquanto centenas de lamparinas a óleo iluminam a praça, o Precioso Protetor inclina-se diante da multidão antes de desaparecer, sorrindo, pelo caminho que o leva à sua residência. A “Grande Prece” pela felicidade de todos acaba de se encerrar. Aos poucos, a praça se esvazia. Na noite, não se ouve mais nada senão o es-talo dos “cavalos do vento”, que espalham sua bênção pelos quatro cantos do universo.

PARA TERMINAR

Em setembro de 1997, fui novamente ao Tibete, ao Nepal e à Índia para preparar este livro. Em Lhasa, tive a oportunidade de conversar com a superiora de um mosteiro. Dez de suas monjas estavam presas na prisão de Drapchi. Essa mulher me contou que as torturas mudaram nas prisões. A polícia chinesa renunciou às sevícias sexuais, que eram severamente criticadas no estrangeiro. Agora, eles furam com alfinetes a língua daquelas que ousam gritar “Tibete livre!” ou “Viva o dalai-lama!”. Os chineses condenam por qualquer motivo, por qualquer manifestação ou protesto.

No Mosteiro de Dolma Ling, em Dharamsala, eu soube por Kinsom e Yandol que Dawa, a religiosa horrivelmente mutilada que compartilhara a cela com elas, estava de novo presa em Lhasa. Teria participado de uma manifestação.

Visitei mais uma vez o centro de acolhimento de Katmandu e me surpreendi ao constatar que estava lotado de novos refugiados. Fiquei impressionado com o número de crianças entre 8 e 14 anos. Todas haviam atravessado o Himalaia sem os pais; a maior parte parecia estar saudável. A enfermeira, Tsering Lhamo, confessou-me que o número de refugiados não parou de crescer desde 1990, e que em breve será difícil conseguir cuidar de todos os que chegam. No centro de acolhimento de Dharamsala, recebi a confirmação de que a onda de refugiados triplicou nos três últimos anos.

BIBLIOGRAFIA

Entre os livros e documentos que me foram particularmente preciosos, gostaria em primeiro lugar de mencionar o envolvente livro de Philippe Broussard, *Les rebelles de l'Himalaya*, Paris, Denoël, 1996, assim como suas matérias para o *Le Monde*, e as de Tim McGirk, para *The Independent* de 12 de fevereiro de 1994. Igualmente, *Le dalai-lama: un certain sourire*, de Laurence Vidal, Paris, Calmann-Lévy, 1995, uma biografia poética e sensível de Sua Santidade; *Au loin la liberté*, Paris, Fayard, 1993, a autobiografia do dalai-lama; e *Le Seigneur du Lotus Blanc: le Dalai-Lama*, de Claude B. Levenson, Paris, Lieu Commun, 1987.

Para a história recente do Tibete e a situação atual: *Tibet, Survival in Question*, de Pierre-Antoine Donnet, Zed Books, Londres, 1994; *Loin du pays des neiges*, de John Avedon, Calmann-Lévy, 1985; *Tears of Blood*, de Mary Craig, Indus, Delhi, 1992; e o extraordinário documento que constitui *Les cavaliers du Kham*, de Michel Peissel, Robert Laffont, 1972.

Quero mencionar também *L'enfant Lama: histoire d'une réincarnation*, de Vickie Mackenzie, Robert Laffont, 1991; *Combat des nonnes tibétaines*, de Hanna Havnevik, Dharma, 1995; e *La femme aux temps des dalai-lamas*, de Anne Chayet, Paris, Stock, 1993.



Javier Moro nasceu na Espanha em 1955. Como repórter, escreve para a imprensa espanhola e internacional. Trabalhou como pesquisador junto a Larry Collins e Dominique Lapierre. É autor dos sucessos *O Sári Vermelho* e *Paixão Índia*, ambos publicados pela Planeta.